MARCOS PAULO DA SILVA

A representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista. O Eco (1939-1944).

BAURU/SP
Junho/2007

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
FACULDADE DE ARQUITETURA ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Área de Concentração: Comunicação Midiática

A representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista. O Eco (1939-1944).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Bauru-SP, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação, desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira.

BAURU/SP
Junho/2007

DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP – BAURU

Silva, Marcos Paulo.
A representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista / Marcos Paulo Silva, 2007.

111 f. il.

Orientador : Ricardo Alexino Ferreira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru,

Ficha catalográfica elaborada por Maricy Fávaro Braga – CRB-8 1.622

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"Júlio de Mesquita Filho"

FACULDADE DE ARQUITETURA ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Área de Concentração: Comunicação Midiática

A Dissertação **A representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista. O Eco (1939-1944)**, desenvolvida por **MARCOS PAULO DA SILVA**, foi submetida à Banca Examinadora como exigência para obtenção do Título de Mestre em Comunicação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Bauru-SP.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira
Instituição: FAAC/UNESP – Bauru/SP

Titular: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente
Instituição: FAAC/UNESP – Bauru/SP

Titular: Prof. Dra. Alice Mitika Koshiyama
Instituição: ECA/USP – São Paulo/SP

Bauru, junho de 2007.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, José Aparecido e Maria Teodora.
Ao meu avô, Firmiano (em memória).

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos meus pais, José Aparecido e Maria Teodora, pela educação que me deram em todos esses anos, tornando-se verdadeiras referências no meu modo de encarar os desafios da vida.

Ao Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira, pela orientação, caráter, dedicação e confiança demonstrados em todos esses anos de convivência.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro concedido durante o primeiro ano desta pesquisa por meio de bolsa-mestrado.

Aos meus irmãos, Maria José, Adriana e Fernando, ao meu cunhado Cristiano Paccola Jacon e ao meu sobrinho Caio, pela força em todas as ocasiões, pela amizade e pelos inúmeros momentos de alegria compartilhados.

Não poderia deixar de fazer um agradecimento especial ao meu outro cunhado, Edson Fernandes, historiador, mestre e guia em importantes etapas desta pesquisa.

À Aline Zero, pelo carinho e força nos momentos difíceis.

Agradeço também aos meus amigos de infância e adolescência (são inúmeros!), hoje profissionais de diferentes áreas, pela valiosa amizade, pela força nos momentos de dificuldade e, sobretudo, pelas diversões, verdadeiras válvulas de escape nos períodos de tensão.

Aos profissionais do jornal O Eco e da antiga Folha Popular, pelas inúmeras portas abertas em todos os momentos.

Às irmãs Therezinha, Adélia e Meiry Chitto, filhas do jornalista Alexandre Chitto, e a tantas outras famílias lençoenses, pelas entrevistas e empréstimos de fotografias e documentos para consulta e pesquisa durante a realização da série de reportagens "Grandes Famílias", publicada pelo jornal Folha Popular em 2003 e 2004 – importante fonte de dados desta dissertação.

À equipe do Serviço de Comunicação do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da USP, atual porto seguro profissional, pelo apoio dado desde o início de minha trajetória na instituição.

Agradeço ainda aos profissionais Silvio Carlos Decimone e Helder Gelonezi, da Seção de Pós-Graduação da Unesp-Bauru, pelos eficientes serviços.

Aos companheiros de Pós-Graduação que trilharam caminhos semelhantes aos meus nos últimos três anos, pelas informações e angústias compartilhadas.

Por fim, minha gratidão se estende também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp-Bauru e, especialmente, aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente e Prof. Dr. Antonio Carlos de Jesus, cujas sugestões e críticas construtivas enriqueceram o trabalho.

RESUMO

SILVA, Marcos Paulo. **A representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista. O Eco (1939-1944)**. 2007. 111f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru-SP, junho, 2007.

Esta dissertação tem como objetivo observar e analisar a maneira como o semanário O Eco, fundado em 1938, em Lençóis Paulista (300 quilômetros a oeste de São Paulo), cidade fortemente marcada pela imigração italiana, construiu em suas páginas a representação da Segunda Guerra Mundial. Ao optar pelo estudo de uma realidade local, a pesquisa procura entender a dinâmica social em que o jornal se insere para depois decifrar, nas fronteiras delimitadas pelas diferenças culturais e políticas, seu envolvimento com a guerra. Para tanto, a dissertação sustenta-se principalmente nas formulações teóricas de Douglas Kellner, Sergi Moscovici, Laurence Bardin e Luiz Beltrão. Como recorte metodológico foram selecionados 55 editoriais de capa, veiculados entre novembro de 1939 e junho de 1944, com a temática do conflito. A pesquisa discute o papel de dois pontos que compõem o pano de fundo para a atuação do semanário no período: o ambiente de descrença que pesava sobre o jornalismo local na região e a atuação do braço censor do Estado Novo na imprensa brasileira. A análise mostra que embora presentes na pauta do jornal, os assuntos relacionados à guerra integram uma estratégia do veículo de ocultamento de suas posições ideológicas.

Palavras-chave: Comunicação; Jornalismo; Segunda Guerra Mundial

ABSTRACT

SILVA, Marcos Paulo. **The representation of the World War Two in a weekly newspaper from central São Paulo State. O Eco (1939-1944)**. 2007. 111f. Dissertation (Master's Program in Communication). Post-graduate Program in Communication. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru-SP, june, 2007.

The objective of this essay is to observe and analyze how the weekly publication "O Eco", founded in 1938 in Lençóis Paulista (300 Kilometers to the west of São Paulo), a city marked by the Italian immigration, built in its pages the representation of the World War Two. By choosing the study of a local reality, the research is looking to understand the social dynamics in which the newspaper is inserted to later decipher, on the borders limited by the cultural and political differences, its involvement with the war. For such, the lecture is sustained mainly in the theoretical formulations of Douglas Kellner, Sergi Moscovici, Laurence Bardin and Luiz Beltrão. As a methodological cut, 55 cover editorials were chosen, released between November 1939 and June of 1944, with the theme of the conflict. The research discuss the role of two points that composed the background for the acting of the weekly in the period: the disbelief environment, which was over the local journalism in the area, and the actions of the censor department of the New State in the Brazilian press. The analysis shows that although present in the newspaper's agenda, the subjects related to the war are integrated to a strategy of the newspaper of hiding its ideological positions.

Key-words: Communication; Journalism; World War Two

FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1. Representação do Estado de São Paulo com destaque para a região de Lençóis Paulista **27**

Figura 2. Fachada de casa comercial na rua 15 de Novembro, principal via de Lençóis Paulista, em 1909 ..... **30**

Figura 3. Rua 15 de Novembro, principal via comercial de Lençóis Paulista, em fotografia estimada da década de 1960 ..... **33**

Figura 4. Capa da primeira edição do semanário O Eco (antes grafado E'cho) **40**

Figura 5. Mauro Chitto, Santina Lazzari e filhos, em 1907 ..... **43**

Figura 6. Marechal Pietro Badoglio visita Lençóis Paulista, em 1924 ..... **48**

Figura 7. Alexandre Chitto, em 1932 ..... **49**

Figura 8. Mensagem anti-Mussolini grafitada em muro de residência em Lençóis Paulista e atribuída a simpatizantes do comunismo – Década de 1930 ..... **51**

Figura 9. Pichações comunistas em muro de casa em Lençóis Paulista – Década de 1930 ..... **51**

Figura 10. Reprodução de edital da Delegacia de Polícia de Lençóis Paulista publicado no jornal O Eco em 16 de junho de 1940 ..... **69**

Figura 11. Reprodução de registro no Departamento de Imprensa e Propaganda publicado no jornal O Eco em 7 de julho de 1940 ..... **70**

Figura 12. Reprodução de texto publicado no O Eco em 23 de julho de 1940 ..... **72**

Figura 13. Reprodução de publicação do O Eco em 19 de dezembro de 1940 ..... **93**

Gráfico 1. Evolução numérica de editoriais sobre a Segunda Guerra Mundial no semanário O Eco **57**

Gráfico 2. Porcentagem temática sobre o universo de 55 editoriais analisados do semanário O Eco **62**

Quadro 1. Editoriais de capa publicados no jornal O Eco, entre setembro de 1939 e julho de 1944, assinados por Alexandre Chitto, com a temática da Segunda Guerra Mundial (títulos com grafia original) **58**

Tabela 1. Pecuária em Lençóis Paulista, 1905-1940 ..... **28**

Tabela 2. Evolução da propriedade segundo a nacionalidade dos proprietários em Lençóis Paulista, 1905-1940 ..... **31**

ABREVIAÇÕES

AIB – Ação Integralista Brasileira

Ascana – Associação dos Plantadores de Cana do Médio Tietê

Deops – Departamento Estadual de Ordem Política e Social

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

FEB – Força Expedicionária Brasileira

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBA – Legião Brasileira de Assistência

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PNF – Partido Nacional Fascista

PSP – Partido Social Progressista

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **10**

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA E CONCEITOS

2.1 Referencial teórico **12**
2.1.1 A contribuição de Kellner **18**
2.2 Os editoriais no contexto do jornalismo de opinião **21**
2.2.1 Editoriais: atributos e características **23**

3. O ECO NO CONTEXTO DO INTERIOR PAULISTA

3.1 Lençóis Paulista, antiga boca do sertão **26**
3.2 O Eco no contexto do jornalismo local **33**
3.3 O Eco: espaço de representações sociais **41**

4. AS REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS EDITORIAIS DO SEMANÁRIO O ECO

4.1 Categorização e descrição dos dados **54**
4.2 As diferentes etapas da cobertura **62**
4.2.1 Pessimismo e apreensão relacionada à guerra **64**
4.2.2 O enigma de Moscou: a crítica ao comunismo no semanário **74**
4.2.3 Soberania nacional em foco **80**
4.2.4 O viés econômico nos editoriais **88**
4.2.5 A queda de Mussolini em pauta **95**

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **100**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **106**

APÊNDICE

ANEXO

1. INTRODUÇÃO

Os reflexos da Segunda Guerra Mundial no Brasil já foram estudados em suas mais variadas manifestações, mas ainda há muito a ser pesquisado e compreendido, sobretudo nas áreas distantes dos grandes centros urbanos. Este é o caso da região de Lençóis Paulista, município localizado a 300 quilômetros a oeste de São Paulo. A história do município remete ao século XIX e reforça as peculiaridades de sua formação, bem como sua importância para o desenvolvimento do interior paulista. Fundada oficialmente em 1858, a cidade caracterizou-se durante suas primeiras décadas de existência como uma terra de pequenos agricultores e criadores de gado que destinavam sua produção aos mercados local e regional, além da própria subsistência. Com a aproximação do século XX e a entrada em vigência das leis que restringiram e, mais tarde, proibiram a escravidão no Brasil, Lençóis Paulista recebeu um significativo número de famílias estrangeiras, principalmente as italianas. O último século ficou marcado pela acentuada fixação destas famílias na cidade, processo que influenciou a política, a economia e a cultura local.

Em meio a tais particularidades, foi fundado em fevereiro de 1938, por Alexandre Chitto, Vicente de Paula Ferraz e Alcides Ferrari, o semanário O Eco, inicialmente chamado de E'cho, único veículo impresso de caráter local com circulação em Lençóis Paulista durante a Segunda Guerra Mundial. Observar e analisar a maneira como o jornal construiu em suas páginas a representação do conflito, proposta desta dissertação, constitui-se uma tarefa oportuna. Mesmo com o aumento de pesquisas acadêmicas com ênfase no jornalismo local, o presente estudo surge para contribuir no entendimento da história social da imprensa paulista.

O que se ambiciona, portanto, é um olhar diferenciado para o período do conflito, analisando-o sob uma nova perspectiva: o olhar da imprensa local de Lençóis Paulista. Esta pesquisa foi iniciada no primeiro semestre de 2005, momento em que se comemoravam os 60 anos do final da Segunda Guerra Mundial. De todos os lados, notícias sobre o assunto ganharam na época as páginas dos mais representativos veículos da imprensa mundial. Na maior parte dos casos, no entanto, os fatos foram tratados em sua singularidade, com escassa relação com o conjunto social que determinou seus acontecimentos.

Por outro lado, passadas seis décadas do final da Segunda Guerra Mundial, constata-se, por meio de estudos que tornam a problematização contemporânea, que o assunto ainda permanece vivo. Ainda são muitas as zonas nebulosas que subsistem quanto às circunstâncias que conduziram o Brasil ao conflito. Da mesma maneira, ainda são reproduzidas diferentes versões que se entrecruzam na tentativa de explicação do envolvimento tanto dos pracinhas quanto da imprensa brasileira na guerra. Apesar da abertura dos arquivos diplomáticos brasileiros, numerosas fontes – entre elas os jornais e outros veículos de comunicação – permanecem até hoje inexploradas, senão inacessíveis.

Ao optar pelo estudo de uma realidade local, a pesquisa assume o desafio de entender a dinâmica social em que o jornal O Eco se insere para depois decifrar, nas fronteiras delimitadas pelas diferenças culturais e políticas, seu envolvimento com a guerra. A dissertação está estruturada em três partes principais. No capítulo inicial, apresenta-se a base teórica sobre a qual a dissertação se sustenta e esclarecem-se conceitos que tiveram discussões oportunas no transcorrer da pesquisa. Também são apresentados os objetivos, a justificativa e a hipótese do estudo.

O segundo capítulo se destina a mostrar as peculiaridades do semanário O Eco, objeto do estudo, contextualizando-o no âmbito de Lençóis Paulista e de sua colônia italiana. A cidade é caracterizada com dados relativos à evolução histórica e à formação econômica. Por sua vez, o veículo é observado junto a informações sobre o perfil do jornalismo local e sua evolução no interior de São Paulo.

O terceiro e último capítulo segue o fio condutor iniciado no primeiro capítulo, com a apresentação da fundamentação teórica, e extendido no capítulo seguinte, com a contextualização e caracterização do objeto de estudo. Os dados selecionados são categorizados, tabelados e elencados em gráficos, na etapa que pode ser chamada de descritiva. Por fim, ocorre a interpretação, completando a cientificidade da pesquisa.

Desta forma, mesmo sem a intenção de encontrar uma resposta fechada e definitiva sobre a atuação do semanário O Eco na cobertura da Segunda Guerra Mundial, a presente dissertação procura cumprir seu papel de trazer para a pesquisa acadêmica um tema de relevância para a memória de Lençóis Paulista e para os estudos do jornalismo local que muito provavelmente se esconderia por muitos outros anos nos arquivos históricos do veículo estudado.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA E CONCEITOS

Este capítulo tem como finalidade apresentar a base teórica sobre a qual a dissertação se estrutura e esclarecer conceitos que tiveram discussões oportunas no transcorrer da pesquisa. São apresentados os objetivos, a justificativa e a hipótese do estudo. Como referencial teórico, o trabalho recorre às técnicas da análise de conteúdo, bem como ao modelo proposto por Douglas Kellner para o estudo das relações entre Comunicação e sociedade. Foca-se ainda no conceito de representações, importado da Psicologia Social, importante ferramenta utilizada na pesquisa. Por fim, para subsidiar a análise nos capítulos que se seguem, também são expostas – segundo a classificação de Luiz Beltrão – as características dos editoriais jornalísticos, recorte escolhido do objeto de estudo da dissertação: o semanário O Eco.

2.1 Referencial teórico

Como qualquer outro veículo de comunicação que se articula como um privilegiado espaço de construção de representações, o semanário O Eco (inicialmente chamado de E'cho), fundado em 1938, na região de Lençóis Paulista (cidade localizada a 300 quilômetros a oeste de São Paulo), expressa em seu conteúdo mais que simples editoriais, matérias, notas ou anúncios publicitários. Devidamente contextualizado, o semanário revela parte da história, da ideologia e da cultura da localidade em que esteve inserido em um determinado período histórico. No âmbito da pesquisa, portanto, o semanário pode ser interpretado como um agente histórico, conforme definem Barbosa e Morel (2003):

> Na tradicional historiografia identificada como historicista, a imprensa aparecia em geral como fonte privilegiada na medida em que era vista como portadora dos "fatos" e da "verdade". Em seguida, com a renovação dos estudos históricos e a ênfase numa abordagem que privilegiava o sócio-econômico, a imprensa passou a ser relegada à condição subalterna, pois seria apenas "reflexo" superficial de idéias que, por sua vez, eram subordinadas estritamente por uma infra-estrutura sócio-econômica. E a subseqüente renovação historiográfica, com destaque às abordagens políticas e culturais, redimensionou a importância da imprensa, que passa a ser considerada como fonte documental (na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas) e também como agente histórico que intervém nos processos e episódios, não mero "reflexo". (BARBOSA e MOREL, 2003)

Maria Immacollata Vassallo Lopes (2001) adverte que a comunicação não pode ser investigada fora dos marcos do contexto econômico, social, político e cultural que a envolve. Desta forma, decifrar tais relações – proposta da presente pesquisa – requer a escolha de uma metodologia específica e o uso de técnicas adequadas. O processo científico de construção do conhecimento que marca este estudo exige o planejamento de uma trajetória metodológica marcada por diferentes etapas: da escolha do objeto de estudo ao levantamento da hipótese; da fase de observação aos procedimentos descritivos, para chegar, ao final, à interpretação. Desta forma, convém antes de mais nada apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos sobre os quais a pesquisa está edificada.

Por sua complexidade metodológica, a pesquisa em comunicação já traz si um obstáculo ao processo de investigação. Contudo, a vigilância e o rigor acadêmico fazem-se fundamentais para a formatação do conhecimento empírico e a construção, na prática, do conhecimento científico. Respeitando as dimensões epistemológicas, teóricas, metodológicas e técnicas, justificam-se os procedimentos adotados nas diferentes fases da pesquisa.

Este trabalho, assim como a maior parte dos trabalhos científicos, nasceu de uma inquietação: por quais motivos estudar a maneira como um semanário isolado no interior do Estado de São Paulo, a cerca de 300 quilômetros da capital estadual, construiu representações em um não menos longínquo período da história, entre 1939 e 1945, anos marcados pela efervescência da Segunda Guerra Mundial? A escolha do objeto da pesquisa não se deu ao acaso. A preferência das escolas de comunicação pelas pesquisas e estudos da chamada grande imprensa, concentrada nos grandes centros urbanos, acabou por relegar a um segundo plano os jornais locais como se tivessem pouca ou nenhuma relevância no contexto da atividade jornalística, o que torna oportuna a presente proposta.

Outro ponto que chama a atenção no desenvolvimento da pesquisa diz respeito à própria história da localidade na qual o veículo se insere. Prestes a completar 150 anos de fundação oficial, Lençóis Paulista ainda apresenta um quadro de carência no que diz respeito ao seu resgate histórico. Apesar do trabalho esporádico de alguns pesquisadores e de a cidade possuir uma volumosa biblioteca pública dotada de acervo histórico, pouco a população lençoense conhece do seu passado.

Elevada à freguesia em 1858, Lençóis Paulista constitui-se uma cidade formada essencialmente por famílias de imigrantes italianos. Famílias, estas, que fugindo da

recessão econômica que tomou conta do território italiano a partir da década de 1870, cruzaram o Oceano Atlântico e adentraram no interior de São Paulo, sobretudo a partir da década de 1890, para ocuparem as vagas na ascendente cultura cafeeira em substituição à mão-de-obra escrava.

Em razão da maciça presença de imigrantes italianos, assunto tratado de maneira mais específica no próximo capítulo, Lençóis Paulista criou, desde os primeiros anos do último século, uma relação muito peculiar com a Itália. Tal relação repercutiu nos destinos político, econômico e cultural do município. Com a entrada em vigência do regime do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1937, e mais tarde, em 1939, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, no entanto, as relações entre a população de Lençóis Paulista e a Itália se tornaram mais complexas. Identifica-se uma espécie de lacuna na história da cidade, contribuindo para a construção da hipótese da pesquisa: a de que a região tenha dado um tratamento peculiar à guerra motivado pela presença da colônia italiana.

Frente a tal lacuna e com a prevalência de interpretações equivocadas sobre os reflexos da Segunda Guerra Mundial no interior paulista, são escassos os instrumentos que podem ser utilizados por um estudo das representações construídas no período. Um rico instrumento de análise são os textos impressos do jornalismo local, importante objeto de exploração pela pesquisa acadêmica.

Neste sentido, partindo da curiosidade sobre o processo comunicacional no jornalismo interiorano no período que compreendeu o maior conflito bélico do último século, foi elaborado o projeto de pesquisa inicial, ponto de partida deste trabalho, levantando problemas e objetivos. Como objetivo geral, propôs-se um estudo da construção das representações da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista. Conforme já exposto, o veículo adotado como objeto de análise é o jornal O Eco, de Lençóis Paulista, localidade que recebeu significativas influências da imigração italiana. Os objetivos específicos apresentados no projeto de pesquisa inicial são: identificar, pela ótica da notícia impressa, a evolução do contato entre os lençoenses e a Itália no período estudado; estudar de maneira crítica o processo de mitificação de personagens históricos feito pelas versões oficiais entre os anos de 1939 e 1945; e contribuir para a construção de uma visão mais crítica sobre as repercussões da Segunda Guerra Mundial na história de Lençóis Paulista e do interior do Estado de São Paulo.

Após uma análise preliminar do arquivo histórico do jornal, optou-se pelo estudo dos editoriais de capa assinados por Alexandre Chitto, jornalista e editor

responsável pelo veículo. A opção metodológica pelos editoriais se deu pela relevância dos textos no veículo (salvo algumas poucas exceções, estampavam sempre a primeira página) e por representarem a opinião do jornal sobre os temas estudados. Além disso, conforme será abordado à frente, considera-se que os editoriais constituem espaços privilegiados para o desenvolvimento de estudos acadêmicos no campo da Comunicação.

Para o entendimento das relações que envolvem a presença da Segunda Guerra Mundial nas temáticas abordadas nos editoriais do semanário O Eco, um importante recurso é o conceito de representações. Moscovici (2003) centra-se no fenômeno da comunicação para fundamentar suas idéias sobre o conceito. Segundo o autor, a comunicação possui papel essencial nas representações. É ela que atua no desejo da familiarização com o desconhecido: "Todo desvio do familiar, toda ruptura da experiência ordinária, qualquer coisa para a qual a explicação não é óbvia, cria um sentido suplementar e coloca em ação uma procura pelo sentido e explicação do que nos afeta como estranho e perturbador" (MOSCOVICI, 2003, pág. 207). Moscovici interpreta a comunicação na tentativa da construção de uma ligação entre o estranho e o familiar, sendo esta responsável pela gênese das representações sociais. Desta forma, ao passo que são formadas representações a fim da familiarização com o estranho, também são constituídas representações para a redução da margem de não-comunicação em um determinado público. Sustenta o autor: "As representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não problemática e reduzir o 'vago' através de certo grau de consenso entre seus membros" (MOSCOVICI, 2003, pág. 208).

O conceito de representações apresentado por Moscovici – presente na "familiarização do desconhecido" – é oportuno na pesquisa, sobretudo se levada em consideração a distância entre o palco onde se desenrolava as negociações e os conflitos da Segunda Guerra Mundial e o interior de São Paulo, onde estão inseridos Lençóis Paulista e, consequentemente, o semanário O Eco. Apesar da guerra propriamente dita ter se desenrolado principalmente em solo europeu, suas influências e conseqüências percorreram, essencialmente via imprensa, todos os continentes do globo. Para os brasileiros não foi diferente. No Brasil, as notícias atingiram também o interior de São Paulo, chegando a cidades do centro-oeste do Estado, como Lençóis Paulista. Ainda com acesso restrito aos grandes veículos da comunicação de massa da época, a

população da cidade tinha na mídia local, sobretudo no jornal impresso, uma importante fonte de informação sobre o desenrolar do conflito.

O jornal impresso, como veículo de comunicação, tem sua importância ressaltada não somente como fonte para se contar a história, mas também como um instrumento de preservação da memória coletiva. Como mídia, o jornal se apresenta como um elemento concreto da memória social, reunindo histórias escritas por profissionais segundo as convenções jornalísticas de um determinado período. O jornal do interior, por sua vez, desempenha um papel ainda mais particular frente ao leitor. Ao possuir uma convivência próxima do receptor, o jornal local caracteriza-se como um instrumento fundamental na conquista da população. Portanto, era por meio de representações construídas que a população de Lençóis Paulista, receptora das mensagens publicadas pelo jornal O Eco, tomava conhecimento do desenrolar da Segunda Guerra Mundial. Em muitos casos, o produto final veiculado nas páginas do semanário era composto de representações construídas sobre outras representações, já que o veículo se pautava por informações oriundas de agências e/ou veículos internacionais.

Para fundamentar o estudo e desvendar como ocorreu a construção de tais representações nos editoriais do jornal O Eco, foi escolhida como ferramenta a análise de conteúdo. Alguns autores classificam a análise de conteúdo como um método de pesquisa enquanto outros a chamam de técnica. Há também os autores que a classificam como método técnico. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo consiste em:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

Para o autor, a análise de conteúdo deve ser baseada na dedução que "absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito do não-dito, retido por qualquer mensagem" (BARDIN, 1977, p.9). Ou seja: por trás de todo discurso aparente – simbólico e polissêmico – esconde-se um sentido que convém desvendar. A saída exposta por Bardin é o rigor metodológico aliado à atenção especial às condições de produção – ou contexto em que os textos foram produzidos. Deriva daí a exigência de um cuidado redobrado na realização da análise qualitativa.

> A análise qualititativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não tem inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais descriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantititativa, a categorias que dêem lugar a freqüências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona estes índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de elementos não significativos serem tidos em conta. A compreensão exata do sentido é, neste caso, capital. Além do mais, o risco de erro aumenta, por que se lida com elementos isolados ou com freqüências fracas. Donde a importância do contexto. Contexto da mensagem, mas também contexto exterior a este: quais serão as condições de produção, ou seja, quem é que fala a quem e em que circunstâncias? Qual será o montante e o lugar da comunicação? Quais os acontecimentos anteriores ou paralelos? (GEORGE, 1959, apud BARDIN, 1977, p.114)

De forma prática e obedecendo as etapas que concedem o rigor metodológico ao estudo, a análise de conteúdo pode ser sistematizada da seguinte maneira: seleciona-se a amostragem do documento a ser estudado; levantam-se as hipóteses baseadas em pressupostos empíricos e que mais tarde serão confirmadas ou rejeitadas; define-se a unidade de codificação para a análise quantititativa; criam-se categorias para classificar os temas; relacionam-se os resultados obtidos na contagem com as técnicas pré-estabelecidas; e, para finalizar, confrontam-se as proposições obtidas com as hipóteses levantadas anteriormente. Tais etapas foram cumpridas para que fosse possível conhecer – quantitativamente – a representação dos temas escolhidos para a avaliação do semanário O Eco.

Os textos estudados estão compreendidos entre setembro de 1939 – mês da invasão da Polônia pela Alemanha, evento essencial para a deflagração do conflito – e julho de 1944 – quando os aliados já haviam desembarcado na Normandia e o território soviético já estava inteiramente libertado das tropas do "Eixo". A data final foi escolhida devido a uma variável que poderia alterar substancialmente a pesquisa: não foram encontrados nos arquivos históricos do jornal as edições compreendidas entre agosto e dezembro de 1944, o que prejudicaria uma abordagem estendida até o dito final oficial da guerra, com a capitulação de Berlim, em 2 de maio de 1945, ou com a capitulação do Japão, em 14 de agosto de 1945. Desta forma, trabalhando com textos publicados entre setembro de 1939 e julho de 1944, entende-se que o estudo conta com um corpo de pesquisa representativo e que compreende diferentes e importantes fases do conflito – entre elas, a tomada de posição do Brasil ao lado dos aliados, em meados

de 1942, o armistício italiano, em setembro de 1943, e a derrota dos alemães pelos soviéticos em Stalingrado, no mesmo ano. Foram selecionados 55 textos, todos que de alguma maneira abordam a Segunda Guerra Mundial como temática.

O resultado da análise quantitativa foi sintetizado em gráficos e tabelas, apresentados e analisados no terceiro capítulo. Por sua vez, a interpretação dos dados coletados, subsidiada pela pesquisa bibliográfica, leva em consideração a condição de produção dos textos (BARDIN, 1977), o que permite estudar os fenômenos dentro do contexto social que configura a totalidade.

Nesta perspectiva, pode ser traçado um paralelo entre a conceituação de Bardin e a de Douglas Kellner (2001), sobretudo quando o segundo afirma que "também se deve prestar atenção ao que fica de fora dos textos ideológicos, pois frequentemente são as exclusões e os silêncios que revelam o projeto ideológico do texto" (KELLNER, 2001, p.149). Aliada à análise de conteúdo, a contribuição teórica de Kellner permite uma observação mais aprofundada da construção de representações sobre a Segunda Guerra Mundial nos editoriais do semanário O Eco.

2.1.1 A contribuição de Kellner

Desencadear um diálogo mais intenso entre duas das mais importantes tradições de pensamento no campo da comunicação – isto é, entre a Escola de Frankfurt e os Estudos Culturais britânicos – consiste no principal desafio da proposta teórica elaborada pelo norte-americano Douglas Kellner.

A relação do autor com os frankfurtianos não é recente. Graduado em Filosofia na década de 1960, Kellner chegou à universidade com uma bagagem privilegiada conquistada ainda durante o ensino secundário quando teve recomendada a leitura de autores como Eric From e Martin Buber. Em artigo sobre a trajetória de Douglas Kellner, Leite (2004) ressalta que a leitura desses autores funcionou como a porta de entrada para os textos dos intelectuais alinhados à Escola de Frankfurt. "O contato mais profundo com a Filosofia estimulou o interesse pelos pensadores que mais tarde ele definiu como fundamentais para a compreensão da sociedade contemporânea, em especial: Karl Marx, Friedrich Nietzche e Sigmund Freud" (LEITE, 2004, p.4).

As revoltas estudantis de 1968 tiveram forte influência sobre o ainda estudante de Filosofia Douglas Kellner. Na época, Kellner se engajou no movimento político conhecido como a *New Left*, novo grupo de esquerdistas influenciados pelo discurso de

do líder soviético Nikita Kruchev na vigésima edição do Congresso do Partido Comunista da URSS, denunciando malevolências cometidas durante o período de Joseph Stalin no poder. O acontecimento repercutiu decisivamente entre os filiados ao Partido Comunista inglês, decorrendo na saída de importantes intelectuais. Entre eles, deixaram o partido Eric Hobsbawm, Rodney Hilton, E. P. Thompson e Raymond Willians. Os dois últimos, ao lado de Richard Hoggart, foram fundadores dos Estudos Culturais Britânicos e influenciadores do pensamento acadêmico de Kellner. Em 1969, ao concluir a graduação na Universidade de Columbia, Douglas Kellner foi contemplado com uma bolsa de estudos do governo alemão para concluir seus estudos na Europa. Na Alemanha, aprofundou seus conhecimentos na Teoria Crítica, participando de grupos de estudo e cursando disciplinas sobre a Escola de Frankfurt (LEITE, 2004). Tal formação, somada aos Estudos Culturais britânicos, constituiu seu principal referencial teórico.

A Escola de Frankfurt, segundo Kellner, desenvolveu seu modelo de Indústria Cultural, entre as décadas de 1930 e 1950, e a seguir não desenvolveu nenhuma abordagem significativamente nova ou inovadora para a cultura da mídia. Já os Estudos Culturais britânicos surgiram nos anos 60 como um projeto de abordagem da cultura a partir de perspectivas críticas e multidisciplinares (KELLNER, 2001, p.47). Portanto, a formação peculiar do autor – influenciado por ambas as tradições – o permitiu visualizar uma soma frutífera entre a Escola de Frankfurt e os Estudos Culturais britânicos, conforme explica Leite (2004):

> Na ótica de Douglas Kellner, a Escola de Frankfurt tem sido acusada, injustamente, pelos pesquisadores ligados aos Estudos Culturais, de elitismo e reducionismo. Pois, a despeito de algumas diferenças significativas de enfoque e interpretação, há perspectivas comuns entre as duas escolas. Tais perspectivas devem servir de base para o diálogo mais intenso entre ambas. A articulação das afinidades é frutífera desde que se faça o cotejamento das suas possibilidades e dos seus limites. O diálogo pode produzir, por exemplo, novas perspectivas que contribuirão, entre outros aspectos, para o desenvolvimento de Estudos Culturais mais robustos, isto é, que não coloquem em um plano secundário, o horizonte social que serve de contexto para a produção da cultura veiculada pela mídia. Assim, o autor argumenta que antes de antagônicas, a Escola de Frankfurt e os Estudos Culturais apresentam concepções reciprocamente complementares que podem implicar em uma nova configuração para os avanços das pesquisas no campo da comunicação. (LEITE, 2004, p.8)

Nas palavras do próprio Kellner, os teóricos dos Estudos Culturais pecam por não incluírem em suas análises importantes variáveis:

> Essa ênfase no texto/público, porém, deixa de lado muitas mediações que devem fazer parte dos Estudos Culturais, incluindo análises do modo como os textos são produzidos no contexto da economia política e do sistema de produção da cultura, e o modo como o público e sua subjetividade são produzidos pelas várias instituições, práticas e ideologias. (...) Nosso argumento é que focalizar apenas textos e públicos, excluindo a análise das relações e instituições sociais nas quais os textos são produzidos e consumidos, trunca os Estudos Culturais tanto quanto a análise de recepção que deixe de indicar o modo como o público é produzido por meio de suas relações sociais e como, até certo grau, a própria cultura ajuda a produzir os públicos e a recepção destes textos. (KELLNER, 2001, p.56)

Por outro lado, Kellner também reconhece que a mídia nunca foi homogênea e massificada como postulou o modelo da Escola de Frankfurt. Além disso, o autor ainda critica a forma problemática como os frankfurtianos colocaram o dualismo entre a arte autêntica e a cultura de massa, desprezando momentos críticos, emancipatórios e/ou subversivos da cultura contemporânea.

Voltando aos Estudos Culturais britânicos, Kellner valoriza a maneira como eles reconhecem a constituição de formas distintas de identidade. Neste sentido, coloca em evidência o modo como diferentes grupos resistem aos diferentes sistemas de dominação cultural, criando novos estilos e novas identidades. Transitando entre os aspectos considerados por ele positivos nas diferentes tradições, Douglas Kellner propõe um estudo cultural multiperspectívico[1], incluindo a investigação dos textos culturais em três dimensões: 1) produção e economia política da cultura; 2) análise textual e crítica dos artefatos; e 3) estudo da recepção e dos usos das mensagens midiáticas. A abrangência do modelo multiperspectívico de Kellner aponta a pertinência de, no plano teórico, considerar-se tanto a produção quanto a circulação e o consumo de um texto jornalístico. A presente dissertação, por motivos práticos, foca-se mais especificamente nas duas primeiras dimensões do modelo.

Tomada como uma das referências norteadoras da pesquisa, a conceituação que Kellner faz da cultura da mídia serve, nesta pesquisa, de suporte para a análise das representações da Segunda Guerra Mundial pelo jornal O Eco. Kellner inclui na cultura da mídia os textos culturais veiculados pela imprensa. Desta forma, pode-se entender os textos jornalísticos veiculados pelo semanário O Eco como partes dessa cultura. Para o

[1] Termo inspirado no perspectvismo de Nietzsche, segundo o qual toda interpretação é necessariamente mediada pela perspectiva de quem a faz, portanto, trazendo inevitavelmente em seu bojo pressupostos, valores, preconceitos e limitações. Para Douglas Kellner, deve ficar claro que o multiperspectivismo é diferente de um ecletismo liberal ou de pout-pourri de diferentes pontos de vista.

autor, as formas da cultura da mídia são intensamente políticas e ideológicas. Sendo assim, sugere Kellner, quem deseja saber como ela incorpora posições políticas e exerce efeitos políticos deve aprender a ler politicamente a cultura da mídia. Ainda segundo o autor, o conceito de ideologia não deve se restringir à dominação econômica (de classe), mas também se estender às outras formas de dominação existentes na sociedade, como sexo e raça. "Parte-se assim do pressuposto de que a sociedade é um grande campo de batalha, e que essas lutas heterogêneas se consumam nas telas e nos textos da cultura da mídia e constituem o terreno apropriado para um estudo crítico da cultura da mídia" (KELLNER, 2001, p.79).

Seguindo a perspectiva exposta por Kellner, entende-se que neste grande "campo de batalha" os diferentes projetos políticos e ideológicos buscam sempre conquistar o consentimento do público receptor.

> A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias "o modo como as coisas são". (KELLNER, 2001, p.81)

O que está em jogo é o desenvolvimento de um estudo que analise, em primeiro lugar, o modo como a cultura da mídia "transcodifica as posições dentro das lutas políticas existente e, por sua vez, fornece representações que, por meio de imagens, espetáculos, discursos, narrativas e outras formas culturais, mobilizam o consentimento a determinadas posições políticas" (KELLNER, 2001, 86).

Apesar de tratar da cultura contemporânea, entende-se que a contribuição de Douglas Kellner pode também ser transportada para o estudo de acervos históricos, como é o caso do O Eco durante a Segunda Guerra Mundial, levando em consideração, sobretudo, os diferentes projetos políticos e ideológicos que se emancipavam na época e eram refletidos nas páginas do semanário.

2.2 Os editoriais no contexto do jornalismo de opinião

Amparada pela proposta teórica de Douglas Kellner, a pesquisa também apresenta uma orientação metodológica que justifica seu recorte. A escolha dos editoriais do semanário O Eco como objeto de estudo se deu – dentre outras condições já expostas – pela relevância dos textos no veículo. Tratam-se os editoriais de espaços

privilegiados de construção de representações nas páginas do semanário lençoense. Tal característica, evidentemente, não consiste em peculiaridade do jornal O Eco. Desde sua gênese, o jornalismo com caráter opinativo serviu a interesses de grupos específicos, com projetos políticos e ideológicos diferentes.

O início do jornalismo de opinião remete à origem da imprensa. As folhas volantes, avulsos impressos que foram os precursores do jornal, eram eminentemente opinativas, como as que circularam após a descoberta da imprensa de Johannes Gutenberg e fizeram propaganda, entre outros temas polêmicos, da Reforma na Alemanha e em outros países que se desligaram da ortodoxia da Igreja de Roma. Porém, logo a impressão dessas folhas opinativas nos territórios protestantes passou a ser controlada e monopolizada pela autoridade leiga e pela Igreja, impondo-se a dupla censura – governamental e eclesiástica, que ainda se confundiam em somente um instrumento de poder. Desta forma, como se sucederia com os primeiros jornais do século XVII, os volantes deste longo período, de quase dois séculos, acabaram por ser, sobretudo, repositório de informações (BELTRÃO, 1980).

Mais tarde, com os movimentos sociais e a efervescência política provocada na Europa pela Revolução Burguesa, o prestígio da imprensa foi restaurado e a imprensa de opinião foi praticamente recriada. “O público reclamava uma orientação e os impressos foram convertidos em agentes de luta, adotando, propagando e defendendo determinados princípios e ideologias e combatendo os opositores” (BELTRÃO, 1980, p.35).

Os primeiros editores de folhas impressas, no século XVII, foram agentes de correios ou impressores de livros, que, contudo, não redigiam especialmente ao público. Limitavam a divulgar notícias ou opiniões como lhes chegavam às mãos. Tratava-se de um mero negócio. Porém, a atividade chegou a ser encarada de outro modo quando o Estado absolutista se apoderou dos elementos noticiosos ao verificar a importância política da difusão de informação.

É nesta fase que, segundo Beltrão (1980), o Estado editor requer o trabalho do jornalista, passando este a formar um emprego independente. Resultam, assim, os três agentes do jornalismo com atividades profissionais definidas: o jornalista, o editor e o gráfico, sobre os quais pesaria por longo tempo rigorosa censura.

> Depois de 1789, com a queda da censura e o estabelecimento da liberdade de opinião, se desenvolve o jornalismo da era liberal. Primeiramente, é o jornalista que obtém decisiva influência sobre a configuração do jornal, de

> modo que se torna, nesse tempo, seu editor, sem dirigente espiritual e quem determina seu conteúdo e seus fins. (DOVIFAT apud BELTRÃO, 1980, p.47)

Dos fins do século XVIII até a metade do século XIX, consolida-se a autonomia e a soberania individual da personalidade jornalística. "Se o editor aparece, é como um simples mandatário do jornalista, que cuida da impressão e da distribuição" (BELTRÃO, 1980, p.47). Desde então, passando pelas primeiras décadas do século XX (contexto do semanário O Eco, criado no final da década de 1930), começaram a ser moldadas as características do editor – e consequentemente dos editoriais – que se conhece no jornalismo moderno. Tais características, descritas a seguir segundo a classificação de Beltrão (1980), são importantes ferramentas para o estudo da construção de representações pelo jornal O Eco, subsidiando a análise nos próximos capítulos.

2.2.1 Editoriais: atributos e características

É através do editorial, principalmente, que o grupo proprietário e administrador de um periódico manifesta sua opinião sobre os fatos que se desenrolam em todos os setores de importância e interesse para a sociedade e para a própria empresa. Para Beltrão (1980), o editorial é a voz do jornal, sua tribuna. Difere-se o editorial da notícia não somente por suas características estruturais, mas também por sua profundidade. Por representar uma manifestação do ponto de vista do grupo editorial, tal gênero jornalístico apresenta características especiais, entre elas, a impessoalidade.

> O jornal é um catalisador de opiniões, um agente da consciência pública. Não é o que eu penso o que exprimo no editorial, mas o somatório do que pensa uma expressiva parcela da opinião pública, representada pelo grupo que fundou, orienta e mantém o jornal. Este pensamento que eu – como encarregado de colaborar e redigir o editorial – tenho de exprimir se origina na política editorial, ou seja, na linha filosófico-prática daquele grupo mantenedor e administrador do periódico. (BELTRÃO, 1980, p.52)

Além da impessoalidade, explícita ou não, Beltrão (1980) categoriza outros três atributos para os editoriais: a topicalidade, a condensibilidade e a plasticidade. A topicalidade consiste na propriedade do texto de exprimir não somente a opinião sedimentada, mas, sobretudo, a opinião que está em formação. Para Beltrão, o leitor dos editoriais é "um ser perplexo diante da vertiginosa mutação da face do mundo e que

busca no jornal a explicação, enciclopédica ou protética, de tudo quanto de significativo e decisivo está acontecendo ao seu redor e até mesmo daquilo que vai acontecer" (BELTRÃO, 1980, p.53).

Terceiro atributo do gênero, a condensibilidade se configura na busca do editorial em focalizar uma idéia central única, uma vez que visa exprimir várias idéias em um espaço curto. Abertas muitas lacunas, o editorialista não alcançaria êxito de uma boa conclusão. Por fim, a plasticidade – quarto atributo – ocorre em razão de o editorial possuir caráter persuasivo por excelência, visando orientar os indivíduos por si e a comunidade em geral. E assim deve fazê-lo com flexibilidade, sem dogmatismos (BELTRÃO, 1980, p.53).

Beltrão (1980, p.56-57) propõe ainda outras classificações para o gênero, incluindo questões como morfologia e estilo. Pelo caráter da presente pesquisa, este capítulo toma a liberdade de se prender às questões da topicalidade e do conteúdo dos editoriais.

Quanto à topicalidade, os editoriais podem ser:

- **Preventivo:** quando se antecipam à realidade, apontando situações, fixando circunstâncias e focalizando aspectos reveladores de que determinados sucessos se irão produzir na sociedade;
- **De ação:** quando acompanham imediatamente a ocorrência, analisando suas causas e apreciando seu desenvolvimento, com o objetivo de esclarecer o público em pleno impacto da realidade;
- **De conseqüência:** quando resultam do exame das repercussões e dos efeitos do fato, da dedução da realidade.

Quanto ao conteúdo, podem ser os editoriais:

- **Informativo:** que se destina a esclarecer o leitor sobre determinados fatos, idéias ou situações, ajuntando pormenores e explorando aspectos que passaram despercebidos ou não estão explícitos na notícia;
- **Normativo:** que intenta convencer o leitor a atuar em determinado sentido, inspirando-o, encorajando-o, exortando-o por meio de sentenças e argumentos lógicos e incitadores;

- **Ilustrativo:** que objetiva aumentar o cabedal de instrução do leitor, entretê-lo, despertar seu interesse para a apreciação de questões e facetas menos comuns da vida e do cotidiano.

Em estudo sobre os gêneros jornalísticos no veículo Folha de S.Paulo, José Arbex Júnior (1992) traça outras considerações sobre os editoriais. Segundo o autor, os editoriais não refletem apenas a opinião de seus proprietários nominais, mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização. A visão de Arbex Júnior é compartilhada por José Marques de Melo (1985). Para Melo:

> Além dos acionistas majoritários, há financiadores que subsidiam a operação das empresas, existem anunciantes que carreiam recursos regulares para os cofres da organização através da compra de espaço, além de braços do aparelho burocrático do Estado que exercem grande influência sobre o processo jornalístico pelos controles que exercem no âmbito fiscal, previdenciário, financeiro. (MELO, 1985, p.119)

Neste sentido, o editorial deve ser compreendido como espaço de contradições, pois, como define Melo (1985), seu discurso constitui uma teia de articulações políticas e por isso representa um exercício permanente de equilíbrio semântico.

Ainda sobre os editoriais, vale ressaltar que apesar das classificações e características apresentadas, os textos do semanário O Eco escolhidos para a análise possuem particularidades que serão debatidas à frente. Ao invés da impessoalidade explícita, por exemplo, nota-se nos textos – entre outras peculiaridades – a assinatura do jornalista e editor Alexandre Chitto em todos os textos. Tais particularidades, que envolvem também a linguagem em que os editoriais foram redigidos, refletem a estrutura da empresa jornalística pesquisada e a época de suas publicações, como veremos no capítulo que segue.

3. O ECO NO CONTEXTO DO INTERIOR PAULISTA

Este capítulo apresenta o contexto no qual está inserido o semanário O Eco, objeto de estudo da pesquisa. Num primeiro momento são expostas as características da região de Lençóis Paulista, com dados referentes à evolução histórica e à formação econômica. Posteriormente, são apresentadas informações sobre o perfil do jornalismo local e sua evolução no interior de São Paulo até chegar ao contexto do O Eco. As peculiaridades do veículo e seu envolvimento na sociedade lençoense, bem como as relações nutridas com a colônia italiana fixada na cidade, são expostas na parte final do capítulo.

3.1 Lençóis Paulista, antiga boca do sertão

A Lençóis Paulista que fertilizou terreno para a atuação do semanário O Eco localiza-se a 300 quilômetros a oeste de São Paulo. A história da cidade, que remete ao século XIX, reforça as peculiaridades de sua formação e sua importância no passado para o desenvolvimento do interior paulista.

A partir de 1721 passaram a ser divididas em sesmarias as terras demarcadas pelo rio Paranapanema na região de Botucatu, local que servia para a pousada de exploradores a caminho do sertão. A doação de sesmarias era seguida da exigência de se trabalhar a terra sob pena da devolução à coroa portuguesa. A primeira referência feita a Lençóis Paulista (antiga Lençóes) até hoje encontrada em documentos oficiais ocorre em uma carta de sesmaria lavrada na capital da província de São Paulo, em 12 de março de 1818. O primeiro proprietário de sesmaria na região de Lençóis Paulista foi Antonio Antunes Cardia, que recebeu da coroa portuguesa as terras à margem do rio Lençóis (antigo rio Lençóes), desde o ponto em que o afluente deságua no rio Tietê (SÃO PAULO, 1944).

Estima-se que na época em que Antonio Antunes Cardia recebeu sua sesmaria já existiam na região alguns roçados isolados e distantes entre si, tocados por posseiros que se aventuravam pelo sertão em busca de terras devolutas. Há registros de posse de terras na região do rio Batalha (região da atual Bauru) – portanto, mais ainda sertão adentro – a partir de 1830, o que nos leva a supor que o que seria a futura Lençóis Paulista já tinha seus primeiros moradores. Era natural de Minas Gerais boa parte dos

primeiros povoadores e isso pode ser comprovado estatisticamente. Um único livro de registros de nascimento de crianças livres entre os anos de 1876 e 1877 dá números a esta constatação. São 234 registros que nos revelam que 35% dos pais e 25% das mães eram originários da província mineira. A maior presença de homens provenientes de Minas Gerais pode estar relacionada à estrutura familiar do período alinhada às dificuldades da transposição do vasto território até o estabelecimento na fronteira e à permanência nessa região ainda não provida de todos os recursos necessários a uma vida sem maiores sobressaltos, como meios de transportes e de comunicação (FERNANDES, 2003).



Figura 1 – Representação do Estado de São Paulo com destaque para a região de Lençóis Paulista.
Fonte: Biblioteca Municipal Orígenes Lessa – Lençóis Paulista.

Durante os últimos anos da escravidão no Brasil, Lençóis Paulista foi a "boca de sertão" paulista, mantendo sob sua jurisdição uma vasta área compreendida entre os rios Tietê e Paranapanema. Tendo se elevado à freguesia em 1858 e à vila em 1865, desmembrando-se de Botucatu, Lençóis Paulista, por sua vez, deu origem a várias outras importantes povoações (entre elas, os atuais municípios de Agudos, Bauru e

Santa Cruz do Rio Pardo) que foram se estabelecendo à medida que o século chegava ao seu final.

Nesta etapa do povoamento paulista, novas características o diferenciavam de outras épocas e regiões:

> O advento da ferrovia, a entrada dos imigrantes, o avanço do café, as leis abolicionistas formavam um pano de fundo que dava uma singularidade própria a esta "boca do sertão", cuja ocupação se deve, em parte, à presença de mineiros que, com o declínio da mineração, se deslocaram para diversas áreas paulistas. Deve-se ressaltar, também, o intenso movimento de desmembramentos territorial e populacional que caracterizou a região no século XIX. (FERNANDES, 2003, p.5)

A grande força econômica de Lençóis Paulista derivou, por muito tempo, da atividade agrícola. Em meados do século XIX, a cidade era caracterizada como uma terra de pequenos agricultores e criadores de gado que destinavam sua produção aos mercados local e regional, além da própria subsistência. As criações preferidas dos primeiros lençoenses eram o gado bovino e o suíno. Este último, por representar uma atividade de baixo custo, tornava-se viável à população mais pobre. Além disso, a criação de porcos era tradicional na Província de Minas – e muitos mineiros foram povoadores dos sertões do planalto ocidental paulista.

Mas não só de bois e porcos se compunha a pecuária daqueles tempos. Havia, ainda, cavalos, burros e carneiros, os primeiros como força animal nas tarefas do cotidiano dos sítios e roçados espalhados pelo vasto território da então Lençóes. Há dados da pecuária lençoense nas primeiras décadas do século XX que mostram que esta atividade perdeu força com o passar dos anos, possivelmente reflexo da opção de muitos fazendeiros pela atividade agrícola, primeiro com o café e depois com a cana-de-açúcar. A tabela abaixo dá números a esta situação:

Tabela 1 – Pecuária em Lençóis Paulista, 1905-1940

Anos	**Gado**			
	Bovino	**Eqüino**	**Asinino e muar**	**Total**
1.905	-	-	-	19.873
1.920	12.793	2.868	1.916	17.577
1.934	10.567	2.240	1.986	14.793
1.940	8.374	1.581	1.245	11.200

Fonte: Camargo, 1952

Pode-se supor que a decadência da atividade criatória esteja relacionada à própria evolução de Lençóis Paulista. Seus primeiros povoadores vieram de áreas de povoamento mais antigo, como o sul de Minas ou a região paulista conhecida como a "parte baixa" da cuesta de Botucatu (popularmente chamada de Serra de Botucatu). Traziam seus pertences e dentre eles, provavelmente, gado. Ao se fixarem na terra, formaram seus roçados e se dedicaram a outras culturas, como o algodão (que teve um período áureo na Província de São Paulo entre 1860 e 1875) e principalmente o café, que se alastrou por toda a província. Este último foi o responsável pelo surgimento de fortunas e, por várias décadas, fez com que muitos agricultores abandonassem antigas atividades e formassem cafezais (FERNANDES, 2003).

A suspensão do tráfico negreiro (Lei Eusébio de Queiroz), em 1850, a Lei do Ventre Livre, em 1871, e a abolição da escravatura, em 1888, abriram caminho para um grande fluxo de imigrantes no Brasil. Com a proclamação da República, em 1889, o governo federal acentuou o fluxo migratório com a criação de programas de colonização que atraíam camponeses pobres da Europa, os chamados "braços livres para a lavoura". A região de Lençóis Paulista não ficou estanque a este processo. O século XX ficou marcado na cidade pela acentuada fixação de famílias estrangeiras, sobretudo as italianas.

Após chegarem à região em busca de novas oportunidades, os imigrantes, em sua grande maioria, tiveram que labutar nas lavouras que já haviam sido constituídas pelos primeiros povoadores que se aventuraram pelos sertões paulistas. Porém, alguns anos depois de trabalhar em terras alheias, os imigrantes já podiam ostentar o título de suas próprias terras. Em 1905, eram registradas no município 675 propriedades agrícolas, 526 delas em mãos de brasileiros e as restantes 149 em posse de estrangeiros: 108 italianos, 11 portugueses e 30 de outras nacionalidades. Em menos de duas décadas, os imigrantes já representavam 22% dos proprietários rurais de Lençóis Paulista, proporção que aumentaria nos anos seguintes, medida do êxito de muitos deles no Novo Mundo (CAMARGO, 1952).

Em 1920, as propriedades eram em número de 607, das quais 313 (51%) em mãos brasileiras e 294 (48%) com os imigrantes. Um relativo equilíbrio, embora as propriedades em poder dos imigrantes fossem menor: tinham, em média, 30,5 alqueires, contra 80,3 alqueires dos brasileiros. Nesta data, a população imigrante, 4.008 pessoas, representava 19,7% da população total de 20.294 habitantes da cidade. Isto significa que

7% dos considerados imigrantes eram proprietários agrícolas, um índice bastante alto. Entre os brasileiros, esta porcentagem era de 2% (CAMARGO, 1952).



Figura 2 – Fachada de casa comercial na rua 15 de Novembro, principal via de Lençóis Paulista, em 1909.
Fonte: Arquivo familiar – Família Paccola.

A década de 1920 pode ser considerada a data limite para efeito de comparação, uma vez que as próximas datas das quais se dispõe de dados já podem trazer resultados enviesados. Isto porque ocorre um "abrasileiramento" dos imigrantes com a morte das gerações mais velhas e a divisão das terras entre os filhos já nascidos no Brasil. Ainda assim, os dados disponíveis de 1934, agora incluindo Macatuba, município desmembrado em 1924, mostram que persiste o relativo equilíbrio: 54% das propriedades estão com os brasileiros e 45% com os considerados imigrantes. Há um total de 917 propriedades registradas, 417 em mãos estrangeiras: 245 italianos, 34 portugueses e 138 de outras nacionalidades. O tamanho médio é de 67 alqueires no caso dos brasileiros e 29 alqueires para os estrangeiros. Finalmente, em 1940, período já marcado pela presente pesquisa, 441 brasileiros (66%) têm propriedades agrícolas, com um tamanho médio de 43 alqueires, enquanto 228 estrangeiros (34%) têm uma propriedade com tamanho médio de 34 alqueires. Entre eles, 136 italianos, 20 portugueses e 72 "outros" (CAMARGO, 1952).

Tabela 2 – Evolução da propriedade segundo a nacionalidade dos proprietários em Lençóis Paulista, 1905-1940.

Anos		1905	1920	1934	1940
Proprietários	Brasileiros	77,9	51,6	54,5	66
(%)	Estrangeiros	22,1	48,4	45,5	34
Total		100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Camargo, 1952

Os números mostram a presença maciça de italianos entre os imigrantes. Ilustram também que muitos deles venceram as vicissitudes de uma vida que se mostrava incerta quando da partida da terra natal, mas que se revelou promissora com o tempo. A chamada "grande naturalização" decretada no Brasil com a proclamação da República teve reflexos em Lençóis Paulista. Com a medida, os imigrantes ganharam direitos eleitorais e representatividade política na cidade. Não faltaram incentivos para a fixação dos estrangeiros.

Uma das primeiras demonstrações de força da colônia italiana ocorreu ainda no século XIX, em 1889, quando o padre italiano José Magnani, representante religioso com grande envolvimento na atividade política local, solicitou da Câmara Municipal um auxílio às famílias dos seus conterrâneos. Aceito o pedido, foi definido que a importância destinada aos imigrantes como auxílio corresponderia a 150 mil réis, o equivalente à metade do salário pago na época ao advogado da administração municipal. Outra demonstração da representatividade da colônia italiana em Lençóis Paulista no início do século XX foi a visita à cidade do general italiano Pietro Badoglio, representante de Benito Mussolini, assunto que será tratado à frente.

Como demonstrado anteriormente, as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX foram essenciais para o crescimento econômico do município. Inicialmente, os imigrantes ajudaram a impulsionar a produção cafeeira. Na medida em que acumulavam economias, passaram a comprar terras, abrindo novas frentes de trabalho e adquirindo empresas e prestígio com o passar das décadas. É o caso, sobretudo, da indústria de produção de açúcar e álcool, principal atividade econômica da cidade.

O plantio da cana de açúcar no município antecedeu o plantio de café. Os primeiros registros documentais publicados em livro sobre o cultivo da cana-de-açúcar e

a produção artesanal de aguardente em Lençóis Paulista remetem à década de 1860[2]. No entanto, o cultivo primitivo da cana, realizado ainda de forma precária, não representou a principal fonte de renda para os proprietários de terras lençoenses no século XIX. Foi no século XX, com a entrada de imigrantes na cidade, que a produção ganhou representatividade (CHITTO, 1978). Em um período aproximado de 30 anos, que compreende a última década do século XIX e as duas primeiras do século XX, as propriedades rurais se destacavam no cultivo do café. Mas, na década de 1920, uma combinação de questões climáticas e econômicas fez com que os proprietários rurais trocassem a cultura do café pela cana e a conseqüente produção de aguardente.

A recessão originada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, prejudicou o cultivo do café brasileiro. Por outro lado, a crise norte-americana incentivou o crescimento do cultivo da cana. Com o passar dos anos, a produção canavieira equiparou-se ao cultivo do café em Lençóis Paulista, sendo ambas economicamente predominantes em relação ao algodão e à atividade fruticultora na década de 1930.

No início da década de 1940, a aguardente já era produzida no município em escala considerada industrial para a época. Os produtores de Lençóis Paulista chegaram a produzir 4 milhões de litros de cachaça em 1941. O cultivo da cana-de-açúcar cresceu tanto na cidade ao ponto da criação de uma data simbólica, o Dia da Cana, comemorado anualmente na década de 1940 com exposições e desfiles de trabalhadores rurais. Em 1945, Lençóis Paulista contava com 52 fábricas de aguardente.

Com a abertura de usinas de açúcar e álcool (inicialmente somente de açúcar) o número de engenhos sofreu uma considerável redução numérica. As fábricas de aguardente foram reduzidas a cinco. Em contrapartida, os engenhos que continuaram trabalhando aparelharam-se para maior capacidade do seu rendimento, ultrapassando a produção das pequenas fábricas anteriores.

As décadas de 60 e 70 marcaram um grande crescimento de produção nas usinas de açúcar e álcool lençoenses. A diferença mais considerável ocorreu na passagem entre os anos de 1976 e 1977. Em 1977, foram produzidos 37,3 milhões de litros de álcool contra 11,4 milhões de litros do ano anterior. Ainda foram produzidas aproximadamente 2,2 milhões de sacas de açúcar contra 1,9 milhão de sacas em 1976 (CHITTO, 1978).

[2] Registros apontam que na época já havia plantio de algodão e fumo na região.



Figura 3 – Rua 15 de Novembro, principal via comercial de Lençóis Paulista, em fotografia estimada da década de 1960.
Fonte: Arquivo familiar – Família Carani.

Atualmente com 67 mil habitantes, Lençóis Paulista ainda mantém a indústria da cana-de-açúcar como principal atividade econômica (ao lado da indústria alimentícia e de celulose e papel), destacando-se no setor agrícola nacional. Com o incentivo que o álcool recebe da indústria automobilística no Brasil, a produção é de 6.816.795,94 toneladas de cana somente nas usinas do Grupo Zilor, um dos principais do país no setor (ASCANA, 2007).

3.2 O Eco no contexto do jornalismo local

Ao contrário do leitor da capital, que tem outros meios de informação sobre sua comunidade, o habitante do interior escolhe o próprio jornal de sua cidade para saber o que ocorre ao seu redor, no seu mundo. Para Dirceu Fernandes Lopes, é no jornal local que o morador busca e encontra, numa linguagem acessível e própria, aquilo que interessa para o seu dia-a-dia (LOPES, 1998, p. 105). É ainda este tipo de imprensa a principal fonte de informação e o melhor ponto de encontro de quem quer comercializar idéias em âmbito local.

> Nada substitui a visão local. Há um processo natural de identificação do leitor com o jornal de sua cidade, independentemente de sua linha editorial, já que é esse o veículo que informa o que interessa mais de perto a seus leitores. (...) Os grandes meios impressos não eliminam os pequenos jornais por que não têm condições de atender algumas de suas funções, principalmente a divulgação das reivindicações da comunidade, além de expressar seus valores numa autêntica demonstração de veículos comunitários. (LOPES, 1998, p. 106)

Tal peculiaridade já era observada no final da década de 1930, no interior paulista. É o caso do semanário O Eco, fundado em 1938, em Lençóis Paulista, exemplo de veículo que manteve por décadas as particularidades do jornalismo local. A imprensa já foi estudada em suas mais variadas manifestações no Brasil, mas ainda há muito a ser pesquisado e compreendido, principalmente sobre a imprensa das áreas distantes dos grandes centros urbanos. Com o êxito de pesquisas recentes, apesar de não mais desconhecida, a realidade do jornalismo local ainda merece atenção, tornando oportuno um estudo da história social da imprensa paulista.

Segundo Lopes, a preferência das escolas de comunicação para as pesquisas e estudos da chamada grande imprensa, concentrada nos grandes centros urbanos, acabou por relegar a um segundo plano os jornais locais como se tivessem pouca ou nenhuma relevância no contexto da atividade jornalística.

> Tomando como referência os grandes veículos impressos, professores, estudantes, jornalistas e pesquisadores acabam se omitindo, esquecendo da força da imprensa do interior, fundamental para a circulação de informações entre moradores das cidades que produzem boa parte das riquezas deste país. (LOPES, 1998, p. 105)

Há uma série de características que ressaltam a importância do jornalismo local. Considerando o caráter reivindicativo, um paralelo interessante pode ser traçado entre a imprensa do interior e a imprensa de bairro, presente nas grandes cidades. Valendo-se de um estudo realizado com os jornais de bairro da cidade de São Paulo, Valéria Uchoa (1998) afirma que tal imprensa – marcada por uma característica bem definida, a proximidade entre o fato e o público leitor – é consolidada como um dos mais fortes instrumentos de informação, "garantindo espaço para as suas reivindicações e profundidade na discussão dos fatos de interesse local, que dificilmente ganham a mesma oportunidade na chamada grande imprensa" (UCHOA, 1998, p. 59).

> A sobrevivência de alguns jornais de bairro por décadas está confirmando a antiga regra do jornalismo de que o fato é mais importante quanto mais próximo, afetiva e geograficamente, estiver do público leitor (receptor), bem como confirma ainda o seu potencial enquanto mídia. (UCHOA, 1998, p. 59)

Desta forma, entende-se que a característica de aproximar o fato do leitor, assim como o jornal de bairro, faz da imprensa do interior um instrumento de vasta importância na integração de comunidades. Tal relação – entre o jornal local e a comunidade – também é verificada pelo professor Wilson da Costa Bueno (1977). Em sua dissertação de mestrado, defendida em 1977, Bueno define o que seria um objeto-modelo para o estudo da imprensa artesanal, conceito aplicado na época à imprensa local.

Na apresentação da metodologia do estudo, o autor tem a preocupação de definir três diferentes classes de elementos para caracterizar a imprensa artesanal: a) classe dos elementos do jornal enquanto empresa, ou seja, como forma de organização e produção; b) classe dos elementos do jornal enquanto produto final da empresa, com o qual o leitor mantém contato direto; c) classe dos elementos que pertencem à relação entre o jornal e a comunidade, isto é, representada pelas variáveis do processo de comunicação entre o jornal, enquanto empresa e produto de consumo, e a comunidade no qual ele circula.

Ressalta-se aqui o último tópico, referente à relação entre o jornal local e a comunidade na qual ele se insere. Destaca Bueno que a pessoalidade, a integração à vida comunitária, a identificação com os anseios da população e o respeito por seus tabus geram um conteúdo peculiar na imprensa local.

> O jornal do interior não pode ser visto, a exemplo da grande imprensa, como um estranho que fala à comunidade mas como um serviço ativo e participante da própria comunidade. Sem as características da comunicação de massa, mantém ainda o nível da comunicação oral, direta, fato que é rotulado pelos que não convivem com essa realidade com a expressão "provincianismo". (BUENO, 1977, p. 50)

Bueno acrescenta que pelo seu perfil próximo ao comunitário, o jornal das cidades do interior tende a se distanciar da grande imprensa (nacional ou regional), que por outro lado possui como tendência o tratamento de assuntos mais gerais, não específicos de uma ou outra realidade. Na imprensa local as notícias externas representam uma parcela pouco representativa no espaço editorial. Além disso, embora a quantidade de espaço dedicado às questões nacionais e internacionais seja limitada na

imprensa local, quando tais jornais se interessam por um assunto desta natureza, como é o caso da Segunda Guerra Mundial, tratam de retratá-lo sob um ponto de vista local com grande sensibilidade e rapidez. “A situação internacional é descrita em termos que influenciam diretamente a vida dos residentes da localidade” (BUENO, 1977, p. 53).

Contudo, apesar da validade dessa característica, ainda é necessário cautela na realização de um estudo sobre a imprensa local, evitando generalizações equivocadas. Bueno adverte que durante muito tempo os editores não souberam fazer vingar suas verdadeiras funções nos jornais do interior. Para o autor, é verdade que alguns jornais locais, por um mero processo de imitação ou para justificar os contratos com agências internacionais de notícias, davam equivocadamente destaque também ao noticiário internacional.

> Isso se constitui, no entanto, num evidente atestado de desconhecimento da atividade jornalística e, principalmente, da desarmonia com os interesses da comunidade. A um jornal paulista interessará mais (por que é esse o interesse do seu leitor) os comentários dos jogos de futebol que envolve o time da cidade que, por exemplo, a crise no parlamento inglês, embora possa ser até difícil convencer disso alguns jornalistas e editores. (BUENO, 1977, p. 53)

Outra constatação de Bueno é de que na imprensa local também ocupam papel de destaque as notas sociais. Não raramente, o colunista social é considerado um dos jornalistas de mais prestígio da comunidade, podendo ser também o mais remunerado do quadro de funcionários da empresa.

> As notícias sociais ocupam posição de destaque na imprensa artesanal e, ao contrário dos veículos da grande imprensa, elas não se limitam a uma seção – a coluna social – mas se estendem a todas as páginas do jornal. As fofocas da comunidade substituem o “furo”, a grande reportagem ou editorial, características da imprensa industrial. As notícias sensacionalistas de caráter policial não merecem, por outro lado, uma cobertura maior destes órgãos de informação e isso se deve principalmente à atuação da imprensa artesanal como veículo comunitário. (BUENO, 1977, p. 29-30)

Dona de tais peculiaridades, a imprensa local teve seu início no interior paulista na primeira metade do século XIX. Em um levantamento sobre a história da imprensa paulista, Gisely Valentim Vaz Coelho Hime (1998) relata que foram tantas as dificuldades encontradas para o estabelecimento da imprensa no Estado, que o primeiro periódico paulista sobre o qual se tem registro data de junho ou julho de 1823, ou seja, quinze anos após a circulação do Correio Braziliense, considerado o primeiro jornal

brasileiro, apesar de editado ainda na Inglaterra. O primeiro veículo impresso em São Paulo aparece somente em fevereiro de 1827, quando o Rio de Janeiro já contava com nove jornais e sete outras províncias somavam juntas outras duas dezenas de periódicos (HIME, 1998, p.14).

A história da imprensa no interior de São Paulo começa ainda mais tarde, em Sorocaba, no dia 27 de maio de 1842, com a fundação do jornal O Paulista, por Diogo Antonio Feijó[3]. O Paulista, de Sorocaba, ganhou vida 15 anos após a fundação, em fevereiro de 1827, do O Farol Paulistano, o primeiro jornal impresso na capital do Estado, e 34 anos após o início do primeiro jornal editado realmente no Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro, que foi às ruas em setembro 1808.

Segundo Fernando Ortet (1998), no período entre o surgimento da Gazeta do Rio de Janeiro e a fundação do periódico O Paulista, em Sorocaba, os jornais já chegavam a então Província de São Paulo, "mas em um número que mal dava para satisfazer as necessidades de leitura dos moradores do centro administrativo da região, quanto menos para alcançar as povoações do interior" (ORTET, 1998, p. 121). O autor ressalta que o surgimento da imprensa no interior paulista acompanhou o desenvolvimento econômico dos nascentes municípios.

> O surgimento dos primeiros jornais no interior de São Paulo (Revista Comercial, Santos, 1849; O 25 de Março, Itu, 1849; e A Aurora Campineira, Campinas, 1858) esteve estreitamente vinculado ao desenvolvimento econômico, industrial, sócio-cultural, político e urbanístico de cada uma das cidades. (..) Refletia paralelamente a necessidade das classes dominantes de manifestarem pontos de vista sobre cada aspecto da dinâmica do desenvolvimento local. (ORTET, 1998, p.122)

Para Wilson da Costa Bueno, citado por Ortet, no passado a imprensa do interior também se caracterizava por ser uma "imprensa mais opinativa do que informativa, que discute todos os problemas, intromete-se nos bastidores da política, provoca os adversários, denuncia, reclama e, principalmente, fofoca" (BUENO apud ORTET, 1998, p.123). Neste sentido, não é difícil compreender a importância da imprensa do interior na formação e no crescimento das cidades e sua influência no rol de relações sociais localmente estabelecidas.

A região na qual a presente pesquisa se foca, delimitada pela porção centro-oeste do Estado de São Paulo, mais especificamente no território que compreende as cidades

[3] Também há referências de que o jornal tenha sido fundado pelo francês Antoine Hercule Florence.

de Botucatu e Bauru, onde localiza-se Lençóis Paulista, fortemente marcada pela colonização italiana, evidencia a importância de um estudo detalhado das relações sociais locais para o entendimento do processo comunicacional. A própria fundação dos primeiros jornais impressos na região leva a crer que a formação da imprensa nesta porção do interior paulista foi influenciada pelo desenvolvimento econômico e pelo processo de urbanização dos municípios.

Quando chegou à porção centro-oeste do Estado, a imprensa interiorana já dava mostras de um tímido desenvolvimento. Conforme levantamento elaborado por Gastão Thomaz de Almeida (1983), depois de Sorocaba, Santos, Itu e Campinas, a imprensa passou para o Vale do Paraíba, onde teve início em Guaratinguetá, chegando também em Taubaté, Pindamonhangaba, Bananal, Areias e Caçapava. Do Vale do Paraíba, a imprensa interiorana foi para outras regiões, chegando a Amparo, Lorena, Mogi-Mirim e Rio Claro, em 1872. Naquele ano começaram a surgir novos jornais em várias cidades. Praticamente a cada ano novas comunidades passavam a conhecer a imprensa que penetrava então em Queluz, Silveiras, Tietê, Bragança Paulista, Capivari, Itapetininga, entre outras (ALMEIDA, 1983, p. 35).

Em Botucatu, o primeiro jornal – denominado A Gazeta de Botucatu – foi às ruas em 1887. Seguindo o avanço territorial, surgiram nos anos que se passaram os primeiros jornais de Jaú (O Jahuense, em 1889), São Manuel (O Município, em 1894), Lençóis Paulista (Correio de Lençóis, em 1895), Bauru (O Bauru, em 1906), Agudos (Gazeta de Agudos, em 1927) e Marília (Correio de Marília, em 1928).

Ainda em Lençóis Paulista, antes da fundação do semanário O Eco, em 1938, outros veículos impressos ganharam as ruas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Nos últimos anos do século XIX circulou na cidade o primeiro semanário: o Fiat Lux. O veículo era dirigido pelo polêmico padre José Magnani, personagem presente nas páginas políticas e um dos responsáveis pelo fortalecimento dos núcleos de imigrantes italianos na cidade. O Fiat Lux foi posteriormente substituído por outro veículo chamado Imparcial, também com a direção de Magnani. Ambos eram impressos no gabinete do pároco, no cruzamento de duas das principais ruas de Lençóis Paulista (15 de Novembro e Coronel Joaquim Anselmo Martins). Circularam ainda em Lençóis Paulista no início do século XX alguns panfletos e jornais reivindicativos. Entre eles, destaca-se O Trovão, que trazia o subtítulo “quem não deve não teme”. Não há, no entanto, registros do veículo, o que impede o detalhamento de suas características e a identificação de seus responsáveis. (CHITTO, 1978, p.70).

Entre os primeiros jornais e a criação do semanário O Eco, outros veículos de curta circulação também foram impressos em Lençóis Paulista. Em 1923, foi lançado o jornal O Imparcial, veículo que não passou de poucos meses. No ano seguinte, também sem trajetória duradoura, ganhou às ruas o veículo O Indicador, voltado exclusivamente à publicidade. Em 1928, editou-se na cidade o Jornal de Lençóes. Em 1936, foi criado outro veículo também intitulado O Imparcial, não chegando ao sexto número (CHITTO, 1978, p.70).

O histórico dos anos antecedentes fez com que O Eco, inicialmente chamado de E'cho, nascesse em um ambiente de relativa descrença com o jornalismo local. O semanário foi fundado em 6 de fevereiro de 1938 pelo jornalista Alexandre Chitto, o secretário Vicente de Paula Ferraz e o professor Alcides Ferrari. Apesar do envolvimento dos três colaboradores na fundação do jornal, foi Alexandre Chitto que ocupou desde o início o cargo de diretor do veículo, constituindo o grande responsável pelos rumos do noticiário. Antes de sua fundação, todos os outros jornais que o antecederam na região de Lençóis Paulista tiveram duração máxima de um ano. O próprio Chitto, em uma de suas publicações, descreve sucintamente o clima gerado com a criação do jornal. "O Eco surgiu numa época duvidosa, de pessimismo, quanto a existência de jornais na cidade. Poucos acreditavam no sucesso deste semanário. Ventilava-se, mesmo, em 1938, que não chegaria até a sexta edição" (CHITTO, 1978, p.71).

De modo geral, o semanário O Eco sempre se manteve dentro das características do jornalismo local. As características apontadas por Bueno (1977) e Lopes (1998) podem ser verificadas nos primeiros anos de atuação do veículo. Composto e impresso em tipografia própria, de maneira semi-artesanal, com uso de tipos e clichês, o semanário circulou ininterruptamente nos primeiros anos com edições que variavam de quatro a seis páginas. Nos primeiros anos de circulação, com tiragem aproximada de 100 exemplares[4], o jornal conjugava em suas páginas notas informativas sobre os acontecimentos da cidade (alistamento militar, datas festivas, falecimentos, esportes, entre outros assuntos), notas sociais (núpcias, aniversários e festas), reproduções de poesias e outros textos assinados, editais oficiais e publicidade. Devido ao modo de composição das páginas na tipografia, o semanário não mantinha critérios estabelecidos de diagramação – característica comum a outras publicações jornalísticas do período.

[4] Em 1970, a tiragem já atingia 250 exemplares por edição. Atualmente, a tiragem do O Eco é de cerca de 5 mil exemplares.

Desta forma, os poucos elementos com lugar fixo nas páginas do jornal eram a logomarca e o editorial, ambos ocupando sempre a primeira página. Outra propriedade verificada no O Eco em seus primeiros anos de atuação, que ressalta o caráter da imprensa artesanal (BUENO, 1977), é a corrente troca de letras e acentuação na composição das páginas. É possível identificar em um mesmo texto diferentes grafias da mesma palavra.



E'CHO

(ORGAM SEMANAL)

Assignaturas — Mez vencido — 2$000 — Anno a vencer — 20$000

Annuncios e Publicações de accordo com a Tabella

DIRECÇÃO DE: ALEXANDRE CHITTO — SECRETARIO: VICENTE DE PAULA FERRAZ

ANNO I | S. PAULO | Lençóes, 6 de Fevereiro de 1938 | BRASIL | NUMERO 1

E'cho

Alexandre CHITTO

A imprensa foi, é e será o indice da cultura de um povo. Nasceu com João Gutenberg, cujas primeiras experiencias foram realizadas, no porão de um modesto predio, em Itransburgo e morrerá quando a humanidade tiver seu fim, se assim acontecer.

Através da imprensa conhecemos o que um povo possue e pode dispender intellectualmente.

Sem ella difficilmente poderiamos conheecer, no conchego dos nossos lares, todas as manifestações e acontecimentos que occorrem no mundo inteiro.

E nós, não podiamos permanecer indifferentes ante á neccessidade de um orgam mesmo semanal, que viesse registrar em suas columnas o correr da vida de nossa terra.

Hoje, lançamos ao publico o "E'cho" sem matizes politicos nem religiosos. Tem como postulado a defeza dos direitos do povo de Lençóes e a missão de arrancar do leito lectargico os que permanecem indifferentes ao interesse collectivo.

Lançamos o "E'CHO" dispostos a enfrentar aos ardues trabalhos e arcar com as pesadas responsabilidades que accarretam taes emprehendimentos.

Para tornar esta iniciativa uma realidade duradoura, sabemos perfeitamente que ha innumeros obstaculos a transpor, mas dentro em nós estará o estimulo para vence-los.

E a cada passo, ao longo do caminho percurrido, será um indicio da nossa vontade ferrea, cimentada no alto ideal de tornar cada vez mais arraigada a existencia deste vanguardeiro — o "ECHO".

Porem, para que possamos alcançar o nosso objectivo e tudo se torne mais leve ás possibilidades das nossas forças, é preciso o concurso de todos os bem intencionados, neste particular.

A cooperatividade é indispensavel ao bom exito das grandes emprezas e o resultado dos pequenos commettimentos será falho se ella não apparecer.

Tudo é relativo, tudo é limitado e assim são nossas forças.

AVISO

ECHO: quem receber e não devolver o presente numero, será considerado assignante.

Manhã

(Especial para o "E'cho")

Manhã risonha. O sol surgiu, saltando
as montanhas de nuvens, no desejo
incontido de amar, e foi semeando
resteas douradas, no brilhante adejo.

Foi quando a terra adormecida, quando,
abrindo os grandes braços num bocejo
de brisa fresca, recebeu, cantando,
da luz do sol o delirante beijo.

E do feliz noivado matutino,
na orchestração da Natureza, no hymno
festival do Trabalho, na garrida

agitação que em toda a parte havia,
na universal, esplendida alegria,
nasceu, gloriosa e palpitante, a Vida!

BOTUCATÚ, 5-2-38.

Lourival de Oliveira

Bar Guarany — Bombons Finos

"Echo" da Cidade

A direcção acceita suggestões e reclamações do publico, desde que as mesmas sejam de interesse collectivo, e venham escriptas e assignadas com endereço do missivista.

—o—

Esporte de Tiro

Uma commissão de esportistas locaes, composta dos senhores Manoel Baccinante, Cesar Fayad, Affonso Andretto, Antonio Segalla e outros, tendo a frente o snr. João Moreira da Cruz, estão coordenando esforços com o fim de fundarem nesta cidade um club de Tiro ao Voo.

Ao que nos consta, será construido um campo para tal fim, ao lado esquerdo da praça esportiva da veterana A. A. Lençoense, apparelhado dos mais modernos requisitos para a pratica de tal esporte. A ser equiparado, como se pretende, ao campo da Federação de Tiro Amador, com archibancada coberta para o publico e outras cousas, tal obra custará á bôa vontade do publico esportista local cerca de ..... 5:000$000.

Iniciativas desta ordem merecem de todos bons lençoenses, que desejam ver sua cidade falgurando entre os mais adiantados centros, o apoio incondicional e franco.

A Praça da Matriz

Em volta de nosso principal templo religioso existe uma praça arborisada que está a reclamar um pouco das vistas de nosso Governo Municipal. Tal logradouro acha-se quasi que em completo a-

Bar Guarany — Fructas Frescas

bandono, coberto do matto crescido, apresentando um feiissimo aspecto.

Si não nos enganamos, o responsavel pela conservação de tal local é a parochia ou o Bispado de Botucatú.

Entretanto, já que esses nada podem ou querem fazer, suggeririamos ao esforçado snr. Prefeito Municipal, que diga-se de passagem perante os visitantes é sempre o responsavel pelo bom aspecto da cidade, mandar, de vez em quando, dar uma "limpadela" ao menos na referida praça.

"Habite-se"

Consta-nos que a Prefeitura vae passar a exigir que todos os proprietarios de predios desta cidade, mande fazer uma limpeza, ainda que simples, nas casas que se vagarem. A habitação só será

Bar Guarany — Latarias, Doces, Cervejas

occupada por novo morador, então, depois que a auctoridade dêr o competente "habite-se". A ser isto verdade nada se terá que extranhar, pois, é sabido que na maioria das cidades do Estado os respectivos Governos ou Postos de Hygiene publicos, sempre exigiram que o novo morador de um predio urbano exhiba o classico cartão de "habite-se" fornecido pela auctoridade sanitaria como prova de que a sua nova residencia passou pela competente limpeza antes de ser reoccupada.

Não teremos duvida em applaudir, e francamente, o Governo do Municipio, caso esta Lei entre em vigor na cidade pelo resguardo de eventuaes contaminações de molestias graves e a bem geral da hygiene publica.

(Continua na 4a. Pag.)

Figura 4 – Capa da primeira edição do semanário O Eco (antes grafado E'cho).
Fonte: CHITTO, 1978, p.72.

Ao prezar – dentro de suas limitações – pelas características do jornalismo[5] elencadas pelo teórico alemão Otto Groth (BUENO, 1972) – sobretudo pela periodicidade – o semanário O Eco criou desde o início um elo muito particular com a

[5] Otto Groth sublinha quatro características fundamentais aos periódicos que auxiliam na compreensão do jornalismo convencional. A atualidade diz respeito à relação dos fatos com o tempo presente. A periodicidade se refere à repetição regular no tempo das diferentes edições de um periódico. A universalidade trata da abordagem dos mais diferentes campos do conhecimento humano efetuada por um veículo. E, por fim, a difusão coletiva diz respeito à circulação dos periódicos por diversificadas camadas sociais distribuídas cultural, econômica e geograficamente de modo heterogêneo (Bueno, 1972).

comunidade de Lençóis Paulista. Sem deixar de circular em uma única semana sequer, o jornal criou a cultura na comunidade lençoense de esperá-lo aos sábados – muitas vezes com a formação de filas em sua sede. Durante mais de duas décadas o veículo circulou sem concorrentes no município, contribuindo para a fixação de sua marca na sociedade local. Somente em novembro de 1959, após 21 anos da criação do O Eco, é que passou a circular ininterruptamente na cidade outro semanário. Fundado por Zanderlit Duclerk Verçosa, com posterior direção de Célio Pinheiro, Luiz Carlos Bernardi e Edemir Coneglian, o semanário Tribuna Lençoense[6] é ainda hoje o principal concorrente local do jornal O Eco.

3.3 O Eco: espaço de representações sociais

Como todo veículo de comunicação que se articula como um espaço privilegiado de representações sociais, o jornal O Eco desde o início de sua circulação, em fevereiro de 1938, construiu identidades. Conforme expõe o próprio jornalista responsável:

> O Eco nasceu com o objetivo de propugnar pela grandeza e crescimento de Lençóis, sem o receio de atingir partes que ainda pretendiam ser absolutas nas suas opiniões, olvidando que, dias mais, dias menos, tudo chegaria ao seu termo e as renovações se sucederiam. (CHITTO, 1978, p.71)

É comum por parte do jornal a utilização de termos como "grandeza" ou "pujança" para valorizar o município. Identifica-se no conteúdo do veículo a defesa de obras de infra-estrutura em Lençóis Paulista e a evolução da idéia de uma cidade próspera que não deveria padecer ao pessimismo ou sentir-se inferiorizada em relação aos mais populosos municípios vizinhos. Segundo um texto publicado por Chitto na época do aniversário de quarenta anos do veículo, O Eco – em seu ponto de vista – nasceu para ser porta voz das aspirações dos lençoenses. "Em 1938, Lençóis Paulista estava ainda à espera de dias melhores, a cidade continuava desprovida dos recursos que a população tanto reclamava para a realização dos mesmos" (CHITTO, 1978, p.71). Outra idéia propagada desde o editorial de estréia é a de isenção, com o semanário se auto-intitulando livre de vínculos políticos, religiosos ou ideológicos:

> Hoje, lançamos ao público o "E'CHO" sem matizes políticos ou religiosos. Tem como postulado a defeza dos direitos do povo de Lençóes

[6] Atualmente o veículo pertence à família Lorenzetti.

> e a missão de arrancar do leito lectargico os que permanecem indifferentes ao interesse collectivo. Lançamos o "E'CHO" dispostos a enfrentar aos árduos trabalhos e arcar com as pesadas responsabilidades que acarretam taes emprehendimentos.[7]

No entanto, tomando como pressuposto básico a superação do paradigma da imparcialidade no jornalismo (idéia sustentada por muito tempo pelos manuais de redação), um olhar mais apurado às páginas do semanário O Eco torna clara a rede de vínculos sob a qual o veículo foi tecido desde o começo.

Diretor desde seu início e voz predominante nos destinos e na linha editorial do semanário, o jornalista Alexandre Chitto, assim como sua família, teve em sua trajetória de vida uma relação muito peculiar com a Itália. O percurso da família Chitto com descendência em Lençóis Paulista tem início em 1872, em Isola Dovarese, na província italiana de Cremona. Em 24 de novembro daquele ano, filho de César Chitto e de Anunciata Chitto, nascia Mauro Chitto, patriarca da família que anos depois teria influência no comércio, na política e na comunicação de Lençóis Paulista. Aos 15 anos, Mauro ingressou no serviço de telégrafo italiano e, aos 18, foi convocado para o exército, onde chegou à patente de sargento. Na última década do século 19, serviu na África Oriental, que a Itália tentava então colonizar. No conflito do exército italiano contra as tribos da Abissínia comandadas por Ras Menelik, Mauro Chitto se apresentou como voluntário e permaneceu em solo italiano até o final do combate.

Passada a guerra, condecorado pelos serviços militares, decidiu se mudar para a América. Escolhendo o Brasil como destino, viajou junto de um primo, deixando a família na Itália. Na época, Lençóis Paulista já possuía uma considerável colônia italiana, sobretudo das regiões de Treviso e Cremona. Em Lençóis, Mauro Chitto conheceu Santina Lazzari, uma imigrante da mesma cidade italiana da qual ele partira. Com ela se casou, fixando residência na Rocinha, um bairro rural formado por imigrantes italianos, onde teve seus três primeiros filhos – entre eles, Alexandre Chitto. No bairro rural, Mauro passou a cultivar uvas e a fabricar vinho em escala relativamente grande para a época. A família Chitto também fomentava em sua residência encontros entre brasileiros e a comunidade imigrante local, servindo pratos típicos da cultura italiana. Nas reuniões, o jornal Fanfulla, marco da imprensa italiana, era lido em voz alta pelo patriarca aos demais imigrantes.

---

[7] O Eco, edição de 06/02/1938, p.1.

Com o passar dos anos e a entrada dos filhos na adolescência, Mauro Chitto resolveu voltar definitivamente com a família para a Itália. Esse, aliás, era o sonho (na maior parte das vezes malogrado) de grande parte dos imigrantes que desejavam apenas fazer riquezas no Brasil e retornar posteriormente à terra natal. Os Chitto venderam seus pertences em Lençóis Paulista e viveram cerca de dois anos na Itália. Mas a Primeira Guerra Mundial, que eclodiu na Europa em 1914, influenciou a trajetória da família. Preocupada com uma possível convocação dos filhos adolescentes, Santina Lazzari convenceu Mauro a voltar com a família ao Brasil.



Figura 5 – Mauro Chitto, Santina Lazzari e filhos, em 1907.
Fonte: Arquivo Alexandre Chitto.

Os Chitto retornaram a Lençóis Paulista e passaram a residir no núcleo urbano da cidade, iniciando um representativo papel na comunidade local. Engajado na política da localidade, Mauro Chitto assumiu a presidência da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, criada no município pela colônia italiana como forma de mútua assistência aos estrangeiros e descendentes.

As sociedades italianas foram no início do último século, ao lado das escolas e da imprensa, importantes instrumentos de propagação da cultura imigrante no Brasil, sobretudo no interior paulista. Em 1927, a colônia italiana dispunha de 250 associações de natureza educacional para a "propaganda e a divulgação da cultura italiana". A colônia contava também com 310 escolas e dezessete mil alunos, a maior parte no Estado de São Paulo. Em relação aos meios de comunicação, 31 publicações eram dirigidas exclusivamente à colônia italiana (quatro cotidianos, dezessete semanais, duas quinzenais, sete mensais e uma publicação sem periodicidade fixa) (SEITENFUS, 2003, p.40). A questão da propaganda ideológica era mais branda na colônia italiana quando comparada, por exemplo, aos imigrantes alemães. A principal questão ítalo-brasileira, até meados de 1930, dizia respeito ao grande número de imigrantes estabelecidos no Brasil. Seitenfus ressalta que o governo italiano, inclusive o fascista, abordava a questão da colônia de forma conciliadora. "Há a preocupação em manter vivas a cultura e a língua italianas entre os imigrados mas, ao contrário da Alemanha, a Itália não utiliza, até 1935, meios além dos legais para defender os vínculos entre os imigrados e a península" (SEITENFUS, 2003, p.43). Conforme o autor, a própria atuação das chamadas sociedades italianas em geral não conduziam a ações antibrasileiras. A propaganda ideológica empregava sobretudo instrumentos tradicionais, como as conferências, a atribuição de bolsas de estudos a jovens brasileiros, viagens de estudos subvencionadas e a propagação das realizações fascistas por meio de publicações oficiais.

Por outro lado, registros do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) levantados por Brusantin (2003) revelam que antes de deflagrada a Segunda Guerra Mundial as autoridades policiais identificaram pontos de encontros clandestinos de adeptos do Integralismo[8] camuflados pelo interior paulista. Em Bauru, cidade localizada a 60 quilômetros de Lençóis Paulista, por exemplo, há registro de uma Casa de Representações e Importações que armazenava armas para os integralistas

[8] Movimento político com atuação no Brasil na década de 1930, o Integralismo, moldado sobre o fascismo, com adaptações nacionais, expande-se em nível nacional, colhendo a herança abandonada da direita nacionalista da década de 1920 (Faoro, 2001, p.783). Formatado sobretudo na Ação Integralista Brasileira (AIB), que enquanto organização política tem uma trajetória breve (iniciada em 1932 e extinguida em 1937, com a proibição da existência de partidos no Brasil). Em maio de 1938, os integralistas tentam uma ofensiva contra o Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro, com o objetivo de derrubar Getúlio Vargas. Fracassada a ofensiva, Vargas toma medidas mais duras contra os adeptos do Integralismo, culminando no exílio de Plínio Salgado, em 1939, o principal expoente do movimento. A relação do governo Vargas com o Integralismo tornou-se ainda mais rígida após a tomada de posição do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

distribuírem pelas cidades do interior. Em Lins, também no centro-oeste paulista, a polícia política registrou reuniões integralistas na sede da Congregação Mariana local. Em Rio Claro, a ação clandestina dos representantes do Integralismo foi identificada na Sociedade Italiana Fascista.

> Com base nestes registros é possível afirmarmos que o Integralismo recebia apoio de diversos segmentos sociais, ainda que na ilegalidade. As idéias do Sigma facilitavam, até por uma questão de identidade ideológica, a colaboração entre distintos segmentos da extrema direita católica e fascista. Esse fato abre evidência das bases sociais de apoio ao movimento integralista, que manteve suas forças mesmo após a repressão pública do governo Vargas. (BRUSANTIN, 2003, p.87)

Não há registros identificados no Deops de ligação direta da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, de Lençóis Paulista, com o Integralismo, bem como com o fascismo italiano. Contudo, a sociedade, que durante um longo período de tempo foi o único clube da cidade, teve seus bens confiscados e foi fechada, a exemplo de outros centros de propagação da cultura italiana, exatamente após a tomada de posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Foi neste período, marcado pelos anos de 1942 e 1943, que Vargas foi pressionado a assumir sua posição contrária ao nazi-fascismo, mudando o caráter da perseguição aos integralistas enquanto inimigos do Estado.

Como define Marilena Chauí (1980), com base nos textos de Plínio Salgado, o Integralismo exerceu sua ação no Brasil sob três formas: desenvolvendo intenso esforço cultural, através de cursos, conferências, centros de pesquisas e de estudos dos problemas nacionais e humanos; organizando-se no sentido de uma maior eficiência de um magistério moral e cívico de preparação de juventude e de um ministério social, visando uma ampla assistência às classes populares; instruindo o povo brasileiro acerca do que lhe convém saber sob sua tradição, suas realidades e possibilidades de um futuro melhor. A doutrinação se fazia por meio de jornais, revistas, comícios urbanos e penetração dos oradores nos campos e pequenas cidades do interior (CHAUÍ, 1978, p.47).

O movimento se dirigia especialmente à classe média urbana. Segundo Chauí, esse direcionamento dos integralistas não ocorre somente sob a invocação de valores tradicionalmente imputados pela classe (entre eles, a tradição religiosa e a família), mas por meio de convocação explícita e "não somente para que venham cerrar fileiras na qualidade de militante, mas sim para que venham constituir-se como vanguarda política" (CHAUÍ, 1978, p.53). Na visão de Hélgio Trindade, citado por Chauí, a

estrutura social da AIB pode ser sintetizada numa pirâmide formada por três camadas, conforme o grau de participação nacional, regional ou local.

> A camada superior, constituída pelos dirigentes nacionais, é integrada exclusivamente por membros da burguesia e da média burguesia, sob a supremacia das elites intelectuais. A camada média dos dirigentes regionais encontra-se ainda sob preponderância da média burguesia intelectual que, com a burguesia e média burguesia dos oficiais, ocupa quase os três quartos dos postos de direção. Na camada inferior, a pequena burguesia e as camadas populares formam globalmente os três quartos do total dos militante locais. Essa estratificação social é análoga à estrutura paramilitar da milícia: as elites intelectuais detêm o 'comando' e as camadas médias e populares não intelectualizadas constituem a tropa. Esse perfil da estrutura social integralista parece aproximar-se bastante dos modelos fascistas europeus, especialmente do fascismo italiano e do nacional-socialismo alemão. (TRINDADE, 1974, p.130 apud CHAUÍ, 1978, p.66)

A partir deste plano de ação do movimento integralista, Brusantin (2003) chama a atenção para a presença evidente do grupo nas cidades do interior paulista. Conforme aponta a autora, o tom dado pela polícia política de Vargas em relação aos integralistas tangencia mais a "manutenção da ordem pública" do que de repressão propriamente dita.

> Destacamos que a movimentação integralista só foi registrada pelas autoridades policiais, sobretudo, no ano de 1938. Percebe-se, na verdade, a intensificação da perseguição a este grupo somente após 1938, como conseqüência da tentativa de golpe contra Vargas. Vale ressaltar que o silêncio, muitas vezes, anterior a esse período não quer dizer que o "credo verde" não estava sendo pregado e que seus ativistas estavam inativos. É antes de tudo expressão de que o ideário fascista, endossado pelos integralistas, não incomodava as autoridades oficiais que tinham o regime nazi-fascista como um paradigma de civilização. (BRUSANTIN, 2003. p. 77)

Pelo lado dos adeptos do Integralismo destacava-se a estratégia de ataque aos comunistas. "A ação propagandista (do Integralismo) era dupla, pois visava a divulgação das idéias do partido e o combate ao inimigo, fatos evidentes entre 1935 e 1938" (BRUSANTIN, 2003, p. 83).

Outro fato de destaque no período era o apoio dado aos integralistas pela imprensa nas cidades do interior, que muitas vezes funcionava para que o ideário do grupo se tornasse público. Brusantin afirma que a propaganda dos seguidores do Integralismo era garantida pelo apoio da imprensa local, facilitando o programa de doutrinação.

> Em 1935, no auge do conflito entre esquerda e extrema direita brasileiro, o Integralismo, ainda que agindo legalmente, se utilizava da imprensa local para "construir" a imagem do mal dos movimentos aliancistas. Em nome de uma "encantadora" cidade paulista, o Sigma, articulado com os núcleos das AIBs regionais, propagava seus ideais anticomunistas. Fato esse que reafirma o cenário de conflitos político-ideológicos antes da decretação do Estado Novo. (BRUSANTIN, 2003, p.85)

Embora não haja registros aparentes de apoio ao Integralismo ou ao fascismo italiano por parte do semanário O Eco, fundado em 1938, já sob a vigência do Estado Novo, algumas relações que envolvem o veículo e a Itália fascista devem ser consideradas. Parte dessas relações recai sobre a figura do patriarca da família Chitto, o italiano Mauro Chitto. Além de presidente da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, fechada e com seus bens confiscados após a tomada de posição do Brasil contrária aos países do "Eixo" na Segunda Guerra Mundial, Mauro Chitto foi ainda Representante Consular Italiano na cidade e vice-prefeito, eleito em 1922, ocupando o cargo de chefe do Executivo por quase um ano em substituição ao então prefeito Elias Rocha. Neste período, em 1924, recepcionou na cidade o General Pietro Badoglio, representante oficial de Benito Mussolini em visita ao Estado de São Paulo.

Segundo Alexandre Chitto, em texto redigido em 1972, a visita de Badoglio a Lençóis Paulista se deu com o objetivo de discutir questões relativas à imigração de italianos para a região.

> Na década de 1920, o governo de Mussolini via-se às mãos com o problema da imigração. A sua preferência era pelo Brasil. Em 1924, Mussolini enviou ao nosso país um de seus altos missionários, o general Badoglio, que aqui veio para entrar em entendimento com autoridades brasileiras, as quais colocaram à disposição do visitante todos os meios possíveis, inclusive as zonas do Estado de São Paulo, que deveriam ser povoadas. Foi-lhe indicada a zona que compreende Agudos e Lençóis Paulista. O general Badoglio, em trem especial, veio diretamente para esta cidade (Lençóis Paulista), onde recebeu grande manifestação das autoridades e colônia italiana, mantendo-se aqui pelo espaço de meio dia. (CHITTO, 1972, p. 57)

Pietro Badoglio[9] foi militar e político, caracterizando-se na primeira metade do último século como um dos principais nomes da Itália nas duas áreas. Inicialmente se

[9] Em 1936, Pietro Badoglio foi nomeado comandante das forças italianas durante a invasão da Etiópia, onde teria ordenado o uso de gás venenoso contra os etíopes. Assumiu posteriormente o cargo de chefe das forças armadas italianas. Como não era um entusiasta da aliança militar com a Alemanha nazista, desaconselhou a guerra que Mussolini declarou em junho de 1940 ao lado do "Eixo". Após os insucessos militares italianos na África e na Grécia, Badoglio deixou o cargo em dezembro do mesmo ano. Em 1943, após o Grande Conselho Fascista votar pela deposição de Benito Mussolini, Badoglio assumiu a chefia do governo provisório como primeiro-ministro da Itália e rapidamente tratou de negociar a paz com os Aliados (PALLA, 1996).

opôs aos fascistas, mas depois se aliou a eles e, em 1922, foi designado embaixador para o Brasil, época em que visitou a colônia italiana de Lençóis Paulista. Apesar da biografia de Badoglio ser marcada por mudanças de posicionamentos políticos, a presença dele em Lençóis Paulista como representante oficial da Itália ilustra a relação de proximidade que na época a colônia italiana lençoense mantinha com o governo comandado por Mussolini – ainda sem a radicalização dos contornos autoritários que o marcou principalmente a partir da segunda metade da década de 1920.



Figura 6 – Marechal Pietro Badoglio visita Lençóis Paulista, em 1924.
Fonte: Arquivo Alexandre Chitto

Segundo filho de Mauro Chitto, o jornalista Alexandre Chitto também manteve durante sua vida uma relação muito próxima com a Itália. Alexandre nasceu em fevereiro de 1901 no bairro italiano da Rocinha, em Lençóis Paulista, onde passou a infância e parte da adolescência. Após morar cerca de dois anos na Itália durante a adolescência, Alexandre, junto de sua família, voltou a Lençóis onde começou a trabalhar no comércio. Em fevereiro de 1938, fundou junto de dois companheiros o jornal O Eco (então na grafia E'cho). Em 1939, Chitto fez estágio de jornalismo na capital paulista, recebendo o Certificado de Jornalista Profissional, registrado no Departamento do Trabalho. Um ano após fundar O Eco, assumiu sozinho o veículo. Passou a cumprir as funções de administrador, repórter e redator, noticiando fatos da cidade. Chitto tem os méritos de ter administrado por cerca de cinco décadas um veículo de caráter local num ambiente que não favorecia – e ainda não favorece – a longevidade

dos jornais de tais características. Ficou na função de diretor do jornal até meados da década de 1980, quando vendeu a empresa.[10]



Figura 7 – Alexandre Chitto, em 1932
Fonte: Arquivo Alexandre Chitto

Alexandre Chitto não defendia explicitamente nas páginas de seu semanário nenhuma doutrina política que se opusesse ou contrariasse o Estado Novo de Getúlio Vargas, posição entendível quando considerado o fato de O Eco ter nascido já sob regime de censura. Contudo, ao abordar determinados assuntos e se calar perante outros, o veículo transparecia seu posicionamento – desde sempre velado.

Em uma homenagem póstuma a Virgílio Capoani, prefeito de Lençóis Paulista entre 1952 e 1954, publicada em uma edição comemorativa do semanário em 1972, Chitto ressalta a atuação do político – descendente de uma tradicional família imigrante – no Integralismo:

> O sr. Virgílio Capoani, fazia parte da firma comercial Zillo Capoani Ltda. Na política fez parte do Integralismo, manifestando ardente inimigo do Comunismo. Como simples soldado conseguiu reunir um grupo de 400 integrais no Município. No governo do sr. Getúlio Vargas, tendo-se extinto o Integralismo, o sr. Virgílio Capoani ingressou no Partido Social Progressista, no qual ocupava elevado posto no Diretório Local. Candidatou-se à vereança pela legenda do PSP e foi eleito vereador, com

[10] O jornalista faleceu em 1994 e está enterrado no Cemitério Municipal de Lençóis Paulista. O jornal O Eco teve outros proprietários após ter sido vendido por Alexandre Chitto. Atualmente, quase sete décadas após seu surgimento, em 1938, o veículo ainda circula como um dos principais meios de comunicação da micro-região de Lençóis Paulista (sob comando do empresário Moisés Rocha). Desde 2006, com a reformulação do projeto editorial, o jornal O Eco passou a circular três vezes por semana, periodicidade inédita para veículos impressos no município.

> larga margem de votos, no período de 1948 a 1951. Na eleição seguinte, o PSP elegeu-o prefeito municipal, orientando magistralmente os destinos de Lençóis Paulista de 1952 a 1954. (CHITTO, 1972, p.153)

O trecho evidencia alguns pontos importantes sobre a política local. Primeiramente, a atuação de um representativo número de lençoenses junto ao movimento integralista. Em seguida, ilustra a admiração de Chitto pela atuação política de Capoani. O fato de o jornalista ter colocado o ex-prefeito no posto de "ardente inimigo do comunismo" também deixa transparecer um posicionamento bastante evidente do semanário O Eco durante os anos que compreenderam a Segunda Guerra Mundial. Se por um lado o jornal nunca se posicionou claramente ao lado do fascismo italiano ou da AIB, por outro usou de estratégia semelhante aos integralistas para desqualificar o comunismo, colaborando para a construção de uma imagem "do mal" da doutrina (como demonstrado no próximo capítulo), sobretudo antes da tomada de posição do Brasil na guerra.

No âmbito local, a presença de comunistas sempre foi tratada de maneira silenciosa. Uma importante passagem na história de Lençóis Paulista que não mereceu destaque nas páginas do semanário O Eco é a perseguição feita pela polícia política de Vargas a um grupo de moradores da cidade considerados simpatizantes do comunismo. Tal perseguição se tornaria ainda mais oculta se não fosse a abertura dos arquivos do Deops referentes ao período do Estado Novo.

Ligada a Bauru e Botucatu pela Estrada de Ferro Sorocabana, Lençóis Paulista, apesar da pequena população que possuía nas décadas de 1930 e 1940 também tinha entre seus moradores alvos de silenciosas e múltiplas ações preventivas e repressivas ditadas pelo Deops. O caso mais representativo é do comerciante Abrahão Maluf, simpatizante do comunismo. Filho de Inácio Abrahão Maluff e de Maria Maluff, o jovem Abrahão foi fichado pela primeira vez no Deops quando tinha 19 anos. Nascido em Lençóis, Abrahão era solteiro e empregado do comércio. Seu prontuário no Deops, sob número 2426, aponta que foi preso pela polícia política em 22 de maio de 1941. Os motivos para a prisão de Abrahão, segundo os arquivos da polícia paulista, eram muitos. O Deops chegou a enviar um representante diretamente a Lençóis Paulista para acompanhar, relatar e fotografar suas atividades. O comerciante, que segundo os registros do Deops era chefe do Partido Comunista Brasileiro (PCB) da região de Bauru, foi delatado em 1941 como "perigoso comunista", ao lado de Ludovico Olegário, Geraldo Guedes e Issa Maluf, por um cidadão lençoense que se identificava

pelo pseudônimo de João Brasil. Mais tarde, João Brasil pôde ser identificado, conforme a documentação do Deops, como sendo Salústio Rodrigues Machado, na época vigário da cidade (BRUSANTIN, 2003, p.50).



Figura 8 – Mensagem anti-Mussolini grafitada em muro de residência em Lençóis Paulista e atribuída a simpatizantes do comunismo – Década de 1930.
Fonte: Laboratório Técnico de Fotografia do Gabinete de Investigações. Prontuário 2426 – Abrahão Maluf. DEOPS. In: Brusantin, 2003, p 48.



Figura 9 – Pichações comunistas em muro de residência em Lençóis Paulista – Década de 1930.
Fonte: Laboratório Técnico de Fotografia do Gabinete de Investigações. Prontuário. 2426 – Abrahão Maluf. DEOPS. In: Brusantin, 2003, p 49.

A prisão de Abrahão Maluf, em 1941, mostra que sua atuação política foi considerada subversiva às últimas conseqüências. Em seu prontuário, hoje guardado no

acervo histórico do Deops, no Arquivo do Estado, em São Paulo, estão anexadas fotografias de fachadas de prédios lençoenses, alguns ainda existentes na cidade, com pichações alusivas ao comunismo e críticas ao fascismo de Mussolini. Além de Abrahão Maluf, um grande número de moradores de Lençóis Paulista também teve suas vidas rastreadas por serem considerados subversivos[11].

Em nenhum momento durante todo o transcorrer da Segunda Guerra Mundial, porém, o semanário O Eco reservou editoriais para tratar de informações sobre tais ocorridos. Muito se deve, evidentemente, à atuação da censura, que coibia o tratamento de assuntos que envolviam o comunismo. Por outro lado, a figura do vigário Padre Salústio Rodrigues Machado, registrado no Deops sob o pseudônimo de João Brasil por delatar Abrahão Maluf, sempre figurou entre os personagens de destaque nas páginas do jornal. Nome de uma das principais avenidas de Lençóis Paulista, o vigário, como representante da classe religiosa local, teve embates com os supostos comunistas, entregando-os à polícia (como no caso de Abrahão Maluf) (BRUSANTIN, 2003, p.50). Nos textos de Chitto, no entanto, Padre Salústio Rodrigues Machado era comumente retratado como um exemplo de dedicação às causas do município, conforme ilustra o trecho a seguir:

> A 1º de janeiro de 1939, Padre Salústio Rodrigues Machado assumia a Paróquia de Lençóis Paulista, até findar sua existência. Pelo espaço de 16 anos, o Padre Salústio exerceu grande atividade, destacando-se não somente na religião, mas em todos os setores da nossa cidade. Com a comissão composta dos srs. Lídio Bosi e Franscisco Radicchi, construiu a nova Igreja Matriz, a qual teve a felicidade de inaugura-la, dois anos antes de sua morte.
> Reergueu a religião em nossa cidade, com grande elevação de espírito, cujos feitos são dignos de registro, principalmente quanto à festa tradicional de Santo Antônio, no bairro do Corvo Branco, que está sendo um acontecimento inédito e de invejar cidades vizinhas.
> O Padre Salústio Rodrigues Machado batalhou em prol da assistência, da instrução e da grandeza de Lençóis Paulista. Contribuiu fortemente pela emancipação jurídica lençoense, a criação da comarca. Foi amigo assíduo e colaborador da imprensa local que mesmo hospitalizado em Botucatu, enviava suas apreciáveis colaborações. Faleceu em 5 de julho de 1955. (CHITTO, 1972, p. 153)

[11] Uma relação nominal, entregue ao departamento em fevereiro de 1948 e que também consta nos arquivos do Deops, mostra que eram muitos: Issa Maluf, Adib Abrão Maluf, Domingos Giovanetti, Ricieri Coneglian, Benedicto Seberino Rodrigues, Joaquim Henrique Moreira, José Pinto da Silva, Ernesta Sesato Jaccon, Benedicto Giglioli, Alfredo de Oliveira Capucho, Luiz Falso, Ageu Meirelles, Luiz de Oliveira, José Guardiã, Lazaro Sampaio, Aristeu Sampaio, Mamede Rodrigues Sampaio, Gabriela Serralvo Maluf, Nicola Rossi, Adolfo Sian, João Amaral de Oliveira, Silvio Guarido, Adolfo Nardim, Alfredo Chieri, Antonio Benedito Sampaio, Benedito Modesto, José Alves Cafunho, Adolfo Stam, Adolfo Biral e Alexandre Pasquarelli.

Desta forma, dada trajetória pessoal e profissional de Chitto, não deve ser descartada a proximidade entre o jornalista e a Itália[12] fascista e o relacionamento que manteve enquanto agente da imprensa local com personagens da política lençoense. Na pesquisa acadêmica, como esclarecido no primeiro capítulo, tais relações devem ser analisadas sob o ponto de vista das condições de produção[13] dos textos – ou contexto em que os textos foram produzidos, prática que assegura maior segurança à análise.

Por fim, também dentro das chamadas condições de produção a análise deve levar em conta que, na época da Segunda Guerra Mundial, Lençóis Paulista se caracterizava como um município de forte tradição católica e pouco populoso, apesar das grandes proporções territoriais. Segundo dados do censo demográfico realizado em setembro de 1940 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possuía uma população total de 13.804 habitantes, distribuídos em 7.172 homens e 6.632 mulheres. No mesmo levantamento foi constatado que a cidade possuía uma população estrangeira composta por 1.123 pessoas, sendo 495 italianos, 188 japoneses e 18 alemães, países que integravam o "Eixo"[14].

[12] Para saber mais sobre a trajetória da família Chitto em Lençóis Paulista, ver SILVA, 2005.
[13] Termo utilizado por Laurence Bardin (1977) em sua proposta teórica para a realização de uma análise de conteúdo.
[14] BASSANEZI, 2001.

4. AS REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NOS EDITORIAIS DO SEMANÁRIO O ECO

A escolha da região de Lençóis Paulista e a periodização adotada, assim como a adoção do semanário O Eco como objeto de estudo, devem-se a vários fatores, mas todos derivam de um eixo principal: a hipótese de que a região tenha dado um tratamento peculiar à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) motivado pela presença da colônia italiana na cidade e pela relação de proximidade da comunidade com o país europeu.

Este capítulo, marcado pela análise propriamente dita dos editoriais do semanário, está alicerçado na fundamentação teórica exposta no capítulo inicial, bem como na contextualização e na caracterização do objeto de estudo apresentadas no segundo capítulo. Trata-se, portanto, de outra etapa essencial da dissertação, na qual se completa a cientificidade da pesquisa com o desenvolvimento da interpretação. Antes, porém, seguindo as fases da análise de conteúdo, os dados selecionados no corpo da pesquisa foram categorizados, tabelados e elencados em gráficos, na etapa da pesquisa que pode ser chamada de descritiva.

4.1 Categorização e descrição dos dados

Etapa essencial da análise de conteúdo, a categorização consiste em um processo de tipo estruturalista que comporta duas etapas: o inventário (isolar os elementos) e a classificação (repartir os elementos e procurar conceder certa organização às mensagens). O critério de categorização adotado na pesquisa é semântico, ou seja, foram elencadas categorias temáticas para a realização da análise. O tema, enquanto unidade de registro, corresponde aqui a uma regra de recorte (de sentido e não de forma) e a uma unidade de significação que se liberta naturalmente do texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia de leitura. Para Bardin (1977), fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou freqüência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.

A primeira categorização realizada nesta etapa da pesquisa é a própria seleção dos textos de capa assinados pelo jornalista Alexandre Chitto pela temática do trabalho:

a Segunda Guerra Mundial. Como já dito, foram selecionados 55 textos compreendidos entre setembro de 1939 e julho de 1944. Constata-se uma divisão anual dos textos, permitindo uma análise da incidência da temática durante o transcorrer do conflito. A descrição a seguir compara de maneira sucinta a incidência dos textos com alguns dos principais episódios da guerra na Europa e suas repercussões no Brasil. Em seguida, um quadro reúne por ordem cronológica todos os textos selecionados.

Em 1939, ano que determina o início da Segunda Guerra Mundial, entre setembro e dezembro, verifica-se a presença de apenas um editorial de capa assinado por Alexandre Chitto (no dia 5 de dezembro), quando, na Europa, França e Grã-Bretanha já haviam declarado guerra à Alemanha. No mesmo ano já se constata a preocupação do governo brasileiro com a opinião pública, inquietação presente desde as vésperas da Segunda Guerra Mundial, quando o país ainda temia o início do conflito e mantinha relações diplomáticas e comerciais com dois lados beligerantes. Em junho de 1939, o chanceler brasileiro Oswaldo Aranha[15], recém-voltado de uma missão comercial nos Estados Unidos e com contatos freqüentes com o Departamento de Estado em Washington, sente necessidade de alertar o presidente Getúlio Vargas para os perigos de uma guerra próxima. Para cuidar de tal situação, Aranha lista uma série de prioridades para o governo brasileiro, colocando a arregimentação da opinião pública no mesmo patamar da economia de combustíveis, da constituição de estoques dos produtos indispensáveis e da proibição da exportação de ferro (SILVA, 1972, p.167). Outro acontecimento importante para o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ocorrido em 1939, é a Declaração do Panamá, na qual os países americanos declaram neutralidade coletiva.

Em 1940, ano marcado pelo impacto dos sucessos militares alemães, são seis os editoriais publicados pelo semanário O Eco com a temática da guerra. Os textos estão distribuídos entre fevereiro, mês que precede a invasão da Dinamarca e da Noruega pelo exército da Alemanha, e dezembro, período que compreende a guerra ítalo-grega. No Brasil, 1940 é um ano marcado pela queda acentuada nas relações comerciais com a Alemanha. Em contrapartida, o comércio entre o Rio de Janeiro e Washington aumenta

[15] Oswaldo Aranha foi um dos nomes mais influentes no Brasil no período que marcou o envolvimento do país na Segunda Guerra Mundial. Nomeado por Getúlio Vargas em março de 1938 para o Itamaraty, faz um acordo prometendo não se envolver na política interna do país. Por outro lado, tem em suas mãos o caminho livre para o tratamento das questões externas. De personalidade forte, segundo a bibliografia da época, e dono de estreitas ligações com Vargas, Aranha nutre uma grande admiração pelos Estados Unidos e, particularmente, pelo presidente Franklin Roosevelt. Por outro lado, mantêm péssimas e polêmicas relações com a embaixada alemã no Brasil. Tais circunstâncias fazem com que Aranha desenvolva uma ativa política em benefício dos norte-americanos a partir de 1938.

sensivelmente no período. A Europa, que em 1939 fornecia 52% do total das importações brasileiras, fornece no ano seguinte apenas 26%. Em compensação, o continente americano passa a fornecer de 44%, em 1939, para 69% das importações do Brasil em 1940 (SEITENFUS, 2003, p.180). É também em 1940, em junho, que Getúlio Vargas profere o polêmico discurso em homenagem ao Dia da Marinha – a bordo do encouraçado Minas Gerais, navio-chefe das forças navais – no qual trata do início de uma nova era política no Brasil. O discurso, responsável por um considerável desconforto diplomático, alimenta o sonho alemão de um possível apoio dos brasileiros ao "Eixo", expectativa que se torna malograda com os acontecimentos dos meses seguintes.

O ano de 1941, com quatorze textos selecionados, é – ao lado de 1943 – o período de maior incidência de editoriais do jornal O Eco sobre a Segunda Guerra. Os textos estão divididos entre janeiro, mês que precede a lei norte-americana de fornecimento de produtos aos exércitos britânicos, e novembro, fase da guerra que antecede a tomada do comando do exército alemão por Hitler. É também ao longo de 1941 que Brasil e Estados Unidos fortalecem seus vínculos, sobretudo de cooperação econômica, como jamais haviam feito, demonstrando uma mudança decisiva na posição brasileira em face da guerra e, mais particularmente, com a Alemanha.

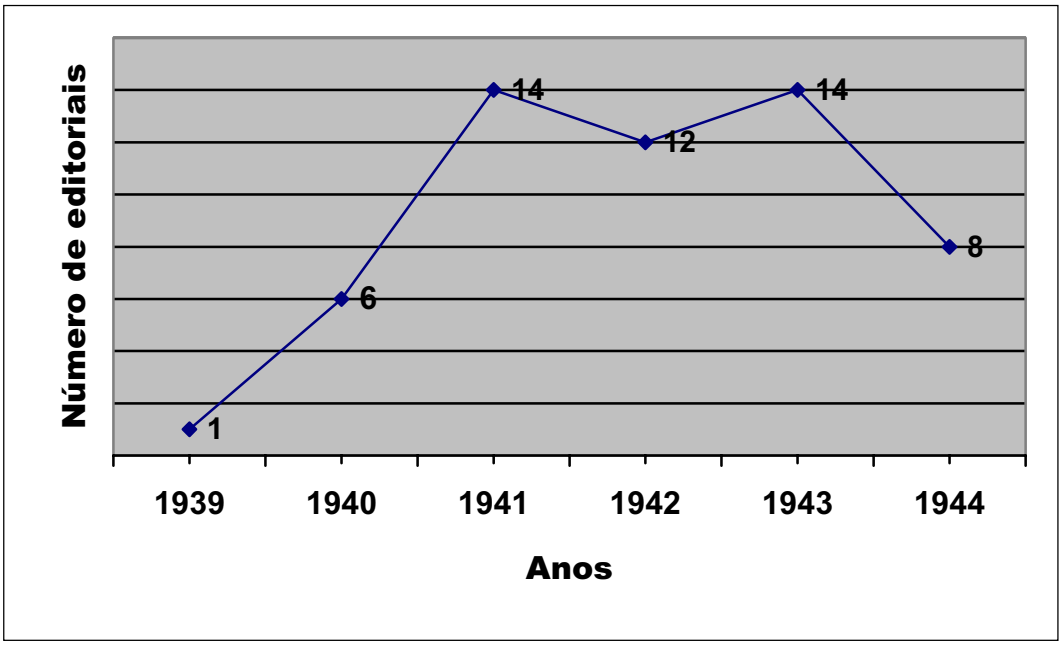
Em 1942, conhecido pelo ano da virada na guerra, marcado pelas primeiras derrotas alemãs, são publicados 12 editoriais de capa assinados por Alexandre Chitto com a temática Segunda Guerra Mundial. A primeira publicação do período ocorre em janeiro, quando 26 países já haviam assinado a Declaração das Nações Unidas, e a última em dezembro, época em que os ingleses são detidos pelos alemães na Tunísia. O ano também é fundamental para o envolvimento brasileiro no conflito. Em janeiro de 1942, após uma série de negociações diplomáticas com os demais países da América do Sul e – sobretudo – com os Estados Unidos, culminadas na Conferência do Rio de Janeiro, o Brasil toma partido ao lado dos aliados, rompendo suas relações diplomáticas com o "Eixo". Após o rompimento, uma sucessão de fatos de ordem comercial, política e militar aproxima ainda mais o governo brasileiro dos norte-americanos. Além disso, a escalada da destruição de navios mercantes e de embarcações de passageiros brasileiros é responsável por escaldar parte do governo e da opinião pública frente aos alemães (SEITENFUS, 2003, p.297).

Em 1943, ano marcado já pelo envolvimento do Brasil no conflito, são selecionados 14 editoriais – distribuídos nas páginas do semanário O Eco entre janeiro,

período que compreende a Conferência de Casablanca (entre Roosevel, De Gaulle e Giraud), e novembro, mês de duas importantes conferências para o destino da guerra: a Conferência do Cairo (entre Roosevelt, Churchill e Chang Kai-chek) e a Conferência de Teerã (entre Roosevelt, Churchill e Stalin). O ano também é marcado pelo fortalecimento do papel político dos militares brasileiros e do alinhamento do grupo junto aos Estados Unidos.

Por fim, em 1944, entre janeiro e julho, são selecionados oito editoriais com a temática. Em janeiro, data do primeiro texto, um dos principais fatos da guerra é a execução do conde italiano Galeazzo Ciano, genro de Mussolini. Em junho, mês do último texto selecionado, além do desembarque aliado na Normandia ocorre também o primeiro bombardeio de Londres pelas bombas V1. É também em junho de 1944 que 5.081 brasileiros embarcaram no navio de transporte de tropas americanas *General W.A. Mann* com destino ao combate na Itália. Chegam a Nápoles em 16 de junho de 1944, sendo a primeira força expedicionária sul-americana a intervir nos assuntos europeus.

Gráfico 1 – Evolução numérica de editoriais sobre a Segunda Guerra Mundial no semanário O Eco



Fonte: Gráfico elaborado por Marcos Paulo da Silva em fev/2007 com base na contagem de editoriais do semanário O Eco, publicados entre set/1939 e jul/1944.

Seguindo a categorização, todos os textos selecionados foram tabelados por ordem cronológica e dispostos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Editoriais de capa publicados no jornal O Eco, entre setembro de 1939 e julho de 1944, assinados por Alexandre Chitto, com a temática da Segunda Guerra Mundial (títulos com grafia original)

Data	Título	Assunto
5/11/1939	O temor á guerra	Pessimismo / apreensão relacionada ao início da guerra
11/2/1940	As duas guerras matam	Pessimismo / apreensão relacionada à guerra
14/4/1940	A guerra e o pessimismo	Pessimismo / apreensão relacionada à guerra
28/4/1940	A guerra e as discussões	As duas versões da guerra / Apreensão relacionada ao conflito
16/6/1940	O momento é de calma e ponderação	Pessimismo / apreensão relacionada à guerra
10/11/1940	Os desanimados e a crise	Crítica ao Comunismo
22/12/1940	Conseqüências da guerra	Apreensão relacionada à guerra / Crítica ao Comunismo
26/1/1941	Por que uma atitude do "O Eco"	Posicionamento do veículo contrário à Inglaterra / Defesa do patriotismo
2/2/1941	Quando dois rivalizam em força	Pessimismo / apreensão relacionada à guerra
30/3/1941	A Rússia em face da guerra actual	Questionamento da neutralidade russa na guerra
6/4/1941	Diplomacia brasileira	Elogio à posição brasileira de "neutralidade"
8/6/1941	A guerra e o discurso dos grandes homens	A valorização dos discursos dos governantes que ainda não entraram na guerra
22/6/1941	Amigos e inimigos da França	A tomada da França pelas tropas alemãs / distanciamento francês da Inglaterra
20/7/1941	Efeitos de uma aliança militar	Crítica ao Comunismo / Apreensão com a Aliança entre Inglaterra e Rússia
17/8/1941	A guerra e as suas conseqüências	Prejuízos criados com a guerra / Crítica à guerra
31/8/1941	A Guerra Russo Filandeza e Italo Grega	Questionamento da força do exército russo
28/9/1941	Psicologia comunista que morre	Crítica ao Comunismo / Ventilação da Idéia de fim do Comunismo
5/10/1941	Esperanças de ontem e de hoje	Especulações sobre o lado mais poderoso da guerra (Aliados x “Eixo”)
19/10/1941	Os católicos e o comunismo	Crítica ao Comunismo / Posicionamento dos católicos norte-americanos contra a aliança com a Rússia
26/10/1941	Previsões que justificam fatos	Conflito entre Itália e Inglaterra / Questão do Mediterrâneo
2/11/1941	Erro do comunismo	Crítica ao Comunismo
1/3/1942	As raridades européias e a guerra	Pessimismo / Apreensão relacionada à guerra / Possibilidade de destruição das raridades européias
22/3/1942	Cooperação e patriotismo	Possibilidade da entrada do Brasil na Guerra / Defesa do patriotismo

29/3/1942	Mais pessimismo do que realidade	Economia / Especulação de que a guerra não Gere crises econômicas no Brasil
30/8/1942	Momento decisivo para o Brasil	Posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados na guerra / Defesa do patriotismo
5/9/1942	A Goiana Fracêsa como trampolim	Possibilidade de a Guiana Francesa ser usada como ponto de ataque ao Brasil / Defesa da soberania
12/9/1942	Reafirmação eloqüente	Reafirmação do catolicismo contra o comunismo
11/10/1942	Uma forte retaguarda	Valorização da participação brasileira na "retaguarda" dos Aliados / Valorização da produção agrícola
18/10/1942	A guerra e as mentiras	Mentiras veiculadas em tempos de guerra
25/10/1942	São Paulo na tarefa da guerra	Participação do Estado de São Paulo na guerra
1/11/1942	Vai-se o velho Mil Réis	Economia / Troca de moeda brasileira / Relação da troca com o "estado de guerra"
15/11/1942	Legião Brasileira de Assistência	Formação da Legião Brasileira de Assistência
13/12/1942	Um presente de Natal	Campanha de Natal da Legião Brasileira de Assistência
10/1/1943	Seda paulista nos Estados Unidos	Economia / Novas fontes de riqueza / Sericultura
17/1/1943	Carne para a Europa	Economia / Exportação de carne / Novas oportunidades de exportação
31/1/1943	Uma grande fábrica de soda caustica nacional	Economia / Construção de uma fabrica de soda caustica para suprir as necessidades internas / Defesa do Patriotismo
14/2/1943	Hortas para a vitória	Economia / Incentivo ao plantio de hortas para suprir as necessidades no período de guerra
21/2/1943	Uma transformação agrícola	Economia / Super-produção agrícola / Transformação da agricultura em pastoreio
20/6/1943	Cousas de após guerra	Economia / Precauções com o fim da guerra / Influência do final da guerra na economia
11/7/1943	Fabricação açucareira	Economia / Racionamento de açúcar
1/8/1943	Três hipóteses	Crise política italiana / Três hipóteses para o afastamento de Benito Mussolini
8/8/1943	Queixas de ordem econômica	Economia / Antagonia: crescimento nos ganhos dos produtores e encarecimento na vida dos operários
15/8/1943	Voz do povo voz de Deus	Diferentes versões envolvendo a queda de Mussolini / Possibilidade de crise política na Alemanha
22/8/1943	Uma estratégia que falha	Possibilidade da saída de Mussolini do poder ser um "blef" / Relação dos aliados com a Itália
31/10/1943	O dever da retaguarda	Economia / Importância da "retaguarda" econômica na guerra / Defesa do patriotismo

7/11/1943	Carta aberta do "Daily Herald"	Queda de Mussolini / Impasses e possibilidades de o Rei Vitor Manuel assumir o poder na Itália
14/11/1943	Segurança econômica	Economia / Influências da guerra nos municípios monocultores / Defesa da policultura
9/1/1944	Previsões pessimistas	Economia / Incerteza na economia brasileira após a guerra
13/2/1944	Hortas e pomares	Economia / Incentivo ao plantio de hortas para suprir as necessidades no período de guerra
20/2/1944	O preço dos imóveis	Economia / Variação no preço dos imóveis com a guerra / Possibilidade de estagnação no pós-guerra
12/3/1944	Previsões de após guerra	Economia / Previsões para o final da guerra / Exportação / Diferentes visões sobre a influência do final da guerra
2/4/1944	Causas da guerra	Economia / Previsões para o final da guerra / Exportação de gado
23/4/1944	Melhorando a produção	Economia / Melhora da produção agropecuária brasileira durante a guerra
7/5/1944	Pensamento errôneo	Economia / Combate à inflação / Lucros conquistados durante a guerra
4/6/1944	Correspondentes de guerra	Jornalismo / Atuação, riscos e prêmios dos correspondentes de guerra

Fonte: Quadro elaborado por Marcos Paulo da Silva em mar/2006 com base na contagem de editoriais do semanário O Eco, publicados entre set/1939 e jul/1944.

Outra categorização que pode ser feita a partir da tabulação dos dados é referente à evolução temática no decorrer dos meses. Foi assim, por exemplo, com o tema pessimismo, assunto que marcou o início das publicações. Outras categorias temáticas podem ser identificadas – como a crítica ao comunismo, a queda Mussolini e a economia, temática identificada, sobretudo, na parte final do corpo da pesquisa.

O primeiro texto selecionado no corpo da pesquisa, intitulado “O temor á guerra”, data de 5 de novembro de 1939 e apresenta o pessimismo relacionado à guerra como assunto. A publicação do texto inaugura uma temática que se repete pelo menos outras sete vezes, principalmente no decorrer dos primeiros meses pesquisados. Portanto, o pessimismo pode ser entendido como a primeira categoria temática encontrada no corpo da pesquisa.

A segunda categoria temática encontrada entre os textos selecionados apresenta como destaque o comunismo. Após aparecer pela primeira vez no editorial do dia 10 de novembro de 1940, a temática se repete pelo menos outras oito vezes, todas

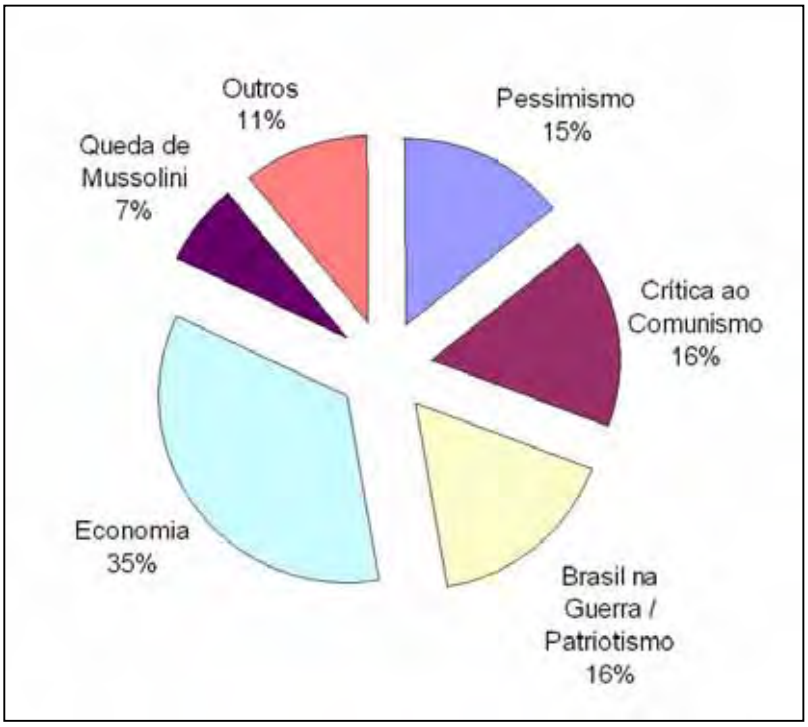
compreendidas no período que se estende até o dia 12 de setembro de 1942. Na ocasião, há a veiculação de um texto que trata da reafirmação do catolicismo frente ao comunismo (“Reafirmação eloqüente”).

Com o aumento da possibilidade da tomada de partido do Brasil na guerra, surge a terceira categoria temática identificada no corpo da pesquisa. Trata-se de textos que trazem como assunto não somente a possibilidade da entrada do Brasil no conflito, mas também a defesa e a valorização do patriotismo. Esta tendência tem início no dia 26 de janeiro de 1941, quando publicado o texto “Por que uma atitude do ‘O Eco’”, com críticas à Inglaterra devido a um bloqueio marítimo que envolveu o Brasil. A temática tem seqüência em 6 de abril de 1941, com a veiculação do editorial “Neutralidade brasileira”, que apresenta elogios à posição de neutralidade do Brasil até aquele momento. Outros sete textos que se espalham até dezembro de 1942 tratam da entrada do Brasil no conflito sob o enfoque da defesa e da valorização do patriotismo. Neste mês, o semanário veicula um texto intitulado “Um presente de Natal”, tratando da campanha natalina da Legião Brasileira de Assistência.

A quarta categoria temática, responsável pela maior incidência de textos no corpo da pesquisa, apresenta a economia como assunto principal. No total, são 19 os textos incluídos nesta categoria. É válido ressaltar, contudo, que a divisão aqui proposta não é estanque, constituindo apenas uma opção metodológica para o desenvolvimento da análise. Desta forma, constata-se que alguns textos presentes neste bloco também fazem referência à participação brasileira no conflito e suas possíveis conseqüências, mas por apresentarem enfoque essencialmente econômico foram aqui categorizados. É o caso, por exemplo, do texto “Mais pessimismo do que realidade”, publicado no dia 29 de março de 1942, que trata da especulação de crises econômicas no Brasil em razão da guerra. Apesar desta veiculação em 1942, porém, a maior incidência da temática é encontrada no período entre janeiro de 1943 e junho de 1944, época de circulação do último texto selecionado para a análise.

Por fim, uma quinta categoria – reunindo editoriais que abordam a crise italiana e a queda de Benito Mussolini – pode ser localizada no corpo da pesquisa. São quatro textos (“Três hipóteses”, “Voz do povo voz de Deus”, “Uma estratégia que falha” e “Carta aberta do Daily Herald”) veiculados entre agosto e novembro de 1943, período que marca o armistício italiano.

Gráfico 2 – Porcentagem temática sobre o universo de 55 editoriais analisados do semanário O Eco



Fonte: Gráfico elaborado por Marcos Paulo da Silva em fev2007 com base na contagem de editoriais do semanário O Eco, publicados entre set/1939 e jul/1944.

É importante ressaltar que além das cinco categorias temáticas destacadas, há outros seis editoriais de temáticas variadas (categorizados sob o rótulo "outros"). Tais textos tratam, via de regra, de curiosidades sobre o conflito, como é caso do editorial "Correspondentes de guerra", de 4 de julho de 1944, sobre os riscos e prêmios dos repórteres correspondentes.

4.2 As diferentes etapas da cobertura

Apresentado o referencial teórico, categorizados e descritos os textos que integram o corpo de pesquisa do trabalho, torna-se possível uma discussão mais apurada da maneira como o semanário O Eco construiu a representação da Segunda Guerra Mundial em suas páginas. Fundado em fevereiro de 1938, o jornal era o único veículo impresso de caráter local que circulava na região de Lençóis Paulista durante o conflito. Deriva daí a importância para a pesquisa do conceito de representações apresentado por Moscovici (2003). Presente na ligação entre o desconhecido e o conhecido para um determinado público, o conceito é oportuno na análise, pois apesar de a guerra

propriamente dita ter se desenrolado principalmente em solo europeu, suas influências e conseqüências percorreram, sobretudo via imprensa, todos os continentes do globo.

Do mesmo modo também se faz necessária uma leitura política da situação em questão. Durante a Segunda Guerra Mundial, no turbilhão de informações e jogos de interesses, as notícias do conflito eram enviadas da Europa e dos Estados Unidos ao Brasil. Já no país, elas ganhavam interpretações e eram publicadas conforme a visão dos editores locais. Assim também acontecia com o semanário O Eco. Este estudo apóia-se na hipótese de que os textos da mídia, seja ela de grande abrangência ou local, não espelham meramente a realidade, mas constituem versões. Versões, estas, que dependem de posições sociais, interesses e objetivos daqueles que a produzem. De forma concreta, pode-se afirmar que este processo se caracteriza por meio de escolhas feitas nos vários níveis dos processos de produção dos textos, desde as escolhas temáticas até os vários tipos de discursos que se inter-relacionam na construção do significado.

Seguindo a conceituação de Bardin (1977), ressalta-se a importância de considerar as diferentes variáveis envolvidas nas condições de produção dos textos: variáveis individuais do emissor, variáveis sociológicas e culturais e variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem. Apresentadas no capítulo anterior algumas das principais características do semanário O Eco e, sobretudo, da trajetória de seu responsável, o jornalista Alexandre Chitto, tornam-se mais seguras interpretações sobre a maneira como o veículo construiu as representações da Segunda Guerra Mundial.

Para esta análise, especificamente, reconhecemos – além de sua trajetória pessoal – que Chitto tinha outras responsabilidades na sua função de editor e jornalista: era o veículo editado por ele a principal fonte de informações do município no período estudado. Desta forma, não é de se estranhar a incidência irregular de editoriais sobre a Segunda Guerra Mundial durante determinados meses na capa do semanário O Eco. De perfil reivindicativo, o veículo dividia os espaços de suas páginas entre os mais diversos assuntos de interesse local.

Não é equívoco, portanto, afirmar que a Segunda Guerra Mundial dividia espaço na pauta com assuntos mais concretamente ligados à população lençoense, como é o caso da defesa da Comarca local e da exaltação de obras como o hospital e a matriz da cidade, reivindicados na época. De todo modo, é evidente e importante informar que, além do tratamento que recebeu nos editoriais de capa, o conflito bélico foi também

retratado – durante todo o período estudado – em outras sessões do semanário, sobretudo por meio de imagens e notas enviadas por agências internacionais. A escolha dos editoriais assinados por Alexandre Chitto, como já destacado, se deu pela relevância dos textos no veículo (ocupavam a primeira parte da capa) e por representarem a opinião do jornal sobre os temas estudados.

Mais precisamente, pode-se afirmar que o semanário O Eco realiza uma cobertura sobre a Segunda Guerra Mundial dividida em fases distintas. Tais etapas, conforme a explanação a seguir, refletem o grau de envolvimento do veículo com os temas que fervilhavam no transcorrer da guerra.

4.2.1 Pessimismo e apreensão relacionada à guerra

No jornalismo local, independente do momento histórico, os assuntos externos sempre representaram uma parcela pouco representativa no espaço editorial (Bueno, 1977). Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, no entanto, os assuntos internacionais saíram do rótulo de exceção e passaram a ganhar destaque nas páginas dos mais diferentes veículos. Com o semanário O Eco não foi diferente. Encravado em uma pequena comunidade do interior paulista, o jornal passou a tratar a partir de novembro de 1939 de temáticas internacionais relativas ao conflito que meses antes havia se iniciado na Europa. Nos editoriais assinados por Alexandre Chitto, os assuntos referentes à Segunda Guerra Mundial eram abordados, via de regra, sob um ponto de vista local, descritos a partir das influências que poderiam ter sobre a vida das pessoas da localidade.

Tal característica pode ser percebida na fase inicial da cobertura. No primeiro momento, marcado ainda pelas incertezas da abrangência e das conseqüências do conflito, o semanário O Eco trata em seus editoriais de assuntos que transparecem o ambiente de tensão, apreensão e pessimismo relacionado às primeiras movimentações na Europa – diplomáticas ou no campo de batalha propriamente dito. São categorizados oito textos neste bloco temático. O trecho a seguir, retirado do editorial do dia 5 de novembro de 1939, o primeiro sobre a Segunda Guerra Mundial veiculado nas páginas do semanário, revela o tom dado inicialmente à cobertura:

> As conjecturas são de que a guerra actual pode deflagrar-se numa conflagração mundial de conseqüências desastradamente maiores das da hecatombe de 1914, principalmente com relação á pensada transformação

> social. Ninguém ignora que a guerra presente pode caracterizar-se num conflicto mundial e que, em sua passagem, será susceptível de arrastar consigo conseqüências tristes e difficilmente previstas, ainda que se queira prever o futuro.Mas, nem por isso, o mundo acabará com o choque Hitler vs. Charberlain-Deladier. Sabe-se que os últimos dias do mundo não serão estes do século XX, sabe-se disso tudo. Entretanto os prognósticos são tão alarmantes que a guerra de hoje parece a última esponjada de Marte para apagar o orbe. O temor infundiu-se tão tanto no espírito do homem que o rithmo da vida ficou completamente alterado. Se é para a construção de uma casa, a guerra; se é para a abertura de um estabelecimento commercial, a guerra e se fôr para uma viagem, a guerra. Enfim tudo acaba morrendo nos pés do visionário Marte: a guerra, a guerra e nada se faz. Em certos casos é justificável tal apprehensão, por que de facto as circunstamcias do momento não são muito favoráveis aos grandes negócios e emprehendimentos mas em outros não há razão de o ser. Uma concepção assim extremamente pessimista, isto é, que por causa da guerra não devemos mexer nem siquer uma palha, não é mais do que a destruição da confiança que devemos depositar na clarividência dos nossos governantes. Ainda que briguem além do Athantico, devemos continuar trabalhando. A guerra um dia acabará e nós então já teremos feito o que mais tarde precisaremos fazer.[16]

Apesar de tratar do conflito que inicia seu desenvolvimento na Europa, o editorial dirige-se ao público local, ao leitor rotineiro do semanário. Seguindo a classificação de Beltrão (1980), apresentada no capítulo inicial, trata-se de um editorial preventivo quanto à topicalidade. No texto, Alexandre Chitto procura se antecipar à realidade, apontando situações e fixando circunstâncias. A característica preventiva é evidente no momento em que o editorial adverte aos leitores que aqueles não serão os últimos dias do século XX, convocando-os ao trabalho. Quanto ao conteúdo, o editorial pode ser classificado como normativo, pois "intenta convencer o leitor a atuar em determinado sentido, inspirando-o, encorajando-o, exortando-o por meio de sentenças e argumentos lógicos e incitadores" (BELTRÃO, 1980, p.57) Desta forma, mesmo falando da Segunda Guerra Mundial, o jornalista Alexandre Chitto procura retratá-la sob um ponto de vista local, descrevendo, apesar das limitações da imprensa artesanal, a situação internacional em termos que influenciam diretamente a vida dos residentes na região de veiculação do semanário.

A tentativa de aproximar o fato do público leitor (característica do jornalismo local) também pode ser observada no editorial do dia 11 de fevereiro de 1940. Na ocasião foi publicado o texto "As duas guerras matam", no qual Alexandre Chitto procura traçar um paralelo entre as dificuldades dos flagelados na guerra e as dificuldades dos moradores da região de Lençóis Paulista.

---

[16] O Eco, edição de 05/11/1939, p.1.

> Desde que irrompeu a guerra, a destruição, o exterminio na Europa, o resto do mundo voltou-se para o velho continente, acompanhando a marcha dos acontecimentos, aprehensivo de uma catastrophe sem limites e nem fronteiras. E sacudido pelos acontecimentos, corre em auxilio da victimas com donativos, dinheiro etc. De todas as partes do orbe, nota-se profundo desprendimento em favor dos povos martirizados pelas metralhas dos mais fortes. E a cada passo, avultadas quantias seguem para os longinquos e pequenos paizes em guerra. É um acto humanitario trabalhar suavisando as dores de um povo que ora esta sofrendo as terríveis consequencias de uma lucta inglória. É um gesto digno de todos os encomios abraçar uma causa em prol do bem estar dessa humanidade, a qual se esfacella a golpe de metralha e de miséria, de mentira e de roubo. (...) Mas desviando um pouco a attenção do ponto onde uma parcella humana se sacrifica em holocausto pelas ideologias politicas, veremos que não é só a guerra que mata e que faz de um povo um nada. Veremos tambem que as doenças, a falta de higiene, a falta de assistencia social, a falta de outras cousas em fim, tambem matam. Então, tu velho amigo leitor, que costumas dar tanto aos necessitados de alem mar, vira-te um pouco e veraz que atrás de ti ha um caboclo padecendo, um caboclo que sofre callado, não as consequencias da guerra feita pelo homem, mas as consequencias da guerra que lhe faz a natureza. E que a sua incapacidade ainda o impossibilita de deffender-se. Olha e reparta os teus donativos entre os que soffrem la longe e os que soffrem aqui, apenas fora do perimetro urbano. Dar aos de alem mar é um dever, mas dar aos teus patrícios é maior ainda.[17]

No texto, o jornalista Alexandre Chitto usa a expressão "Então, tu velho amigo" para invocar diretamente o leitor, recurso que coloca a mensagem pretendida ainda mais próxima do receptor. Mais uma vez, o semanário lança mão de um editorial normativo, pois incentiva e encoraja, com argumentos incitadores, o leitor a agir de uma determinada maneira ("Olha e reparta os teus donativos entre os que soffrem la longe e os que soffrem aqui, apenas fora do perimetro urbano. Dar aos de alem mar é um dever, mas dar aos teus patrícios é maior ainda"). Mas, com as primeiras movimentações no palco da guerra em andamento e com seus efeitos já atingindo (sobretudo via imprensa) a região de Lençóis Paulista, o texto difere do editorial anteriormente analisado por apresentar as características de um editorial de ação (BELTRÃO, 1980). A classificação é evidenciada pela preocupação do jornalista em descrever o andamento do conflito e esclarecer o público em pleno impacto da realidade.

Outros editoriais veiculados no mesmo período também deixam transparecer o ambiente pessimista vivido nos primeiros meses da Segunda Guerra Mundial. É o caso do texto publicado no dia 16 de junho de 1940, sob o título "O momento é de calma e ponderação", marcado por expressões que ilustram a tensão do momento:

[17] O ECO, edição de 11/2/1940, p.1.

> Antes da invasão da Noruega pelo exercito allemão, a guerra européa limitava-se mais a palavras e orações insultuosas atravez das radio-emissoras. Os homens preferiam os insultos aos ferimentos physicos nos campos de batalha. "Uma guerra de insultos e boletins" commentava-se optimisticamente nas rodas e nos jornaes. E o velho rithmo de vida corria quasi que inalterável. Não se havia serias aprehensões. Esperava-se que, de um momento a outro, o anjo da paz cahisse entre os litigantes, antes que o conflito tomasse maiores proporções. Mas o destino não quis que assim o fosse. Outros paizes viram-se envolvidos na contenda teuto-franco-britanica, pondo em holocausto a sua gente, sua cultura, sua economia e a sua formação physica. E diante desses graves acontecimentos, o mundo neutro, enlevado, sophisma cousas que em outros tempos não passariam de mythos: as ameaças da "Quinta Columna", o fucturo emprego do "Raio da Morte", aviões gigantescos transportando tanques collosaes e guindastes, canhões de alcance desconhecido e outras armas automáticas de effeitos incognittos. Que bem andaria se houvesse maior calma e ponderação, raciocinando livremente afim de que o reflexo das phantasias sejam neutralizados a tempo de não ferirem os sentimentos. Com isso poder-se-ia defender o ponto de vista sem tanto ascender discussões e discórdias, compromettedoras dos velhos laços de amizade, separando conterraneos, parentes e as vezes mesmo membro da própria família. O momento, pois, é de calma, ponderação e evitar discussões.[18]

A utilização de termos como "ameaças da Quinta Columna", "Raio da Morte", "canhões de alcance desconhecido" e "armas automáticas de effeitos incognittos" revelam o clima de tensão que o jornalista Alexandre Chitto procura passar no editorial. Na época, é importante ressaltar, o mundo tinha como referência as conseqüências da Primeira Guerra (1914-1918). As grandes proporções que a Segunda Guerra Mundial prometia abarcar possibilitavam um clima de especulação sobre catástrofes ventilado em todas as partes do planeta. Novamente, a exemplo do primeiro editorial veiculado pelo semanário abordando a Segunda Guerra Mundial, o jornalista Alexandre Chitto trabalha com um editorial preventivo ao tentar se antecipar à realidade e apontar situações ("Diante desses graves acontecimentos, o mundo neutro, enlevado, sophisma cousas que em outros tempos não passariam de mythos"). Quanto ao conteúdo, o texto mais uma vez pode ser classificado como normativo, pois procura inspirar o leitor a agir em um sentido determinado (no caso, mantendo a ponderação e evitando discussões – referência feita já no título do editorial).

Contudo, além das classificações, um olhar mais atento ao texto veiculado em 16 de junho de 1940 revela nas entrelinhas outra característica que convém à pesquisa desvendar. Ao abordar a temática do pessimismo, o semanário opta por não entrar no embate ideológico que fervilhava no período. Desta forma, elencando um inimigo distante (no caso a própria guerra), o veículo deixa de tomar partido em favor de um dos

[18] O Eco, edição de 16/6/1940, p.1.

projetos ideológicos que se emancipavam na tensão da Segunda Guerra Mundial. A opção do jornal, assim como sua preocupação em incentivar os leitores a também não radicalizarem suas exposições de pensamentos, fica evidente no editorial veiculado no dia 28 de abril de 1940, sob o título "A guerra e as discussões", conforme ilustra o trecho a seguir:

> A guerra trouxe por aqui divergencias de ideas, alias, muito justas, por que, do contrario, nem estariam brigando na Europa, se todos pensassem da mesma forma. Mas dessas que a principio eram méros palpites, occasionaes, dados assim para registrar os acontecimentos nas espheras sociaes, agora, talvez com o prolongamento do conflicto, as discussões são mais acaloradas, ultrapassam as raias da simples exposição de pensamento para entrar no campo dos debates e da systematica intransigencia. Repetem-se os episódios de 1914. Rompem-se velhos liames de amizades e velhas ligações de interesse economico e commercial.[19]

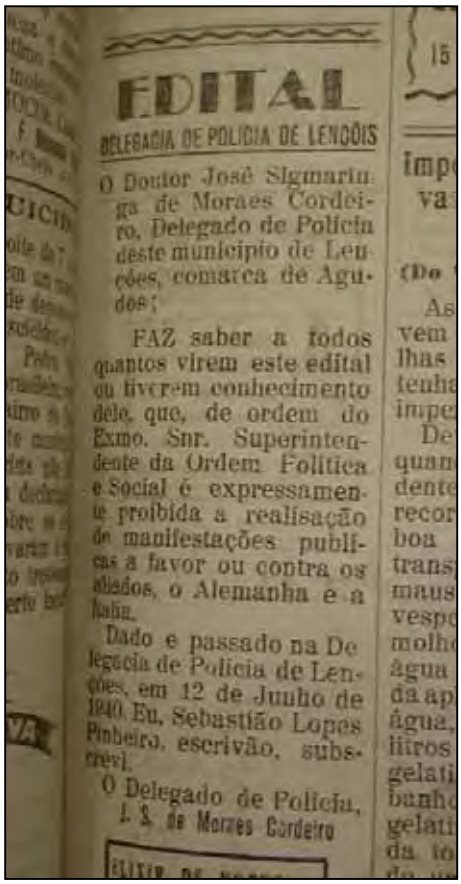
Apesar de considerar justas as divergências de idéias, o jornal não assume e nem incentiva uma postura ideológica nesta primeira fase da cobertura da Segunda Guerra Mundial. No editorial, Alexandre Chitto chega, inclusive, a citar a possibilidade de rompimento de relações econômicas e comerciais motivada pelas diferenças ideológicas. Por outro lado, como mostrado no editorial do dia 16 de junho de 1940, o semanário lamenta, de forma implícita, o fato de não poder assumir sua posição no conflito de idéias do período ("Que bem andaria se houvesse maior calma e ponderação, raciocinando livremente afim de que o reflexo das phantasias sejam neutralizados a tempo de não ferirem os sentimentos. Com isso poder-se-ia defender o ponto de vista sem tanto ascender discussões e discórdias").

A interpretação deste ocultamento permite algumas respostas. Sem adotar um posicionamento ideológico delineado, o semanário encontra subsídios para sobreviver no jogo de interesses que domina o período. Primeiramente, se considerado o ambiente de descrença que marcava o jornalismo local no período. Com pouco mais de dois anos de circulação (o veículo ganhou as ruas pela primeira vez em 6 de fevereiro de 1938), o jornal O Eco tem motivos suficientes para se escaldar – já que todos os outros jornais que o antecederam em Lençóis Paulista, conforme exposto no capítulo anterior, tiveram poucos meses de vida.

Em seguida também deve ser observada a relação entre o semanário O Eco e os instrumentos de censura do período. Em 16 de junho de 1940, mesmo dia da veiculação

[19] O Eco, edição de 28/4/1940, p.1.

do editorial “O momento é de calma e ponderação”, o jornal trouxe em suas páginas a publicação de um edital da Delegacia de Polícia de Lençóis Paulista, assinado pelo delegado José Sigmaringa de Moraes Cordeiro, proibindo a manifestação pública, em favor ou crítica, tanto dos aliados quanto da Alemanha e da Itália.



EDITAL

DELEGACIA DE POLICIA DE LENÇÓIS

O Doutor José Sigmaringa de Moraes Cordeiro, Delegado de Policia deste municipio de Lençóes, comarca de Agudos;

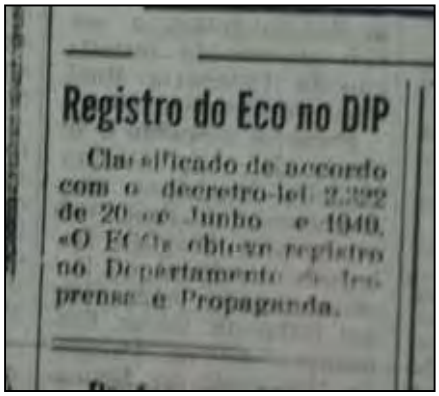
FAZ saber a todos quantos virem este edital ou tiverem conhecimento dêle, que, de ordem do Exmo. Snr. Superintendente da Ordem Politica e Social é expressamente proibida a realisação de manifestações publicas a favor ou contra os aliados, o Alemanha e a Italia.

Dado e passado na Delegacia de Policia de Lençóes, em 12 de Junho de 1940. Eu, Sebastião Lopes Pinheiro, escrivão, subscrevi.

O Delegado de Policia,
J. S. de Moraes Cordeiro

Figura 10 – Reprodução de edital da Delegacia de Polícia de Lençóis Paulista publicado no jornal O Eco em 16 de junho de 1940.
Fonte: O Eco, edição de 16/06/1940, p.3.

Após a publicação do edital, passaram-se cinco meses até que o jornal voltasse a publicar um editorial tratando da Segunda Guerra Mundial. Neste período, as referências ao conflito se deram apenas em notas informativas. Por outro lado, menos de um mês após a veiculação do edital, foi publicado em 7 de julho de 1940 – de acordo com o decreto-lei 2.322, de 20 de junho de 1940 – o registro do semanário O Eco no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).


Registro do Eco no DIP

Classificado de accordo com o decretro-lei 2.302 de 20 de Junho de 1940. «O Eco» obteve registro no Departamento de Imprensa e Propaganda.

Figura 11 – Reprodução de registro no Departamento de Imprensa e Propaganda publicado no jornal O Eco em 7 de julho de 1940.
Fonte: O Eco, edição de 7/7/1940, p.3.

O departamento, um dos principais braços repressores do regime varguista, foi criado em 1939 com o objetivo principal de sistematizar a propaganda e exercer o poder de censura aos meios de comunicação. "O DIP, portanto, materializou o grande esforço empreendido durante o Estado Novo: controlar os instrumentos necessários à construção e à implementação de um projeto político-ideológico que se afirmasse como socialmente dominante" (LEITE, 2005, p.41). Verifica-se no período uma demonstração dos meios de comunicação como reprodutores de mitos. O DIP projetou para a sociedade brasileira, por intermédio dos meios de comunicação (principalmente a imprensa, o rádio e o cinema), "uma imagem homogênea e harmônica da nação, base ideológica de sustentação do imaginário social construído pelo discurso político estadonovista" (LEITE, 2005, p.42).

Neste contexto, houve uma proliferação de produtos midiáticos sustentados sobre as bases do Estado Novo. Leite (2005) chama a atenção para a utilização dessas produções como poderosos instrumentos de propaganda política promovidos pelo DIP com o objetivo de construir a imagem de uma sociedade unida e harmônica, organizada em torno do líder Getúlio Vargas.

> É preciso sublinhar que a ilusão do uno oferece acabamento perfeito para o ocultamento dos sinais de divisões e conflitos sociais. A montagem das imagens de Getúlio Vargas nos cinejornais teve como característica principal realçar a cabeça do presidente da República, colocada sobre a imagem da multidão, destacando-a como o ícone que representa o cérebro que governa a sociedade. Nessa mesma perspectiva, houve a preocupação em "filtrar" as imagens por meio de tratamentos especiais. (LEITE, 2005, p.44)

A propaganda política elaborada pelo Estado Novo e pelo DIP também foi direcionada para nutrir uma nova leitura da história brasileira, sobretudo sob o argumento oficial de que "o presente fez o que o passado não pôde realizar" (LEITE, 2005, p.46). Por fim, encontra-se na censura a outra faceta da ação estatal do DIP. Apesar de as primeiras ações de censura do governo Getúlio Vargas terem ocorrido ainda antes da implantação do Estado Novo, as leis mais rígidas sobre o controle da imprensa e o funcionamento da propaganda foram fixadas pela Constituição de 1937 e regulamentadas pelo decreto-lei número 1.949, de 30 de dezembro de 1939. O trecho a seguir lista oito dos principais artigos relacionados ao controle da imprensa publicados no decreto-lei 1.949:

> **Art.** 6º Todos os correspondentes de jornais do interior deverão registrar-se no D. I. P.
>
> **Art.** 7º Aos correspondentes estrangeiros, residentes ou em trânsito no país, o D. I. P. prestará toda assistência profissional, devendo os mesmos, para esse fim, solicitar a necessária autorização para o livre exercício de suas atividades em território brasileiro, mediante a apresentação dos documentos comprobatórios de suas funções.
>
> **Art.** 8º Todas as empresas jornalísticas de publicidade, bem como as oficinas gráficas, deverão ser registradas no D. I. P., até 30 dias depois da publicação do presente decreto-lei.
>
> **Art.** 9º Aos jornais é facultado não publicar o nome dos autores de artigos, notícias, informações e comentários de redação, mas esses nomes deverão constar dos originais entregues às oficinas.
>
> Parágrafo único. Os nomes dos autores deverão; porém, ser declarados à autoridade pública, quando feita a exigência.
>
> **Art.** 10. Fica sujeita à aplicação de penalidade a transgressão ou inobservância de instruções oficiais vedando, por motivo de interesse público, a divulgação de determinados assuntos, fatos, acontecimentos ou medidas administrativas.
>
> **Art.** 11. É passível de punição a publicação de notícias ou comentários falsos, tendenciosos ou de intuito provocador, induzindo ao desrespeito e descrédito do país, suas instituições, esferas ou autoridades representativas do poder público, classes armadas ou quando visem criar conflitos sociais, de classe ou antagonismos regionais.
>
> **Art.** 12. Em todo periódico é responsável o Diretor e, no caso da empresa editora não ser proprietária da maquinaria com que se edita o periódico, a responsabilidade se estenderá ao particular ou à entidade proprietária da oficina de impressão.
>
> Parágrafo único. Dentro de 30 dias, a partir da publicação deste Regimento, as pessoas físicas ou jurídicas, proprietárias dos periódicos, deverão fazer, perante o D. I. P., a declaração do nome, idade, estado ou domicílio da pessoa proposta para diretor, do redator que provisoriamente se encarregará da direção do periódico em caso de substituição eventual do secretário da redação e da pessoa ou empresa proprietária do periódico e oficina onde é ditado.
>
> **Art.** 13. O número e a extensão das publicações periódicas serão regulados pelo D. I. P. (BRASIL, 1939)

É importante ressaltar os reflexos da publicação do decreto-lei 1.949 no semanário O Eco (sobretudo dos artigos 10 e 11). Um levantamento realizado por Dirceu Fernandes Lopes (2001) sobre o perfil dos jornais do interior de São Paulo cita o jornal O Eco entre os veículos impressos que chegaram a sofrer censura prévia durante o Estado Novo. Porém, independentemente da maneira em que a censura tenha se dado, o fato é que em suas páginas (em notas, matérias, editoriais e fotografias) o jornal contribuiu para a difusão dos mitos projetados pelo regime estadonovista. A nota a seguir, publicada em 23 de junho de 1940, ilustra o imaginário construído em torno da cultura nacional forjada pelo DIP.



UNIDADE NACIONAL

Nas condições atuais do mundo, agora que uma guerra trágica semeia a morte e a fome na Europa, o Brasil deve, mais do que nunca, fazer da consolidação da unidade nacional seu supremo objetivo.

Uma unidade assim não se improvisa. Não é ela apenas corolário dum sentimento de afirmação coletiva. Não é uno o povo que o quer ser, apenas, mas o que quer e pode sê-lo. A base física da unidade nacional é indispensável; a cultura é, em grande parte, uma consequência da civilização. Em nosso particular, sabemos que, sob o ponto de vista sentimental e emotivo, o tema da unidade nacional nos é familiar. Sentimol-o como uma poderosa condição de vida. Aliás, é essa uma constante psycológia comum ás populações brasileiras. Exaltados e impetuosos, nada que diga respeito ao destino do Brasil nos é estranho. Sentimo-nos — pela emoção [illegible] vinculados aos destinos da gleba abençoada que Deus nos deu por berço.

Resta-nos, porém, realizar, no setor das afirmações materiais — no terreno da civilização — o que já é uma constante da sensibilidade e do sentimento nacionais. Que seja enorme o trabalho, nesse particular, não o duvidamos. Somos um povo jovem, ainda. Nossa experiencia de vida é relativamente pequena. Porisso, se não nos beneficiamos com tôdas as conquistas da civilização, podemos, sem receio de êrro, invocar, como explicação desse estado de coisas, nossa pouca idade, como povo. Isso, porém, não impede o fato de que chegou o instante

(Conclue na 4 a pag)

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Seus Calomelanos — E Saltará da Cama Disposta Para Tudo

Figura 12 – Reprodução de texto publicado no O Eco em 23 de julho de 1940.
Fonte: O Eco, edição de 23/7/1940, p.3.

Outros textos, neste mesmo sentido, foram publicados pelo semanário a partir da criação do DIP. Publicações que variam de decretos oficiais a notas informativas e sociais[20]. No caso dos editoriais, a difusão do mito de uma nação homogênea é constatada com maior ênfase nas fases seguintes da cobertura da Segunda Guerra Mundial realizada pelo semanário. Etapas, que apesar da estratégia de ocultamento, deixam transparecer com maior evidência os posicionamentos ideológicos e as identidades do veículo.

4.2.2 O enigma de Moscou: a crítica ao comunismo no semanário

Identifica-se uma passagem da temática do temor à guerra para a crítica ao comunismo na segunda fase da cobertura da Segunda Guerra Mundial nos editoriais do semanário O Eco. Entretanto, apesar da mudança temática, nota-se que de forma semelhante à primeira etapa da cobertura o veículo apresenta em sua argumentação a propagação de um clima de apreensão. A tensão, antes traduzida no potencial de destruição do conflito (marca dos primeiros textos estudados), está presente agora na possibilidade de avanço do comunismo. De modo geral, os editoriais categorizados nesta etapa da cobertura fazem críticas diretas aos comunistas ou demonstram apreensão com o envolvimento da URSS na guerra. Ao todo, são nove os textos que apresentam essa temática, a maior parte deles veiculada no decorrer de 1941.

Ao abordar o comunismo nos editoriais, o jornalista Alexandre Chitto utiliza de diferentes recursos argumentativos. Alguns textos se referem à doutrina de maneira irônica, enquanto outros são marcados por críticas ríspidas. Um dos exemplos em que o comunismo é tratado em tom irônico pelo jornal é o texto do dia 10 de novembro de 1940, intitulado “Os desanimados e a crise”, publicação que inaugura o comunismo como categoria temática, conforme ilustra o trecho a seguir:

> Com o advento do communismo na Russia, a idéa de Karlos Marx germinou no mundo inteiro, tomando vulto de tal modo que foi preciso a intervenção da força para que não viesse perturbar profundamente a ordem política vigente nos paizes ante-communistas. Porem, como houve adeptos á doutrina marxista, houve também avessos intransigentes. E dahi nasceu a critica, por um lado acerbamente contra os conservadores e por outro tenaz em contraste á innovação. Sabe-se que os dias sombrios não perturbam a todos, há quem mantem a calma e bom humor, fazendo as suas, indifferente e alegre. E assim se deu em relação ao alastramento do

[20] Até mesmo a data de aniversário de Getúlio Vargas passou a ser considerada motivo para a veiculação de notas sociais

> communismo. Muitos vem, nos partidários da ideologia vermelha uma porção de fracos, fracassados e vencidos, esperando que novos decretos venham, á guisa de razoura, igualar as classes sociaes e econômicas, creando um orbe utópico onde as arvores fructificam presuntos, nas sargetas, ao em vez de enxurradas, corre caldo de gallinha, e onde os cereaes são de geração expontanea. Faz-se por assim dizer, escarneo a esse desespero de causa: "Eu sou tua has de ser também". A proposito gravou-se um disco humorístico em idioma italiano, o qual pode ser vir de lição aos que tem a lei marxista como único remédio restaurador da decorrente ordem social e economica. É um tenor que canta dizendo: "Que cousa é a crise? Trá-lá-lá-lá, trá-lá-lá-lá, trá-lá-lá-lá, comece trabalhar que a crise passará".[21]

No início do texto, Alexandre Chitto desenvolve uma espécie de genealogia da crítica aos comunistas, justificando seu posicionamento. A crítica é incisiva e, apesar do humor almejado pelo jornalista, o editorial pode ser classificado em seu conteúdo como normativo, pois procura convencer o leitor com argumentos contrários ao comunismo. Tal tentativa de convencimento, verificada no decorrer de todo o texto, pode ser exemplificada com a utilização do verbo "perturbar" na frase "foi preciso a intervenção da força para que (o comunismo) não viesse perturbar profundamente a ordem política vigente nos paizes ante-communistas". É notório o esforço argumentativo para caracterizar o comunismo como um obstáculo à ordem previamente instituída, recurso largamente verificado nesta etapa da cobertura da Segunda Guerra Mundial nos editoriais do O Eco.

Pouco mais de um mês após a publicação do editorial "Os desanimados e a crise", Alexandre Chitto assina outro texto de capa abordando o comunismo. Em 22 de dezembro de 1940 há a veiculação do editorial "Conseqüências da guerra", transcrito na íntegra a seguir:

> É certo que um dia a guerra acabará. Arrebente a corda do lado allemão ou do lado inglez, o actual estado de cousas terá um fim diffinitivo, para o socego e satisfação da humanidade. Luctando a vida inteira é que os paizes em litígio não poderão permanecer. E emquanto, agora, o conflicto se desenvolve no velho continente, alastrando por novos sectores, no mundo onde há só guerra de "manchetes" e noticias, faz-se conjecturas em torno da nova ordem política, social e economica que sobreviverá á conflagração, nos paizes sobre os quaes o implacavel Marte calcou os tacões de suas botas. – Sim! Depois da hecatombe, é pensamento de muitos, as mudanças idealogicas proceder-se-ão radicalmente, tendo como ponto final o communismo. Após a guerra o communismo será o unico credo politico que permancerà incolume, será a tocha incendiaria devorando nazismo, fascismo, democracias, semi-democracias etc, pondo tudo em pé de egualdade! Esta naturalmente é a prophecia dos adeptos de Moscou, os quaes crêm piamente que o enfraquecimento das nações belligerantes trará certo, mas certissimo o sucesso vermelho. Mas,

[21] O Eco, edição de 10/11/1940, p.1.

> pensemos! Se um dia a Russia for obrigada a participar da guerra, não é difícil, enfraquecendo-se como se espera da Inglaterra, da Italia, etc, o que resultaria da sua exhaustividade? Um novo communismo? Uma democracia moldada nos soffrimentos e nas miserias da guerra? Ou um nazismo, fascismo disfarçado ludibriando o povo russo que a ordem politica vigente fora a causa da desgraça e que agora carece de profunda remodelação? Se é que logicamente a guerra canaliza os paizes de regimens differentes para o communismo, a Russia que já é communista que destino terá? Talvez recomece por onde veio até chegar novamente ao paraizo Lenine-Stalin. A guerra traz graves consequencias, como se sabe, todavia não tão profundas e susceptiveis de arrastar o mundo inteiro á sombra da bandeira de Moscou. Puros sonhos para a phantasia dos vermelhos. Enquanto este vae, aquelle esta de volta.[22]

O editorial traduz o clima de especulação sobre o envolvimento militar da URSS na Segunda Guerra Mundial e, consequentemente, sobre um possível avanço do comunismo frente aos demais países. Para Alexandre Chitto, os brasileiros (que assistem de longe a "guerra de manchetes e notícias") têm um motivo claro de preocupação com a possibilidade da entrada em guerra dos soviéticos: o avanço do comunismo sobre os países não-europeus. O "temido" envolvimento da URSS na Segunda Guerra Mundial ocorre em 1941, ano marcado pela veiculação da maior parte dos editoriais com a temática do comunismo (seis dos nove textos). Um elemento que chama a atenção no período é o fato de 1941 ser um ano marcado pela aproximação entre Brasil e Estados Unidos, resultando no fortalecimento dos vínculos entre os dois países e no distanciamento diplomático entre os brasileiros e a Alemanha nazista. Para Seitenfus (2003), a despeito da falta de tato manifestada por seu Departamento de Estado, os Estados Unidos caracterizaram-se durante a Segunda Guerra Mundial pela coerência política no que diz respeito à diplomacia, designando com clareza desde o início seu adversário no conflito: o nazi-fascismo. "A partir daí, toda a estratégia de aproximação com a América Latina, em geral, e com o Brasil, em particular, obedece apenas ao escopo de resguardar o Novo Mundo do perigo totalitário" (SEITENFUS, 2003, p.307). No âmbito local, entretanto, o inimigo que merece destaque sob a ótica do semanário O Eco é o comunismo.

A ofensiva alemã sobre a URSS se dá no final de junho de 1941, fato que incrementa ainda mais a aproximação diplomática e as negociações para cooperação de guerra entre soviéticos e países aliados. As influências da aproximação diplomática despontam no jornal em 20 de julho, poucas semanas após o início da ofensiva. O

[22] O Eco, edição de 22/12/1940, p.1.

editorial “Efeitos de uma aliança militar” faz críticas incisivas ao comunismo e mostra preocupação com os acordos militares entre russos e ingleses:

> Quando o credo moscovita, entre nós, tinha ampla liberdade de difundir idéias, saturando de teorias o pensamento da juventude, não deixou de haver ousados afirmando que o comunismo russo é a consumação inicial dos princípios deixados por Christo sobre a terra. Esta, já vamos dizendo, era a arma perigosa com a qual os oportunistas vermelhos ludibriavam a bôa fé, arregimentando partidários inconscientes do caminho que estavam sendo arrastados. Comparar, em principio, as teorias de Christo com as de Moscou? Que absurdo, que pequenez d’alma, que incompreensão filosófica e moral, que perversidade trazer os preceitos Christo e de Stalin em pé de igualdade. É isso que, da longínqua Moscou, mas que graças á intervenção enérgica do Sr. Getúlio Vargas afastou-se do Brasil, um grupelho de filósofos cansados da vida e um reduzido numero de celibatarios cuja covardia os põem distantes de todas as responsabilidades do lar, irradia pelo orbe. (...) Passou-se o tempo. E as circunstancias da guerra obrigaram, agora, a Inglaterra a uma aliança militar com a Rússia. O que dirão com esse acordo, os anglilofilos? Continuarão combatendo o comunismo ou passarão a defende-lo? Ou usarão aquela celebre expressão desculpatoria quando se lhes pergunta da guerra teuta-russa: “Vença quem vencer, para mim é indeferente”. Cuidado! As teorias de Moscou são as mesmas após a aliança militar com a Grã-Bretanha. Cuidado! Vencendo Stalin, depois não poupará nem mesmo o desejo dos seus simpatizantes e aliados.[23]

De maneira semelhante aos editoriais da primeira fase da cobertura do conflito, o jornal procura invocar diretamente o leitor com a utilização de interjeições (“Cuidado!”) e questionamentos (“Comparar, em principio, as teorias de Christo com as de Moscou?”), colocando-se ainda mais próximo do receptor da mensagem. Trata-se de um editorial preventivo quanto à topicalidade, pois Alexandre Chitto, dentro de sua ótica, procura traçar situações futuras. Quanto ao conteúdo, novamente o editorial pode ser classificado como normativo. Nota-se a adoção de um discurso simplista e mitificador ao apontar um dualismo entre os ditos defensores do bem e os defensores do mal (“Esta, já vamos dizendo, era a arma perigosa com a qual os oportunistas vermelhos ludibriavam a bôa fé, arregimentando partidários inconscientes do caminho que estavam sendo arrastados”). Tal recurso argumentativo vai ao encontro do que Kellner (2004) considera o discurso duplo orwelliano, que opõe dois lados de maneira não crítica.

O dualismo também está presente na relação que o veículo procura fazer entre o comunismo e o catolicismo. O texto apresenta exemplos claros do esforço argumentativo desempenhado pelo jornalista Alexandre Chitto para opô-los. Neste mesmo sentido, chega às ruas de Lençóis Paulista no dia 19 de outubro de 1941 o

[23] O Eco, edição de 20/07/1941, p.1.

editorial “Os católicos e o comunismo”. O texto, conforme demonstra o trecho a seguir, trata especificamente do posicionamento contrário dos católicos norte-americanos a uma possível aliança do país com a URRS:

> A Imprensa de Madrid noticia que 35 milhões de católicos são contrários, sob todas as fórmas, a uma aliança com os soviéticos. Nos mesmos ambientes, informa-se na capital espanhola, a política de Roosevelt, a favor da Russia, tem encontrado profunda repulsa. De fato, ainda que o Sr. Roosevelt tenha razões de sóbra prestando socorros ao bolchevismo, a pretesto de que seu gesto só seria auxilio á Russia para salvaguardar as democracias e não defesa do comunismo, os católicos norte-americanos sentir-se-iam espiritualmente derrotados cooperando com o governo do seu país, levando armas e munições aos vermelhos russos. Os episódios históricos do bolchevismo estão repletos de passagens o que foi a luta dos comunistas contra a Igreja e contra todos os preceitos religiosos e espirituais. A bolchevisação da Russia foi um verdadeiro desastre para o catolicismo. Foram os comunistas que destruíram e incendiaram 22.000 Igrejas, transformando outras 8.000 em fábricas de “Wodka”, estribarias, casas de profanações e armazens. Foram os comunistas que, na Russia e na Espanha vermelha, profanaram conventos, depredaram imagens, assassinaram freiras e padres, submetendo-os antes a tristes e repugnantes torturas. Foram eles que desmantelaram os alicérces do lar, destruindo o sentimento santo e nobre entre progenitores e filhos. Sim, foram os comunistas. Basta, então, historiar um desses capítulos para que um católico: simples ou ignorante, rico ou pobre, preto ou branco sinta correr pela medula um arrepio de repulsa ouvindo profecias de um suceso moscovita nesta guerra. (...) Sentir-se-ão felizes os católicos norte-americanos pensando em contrariar o chefe da Nação em sua política de auxilio á Russia? Por certo que sim, se forem verdadeiramente católicos. Agora se forem meio cá meio lá, naturalmente a ideologia política terminará por convence-los de que o maior e melhor paraíso é o creado por Stalin. [24]

Nota-se a tendência de considerar a URSS um enigma, observando seu crescimento com apreensão. O jornal repete o uso de um editorial normativo para tratar do assunto. Os argumentos utilizados no convencimento do leitor contra o comunismo – uma extensa lista de “pecados” – são evidentes. Ao final, o autor ainda faz um questionamento que coloca em xeque aqueles que considera os “verdadeiros católicos” (“Agora se forem meio cá meio lá, naturalmente a ideologia política terminará por convence-los de que o maior e melhor paraíso é o creado por Stalin”).

É importante lembrar que na época Lençóis Paulista se caracterizava como um município de forte tradição católica e pouco populoso (aproximadamente 14 mil habitantes, segundo o censo de 1940), apesar das grandes proporções territoriais. Se para efeito de exemplificação da influência do catolicismo for considerada a história da imprensa na cidade, constata-se, conforme exposto no capítulo anterior, que dois dos

[24] O Eco, edição de 19/10/1941, p.1.

primeiros veículos impressos em Lençóis Paulista (Fiat Lux e Imparcial) foram criados – ainda nos últimos anos do século XIX – por um representante da classe religiosa local, o pároco italiano José Magnani, um dos responsáveis pelo fortalecimento dos núcleos de imigrantes italianos no município.

Outro personagem de destaque da classe religiosa lençoense no período que envolveu a Segunda Guerra Mundial é o Padre Salústio Rodrigues Machado. Figura comumente retratada nas páginas do semanário O Eco pelos trabalhos prestados ao município, o vigário, sob o pseudônimo de João Brasil, passou a constar nos registros do Deops por seu embate com simpatizantes do comunismo (BRUSANTIN, 2003, p.50).

Sabe-se, segundo a documentação histórica presente nos arquivos do Deops, que havia na região de Lençóis Paulista nas décadas de 1930 e 1940 um grupo de pessoas tratadas como subversivas e fichadas pela polícia política de Getúlio Vargas por simpatia ao comunismo. É o caso, por exemplo, do comerciante Abrahão Maluf, detido em 1941. Em nenhum momento, porém, o semanário trouxe em seus textos de capa versões ou informações sobre tais ocorridos, posição compreensível quando considerado o fato de O Eco ter nascido já sob o regime de censura getulista. A própria posição de Getúlio Vargas de repressão aos comunistas recebe apoio do jornal. No editorial "Efeitos de uma aliança militar", de 20 de julho de 1941, Alexandre Chitto ressalta o papel do líder na contenção ao comunismo ("graças á intervenção enérgica do Sr. Getúlio Vargas afastou-se do Brasil, um grupelho de filósofos cansados da vida e um reduzido numero de celibatários cuja covardia os põe distantes de todas as responsabilidades do lar"). A seqüência de fatos ilustra que a apreensão vivida em todo o ocidente católico motivada pelo envolvimento da URSS na guerra também ganha representações na página do jornal O Eco.

Outro fator de que deve ser considerado na análise é a utilização de editoriais com conteúdos normativos. Segundo Beltrão (1980), os editoriais normativos são aqueles que "intentam convencer o leitor a atuar em determinado sentido, inspirando-o, encorajando-o, exortando-o por meio de sentenças e argumentos lógicos e incitadores" (BELTRÃO, 1980, p.57). Desta forma, ao abordar o conflito sob o ponto de vista local, o semanário dirige-se ao leitor com estratégias argumentativas que visam o convencimento. Apesar de não deixar claro seu posicionamento ideológico em relação à guerra, o jornal procura, via de regra, orientar seus leitores a atuar em um determinado sentido.

Qual seria, então, este sentido que cabe à pesquisa desvendar? Em um primeiro nível, como é evidente, o jornal volta sua argumentação em oposição ao comunismo. A análise de conteúdo, no entanto, exige uma interpretação mais aprofundada na busca pelo sentido não-aparente retido nos editoriais.

Ao tratar do comunismo, mesmo adotando uma posição crítica bastante delineada, o semanário O Eco opta novamente por se ocultar (e não tomar partido) frente ao principal problema (e gênese) da guerra: o avanço do nazi-fascismo. Alguns pontos justificam tal opção. Em primeiro lugar, há o fato de o veículo ter no ocultamento de suas posições ideológicas um subsídio para sobreviver no jogo de interesses que caracterizava o período (vale lembrar que os jornais que o antecederam na região de Lençóis Paulista não sobreviveram às primeiras edições). Em seguida deve ser levada em conta a atuação da censura do regime varguista (sob vigilância, os jornalistas contavam com um representativo obstáculo para delinear claramente seus posicionamentos na época).

Contudo, o relacionamento do jornalista Alexandre Chitto com personagens do contexto político local, bem como as demais condições de produção dos textos, dão outras respostas que devem ser somadas à pesquisa. Para Kellner (2001, p.149), são as exclusões e os silêncios que podem revelar à análise o projeto ideológico de um texto midiático. Neste sentido, nota-se que a tônica anticomunista no conteúdo dos editoriais do O Eco nesta etapa da cobertura da Segunda Guerra Mundial assemelha-se do discurso movimento integralista. Conforme aponta Marilena Chauí (1978), a posição bem definida de contrariedade ao comunismo é um aspecto dos integralistas que não pode ser ignorado:

> À primeira vista, esse aspecto pode ser tido como decorrência do caráter mimético da AIB face aos fascismos europeus, ou, ainda, como decorrência do espiritualismo católico do Chefe (Plínio Salgado) que, naquela carta (enviada em 2 de janeiro de 31 a Augusto Schmidt), afirma que haverá dois blocos opostos: "por Deus e contra Deus". Se o lema "Deus, Pátria e Família" alimenta o catolicismo dos militantes e explica seu moralismo na crítica da democracia liberal que destrói os valores sagrados, esse lema também sustenta a atitude anticomunista, na medida em que marxismo, socialismo, bolchevismo e comunismo, sendo "materialistas", são ateus, internacionalistas e destruidores do núcleo familiar. (CHAUÍ, 1978, p.76)

No caso do semanário O Eco, embora não haja um posicionamento delineado do veículo sobre o nazi-fascismo, tampouco sobre o integralismo, a categorização do comunismo como temática e a proximidade argumentativa entre os discursos do jornal e

do movimento, apontam que nesta fase da cobertura da guerra houve um alinhamento entre o conteúdo dos editoriais e as estratégias da AIB. Não se trata de afirmar categoricamente se o jornal é ou não integralista, mas de reconhecer a proximidade argumentativa entre as propostas ante ao comunismo, ideário que se alinha também ao discurso da direita católica do período.

Portanto, é na interpretação de alguns dos principais episódios da Segunda Guerra Mundial (como a aproximação entre a URSS e os aliados) e em suas inúmeras correlações que os textos de Alexandre Chitto revelam – muitas vezes nas entrelinhas – as controvérsias que no âmbito local atingiam os projetos de uma classe média imigrante que sonhava com o progresso e temia o comunismo.

4.2.3 Soberania nacional em foco

É na terceira etapa da cobertura da guerra realizada pelo jornal O Eco em seus editoriais que se torna mais evidente a proposta estruturada pelo DIP na difusão dos mitos de uma nação homogênea e harmônica consolidada ao redor do líder Getúlio Vargas. Tratam-se de textos que abordam o envolvimento propriamente dito do Brasil na Segunda Guerra Mundial, colocando em foco a soberania nacional. São nove os editoriais categorizados nesta fase da cobertura, a maior parte deles veiculados entre o início e o fim de 1942, conhecido como o ano da virada na guerra (marcado pelas primeiras derrotas alemãs) e pela tomada de partido do Brasil ao lado dos aliados.

Como pano de fundo observa-se o movimento pendular do Estado Novo varguista de rejeição e aproximação em relação aos países do "Eixo" na véspera e nos primeiros anos do conflito. Ressalta Seitenfus (2003) que o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra não pode ser encarado como um simples dilema – de um lado o "Eixo" e de outro os Estados Unidos. Antes da entrada dos norte-americanos na guerra, a terceira via, da neutralidade, revestiu-se de importância, influenciando tantos as decisões internas quanto a política externa brasileira.

Neste sentido, ainda em torno da indefinição do Brasil, surgem os primeiros editoriais do jornal O Eco em defesa da soberania nacional. Em 26 de janeiro de 1941, ganha as ruas de Lençóis Paulista o editorial "Por que uma atitude do 'O Eco'", o primeiro a abordar a temática do patriotismo. O texto expõe a posição do semanário de contrariedade à Inglaterra ao tratar do bloqueio de um navio brasileiro. Apesar de o editorial não apresentar detalhes, o contexto leva a crer que se trata do conhecido caso

do navio Siqueira Campos – embarcação retida em novembro de 1940 pela Marinha de Guerra britânica ao largo de Portugal com equipamentos bélicos comprados da Alemanha em 1938. O caso demorou para repercutir na imprensa brasileira. Vigiados pela censura, os jornais não veicularam informações sobre o ocorrido no período em que foi anunciado o bloqueio inglês. A notícia só ganhou as páginas dos jornais no final de novembro de 1940, ainda sem referência de que a carga retida era composta de armamentos. A censura de informações sobre o caso do navio Siqueira Campos foi coordenada diretamente por Oswaldo Aranha, representante das relações internacionais brasileiras, que entendeu que as notícias deveriam ser dadas gradativamente (SILVA, 1972, p. 296-297). Semanas após o imbróglio diplomático, o DIP proibiu a publicação na imprensa de artigos favoráveis à Inglaterra. A seqüência de fatos nutriu o ambiente para a veiculação no O Eco do primeiro editorial em defesa da soberania brasileira, como mostra o trecho a seguir:

> Logo que deflagrou o conflicto armado entre os paizes actualmente em guerra, era justo que o pensamento internacional se abrisse em duas facções sympathizantes: os alliadophilos e os germanophilos. Os primeiros, segundo ao menos transparencia na imprensa e nos commentarios, eram em porcentagem muitíssima mais elevada do que os germanophilos. A conta de que a Inglaterra era defensora da justiça e do direito internacional, impondo-se pelas armas, a custa de vidas e sacrifícios, quando o seu inimigo tentava transgredir o brio e a livre existencia dos pequenos em potencia bellica, essa atitude era admirada como gesto admiravel e digno de constituir um bello capitulo nas paginas da história do universo. Quasi no mundo inteiro, tanto nos grandes como nos pequenos centros, commentava-se os factos da guerra actual com profunda sympathia a favor da Inglaterra. As suas façanhas guerreiras eram tidas como pura defesa do direito e da justiça internacional. Essa era a glória que a Inglaterra desfrutava, até hontem bem dizer, no pensamento dos povos de perfeita neutralidade, tal o brasileiro, e desejosos de uma paz urgente e duradoura. Mas diante da attitude inamistosa para com o Brasil, aliás injustificavel e desrespeitosa á dignidade nacional, applicando á nossa pátria um bloqueio de inimigos e brutal, a Inglaterra cahiu em desagrado da sympathia dos brasileiros, ciosos de sua altivez patria e do seu glorioso passado. Desagrado esse hoje tão accentuadamente manifesto na consciencia dos lençoenses.[25]

Mais uma vez, o jornalista Alexandre Chitto apresenta um texto com características de um editorial normativo. O trecho transcrito reforça a posição do semanário em defesa da neutralidade brasileira – tendência verificada no período que antecede a entrada dos Estados Unidos no conflito. Aos olhos do jornal (sob orientação do DIP, evidentemente), a atitude da Inglaterra (que temia que a chegada do material

[25] O Eco, edição de 26/01/1941, p.1.

bélico ao Brasil pudesse ser usada pela propaganda alemã) foi considerada inamistosa por ferir a soberania nacional.

Cerca de dois meses após a publicação do editorial com teor crítico à Inglaterra, a guerra ganha mais uma vez as páginas do semanário sob o enfoque do envolvimento brasileiro. O editorial "Diplomacia brasileira", de 6 de abril de 1941, apesar de ter sido veiculado logo depois da declaração de apoio dos norte-americanos aos aliados, ainda ressalta valorização da posição de neutralidade do Brasil, conforme ilustra a transcrição a seguir:

> Irrompendo a guerra na Europa, o mundo havia de abrir-se em duas partes extremamente oppostas, disputando pelo desfecho final da lucta com a victoria da nação sympathica. E com isso entrou em jogo a diplomacia. Conhece-se o papel preponderante que está desempenhando a artimanha e a argucia diplomatica no desenvolvimento da actual guerra. Ultimamente, nos Balcans, a arma de conquista foi mais a diplomacia do que as próprias armas. E dispostas nos quatro quadrantes do orbe, as forças diplomaticas vão agregrando sympathizantes cada qual ao seu redor. Não só como attrahem cooperação bellica e alimentar. Tornam-se, em fim, as favoritas dos paizes que não lhes resistem às batidellas nas costas. É bem reduzido o numero de nações dos differentes continentes que actualmente ainda não hajam manifestado a sua opinião pelo lado do qual nutrem o desejo de victoria. Na Europa, excepto o enigma russo, que estudando-o bem, a sua neutralidade tambem não é de todo absoluta, os paizes do velho mundo já se manifestaram. E agora não só sympathizam como trabalham para que o curso dos acontecimentos não se altere desfavoravelmente ao seu favorito. Na America, os Estados Unidos já escolheram o seu partido e já tomam parte activa com o envio de viveres e munições á Inglaterra. Na America do Sul si bem que atraz dos bastidores das altas espheras governamentaes de muitos paizes se manifeste o regosijo pela victoria de um ou de outro, manifestações abertas denunciando a pendencia official ainda não houve. A America do Sul portanto, não esta integrada activamente na lucta. Ao menos esforça-se para uma politica de absoluta neutralidade. Mas a diplomacia mais fina, mais leal, verdadeiramente imparcial e digna de todos os incomios, por ser baseada na pura e manifesta neutralidade, é a exercida pelo Brasil. Pondo de lado o nosso fervoroso patriotismo, precisamos confessar, sem rodeios nem subterfugios que o Brasil, integrado na politica da personalidade do sr. Getulio Vargas soube, até agora, manter-se numa linha de conducta de grande envergadura, de molde a não desagradar ambos os litigantes, uma vez respeitada a dignidade nacional. E seguindo essa rota de absoluta neutralidade, amanhã, terminada a guerra, vencido e vencedor não terão que lamentar o procedimento do Brasil e do seu governo com relação a um conflicto completamente extranho á sua existencia externa e interna.[26]

Carregado de expressões patrióticas, o editorial compartilha com a idéia de uma nação forte e firmemente conduzida por Getúlio Vargas ao mesmo passo que defende neutralidade dos brasileiros frente à guerra. Nota-se que o posicionamento de mão dupla adotado pelo Estado Novo frente ao conflito reflete na estratégia de ocultamento

[26] O Eco, edição de 06/04/1941, p.1.

adotada pelo semanário. Ao defender a postura do Brasil de "não desagradar ambos os litigantes", o jornal novamente transparece sua preocupação de não tomar partido para sobreviver no jogo de diferentes interesses do período.

Entretanto, a partir de 1942, o argumento da neutralidade adotado pelo Estado Novo e defendido pelo O Eco perde espaço com as novas movimentações no xadrez diplomático. Em janeiro deste ano, após uma série de negociações com os demais países da América do Sul e – sobretudo – com os Estados Unidos, culminadas na Conferência do Rio de Janeiro, o Brasil rompe suas relações diplomáticas com o "Eixo". Pela primeira vez desde 1930, o país demonstra colocar em prática uma política externa correspondente a interesses bem definidos (apesar das contradições ainda serem numerosas). A resolução assinada no Rio de Janeiro prevê medidas econômicas que reforçam a coerção intra-americana ao redor dos Estados Unidos (SEITENFUS, 2003, p.282-283). De outro lado, os novos passos dados pelos brasileiros motivam os países do "Eixo" a desconsiderarem a posição de neutralidade brasileira e a promoverem ataques contra a marinha mercante nacional. A situação se agrava e no final de agosto de 1942 o estado de beligerância antes declarado pelo Brasil é transformado em estado de guerra contra a Itália e a Alemanha. Seitenfus (2003) numera três fatores principais que determinam a orientação definitiva da política externa brasileira nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial:

> O primeiro é a atitude agressiva e equivocada da Alemanha, que perde em algumas semanas tudo o que ela havia conquistado, graças ao trabalho paciente de sua colônia, bem como à complementaridade das economias dos dois países e às inegáveis simpatias que o III Reich desfrutava de parte da elite dirigente brasileira.
> O segundo fator é a nomeação de Oswaldo Aranha para o Itamaraty. Ele ingressa em posição de força. O acordo tácito com Vargas, prometendo não se envolver na política interna do país, deixa-lhe as mãos inteiramente livres nas questões externas. Sua forte personalidade, suas estreitas relações pessoais com Getúlio Vargas, sua grande admiração pelos Estados Unidos e pelo presidente Roosevelt, bem como as péssimas relações que mantém com a embaixada alemã, fazem com que o responsável pelo Itamaraty desenvolva uma ativa política pró-americana, a partir de março de 1938.
> O terceiro fator importante é a eclosão da guerra na Europa e a impossibilidade de tornar efetivas, através, por exemplo, de uma cooperação econômica em larga escala, as intenções ainda remanescentes de aproximação entre Berlim e o Rio de Janeiro. (SEITENFUS, 2003, p. 309-310)

Apesar de tomar partido no conflito ao lado dos aliados e em defesa da democracia, as contradições que envolvem o Estado Novo permanecem. A assinatura do

"estado de emergência" por Vargas em março de 1942 concentra apenas nas mãos do Executivo todos os poderes nacionais. Neste contexto, marcado pela intensificação do caráter repressivo do regime getulista, a soberania nacional continua em pauta no jornal O Eco. Em 1942, entre março e dezembro, são veiculados sete editoriais abordando a temática. Verifica-se que mesmo após a saída de cena do argumento da neutralidade, os mitos patrióticos de uma nação sólida e homogênea permanecem como tônica no conteúdo dos textos.

Em 22 de março de 1942 é veiculado o editorial "Cooperação e patriotismo". O texto é o primeiro a abordar o alinhamento brasileiro junto aos aliados, conforme ilustra o trecho a seguir:

> A guerra nos colocou diante de um estado de cousas que não poudemos adiar por mais tempo a atitude dicisiva e inabalavel que tomamos. As diretrizes do Brasil foram delineadas pelo sr. presidente da Republica e dentro delas devemos seguir o caminho de nossa conduta. Nesta hora em que o Brasil atravessa, cada brasileiro deve ter plena consciencia das responsabilidades sociais, políticas e individuais assumidas ante o altar da patria, com a obrigação de dedicar-lhe profundo despreendimento moral e cívico, cooperando na manutenção da ordem, confiança e ritmo da vida nacional. Cada brasileiro deve representar uma sentinela, escolher um posto avançado no território do país, para que nada se desvirtue, nada sofra empedimento tentado pelos pretensos destruidores das nossas fronteiras. É preciso que nos coloquemos bem alto, num ponto bem proeminente da patria onde a reunião dos fatos não escape á nossa observação, porque todas as vias são caminhos abertos para infiltrações venenosas, ora introduzidas por elementos dos paizes com os quais estamos de relações cortadas, ora por oportunistas disfarçados em patriotas, que, entretanto, implantam verdadeiramente o confucionismo, dando assim expansão á sua ideologia exotica e sem fronteiras.[27]

Seguindo a classificação de Beltrão, o editorial pode ser enquadrado como "de ação" no que se refere à topicalidade, pois procura esclarecer os acontecimentos ao público ainda sob o impacto do novo posicionamento brasileiro. Porém, o que mais uma vez chama atenção no texto é o conteúdo normativo demonstrado na convocação dos brasileiros em defesa da pátria. Observado em seu contexto, o editorial revela uma inversão de valores que merece ser interpretada: ao advertir cuidado com os "elementos dos paizes com os quais estamos de relações cortadas", Alexandre Chitto se refere também à Itália, país com o qual sempre nutriu laços. É importante lembrar a relação alimentada por décadas entre a família Chitto e a colônia italiana de Lençóis Paulista: engajado na política da localidade, o imigrante Mauro Chitto, patriarca da família, foi

[27] O Eco, edição de 22/03/1942, p.1.

presidente da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, criada no município pela colônia italiana como forma de mútua assistência aos estrangeiros e descendentes. A sociedade, que durante anos foi o único clube da cidade, teve seus bens confiscados e foi fechada, a exemplo de outros centros de propagação da cultura italiana, justamente após a tomada de posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Foi neste período, marcado pelos anos de 1942 e 1943, que Vargas assumiu com maior clareza sua posição contrária ao nazi-fascismo, mudando também o caráter da perseguição aos integralistas enquanto inimigos do Estado. Desta forma, não causa estranhamento o fato de o conteúdo anticomunista dos editoriais – estratégia que se assemelha da tônica integralista – ter se atenuado nas páginas do O Eco a partir do início de 1942. Entre janeiro e dezembro de 1942, apenas um editorial aborda o comunismo como temática (no ano anterior foram seis as vezes que a temática se repetiu).

Por outro lado, a inversão de valores verificada no conteúdo do jornal pode ser justificada pela boa integração da colônia italiana estabelecida em Lençóis Paulista[28]. Ao contrário das colônias alemãs dos estados do sul, os italianos do interior de São Paulo sofreram apenas parcialmente o choque da política de nacionalização empreendida pelo Estado Novo entre 1937 e 1938. Neste sentido, apesar da tentativa de aproximação entre a diplomacia italiana e Plínio Salgado (líder da AIB, "uma filha autêntica do fascismo") no período que antecedeu a tomada de posição do Brasil, a falta de objetivos diplomáticos definidos e a admiração mantida pelos líderes da península por Getúlio Vargas ("um chefe heróico aos moldes de Mussolini") abriram caminho para que a colônia aceitasse mais tranquilamente as diretrizes rígidas impostas pelo Estado Novo a partir de 1942.

No caso do semanário O Eco, os reflexos das orientações varguistas não tardam a aparecer e assuntos das mais diferentes naturezas são utilizados nos editoriais em defesa da soberania nacional. Em 30 de agosto de 1942, poucos dias depois de oficializada a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do "Eixo", é publicado o editorial "Momento decisivo para o Brasil". O texto, conforme ilustra o trecho a seguir, volta a fazer alarde em torno do sentimento patriótico:

---

[28] Vale ressaltar que entre os cerca de 25 mil soldados brasileiros que partiram para a Europa, em setembro de 1944, para integrar o exército aliado, havia alguns lençoenses: Mário Damico, Anísio Lopes Carneiro, Tito Colomera e Armando Dalben, os dois últimos descendentes de famílias italianas.

> Desde que o Brasil decretou-se em estado de guerra com a Itália e Alemanha, estão em jogo os destinos de nossa pátria. E portanto cabe a cada um de nós enfrentar a situação com uma linha de conduta altiva, patriota e inquebrantável, que na vida militar tem como patrono o grande inesquecivel Duque de Caxias. Enquanto que o Brasil não havia ainda tomado dicisivamente partido, cada qual, brasileiro ou extrangeiro, era-lhe facultado o direito de pensar livremente quanto aos assuntos da guerra internacional. Mas depois que nossa pátria definiu sua atitude e pela defesa da qual empenhará todas as suas forças, é justo que a nenhum brasileiro lhe é lícito gastar um só pensamento que não seja em benefício da causa comum nacional. De norte a sul, de leste ao oeste, cada brasileiro deve representar uma sentinela, quando não armada de fusil, armada do alto ideal de combater os perigosos e reunir os bens intencionados, cooperando assim tanto no trabalho como na manutenção da órdem, podendo-se, com essa cooperação mutua, descobrir mais facilmente as células daninhas que tentarem infestar o corpo gigantesco do Brasil.[29]

Nota-se o posicionamento do semanário de contrariedade à livre manifestação de pensamentos, corroborando com idéia de um sentimento nacional e homogêneo propagado pelo Estado Novo. Outro texto, publicado uma semana depois, segue o mesmo caminho. Veiculado em 5 de setembro de 1942, o editorial "A Goiana Francêsa como trampolim" volta a tratar da soberania nacional ao levantar a possibilidade do país vizinho ser utilizado como ponto para um ataque ao Brasil:

> É mundialmente conhecido o motivo pelo qual o Brasil entrou a participar ativamente da atual guerra. Não o levaram desejo de conquista e menos ainda capricho de emiscuir-se em assuntos que não fossem extreitamente ligados á integridade da sua soberania, da sua grandeza e das suas tradições. A guerra do Brasil foi antes de tudo uma resposta a altura ao atentado do eixo contra a indefesa navegação mercantil nacional, cujas perdas materiais e morais jamais haveriam sido reivindicadas de outra maneira. Portanto, estamos em estado de beligerância com a Itália e Alemanha ha quinze dias. E agora resta-nos pensar de um modo inteiramente diferente do até então. (...) Notícias de fontes eixistas dizem que o Brasil está na eminência de ocupar militarmente a Goiana Francesa, sendo, todavia, esta noticia foi desmentida pelo sr. Oswaldo Aranha como farça injustificavel. Mas, relembremo-nos que a Goiana Francêsa faz divisa com o norte do Brasil e o eixo não se esqueceu disso, já faz referências. E dadas ás manobras da política incerta de Laval, seriamos otimistas demasiado descuidar da Goiana Francêsa, principalmente em tempos como estes a qual poderá servir, justamente, de trampolim a um corpo de exército expedicionário inimigo para atacar de surpresa o Brasil. Não facilitemos pois. [30]

No texto, o jornalista Alexandre Chitto mantém a tendência de uso de editoriais normativos ao reproduzir argumentos incitadores que orientam os leitores a seguirem uma determinada conduta: neste caso, a defesa do patriotismo frente às contradições da

[29] O Eco, edição de 30/08/1942, p.1.
[30] O Eco, edição de 05/09/1942, p.1.

Segunda Guerra Mundial. A tendência é mantida em outras publicações. Até mesmo uma campanha de Natal da Legião Brasileira de Assistência (LBA) torna-se motivo para a veiculação de um editorial que resgata a temática da soberania nacional. O texto, veiculado no dia 13 de dezembro 1942 sob o título de "Um presente de Natal", convoca as crianças de Lençóis Paulista a doarem presentes aos filhos dos convocados para o exército:

> A geração brasileira atual nunca conheceu um Natal com a Pátria em guerra. Chegando as festas de fim de ano, povo brasileiro, no seu sentimento humanitário, voltava o pensamento para as crianças pobres, presos e doentes, enviando-lhes presentes e cartas, confortanto-os material e espiritualmente. Mas respondendo á sanha dos inimigos do Brasil, atacando a nossa marinha mercante em próprias águas nacionais, o Natal de 1942 encontra-nos numa luta que nos obriga patriótica e humanitariamente alargar os pensamentos não só para os pobres, presos e doentes, mas também para os diferentes pontos da pátria, onde lá se encontram os soldados destacados no cumprimento do dever. E justamente atendendo esse apelo patriótico que a Legião Brasileira de Assistência incluiu também na sua atividade benéfica o ensejo de proporcionar um Natal alegre aos filhos dos que foram convocados ás armas. (...) Assim a L.B.A., porta vóz de todo esse sentimentalismo patriótico, apela para as crianças abastadas de Lençóis para que enviem um presente de Natal aos seus pequenos compatriotas de coração saudoso pelo ente que está garantindo, de armas em punho, a integridade do Brasil.[31]

Seja ao tratar da possibilidade de ataque à Guiana Francesa ou ao incorporar uma campanha para doação de brinquedos aos filhos de combatentes, as diferentes manifestações de defesa do patriotismo e da soberania nacional dadas pelo semanário O Eco em seus editoriais permitem uma interpretação: verifica-se que ao ser pautado pelo DIP, reproduzindo em suas páginas a imagem mítica construída em torno de um líder nacional, o jornal contribui para a consolidação no âmbito local do fenômeno populista encabeçado por Getúlio Vargas. Tal fenômeno deve ser entendido também no contexto da comunicação. Neste sentido, o apelo à comunicação de massa surge como um instrumento capaz de propiciar uma espécie de arregimentação a governantes que o povo não legitimou pelo voto (MELO, 1981, p. 16). Reconhecendo a importância dada pelo regime de Vargas à questão da opinião pública, nota-se com clareza a cooptação realizada pelo DIP no âmbito do jornal O Eco. A própria inversão de valores apresentada pelo veículo – da crítica ao comunismo à defesa da soberania nacional,

[31] O Eco, edição de 13/12/1942, p.1.

passando pelas demais nuances verificadas no conteúdo dos textos – reflete o delineamento de conduta apontado pelo braço repressor do Estado Novo.

A análise dos editoriais demonstra o peso sentido pelo veículo do decreto-lei 1.949, sobretudo dos artigos 10 e 11 (que tratam das penalidades pela transgressão das instruções oficiais), bem como da intensificação da vigilância realizada pelo DIP após a tomada de posição do Brasil no conflito. Se nesta fase da cobertura o semanário não mais oculta seu posicionamento frente à guerra, defendendo com ênfase a opção brasileira de alinhamento aos aliados, por outro lado segue à risca, sem questionamentos, as diretrizes do Estado Novo. Observa-se, portanto, que o papel desempenhado pelo jornal O Eco sob o peso da censura reflete, em nível local, o vácuo de trabalhos críticos realizados no período, fenômeno que Rubem Braga (1985, p.8) denomina de "simples literatura de exaltação cívica".

4.2.4 O viés econômico nos editoriais

A Conferência do Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, é determinante para o abandono da neutralidade brasileira na guerra em favor dos aliados. São três os grupos de medidas assinados entre os países americanos na reunião diplomática. Além do combate às atividades subversivas de simpatizantes do "Eixo" e da questão militar de defesa do continente, a conferência também resulta em um conjunto de medidas sobre a cooperação econômica. Desde então, a economia passa a pautar cada vez mais a opinião pública no período.

A cooperação econômica é um dos principais fatores a aproximar o Brasil dos Estados Unidos desde 1941. No final deste ano, Getúlio Vargas chega a declarar que os mercados europeus perdidos pelos brasileiros em virtude da guerra são compensados pelo desenvolvimento do comércio com a América. A recuperação econômica citada por Vargas diz respeito principalmente ao comércio de algodão, prejudicado pela perda dos mercados alemão e japonês. Com a Conferência do Rio de Janeiro, várias resoluções de ordem econômica são assinadas com o objetivo de:

- Aumentar as relações comerciais interamericanas;
- Desenvolver a produção de material estratégico;
- Manter a segurança das vias de transporte no hemisfério;

- Manter a organização econômica do hemisfério;
- Romper as relações comerciais e financeiras com o "Eixo";
- Controlar as operações bancárias vinculadas ao "Eixo";
- Desenvolver produtos de base;
- Aumentar investimentos mútuos. (SEITENFUS, 2003, p. 275-276).

Neste contexto, marcado já pelo envolvimento brasileiro na guerra, encontra-se a quarta fase de cobertura nos editoriais do jornal O Eco. Nota-se nesta etapa que o semanário adota, sobretudo a partir de 1943, uma cobertura da Segunda Guerra Mundial pelo enfoque econômico. São categorizados 19 textos sob esse enfoque, 17 deles veiculados entre janeiro de 1943 e maio de 1944.

Os primeiros reflexos da política de cooperação econômica são percebidos nos editoriais do O Eco em março de 1942, com a publicação do texto "Mais pessimismo que realidade". O editorial trata justamente da substituição das exportações européias pelas intra-americanas, conforme ilustra o trecho a seguir:

> É verdade que a guerra cortou quasi que totalmente o intercambio entre as americas e a europa. E dessas circunstancias originou uma incerteza e desconfiança de relação comercial que mui pessimisticamente a classificamos com o alarde vocabulo de crise. E por todos os efeitos deve ser crise, não obstante, hoje, o Brasil ser o principal exportador do mundo. Escapa-nos da lembrança que o intercambio antes havido com a Europa, agora è largamente recompensado com as transações intra-americanas. Em crise devem falar seriamente os paizes cuja produção geral já não tem mais lugar em suas terras, atingiram o nível maximo. Os paizes que dentro dos quais a colheita de cogumelos, morangos e outras cousas que os valham pesam assustadoramente na balança da sua economia. Mas para o Brasil, país ainda não milenar e de riquezas de um futuro incalculável, as guerras e as revoluções, por enquanto, não passam de acontecimentos passageiros, rapidos como as enchentes dos rios que logo nos primeiros dias de bom tempo as aguas descem para o leito tomando-o curso calmo e continuo. (...) Hoje, o mundo necessita dos recursos economicos brasileiros e se a sua produção abarrotassem os mercados consumidores, os nossos produtores haveriam então de procurar novas vias, como por exemplo fosse a exploração de lã, peles etc., que para isso e demais atividades temos espaço e bom senso. Assim, analizando os fatos tais como manda a logica, falarmos em crises assustadoras é mais pessimismo do que realidade. [32]

Nota-se pela primeira vez desde o início da cobertura da Segunda Guerra Mundial em seus editoriais que o semanário deixa de lado a característica normativa que

[32] O Eco, edição de 29/03/1942, p.1.

vinha adotando nos textos e aborda a guerra por meio de um editorial de propriedades mais informativas, explorando os aspectos econômicos do conflito.

Após a tabulação dos dados, pode-se afirmar que o veículo apropriou-se do conflito bélico para tratar de temas de seu interesse, retratando a guerra, evento de ordem militar, por meio de suas influências no âmbito local. Em alguns casos, a opção foi por temas econômicos com referência direta à cidade, como é o caso do texto "Seda paulista nos Estados Unidos", veiculado em 10 de janeiro de 1943, conforme demonstra o trecho a seguir:

> Muitos dos agricultores lençoenses terão lido, por vezes, os nossos editoriais, fazendo alusão ao futuro da sericultura e a qual passaria a representar uma das principais fontes de riqueza do Estado de São Paulo. O nosso intuito era, principalmente, reanimar os sericultores lençoenses que haviam iniciado a interessante e rica atividade produtiva, acertando, dessa maneira, o caminho produtivo que lhe abria um futuro bastante promissor. E que abandonaram, depois, por abuso dos mercados compradores, quando já se achava ás portas as medidas governamentais, assegurando-lhe maior expansão, registrada em muitos pontos do Estado nestes últimos tempos. A guerra, porém, abreviou as espectativas. Com a eclosão do conflito nipo-americano, fecharam-se os mercados abastecedores para os Estados Unidos. E estes voltaram as vistas para o Brasil, vendo em nosso país as possibilidades de exportar grandes partidas para o seu consumo. Em tempos normais, o Japão remetia aos EE.UU seda no valor de três bilhões de cruzeiros, ou sejam tanto quanto a exportação exterior do Estado de S.Paulo nos seus melhores exercícios. A guerra necessita fabulosas quantidades de seda: confecção de paraquédas, sacos para polvora e outros apetrechos. E as possibilidades brasileiras, hoje, são consideradas as únicas para garantir avultado consumo, do qual os exércitos aliados tanto dependem para sua perfeita e moderna organização. Segundo as últimas divulgações da imprensa paulista, as indústrias norte-americanas já estão utilizando a seda brasileira, não obstante ainda seja a titulo de experiência. Todavia espera-se que o resultado alcance as melhores espectativas. Assim o Brasil estará á mão com uma nova e grande fonte de riqueza. [33]

Outro exemplo da estratégia adotada pelo O Eco de tratar de temas econômicos relacionados diretamente aos produtores do município é o editorial "Cousas de após guerra", publicado em 20 de junho de 1943. No texto, como ilustra o trecho transcrito a seguir, o jornal faz especulações sobre o impacto do final da Segunda Guerra Mundial na economia local e defende a policultura. A defesa da policultura, aliás, é outra bandeira defendida pelo jornalista Alexandre Chitto nesta etapa da cobertura da guerra.

> Hoje, um município como o de Lençóis, possuindo ricas culturas de cana e algodão, os agricultores não haveriam mais nada que pensar , se não fossem tomadas pelo ardor e entusiasmo progressistas. Pois, as duas

[33] O Eco, edição de 10/01/1943, p.1.

> produções podem garantir grandes riquesas e sólida estabilidade economica. Odiernamente sobrepujam a lavoura cafeeira, não obstante ser inagavel a pesada concorrência do Ouro Verde na balança da economia brasileira. Ainda que assim seja, que o município de Lençóis esteja preparado para um surpreendente desenvolvimento da indústria da cana e cultivo algodoeiro, os agricultores não devem depositar cega esperança numa única monocultura. Por que, nesta terra, num país em posição como o Brasil, as oscilações de preços são sempre ascendentes. Terminado o conflito, entretanto, o qual não tardará, segundo autorizados prognosticos, a dúvido de baixa pode ocasionar um fenômeno de órdem econômica como o após guerra de 1914. Depois da guerra de 1914, as compras e vendas passaram por estágio de seis meses de paralização total, desiquilibrando completamente a vida comercial. E os desastres foram tão irreparaveis tanto quanto eram invaraveis e grandes os estoques e produções. Os municípios policultores, como tivemos exemplo próprio, e o comércio miudo foram os que mais sobreviveram ao colapso econômico. (...) Por isso convem estarmos precavidos com as monoculturas e os estoques. A pás vem aí.[34]

Além da tendência de tratar localmente dos assuntos, grande também é a incidência de editoriais com tons otimistas. Mesmo ao retratar uma guerra, o semanário apresenta um volume representativo de textos sobre economia com enfoques otimistas. Na maioria das vezes, o otimismo aparece rebuscado em assuntos como o aumento da possibilidade exportação dos produtos locais e nacionais. Expressões como "reanimar sericultores" ou "garantir os mercados", assim como adjetivações do tipo "grandes estoques e produções", "transformação rápida" e "rica atividade produtiva" exibem o caráter de "a guerra pode nos fazer bem" com o qual os textos são construídos. O editorial "Causas da guerra", veiculado no dia 2 de abril de 1944 e transcrito a seguir na íntegra, consiste em um exemplo claro do tom otimista utilizado pelo jornalista Alexandre Chitto ao abordar assuntos ligados à economia:

> Ha poucos dias, tivemos o ensejo de ouvir um conceituado negociante e criador de gado de Ribeirão Preto, um dos principais centros pastoris paulistas. Depois de feitas inúmeras referências sobre sua terra, o nosso interlocutor disse nos que em Ribeirão Preto o comércio de gado, atualmente, é um fato surpreendente, todavia os negócios seguem um círculo vicioso. Isto é, compra-se e vende se em alta escala, porem o gado, quasi totalmente, permanece no município. E a uma pergunta nossa por qual motivo esse comércio de retenção, talvês suscetivel de baixa após guerra, o abastado fazendeiro prognosticou-nos que o fim da conflagração, de forma alguma, poderá afetar o mercado de gado. Haverá, antes, tendências para maiores altas. Dados os primeiros passos pora o armistício, a Europa importará gado não apenas com o fim de abastecer-se de carne, mas tambem para repovoar da pecuária, as regiões devastadas pelo vai e vem dos exércitos em luta. E o Brasil, naturalmente, se apresentará como um dos principais fornecedores. E de fato, conforme pensa o nosso interlocutor, não se pode por em dúvida que, enquanto a indústria bélica norte-americana não for transformada em aparelhamento de produção, nossa Pátria será o fornecedor número um dos mercados

[34] O Eco, edição de 20/06/1943, p.1.

> internacionais. Um exemplo típico o temos quando as tropas do "eixo" abandonaram a África, arrasando tudo, deixando aqueles povos em petição de miséria. Entrando os aliados no continente africano, imediatamente procuraram abastecer a população, facultando-lhe meios rápidos para o acesso aos mercados amigos. Diz-se mesmo que o estado econômico dos africanos era tão deprimente que os aliados se viram na contingência de transportar os compradores por via aérea. E estes vieram ao Brasil, justificando-se assim a alta de certos produtos. E por isso o fazendeiro de Ribeirão Preto diz que, naquele local, o gado troca de mão, mas não sai do município.[35]

Nesta etapa da cobertura, o clima de otimismo com a economia também ganha outras seções do semanário O Eco. No dia 19 de dezembro de 1943, por exemplo, o jornal abre mão – de maneira inédita – da publicação de seu editorial de capa para a veiculação, com bastante alarde, da notícia da inauguração da destilaria central de Lençóis Paulista, conforme ilustra a imagem a seguir:

[35] O Eco, edição de 02/04/1944, p.1.



ALEXANDRE CHITTO

ANO V | S. PAULO | (ÓRGÃO SEMANAL) Lençóis, 19 de DEZEMBRO de 1943 | BRASIL | NÚMERO 239

Inaugurou-se a Distilaria Central de Lençóis

Presentes o dr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do I.A.A., e outras altas autoridades daquel autarquia - Visita da luzida comitiva à Prefeitura e ao Hospital N.S. da Piedade - Os discursos - Almoço na Rocinha - outras notas

Teve lugar ùltima, com a presença do dr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do I.A.A., e outras altas autoridades, a inauguração da Distilaria Central de Lençóis, cuja solenidade revestiu-se da maior simplicidade, mas com um caracter que fez Lençóis transformar um dos seus grandes dias, tanto na sua vida econômica como na social.

A ausência da presença do dr. Barbosa Lima Sobrinho e sua lúzida comitiva ao ato inaugural, preenchido de grande vulto a população lençoense desde as primeiras horas da manhã, a nossa cidade assumiu-se num ambiente festivo, traduzindo claramente o justo desejo de um povo manifestar o seu tributo ao ilustre presidente do I. A. A. que vai tão boa hora sondar e inspecionar os altos anseios dos canavieiros desta terra.

De fato, a recepção condigna à desejada homenagem que os lençoenses queriam prestar ao dr. Barbosa Lima Sobrinho, aos seus companheiros de viagem ao dr. Eurico Torres e seus auxiliares ao dr. Nelsón Pontual e seus auxiliares e finalmente ao I. A. A.

A chegada a Bourú

Cabe no dia 18 para o 17 ao haveasse notorno na Sorocabana, o dr. Barbosa Lima Sobrinho viajou pela Paulista, chegando à Capital da Terra Bandeirante às 7 horas e onze minutos. Integrava a comitiva dr. Breno Pinheiro, chefe do seu gabinete; dr. F. Oliveira; dr. Lucido Leite, contador do I. A. A; dr. Jayme Richuri, gerente da Distilaria de Campos, Estado do Rio; dr. Stello Penanti, Delegado do I. A. A. em S. Paulo; dr. Sergio Pinheiro e dr. Albert Heibe.

A' chegada os ilustres visitantes foram cumprimentados por pessoas que de Lençóis horam à sua espera a saber: dr. Leão Tocci, governador da cidade, dr. Jayme de Barros Campelo, delegado de Lençóis, sr. Lucio Bosi, coletor federal; sr. Bruno Brega, coletor estadual; prof. João Vilasa Nogueira, Diretor do Grupo Esperança de Oliveira; sr. Antonio Tedesco; dr. Nelsón Pontual, encarregado da Distilaria local; dr. Edgar do Torres, executor do Mobilização Econômica; dr. Alcides de Guanabara Filho, chefe da Secção Técnica e Industrial; sr. Rubens Trilglio, escriturário da Distilaria; sr. Aristeu Barbosa, escriturário da Distilaria; sr. Gino Bosi, sr. João de Moura Camargo, representante a I.A.A. sr. Antonio Lorenzetti Filho e o sr. Alexandre Chitto, da imprensa local.

Deixou da Estrada de Ferro em Bauru, onde o dr. Barbosa Lima Sobrinho quiz saudar algumas pessoas da cidade, a primeira escala feita pela comitiva nesta cidade.

Em Lençóis

Chegando à Lençóis às 10 horas, mais ou menos, foi recebido pelo Prefeito, as bandas musicais do 4.o B.C., a Liga Lençoense e povo em geral, recebeu festivamente a luzida comitiva, rendendo-lhe expontânea e justa homenagem.

Em seguida, formou-se extenso cortejo, visitantes, autoridades e povo, dirigiram-se à distilaria, onde o revmo. Vigário benzeu a nova indústria lençoense, procedendo ao imediatamente o ato inaugural, pelo sr. presidente do I. A.A. Sendo depois servido um coock-tail de champanhe, falando por essa ocasião o dr. Leão Tocci, que, num belo e oportuno discurso, agradeceu a presença do dr. Barbosa Lima Sobrinho ao ato inaugural. E ao mesmo tempo externou seus agradecimentos em nome do povo e dos canavieiros lençoenses, pela rápida interpretação do I. A. A. instalando a distilaria.

Agradeceu o dr. Barbosa Lima Sobrinho ao discurso do dr. Leão Tocci.

Concluida a cerimônia inaugural, a comitiva, acompanhada de um grandioso séquito, visitou a Prefeitura Municipal sendo ali oficialmente saudada pelo revmo. Vigário pe. Salustio R. Machado, cujo improviso foi uma verdadeira peça oratoria, da qual o ilustre presidente do I.A.A. pode resumir o passado, o presente e o que será o futuro de Lençóis. S. Excia. respondeu à saudação com um belo e significativo improviso. O ilustre visitante e comitiva visitaram ainda o hospital Nossa Senhora da Piedade, onde colheram ótima impressão.

Mais tarde, o carinhoso convite para o almoço no aprazivel bairro da Rocinha, sendo lugar ali um lauto almoço, oferecido pelo I.A.A. aos visitantes, às autoridades locais, pessoas representativas de Lençóis e cidades visinhas.

Ao pesame saudaram-se os oradores, o sr. Barbosa Lima Sobrinho, dr. Leão Tocci, e demais oradores, dr. Breno Pinheiro, dr. Jacques Wilmer, sr. Stello Penanti, dr. Alcides Guanabara Filho, sr. João B. Moura Camargo, dr. Adalberto Heibe, sr. Lucio Bosi, sr. Bruno Brega e outras pessoas, sra. Maria Teresa de Brega, dr. Lucio de Barros Campelo e outras pessoas, dr. Nelsón Pontual de Oliveira Torres e outras pessoas, prof. Augusto R. Machado, sr. José Vicente Sobrinho, sr. Stello Penanti, sr. João B. Vilasa Nogueira, sr. Antonio Tedesco, sr. Antonio Lorenzetti, sr. Antonio Tedesco, sr. Sr. Murrai de Carvalho, sr. Paulo Barbosa, prefeito de Bocaina dr. Gary Silveira, prefeito de Pederneiras, sr. Adolfo A. Pascoto, sr. Flavio Campanari, capitão, José Antonio Coelho, representante do comandante do 4.o B. C. tas, João F. de Barros, representante do 6.o C. R., sr. Jaime Fernandes, sr. Antonio Lima, dr. F. Oliveira, dr. João de Araujo, governador

Legião Brasileira de Assistência

NATAL DOS POBRES

Conforme noticia já publicada, o Natal dos Pobres, este ano, constará de uma distribuição de roupas e doces aos necessitados.

Hoje, dás 14 horas em diante as familias inscritas poderão procurar seu donativo na séde do C.M. da Legião Brasileira de Assistencia, junto à Prefeitura.

Convidam-se os legionários e a todos em geral para assistirem a essa distribuição.

A DISTILARIA

A Distilaria de Lençóis vem uma concretização de grandes emprehendimentos [illegible] para a [illegible] destinados aos operarios, a alta torre de 36 metros de altura, onde se acha instalada a coluna da destilação e outras importantes aparelhos, cuja enumeração o faremos à medida que nos for possivel.

A. P.

Hospital Nossa Senhora da Piedade

De ordem do Sr. Provedor do Hospital, convida-se os Srs Associados para uma Assembléa Geral a realizar-se no Predio da Prefeitura Municipal, no dia 27 de dezembro deste exercicio, ás 13 horas, afim de apresentação de contas e Eleição da nova Diretoria que deverá dirigir os destinos desta associação Hospitalar no exercicio de 1944.

O Secretário
Jacomo N. Pascoto

Lençóis, 16 de Dezembro de 1943

Figura 13 – Reprodução de publicação do O Eco em 19 de dezembro de 1940
Fonte: O Eco, edição de 19/12/1943, p.3.

Outros exemplos podem ser verificados no período. No caso dos editoriais, mesmo nos textos com assuntos econômicos e enfoques mais pessimistas, o semanário procura adotar uma linguagem professoral de alerta aos leitores. Ou seja, apesar do pessimismo, os textos não são redigidos com caráter alarmante, mas em tom de alerta, informando aos leitores que a Segunda Guerra Mundial pode novamente influir na economia do país e do município, mas desta vez para pior. Neste grupo estão textos que abordam desde a variação no preço dos imóveis com a guerra até outros que incentivam o cultivo de hortas e pomares nos quintais, em alerta para possíveis racionamentos. Um exemplo deste tom de alerta adotado pelo O Eco é o editorial "Previsões pessimistas", do dia 9 de janeiro de 1944, transcrito a seguir:

> No transcorrer do atual estado de cousas, não obstante, no campo econômico, tudo se desenvolve favoravelmente para o progresso brasileiro, assim mesmo ha quem conjecture com pessimismo, um futuro bastante incerto após guerra. O conceito é de que terminado o conflito os paízes beligerantes europeus e aziáticos retomarão o seu lugar primitivo nos mercados internacionais. O Japão, por exemplo, passará a ser o primeiro fornecedor de seda aos Estados Unidos; a Inglaterra voltará ao seu domínio na fabricação de tecidos; a Suécia, na cutelaria, vencerá novamente os seus concorrentes criados pela guerra. E assim sucessivamente. Afirma-se em certos meios que os paizes extremamente forçados a um regionalismo de produção, com as circunstâncias da guerra, depois passarão por um estágio crítico. Indubitavelmente são apenas conjecturas, porem alarmantes para os bem intencionados a encrementar a lavoura, indústria e comércio. Como em 1918, o fim da guerra trará momentos de indicisão, todavia sabemos que o governo está alerta e aparelhado para receber os golpes econômicos que transitóriamente surgirão, não contando com a lição que o povo adquiriu, quando o mundo voltou á paz. Por isso, quem tiver intenção de plantar cana deve faze-lo sem o menor receio, por que a fabricação de álcool, açúcar e aguardente jamais se extinguirá no Brasil. E os entusiasmados em criar o bicho da seda não deve exitar diante do futuro concorrente japonês, pois os mercados estarão abertos para os produtores mais inteligentes, caprichosos e, finalmente, amigos. E do Brasil quem não deseja comprar? Todo mundo. O Brasil é bem quisto. Portanto o nosso lema deve ser produzir, produzir.[36]

Apesar do título "Previsões pessimistas", o editorial aponta um caminho mais positivo do que negativo aos produtores locais. O tom de alerta fica evidente no trecho em que Alexandre Chitto reconhece o clima de indecisão gerado com a aproximação do final da guerra. No entanto, a mensagem deixada no texto é de que o Brasil absorverá os impactos econômicos do conflito.

Ao adotar a estratégia de abordar assuntos econômicos em seus editoriais, o semanário O Eco possibilita à pesquisa respostas interessantes sobre seu

[36] O Eco, edição de 09/01/1944, p.1.

comportamento na Segunda Guerra Mundial. Esta etapa da cobertura, marcada principalmente pelo recorte temporal de janeiro de 1943 a maio de 1944[37], reveste-se de representatividade, sobretudo, pela grande incidência de textos. Ao caracterizar 19 editoriais, o enfoque econômico representa 35% de todo o corpo da pesquisa (55 textos) – um volume de editoriais ao menos duas vezes maior que o apresentado em qualquer das etapas anteriores. Verifica-se a partir da análise que a partir de 1943 os lençoenses têm uma visão diferenciada da Segunda Guerra Mundial. A cidade – que recebeu, em 1924, o general Pietro Badoglio e enviou, em 1945, moradores dentre os combatentes da Força Brasileira Expedicionária – observou o conflito não somente pelas mortes ou conflitos, assuntos trazidos à tona, sobretudo pela mídia radiofônica, mas também pela ótica da economia.

Nota-se também que a opção pelo enfoque econômico manifestada pelo jornal em seus editoriais sobre o conflito, muitas vezes de maneira otimista, permite mais uma vez sua não entrada no embate ideológico, mantendo o ocultamento verificado nas fases anteriores. Por outro lado, observa-se o fechamento de um ciclo de inversão de valores iniciado na primeira etapa da cobertura. Partindo de um tom notadamente pessimista nos primeiros meses da guerra, o semanário chega, a partir de 1943, a um conteúdo caracterizado pelo otimismo.

Pela análise proposta, é significativo que tenha se detectado que do pessimismo quanto à guerra e do temor ao comunismo, as temáticas tenham evoluído para o patriotismo, a constituição da Nação, e a economia, setor ao qual toda a discussão política passou a ser submetida no Brasil – sobretudo via imprensa. O mito envolvendo a exportação dos produtos brasileiros e o sonho de integrar, finalmente, o grupo dos países ocidentais, desenvolvidos e industrializados, estavam nas páginas do O Eco, como também estiveram na pauta de tantos outros governos a partir de Getúlio Vargas.

4.2.5 A queda de Mussolini em pauta

A última temática identificada no corpo da pesquisa é, numericamente, a de menor incidência. Trata-se também de uma temática que não pode ser considerada, diferentemente das demais, como uma fase ou etapa específica da cobertura da Segunda Guerra Mundial nas páginas do jornal O Eco. São quatro textos, três deles veiculados

[37] Há dois editoriais com enfoque econômico fora deste período: "Mais pessimismo do que realidade", de 29/03/1942, e "Vai-se o velho mil réis", de 01/11/1942.

em agosto de 1943 e outro em novembro do mesmo ano, intercalados na etapa da cobertura marcada pelo enfoque econômico, mas que apresentam como assunto a crise italiana e a queda de Benito Mussolini. Contudo, apesar da menor representatividade numérica frente às outras temáticas, este grupo de editoriais traduz em seu conteúdo a relação de proximidade vivida e construída pelo jornalista Alexandre Chitto em relação à Itália.

Como pano de fundo, tem-se a profunda crise política no qual mergulha a península principalmente a partir de 1943. Segundo a explicação de Palla (1996), com o avanço da Segunda Guerra Mundial os italianos passam a encarar com disposição cada vez menor os inúmeros sacrifícios e privações impostos pelo fascismo.

> Até então, a figura do Duce havia sido relativamente poupada dos boatos e críticas que corriam à boca pequena. Estes visavam muito mais os diversos hierarcas fascistas, sobretudo Ciano (a quem se condenava a riqueza e a ostentação), os sucessores de Starace na chefia do PNF (Partido Nacional Fascista), como Ettore Muti, Adelchi Serena e Aldo Vidussoni, e os jovens ministros carreiristas que adulavam o Duce. Mas, nesse clima de corrupção que os dirigentes não conseguiam esconder, Mussolini começou a ser alvo de severas críticas da população, para a qual o custo da guerra se tornava insuportável. Mussolini já havia se transformado numa figura distante. Não percorria mais as cidades e aldeias em festa; não tomava mais seus "banhos de povo". E o mais importante: não parecia partilhar dos sofrimentos dos italianos. (PALLA, 1996, p. 123)

Uma sucessão de fatos da Segunda Guerra Mundial, entre eles o rendimento, em maio de 1943, de todas as forças ítalo-germânicas no norte da África e o desembarque, em julho do mesmo ano, das tropas americanas e inglesas na Sicília contribuem para a derrocada de Mussolini. A queda do líder fascista resulta também das seguidas derrotas militares vividas pelo "Eixo" na guerra. O golpe final contra a liderança de Mussolini se dá na noite do dia 24 de julho de 1943, quando o Grande Conselho do Fascismo, que não era convocado há anos, reúne-se pela última vez. Na ocasião é aprovada a proposta que sugere transferir ao rei Vítor Emanuel III a responsabilidade pela condução da guerra. No dia seguinte, Benito Mussolini é preso e substituído por Pietro Badoglio, militar já conhecido pela colônia italiana de Lençóis Paulista[38].

Palla (1996) descreve o ambiente gerado pela queda do líder fascista:

[38] Representando Mussolini, Pietro Badoglio visitou a colônia italiana de Lençóis Paulista em 1924 (ver segundo capítulo).

> Logo após a queda de Mussolini, o rei e Badoglio anunciaram ao país que não tolerariam nenhum distúrbio. Não iriam nem processar os ex-dirigentes nem permitir manifestações de rua. "Nenhuma insubordinação será tolerada, nenhuma recriminação será admitida", declarou Vítor Manuel em seu primeiro pronunciamento radiofônico. Em seguida, Badoglio afirmou que, tal como antes, a Itália continuava na guerra ao lado da Alemanha. Não houve, portanto, uma reviravolta abertamente antifascista e democrática. O novo governo, constituído essencialmente de técnicos e militares, levou a situação em banho-maria durante algumas semanas. Por um lado, tentou não legalizar os partidos antifascistas; por outro, procurou estabelecer contatos secretos com os Aliados para negociar a saída da Itália do conflito. (PALLA, 1996, p.129-130)

O armistício entre a Itália e os países aliados é assinado em 5 de setembro de 1943. Somente três dias depois, porém, o fato torna-se público. Neste período, Vítor Emanuel, a família real, Pietro Badoglio e outros oficiais fogem de Roma para longe do alcance das tropas alemãs. Trata-se do abandono da Itália do conflito.

Neste contexto, marcado pelo desgaste da imagem do fascismo frente à opinião pública italiana e por um embate de versões e boatos sobre a crise, as notícias ganham, na pequena Lençóis Paulista, as páginas do semanário O Eco. Uma das especulações do período é de que o golpe de Estado encabeçado por Vítor Manuel não passa de um despistamento com a finalidade de preservar o fascismo o máximo possível com o sacrifício de Mussolini (PALLA, 1996, p.129). Os reflexos de tal especulação – ventilada principalmente pelas agências de notícias russas – chegam aos editoriais do O Eco em 1º de agosto de 1943, com a publicação do texto "Três hipóteses". Na ocasião, conforme a transcrição a seguir, o jornalista Alexandre Chitto reconhece a existência da "guerra de informações" no período e apresenta diferentes possibilidades para a saída do líder fascista do poder na Itália.

> Sem dúvida, com o afastamento do sr. Benito Mussolini do govêrno da Italia, tudo indica que aquele país esta atrevessando uma grave crise política da qual resultará numa solicitação de paz por parte do Marechal Badoglio. E o armistício será tão breve quanto forem atenuadas as condições impostas pelos aliados. Agora, o ponto de partida para as devidas negociações está nas potências unidas a desvendarem a causa principal que obrigou Mussolini a abidicar assim tão inesperadamente. As agências telegráficas do mundo inteiro encheram os quatro cantos da terra de noticias, porem poucas podem justificar as fontes fididígna dos fatos. Umas afirmam que, no último encontro Mussolini solicitára de Hitler a força suficiente para defender o território italiano da invasão aliada. E esta não podendo ser cumprida por parte alemã, houve a renuncia do ex-Duce, constatando-se dessa hipótese o enfraquecimento total do "eixo". Outras fontes, ao em vês, dizem que já havia profundas e intoleraveis incompatibilidades entre o fascismo de um lado e o exército e a coroa de outro. E, finalmente, outras agências telegráficas ainda sustentam que a obdicação de Mussolini não passa de um "bluf", de uma farsa para salvar o próprio partido, uma vez que a guerra dos aliados é feita exclusivamente

> contra o fascismo. Assim sendo, baseados nestas hipóteses principais, refletem as solicitações de paz da Italia aos aliados. No primeiro caso é uma guerra totalmente ganha, tão próxima quanto menos se imagina. E na segunda e terceira hipótese, as potências unidas terão de descobrir claramente o pensamento do velho Marechal italiano. As veses, essa confusão na Italia é unicamente aparente, um meio para o "eixo" reorganizar-se no sul da Sicilia e depois vibrar golpes inesperados, como opinam as agências telegráficas russas. Na Russia, encara-se a queda de Mussolini com desconfiança. Diz-se que na Italia já houve outras demonstrações idênticas que preconizavam o desmorronamento do fascismo. Entretanto não passava de um "bluf". Porém os aliados estarão atentos e prontos para toda e qualquer emergência, tanto para a paz como a continuação da guerra. [39]

No editorial, merece atenção a expressão "as veses, essa confusão na Italia é unicamente aparente, um meio para o 'eixo' reorganizar-se no sul da Sicilia e depois vibrar golpes inesperados, como opinam as agências telegráficas russas" por ilustrar – dentre as inúmeras hipóteses apresentadas – a expectativa vivida no período de uma ressurreição da Itália mesmo com as seguidas baixas no campo de batalha. Em 15 de agosto de 1943, o editorial "Voz do povo voz de Deus", que também apresenta hipóteses para justificar a queda de Mussolini, coloca em questão a possibilidade de existência na Alemanha de uma crise política nos mesmos moldes da italiana. Mais uma vez a especulação é colocada em pauta. Uma semana mais tarde, em 22 de agosto de 1943, a hipótese de blefe relacionada à saída de Mussolini, levantada pelo semanário em 1º de agosto de 1943, novamente ganha destaque. Desta vez, a versão é abordada no editorial "Uma estrategia que falha", conforme o trecho a seguir:

> Após a demissão de Mussolini da chefia do govêrno italiano interpretando o pensamento dos líderes moscovitas, as agências telegráficas russas faziam ver ao mundo que a extinsão do fascio não passava de um simples "bluf". "Bluf", por que não se pode conceber que uma ideologia política arraigada há vinte e três anos no seio de um povo fosse extinta com o mero decreto de Badoglio. E por isso, Moscou é de parecer que a guerra contra a Italia deve ser conduzida com o mesmo ritmo de então. A queda de Mussolini, afirmam as agências telegráficas russas, foi a última tentativa camuflada do fascio para moralmente equilibrar-se no poder, em face dos sucessivos reveses do "eixo" nos diferentes campos de batalha. [40]

A seqüência de editoriais ilustra o clima especulativo vivenciado no período em relação à arranhadura sofrida pelo fascismo (regime que vigorou com mãos de ferro na Itália por mais de duas décadas), ao mesmo passo que reitera o envolvimento apontado no capítulo anterior entre o semanário O Eco e o país europeu. Nota-se que, de modo

[39] O Eco, edição de 01/08/1943, p.1.
[40] O Eco, edição de 22/08/1943, p.1.

geral, a crise italiana e, de forma mais pontual, a saída de Benito Mussolini do governo são assuntos que interessam diretamente ao jornal, motivando a publicação de três editoriais de capa no intervalo de um único mês (agosto de 1943).

Verifica-se também que o peso da censura varguista sobre a imprensa e sobre os colonos oriundos dos países do "Eixo" pode ter tido um papel significativo no ambiente de especulação traduzido nos editoriais. Refém das fontes de informação ligadas aos aliados, o veículo reproduz as hipóteses às quais tem acesso, construindo representações sobre a queda de Benito Mussolini. Para Moscovici (2003), as representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação dentro de um grupo relativamente não problemática. Desta forma, observa-se que o jornal O Eco colaborou na propagação entre os lençoenses das especulações sobre o fim do fascismo na Itália.

Por outro lado, é importante reconhecer que nessas ocasiões o semanário adota uma postura mais isenta e menos apaixonada na cobertura da guerra, opção que pode ser interpretada como reflexo do desgaste sofrido pelo fascismo italiano frente à opinião pública e – particularmente – por Mussolini, um líder que já demonstrava "não partilhar dos sofrimentos dos italianos" (PALLA, 1996, p.123). Nos quatro editoriais em que o assunto torna-se pauta, os textos têm caráter informativo, apresentando – mesmo longe do ideal da imparcialidade jornalística – versões diferentes dos fatos e diferindo-se da tendência normativa das etapas iniciais da cobertura da guerra. Tal sobriedade argumentativa está presente, por exemplo, no editorial "Uma estrategia que falha", de 22 de agosto de 1943, no qual o semanário é mais realista ao levantar a possibilidade do blefe especulado consistir em uma tática não acertada do fascismo. Fica evidente que ao citar sempre de modo reticente as fontes russas nos editoriais, o jornal volta a demonstrar seu delineamento contrário aos comunistas. Nestes casos, porém, a contrariedade ao comunismo é bem menos explícita quando comparada às etapas anteriores.

Por fim, vale ressaltar que a utilização de editoriais informativos, postura que demonstra maior isenção por parte do veículo na apresentação de diferentes hipóteses sobre a queda de Mussolini, não significa o abandono de sua estratégia de ocultamento. Mesmo quando em pauta um assunto que diz respeito diretamente à colônia italiana, o semanário mantém a opção de não evidenciar seu posicionamento sobre o nazi-fascismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida – desde a fundamentação teórica exposta no capítulo inicial, passando pela contextualização e caracterização do objeto de estudo apresentadas no segundo capítulo, e chegando às interpretações no capítulo final – permite algumas constatações que podem contribuir para a pesquisa acadêmica na área da Comunicação.

Em primeiro lugar, por se tratar de um período passado (1939-1944), o estudo exigiu uma atenção redobrada do pesquisador. Para fugir de possíveis equívocos na interpretação de dados históricos e sociais, optou-se – dentro da proposta da análise de conteúdo – por um modelo que privilegiasse tanto o caráter qualitativo quanto o quantitativo da amostra. A proposta se fez necessária na busca de congruência entre as duas áreas distintas que dialogaram durante toda a análise: a Comunicação e a História. Desta forma, tabelas, gráficos e outros elementos numéricos foram lançados na tentativa constante de garantia de confiabilidade à pesquisa. A escolha do conceito de representações, focado por Moscovici no âmbito da Comunicação, favoreceu o elo proposto. Entendendo as representações num processo dinâmico de familiarização entre um determinado público e algo desconhecido (como era a relação entre a população local e os assuntos que envolviam a Segunda Guerra Mundial), compreende-se melhor o questionamento central da pesquisa: de que maneira o semanário O Eco, criado em 1938 em Lençóis Paulista, representou em suas páginas o conflito? Sustentada ao mesmo tempo nos enfoques qualitativo e quantitativo, a pesquisa encontrou suas respostas de forma natural.

Ainda dentro da questão metodológica, a opção pela proposta teórica de Douglas Kellner requereu a identificação dos posicionamentos ideológicos adotados pelo veículo no período estudado. Para o autor, a sociedade pode ser metaforizada como um campo de batalhas, onde lutas heterogêneas de posições ideológicas se consumam nos textos midiáticos. Portanto, o que esteve em jogo na pesquisa foi uma análise que identificasse o modo como o semanário O Eco transcodificou suas posições dentro das lutas políticas existentes, fornecendo representações que contribuíram para o consentimento a determinadas posições ideológicas.

Característica especial dos editoriais, a impessoalidade não é explicitada pelo jornal no período estudado. Os editoriais de O Eco, que via de regra ocupam a capa do periódico, são todos assinados pelo jornalista Alexandre Chitto, responsável pela

publicação. De todo modo, entende-se que a assinatura de Chitto não tira do editorial, gênero jornalístico escolhido para análise, o caráter de catalisador de opiniões (BELTRÃO, 1980) e de espaço de contradições (MELO, 1985). O estudo revela a presença substancial de editoriais normativos no corpo da pesquisa, sobretudo nas três primeiras categorias temáticas identificadas, o que constata que o veículo expõe argumentos incitadores aos leitores na busca de consentimento a certas posturas. É nesse aspecto que reside um dos principais paradoxos verificados na atuação do jornal. Ao mesmo passo que procura convencer os leitores na atuação em um determinado sentido com o uso de textos normativos, as representações construídas pelo semanário O Eco durante o conflito são caracterizadas pela estratégia de ocultamento frente ao nazi-fascismo – o principal entrave da Segunda Guerra Mundial.

A estratégia de ocultamento é mais aparente nas duas primeiras categorias temáticas verificadas na cobertura: pessimismo em relação à guerra e crítica ao comunismo, identificadas principalmente entre 1939 e 1941. Nos dois casos, a análise leva a crer que o semanário elenca inimigos distantes para: 1) ocultar sua ideologia ao trabalhar os imaginários da catástrofe e do avanço do comunismo; e 2) desviar sua postura, não tomando partido no jogo de interesses ideológicos estabelecidos no período.

Com as movimentações diplomáticas ainda engatinhando no cenário da guerra, inicialmente o veículo procura camuflar-se, sem expor seu posicionamento, fato que pode ser compreendido como uma tentativa de sobrevivência no ambiente inóspito e de descrédito que marcava o jornalismo local da região no período. Mas não somente sobre o descrédito da imprensa local deve recair a justificativa para a estratégia de ocultamento adotada pelo O Eco. Há o importante papel da censura aplicada sobre os jornais durante o Estado Novo. Neste caso, considera-se que a atuação do braço repressor do regime varguista se dá em duas frentes bem definidas: controlar os instrumentos necessários à construção e à implementação de um projeto político-ideológico que se afirmasse como socialmente dominante e difundir uma imagem homogênea e harmônica da nação em torno do líder Getúlio Vargas.

A primeira faceta do papel censor do Estado Novo, que diz respeito diretamente à vigilância da imprensa, pode ser interpretada como determinante para a colocação em prática da estratégia de ocultamento do O Eco na primeira etapa da cobertura da Segunda Guerra Mundial, quando a temática envolvida era o pessimismo em relação a uma possível catástrofe.

No caso da temática que envolve o imaginário construído ao redor do comunismo, a relação é mais complexa: nota-se uma aproximação entre o conteúdo dos editoriais e a estratégia do movimento integralista de desmoralização dos comunistas. Mais uma vez recorre-se a Kellner na observação da postura do jornal. Segundo o autor, são as exclusões e os silêncios que podem revelar à análise o projeto ideológico de um texto. Portanto, o dualismo entre bem e mal exposto na desmoralização dos comunistas e o uso de expressões que ressaltam o temor de O Eco frente ao avanço da URSS merecem uma observação cautelosa. Não se trata de afirmar se o jornal é ou não integralista, mas de reconhecer a proximidade argumentativa entre as propostas do veículo e da AIB ante ao comunismo, ideário que se alinha também ao discurso da direita católica do período. Para Kellner, a cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos ao produzir representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, na busca de que os membros da sociedade vejam em certas ideologias "o modo como as coisas são". E assim se comporta o semanário na construção de um ideário degradante do comunismo.

Na terceira categoria temática identificada torna-se novamente evidente o reflexo da censura nos editoriais de O Eco. A justificativa para o acirramento do papel censor do Estado Novo nesta etapa está no fato de, a partir de 1942, o Brasil ter se posicionado ao lado dos aliados no conflito, colocando em pauta assuntos como o patriotismo e a soberania nacional. Desta forma, se há ocultamento da posição do veículo em relação ao nazi-fascismo, ele está ligado ao poder repressor do regime varguista. É nesta etapa da cobertura que se verifica com mais clareza a propagação dos mitos de Getúlio Vargas como líder nacional e do Brasil como nação forte e homogênea, proposta forjada pelo DIP desde sua criação. Há referências nos editoriais de conclamação dos brasileiros para o embate com os países do "Eixo", inimigos do Brasil a partir de então. Porém, tais referências ressaltam mais a defesa da pátria e a soberania nacional em si do que a contrariedade propriamente dita aos países eixistas. Desta forma, os editoriais se enquadram no que Rubem Braga (1985) chama de "simples literatura de exaltação cívica", tendência não-crítica verificada nos jornais do período motivada pelo peso da censura. É evidente que o semanário O Eco, sob vigilância do Estado Novo, se preocupa mais em ressaltar o patriotismo do que em delinear seu posicionamento frente aos países beligerantes.

A quarta categoria temática identificada é caracterizada pelo enfoque econômico dado à cobertura da guerra pelo semanário O Eco. É inquestionável a representatividade da temática, que consiste em 35% de todo o corpo da pesquisa. Ao abordar assuntos de caráter econômico, o veículo mais uma vez apropria-se do conflito bélico para tratar de temas de seu interesse, retratando a guerra por meio de suas influências no âmbito local. Neste caso, no entanto, é significativa a opção de O Eco por temas otimistas e a reprodução do mito que envolve a exportação dos produtos brasileiros e o sonho do país de integrar grupo dos países ocidentais, desenvolvidos e industrializados, para onde se tornou comum o jornalismo desviar sua atenção. Se por um lado a análise mostra que os assuntos econômicos abordados permitem mais uma vez a não entrada do jornal no embate ideológico, por outro revela a evolução temática e o fechamento de um ciclo de inversão de valores também representativo: o veículo parte nos primeiros meses da guerra de um tom notadamente pessimista para chegar, a partir de 1943, rebocado pela economia, a um conteúdo caracterizado pelo otimismo.

A última categoria temática encontrada no corpo da pesquisa diz respeito à crise italiana e à queda de Benito Mussolini. Trata-se de um grupo de quatro editoriais que reitera o envolvimento entre o semanário O Eco e a Itália. Constata-se nesta categoria temática que os textos apresentam contornos mais informativos, apresentando – mesmo longe do ideal paradigmático da imparcialidade jornalística – versões diferentes dos fatos e diferindo-se da tendência normativa das etapas iniciais da cobertura da guerra. Entretanto, verifica-se que a utilização de editoriais informativos, possível reflexo do desgaste sofrido pelo fascismo italiano frente à opinião pública, não representa o abandono por parte do semanário da estratégia de ocultamento, tônica identificada durante toda a cobertura.

Enfim, ressalta-se que a cobertura distribuída em temáticas distintas realizada pelo veículo revela seu processo de envolvimento com a temática maior: a Segunda Guerra Mundial. Nota-se que o jornal aproxima-se e distancia-se de assuntos referentes ao conflito, contorcendo-se – dentro de seus limites e percepções – junto ao movimento pendular realizado pelo Estado Novo entre “Eixo” e aliados. Mas, escaldado no jogo de interesses do período, em nenhum momento o semanário deixa claro seu posicionamento em relação aos lados beligerantes – posição compreensível quando considerado o fato de o jornal já ter sido criado sob vigência do Estado Novo. Mesmo ao adotar durante um determinado período um discurso que se aproxima da estratégia do movimento integralista, o semanário O Eco não assume tal posição. Outro

delineamento verificado no veículo é o de valorização da liderança de Getúlio Vargas a partir de 1942, posição justificada pelo acirramento do papel censor do DIP. Portando, de modo geral, o jornal priva-se do embate e preza pela estratégia de ocultar-se frente às diferentes bandeiras em conflito.

Compreende-se que o ocultamento relacionado a assuntos conflitantes em uma determinada sociedade, estratégia à qual o jornalismo brasileiro passou a ser submetido com freqüência em períodos de crise, é tão ideológico quanto uma postura assumida. No caso específico do semanário O Eco, verifica-se que sendo ou não o veículo adepto do Integralismo, a análise comprova que durante um determinado momento houve a aproximação discursiva com a estratégia da AIB, colaborando para o consentimento em relação à postura do grupo liderado por Plínio Salgado. Mais do que isso, nota-se que no turbilhão de versões característico do período o semanário trilha seu próprio caminho de sobrevivência, trajetória que é pavimentada entre contradições e pressões.

Por sua vez, Alexandre Chitto, jornalista responsável pelo semanário, pode ser interpretado como um agente midiático que traduz em sua trajetória os sentidos de uma espécie de "hibridismo" cultural. Esses sentidos estão contidos nas narrativas construídas sobre a Itália, memórias que conectam seu presente ao seu passado e imagens que são construídas sobre o país. Tal particularidade vai ao encontro da formação do núcleo urbano Lençóis Paulista, consolidado nas primeiras décadas do último século. Trata-se de um caso de centro urbano, como inúmeros outros espalhados pelo território brasileiro, formado pela contribuição do trabalho imigrante. Nesses locais "fronteiriços", a partir dos processos produzidos na articulação das diferenças culturais, encontra-se a matéria-prima capaz de dar início a novos signos de identidade. Signos, estes, como os verificados na evolução (e na conseqüente inversão de valores) da cobertura da Segunda Guerra Mundial realizada pelo O Eco.

Portanto, sugere-se que a análise contempla, dentro de suas limitações, os objetivos propostos no início da pesquisa, a saber: 1) Identificar, pela ótica do jornalismo impresso, a evolução do contato entre os lençoenses e a Itália no período estudado; 2) Estudar de maneira crítica o processo de mitificação de personagens históricos feito pelas versões oficiais entre os anos de 1939 e 1945; e 3) Contribuir para a construção de uma visão mais crítica sobre as repercussões da Segunda Guerra Mundial na história de Lençóis Paulista e do interior do Estado de São Paulo. Do mesmo modo, a pesquisa acena positivamente à hipótese previamente levantada de que

a região tenha dado um tratamento peculiar à guerra motivado pela presença da colônia italiana. Tratamento, este, com reflexos eminentes nos destinos do jornalismo local.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gastão Thomaz. **A imprensa do interior:** um estudo preliminar. São Paulo: Convênio IMESP/DASESP, 1983.

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In HOHLFELDT, Antonio et.al. (Orgs.). **Teorias da Comunicação:** conceitos, escolas e tendências. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ARBEX JÚNIOR, José. Editorial. In: MELO, José Marques de (Org.). **Gêneros Jornalísticos na Folha de S.Paulo.** São Paulo: FTD, 1992.

ASCANA. **Homepage desenvolvida pela Associação dos Plantadores de Cana do Médio Tietê.** Apresenta dados sobre a produção de cana-de-açúcar na região do Médio Tietê. Disponível em: <http://www.ascana.com.br>. Acesso em: 17 abr. 2007.

BARBOSA, Marialva e MOREL, Marcos. **História da Imprensa no Brasil:** Metodologia. Jornal da Rede Alcar. Ano 3, N. 30, junho de 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo (Org.). **São Paulo do Passado.** Dados demográficos. Campinas: Unicamp, 2001. 1 CD-ROM.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo.** Porto Alegre: Sulina, 1980.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra na Itália.** Rio de Janeiro: Record, 1985.

BRASIL. Decreto-lei n.º 1.949, de 30 de dezembro de 1939. Dispõe sobre o exercício de atividades de imprensa e propaganda no território nacional e dá outras providências. Presidência da República, Rio de Janeiro, RJ, 30 dez. 1939. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/1937-1946/Del1949.htm>. Aceso em: 18 mar. 2007.

BRUSATIN, Beatriz de Miranda. **Na Boca do Sertão**: o perigo político no interior do Estado de São Paulo (1930-1945). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BUENO, Wilson da Costa. **Caracterização de um objeto-modelo conceitual para a análise da dicotomia imprensa industrial / imprensa artesanal no Brasil.** Dissertação de mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.

BUENO, Wilson da Costa. **O jornalismo como disciplina científica:** a contribuição de Otto Groth. São Paulo: ECA/USP, 1972.

CAMARGO, José Francisco de. **Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos.** Vol. III. São Paulo: USP, 1952.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo (1937-1945).** 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CHAUÍ, Marilena, FRANCO, Maria Sylvia Carvalho Franco. **Ideologia e Mobilização Popular.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHITTO, Alexandre. **Lençóis Paulista ontem e hoje**. Lençóis Paulista (SP): Edição especial de O Eco, 1972.

CHITTO, Alexandre. **Lençóis Paulista nos seus 120 anos**. Lençóis Paulista (SP): Edição especial de O Eco, 1978.

COSTA, Neusa Meirelles. Poder local e populismo. In: MELO, José Marques de (Org.). **Populismo e Comunicação.** São Paulo: Cortez, 1981, p. 35-47.

DE FLEUR, Jr., Melvin e BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

DIAZ, Julio Montero e ALFFOND, José Carlos Rueda. **Introducción a la Historia de la Comunicación Social.** Barcelona: Ariel, 2001.

DINES, Alberto. **O papel do jornal:** uma releitura. 6.ed. São Paulo: Summus, 1986.

ERBOLATO, Mário. **Técnica de codificação em jornalismo:** redação, captação e edição do jornal diário. Petrópolis: Vozes, 1978.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder:** formação do patronato político brasileiro. 3.ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERNANDES, Edson. **A escravidão na fronteira.** Um estudo da escravidão negra numa "boca do sertão" paulista. Lençóes, 1860-1888. Dissertação de Mestrado. Unesp/Araraquara SP, 2003.

FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial.** Tradução Mauro Lando e Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1997.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. In MOTTA, Luiz Gonzaga et. al (Orgs). **Estratégias e culturas da comunicação.** Brasília: Edunb, 2002.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: Nacional, 1971.

HALL, Stuart. **Identidades culturais e pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 1997.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho Hime. Apontamentos da história da imprensa em São Paulo. In: LOPES, Dirceu Fernandes, SOBRINHO, José Coelho, PROENÇA, José Luiz (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo.** 2.ed. São Paulo: ECA/USP, 1998.

INTERCOM. Estado, populismo e comunicação no Brasil. In: MELO, José Marques de (Org.). **Populismo e Comunicação.** São Paulo: Cortez, 1981, p. 19-24.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: Edusc, 2001.

KELLNER, Douglas. **Espetáculo e propaganda da mídia na guerra contra o Iraque:** uma crítica das redes de transmissão dos Estados Unidos. Tradução de Marta Reyes Gil Passos. Revista Acadêmica do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano 7, N. 13/14, 2004, p.64-71.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo, norte e sul:** manual de comunicação. Tradução de Rafael Varela Júnior. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema brasileiro:** das origens à Retomada. 1.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LEITE, Sidney Ferreira. **Reflexões sobre comunicação e sociedade:** as contribuições de Douglas Kellner. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Ano 1, N. 1, Dezembro de 2004.

LOPES, Dirceu Fernandes. Em busca de um perfil do jornal do interior de São Paulo. In: LOPES, Dirceu Fernandes, SOBRINHO, José Coelho, PROENÇA, José Luiz (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo.** 2.ed. São Paulo: ECA/USP, 1998.

LOPES, Maria Immacullata Vassalo. **Pesquisa em comunicação.** 6.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LUCA, Tânia Regina, MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade.** São Paulo: Unesp, 2006.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MELO, José Marques de (Org.). **Populismo e Comunicação.** São Paulo: Cortez, 1981.

MOSCOVICI, Sergi. **Representações sociais, investigações em Psicologia Social**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

ORTET, Fernando. A realidade do jornalismo do interior é desconhecida. In: LOPES, Dirceu Fernandes, SOBRINHO, José Coelho, PROENÇA, José Luiz (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo.** 2.ed. São Paulo: ECA/USP, 1998.

PALLA, Marco. **A Itália Fascista.** Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ática, 1996.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da Mídia e Política.** Trabalho apresentado no XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu (MG), 22 a 16 de outubro de 2003.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos do Estado. Divisão de Arquivo do Estado. **Repertório das Sesmarias**: concedidas pelos Capitães Generais da Capitania de São Paulo desde 1721 até 1821 (edição fac-similar). São Paulo: Tip. do Globo, 1944. v. 6.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. Tradução de Maria Paula Duarte. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SCHANAIDERMAN, Boris. **Guerra em surdina.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra:** o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. 3. ed. Barueri (SP): Manole, 2003.

SILVA, Hélio. **1939: Véspera de Guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

SILVA, Marcos Paulo da et.al. **Grandes famílias de Lençóis Paulista e Macatuba.** Lençóis Paulista (SP): Folha Popular, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó/Florianópolis: Argos/Letras Contemporâneas, 2002.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Cognição jornalística e história dos acontecimentos.** In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), sessão temática de Jornalismo do VII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação e da Informação. Porto Alegre, 2004.

UCHOA, Valéria. Aproximando o fato do seu público. In: LOPES, Dirceu Fernandes, SOBRINHO, José Coelho, PROENÇA, José Luiz (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo.** 2.ed. São Paulo: ECA/USP, 1998.

VIEIRA, Carlos Alberto Adi. **O fato jornalístico como fato histórico.** Dissertação de mestrado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

APÊNDICE

Quadro – Editoriais de capa publicados no jornal O Eco, entre setembro de 1939 e julho de 1944, assinados por Alexandre Chitto, com a temática da Segunda Guerra Mundial (títulos com grafia original), coloridos por temática.

ANEXO

Reprodução dos editoriais de capa publicados no jornal O Eco, entre setembro de 1939 e julho de 1944, assinados por Alexandre Chitto, com a temática da Segunda Guerra Mundial (corpo da pesquisa).

Editorial do semanário O Eco de 5/11/1939



ALEXANDRE CHITTO

ANNO II | S. PAULO | Lições, 5 de

O TEMOR A' GUERRA

Alexandre CHITTO

Desde que irrompeu o conflicto armado entre os diversos paizes da Europa, o resto do mundo detem-se receioso e aprehensivo ante o negro destino que, segundo as prophecias dos adiantados, espera-o na encruzilhada do futuro.

As conjecturas são de que a guerra actual pode deflagar-se numa conflagração mundial de consequencias desastradamente maiores das da hecatombe de 1914, principalmente com relação á pensada transformação social.

Ninguem ignora que a guerra presente pode caracterizar-se num conflicto mundial e que, em sua passagem, será susceptivel de arrastar comsigo consequencias tristes e difficilmente previstas, ainda que se queira prever o futuro. Mas, nem por isso, o mundo acabará com choque Hitler vs. Chamberlain-Deladier.

Sabe-se que os ultimos dias do mundo não serão estes do seculo XX, sabe se disso tudo. Entretanto os prognosticos são tão alarmantes que a guerra de hoje parece a ultima espoujada de Marte para apagar o orbe. O temor infundiu-se tão tanto no espirito do homem que o ritmo da vida ficou completamente alterado.

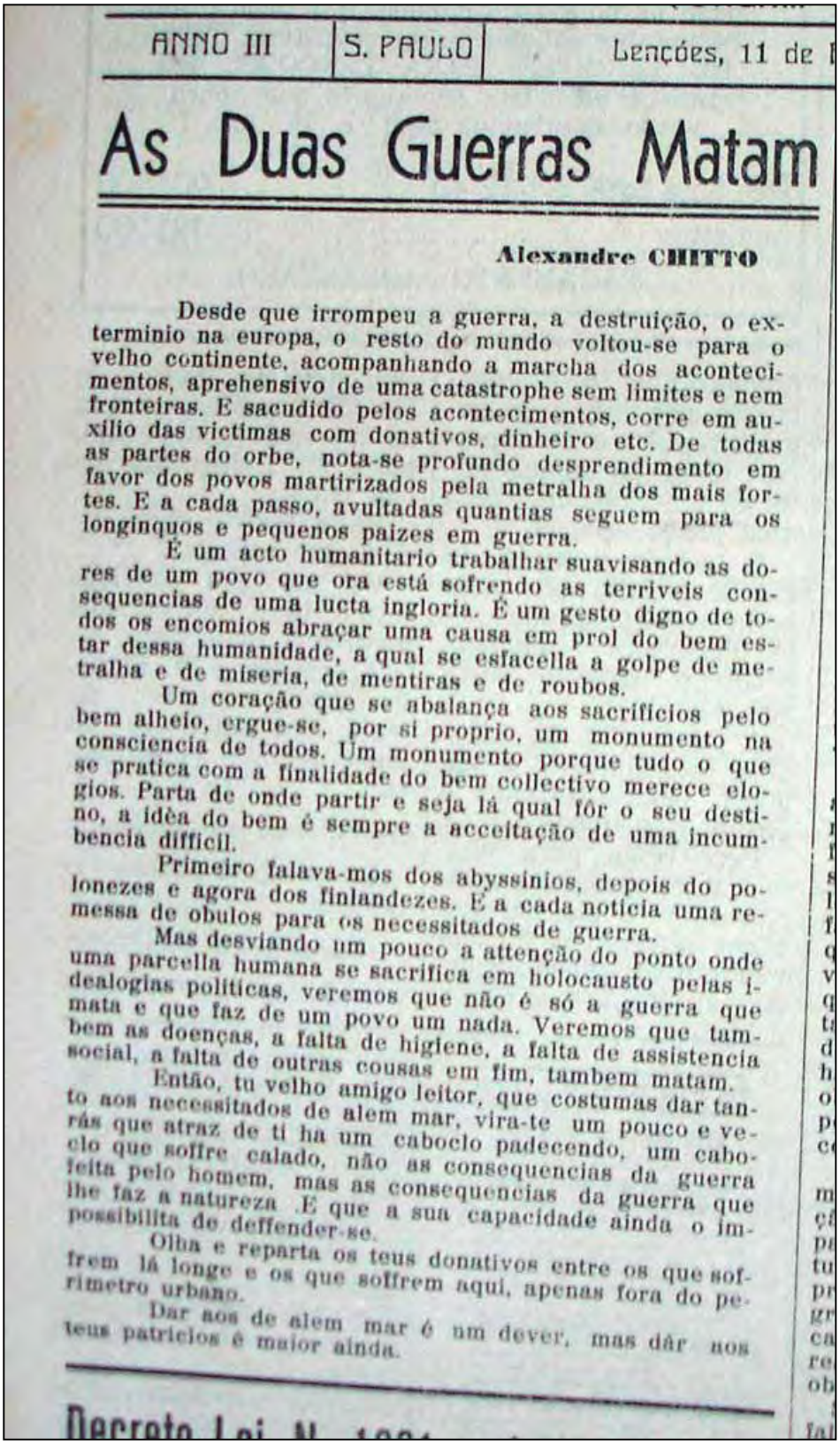
Se é para a construcção de uma casa, a guerra, se para a abertura de um estabelecimento commercial, a guerra e se fôr para uma viagem, a guerra. Emfim tudo acaba morrendo nos pés do visionario Marte: a guerra, a guerra e nada se faz.

Em certos casos é justificavel tal apprehensão, porque de facto, as circumstancias do momento não são muito favoraveis aos grandes negocios e emprehendimentos, mas em outros não ha razão de o ser.

Uma concepção assim extremamente pessimista, isto é, que por causa da guerra não devemos mexer nem siquer uma palha, não é mais do que a destruição da confiança que devemos depositar na clarividencia dos nossos governantes.

Ainda que briguem alem do Athlantico, devemos continuar trabalhando. A guerra um dia acabará e nós então já teremos feito o que mais tarde precisaremos fazer.

Editorial do semanário O Eco de 11/12/1940



ANNO III | S. PAULO | Lençóes, 11 de

As Duas Guerras Matam

Alexandre CHITTO

Desde que irrompeu a guerra, a destruição, o exterminio na europa, o resto do mundo voltou-se para o velho continente, acompanhando a marcha dos acontecimentos, aprehensivo de uma catastrophe sem limites e nem fronteiras. E sacudido pelos acontecimentos, corre em auxilio das victimas com donativos, dinheiro etc. De todas as partes do orbe, nota-se profundo desprendimento em favor dos povos martirizados pela metralha dos mais fortes. E a cada passo, avultadas quantias seguem para os longinquos e pequenos paizes em guerra.

É um acto humanitario trabalhar suavisando as dores de um povo que ora está sofrendo as terriveis consequencias de uma lucta ingloria. É um gesto digno de todos os encomios abraçar uma causa em prol do bem estar dessa humanidade, a qual se esfacella a golpe de metralha e de miseria, de mentiras e de roubos.

Um coração que se abalança aos sacrificios pelo bem alheio, ergue-se, por si proprio, um monumento na consciencia de todos. Um monumento porque tudo o que se pratica com a finalidade do bem collectivo merece elogios. Parta de onde partir e seja lá qual fôr o seu destino, a idèa do bem é sempre a acceitação de uma incumbencia difficil.

Primeiro falava-mos dos abyssinios, depois do polonezes e agora dos finlandezes. E a cada noticia uma remessa de obulos para os necessitados de guerra.

Mas desviando um pouco a attenção do ponto onde uma parcella humana se sacrifica em holocausto pelas idealogias politicas, veremos que não é só a guerra que mata e que faz de um povo um nada. Veremos que tambem as doenças, a falta de higiene, a falta de assistencia social, a falta de outras cousas em fim, tambem matam.

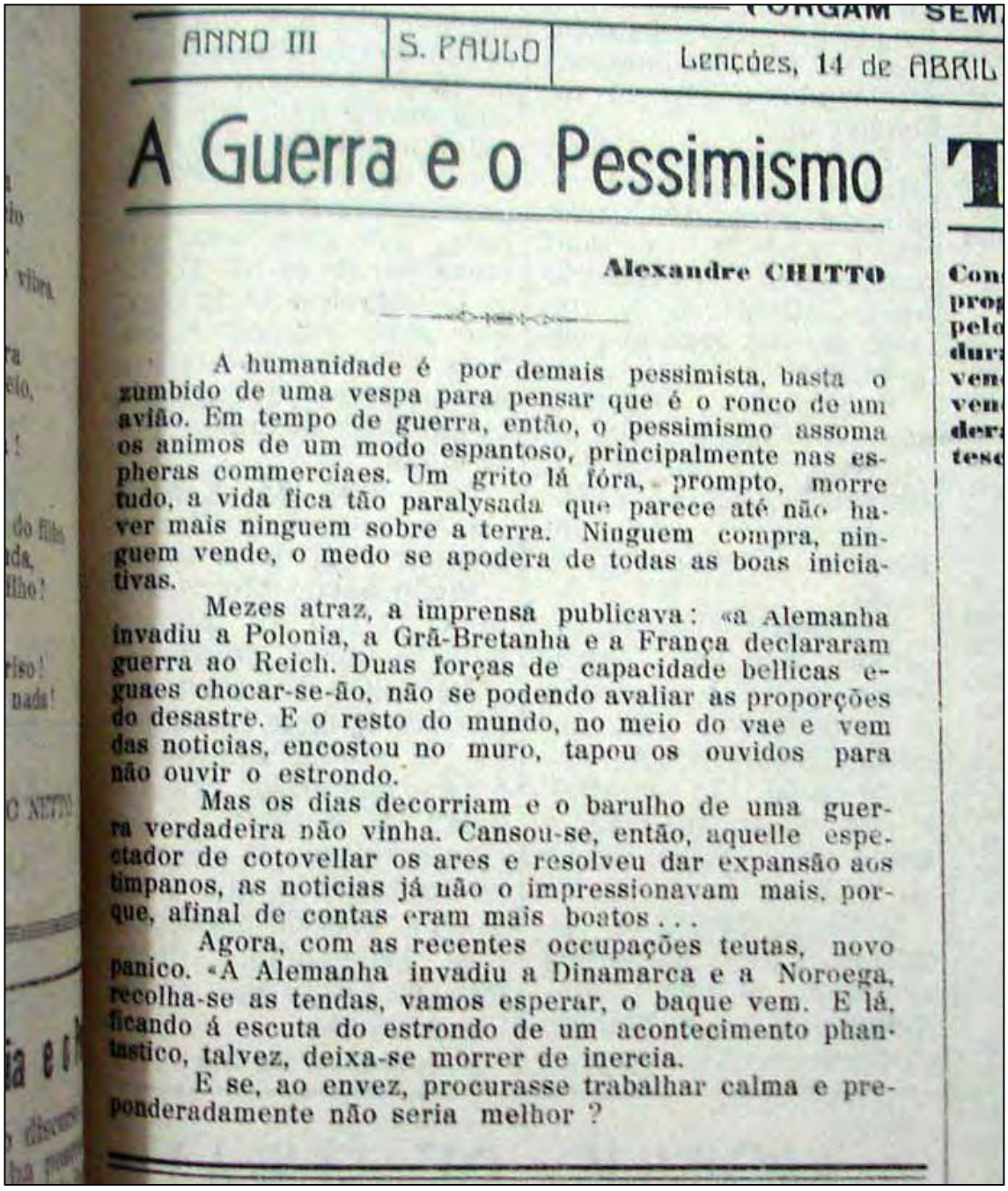
Então, tu velho amigo leitor, que costumas dar tanto aos necessitados de alem mar, vira-te um pouco e verás que atraz de ti ha um caboclo padecendo, um caboclo que soffre calado, não as consequencias da guerra feita pelo homem, mas as consequencias da guerra que lhe faz a natureza E que a sua capacidade ainda o impossibilita de deffender-se.

Olha e reparta os teus donativos entre os que soffrem lá longe e os que soffrem aqui, apenas fora do perimetro urbano.

Dar aos de alem mar é um dever, mas dár aos teus patricios é maior ainda.

Decreto Lei N. 1934

Editorial do semanário O Eco de 14/4/1940



ANNO III | S. PAULO | Lençóes, 14 de ABRIL

A Guerra e o Pessimismo

Alexandre CHITTO

A humanidade é por demais pessimista, basta o zumbido de uma vespa para pensar que é o ronco de um avião. Em tempo de guerra, então, o pessimismo assoma os animos de um modo espantoso, principalmente nas espheras commerciaes. Um grito lá fóra, - prompto, morre tudo, a vida fica tão paralysada que parece até não haver mais ninguem sobre a terra. Ninguem compra, ninguem vende, o medo se apodera de todas as boas iniciativas.

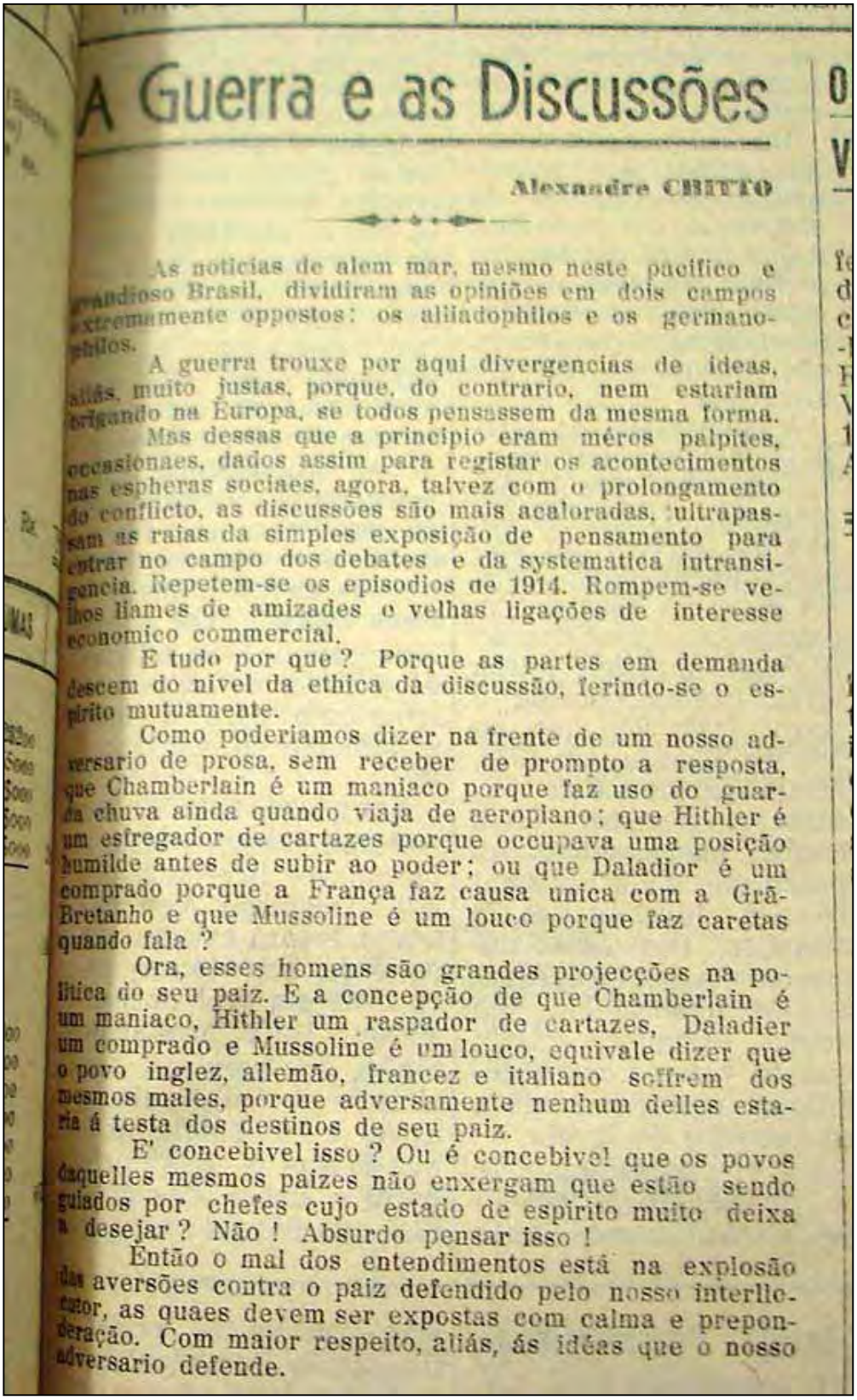
Mezes atraz, a imprensa publicava: «a Alemanha invadiu a Polonia, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra ao Reich. Duas forças de capacidade bellicas eguaes chocar-se-ão, não se podendo avaliar as proporções do desastre. E o resto do mundo, no meio do vae e vem das noticias, encostou no muro, tapou os ouvidos para não ouvir o estrondo.

Mas os dias decorriam e o barulho de uma guerra verdadeira não vinha. Cansou-se, então, aquelle espectador de cotovellar os ares e resolveu dar expansão aos timpanos, as noticias já não o impressionavam mais, porque, afinal de contas eram mais boatos . . .

Agora, com as recentes occupações teutas, novo panico. «A Alemanha invadiu a Dinamarca e a Noroega, recolha-se as tendas, vamos esperar, o baque vem. E lá, ficando á escuta do estrondo de um acontecimento phantastico, talvez, deixa-se morrer de inercia.

E se, ao envez, procurasse trabalhar calma e preponderadamente não seria melhor ?

Editorial do semanário O Eco de 28/4/1940



A Guerra e as Discussões

Alexandre CHITTO

As noticias de alem mar, mesmo neste pacifico e grandioso Brasil, dividiram as opiniões em dois campos extremamente oppostos: os alliadophilos e os germanophilos.

A guerra trouxe por aqui divergencias de ideas, aliás, muito justas, porque, do contrario, nem estariam brigando na Europa, se todos pensassem da mesma forma.

Mas dessas que a principio eram méros palpites, occasionaes, dados assim para registar os acontecimentos nas espheras sociaes, agora, talvez com o prolongamento do conflicto, as discussões são mais acaloradas, ultrapassam as raias da simples exposição de pensamento para entrar no campo dos debates e da systematica intransigencia. Repetem-se os episodios de 1914. Rompem-se velhos liames de amizades e velhas ligações de interesse economico commercial.

E tudo por que? Porque as partes em demanda descem do nivel da ethica da discussão, ferindo-se o espirito mutuamente.

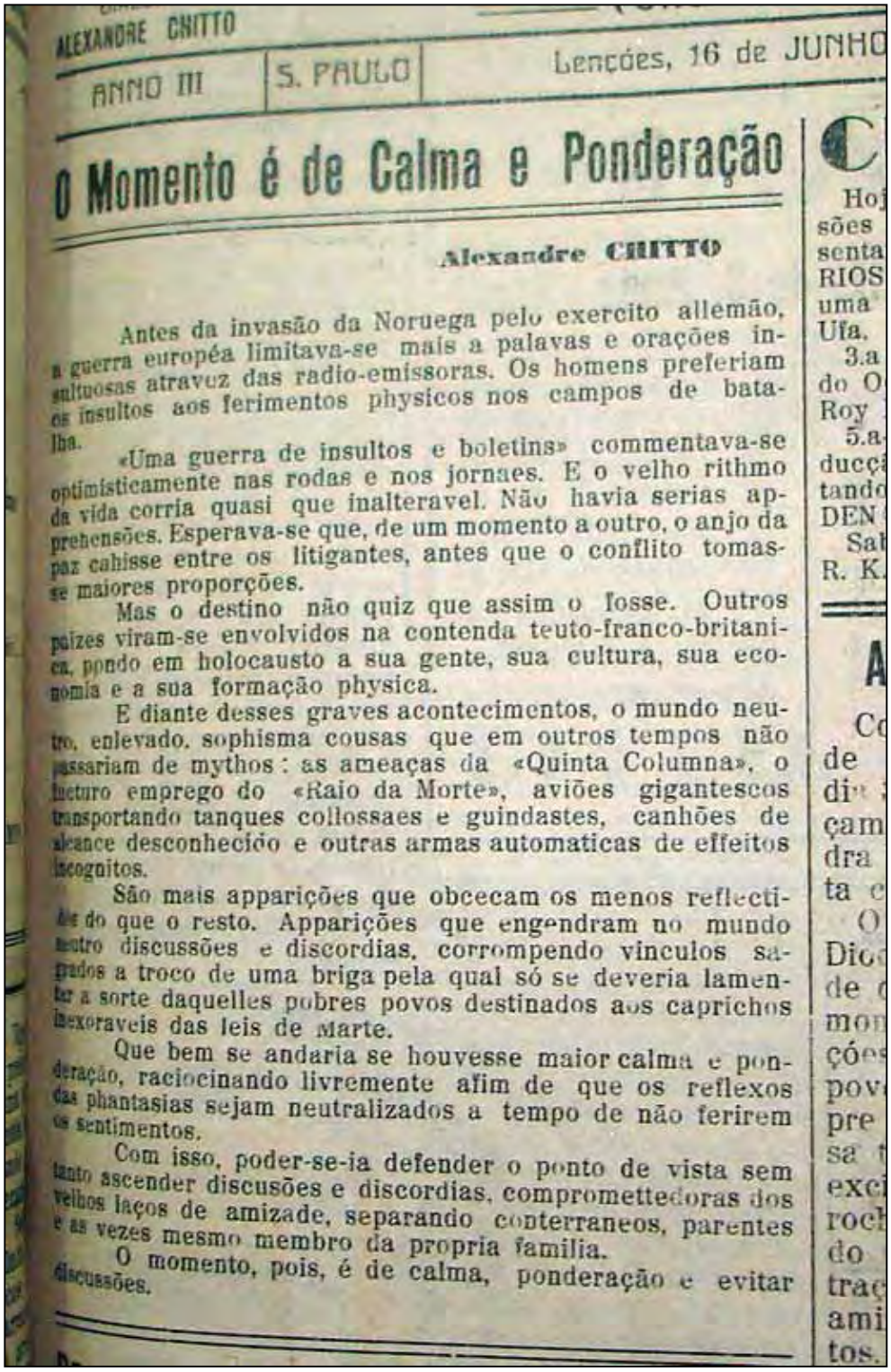
Como poderiamos dizer na frente de um nosso adversario de prosa, sem receber de prompto a resposta, que Chamberlain é um maniaco porque faz uso do guarda chuva ainda quando viaja de aeroplano; que Hithler é um esfregador de cartazes porque occupava uma posição humilde antes de subir ao poder; ou que Daladior é um comprado porque a França faz causa unica com a Grã-Bretanho e que Mussoline é um louco porque faz caretas quando fala?

Ora, esses homens são grandes projecções na politica do seu paiz. E a concepção de que Chamberlain é um maniaco, Hithler um raspador de cartazes, Daladier um comprado e Mussoline é um louco, equivale dizer que o povo inglez, allemão, francez e italiano soffrem dos mesmos males, porque adversamente nenhum delles estaria á testa dos destinos de seu paiz.

E' concebivel isso? Ou é concebivel que os povos daquelles mesmos paizes não enxergam que estão sendo guiados por chefes cujo estado de espirito muito deixa a desejar? Não! Absurdo pensar isso!

Então o mal dos entendimentos está na explosão das aversões contra o paiz defendido pelo nosso interlocutor, as quaes devem ser expostas com calma e preponderação. Com maior respeito, aliás, ás idéas que o nosso adversario defende.

Editorial do semanário O Eco de 16/6/1940



ALEXANDRE CHITTO

ANNO III | S. PAULO | Lençóes, 16 de JUNHO

O Momento é de Calma e Ponderação

Alexandre CHITTO

Antes da invasão da Noruega pelo exercito allemão, a guerra européa limitava-se mais a palavas e orações insultuosas atravez das radio-emissoras. Os homens preferiam os insultos aos ferimentos physicos nos campos de batalha.

«Uma guerra de insultos e boletins» commentava-se optimisticamente nas rodas e nos jornaes. E o velho rithmo da vida corria quasi que inalteravel. Não havia serias apprehensões. Esperava-se que, de um momento a outro, o anjo da paz cahisse entre os litigantes, antes que o conflito tomasse maiores proporções.

Mas o destino não quiz que assim o fosse. Outros paizes viram-se envolvidos na contenda teuto-franco-britanica, pondo em holocausto a sua gente, sua cultura, sua economia e a sua formação physica.

E diante desses graves acontecimentos, o mundo neutro, enlevado, sophisma cousas que em outros tempos não passariam de mythos: as ameaças da «Quinta Columna», o futuro emprego do «Raio da Morte», aviões gigantescos transportando tanques collossaes e guindastes, canhões de alcance desconhecido e outras armas automaticas de effeitos incognitos.

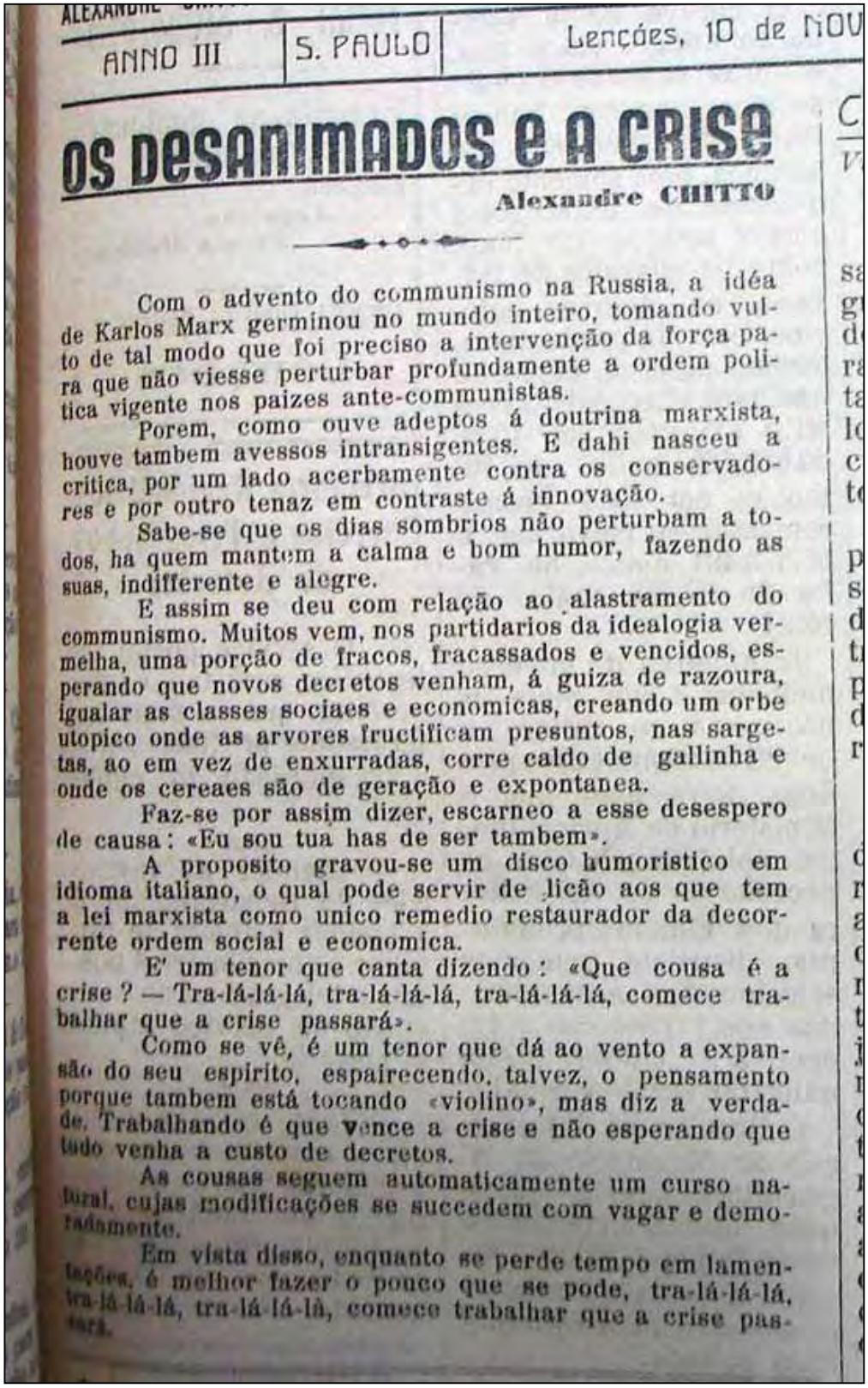
São mais apparições que obcecam os menos reflectidos do que o resto. Apparições que engendram no mundo neutro discussões e discordias, corrompendo vinculos sagrados a troco de uma briga pela qual só se deveria lamentar a sorte daquelles pobres povos destinados aos caprichos inexoraveis das leis de Marte.

Que bem se andaria se houvesse maior calma e ponderação, raciocinando livremente afim de que os reflexos das phantasias sejam neutralizados a tempo de não ferirem os sentimentos.

Com isso, poder-se-ia defender o ponto de vista sem tanto ascender discusões e discordias, compromettedoras dos velhos laços de amizade, separando conterraneos, parentes e as vezes mesmo membro da propria familia.

O momento, pois, é de calma, ponderação e evitar discussões.

Editorial do semanário O Eco de 10/11/1940



ALEXANDRE CHITTO

ANNO III | S. PAULO | Lençóes, 10 de NOV

OS DESANIMADOS E A CRISE

Alexandre CHITTO

Com o advento do communismo na Russia, a idéa de Karlos Marx germinou no mundo inteiro, tomando vulto de tal modo que foi preciso a intervenção da força para que não viesse perturbar profundamente a ordem politica vigente nos paizes ante-communistas.

Porem, como ouve adeptos á doutrina marxista, houve tambem avessos intransigentes. E dahi nasceu a critica, por um lado acerbamente contra os conservadores e por outro tenaz em contraste á innovação.

Sabe-se que os dias sombrios não perturbam a todos, ha quem mantem a calma e bom humor, fazendo as suas, indifferente e alegre.

E assim se deu com relação ao alastramento do communismo. Muitos vem, nos partidarios da idealogia vermelha, uma porção de fracos, fracassados e vencidos, esperando que novos decretos venham, á guiza de razoura, igualar as classes sociaes e economicas, creando um orbe utopico onde as arvores fructificam presuntos, nas sargetas, ao em vez de enxurradas, corre caldo de gallinha e onde os cereaes são de geração e expontanea.

Faz-se por assim dizer, escarneo a esse desespero de causa: «Eu sou tua has de ser tambem».

A proposito gravou-se um disco humoristico em idioma italiano, o qual pode servir de lição aos que tem a lei marxista como unico remedio restaurador da decorrente ordem social e economica.

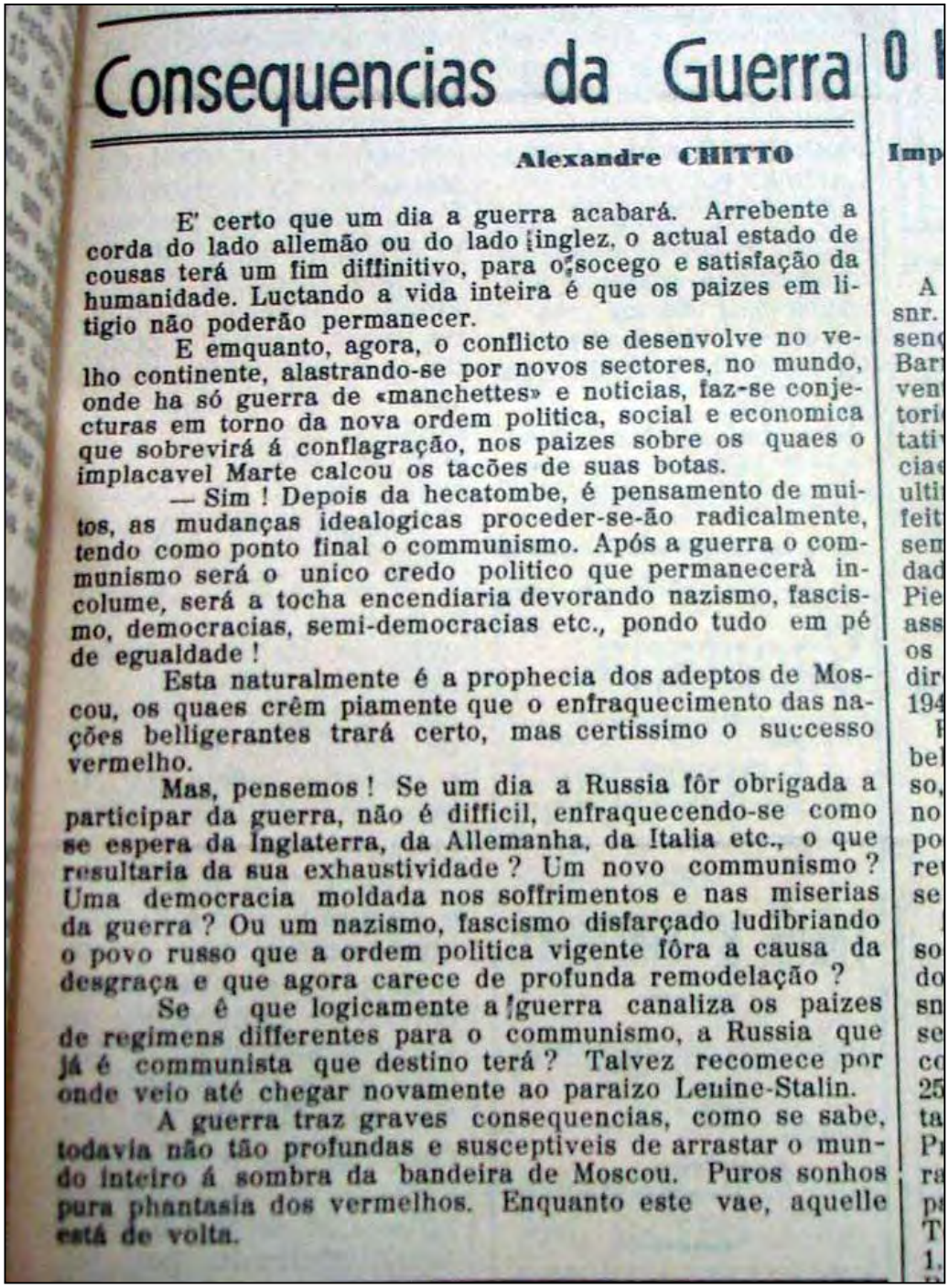
E' um tenor que canta dizendo: «Que cousa é a crise? — Tra-lá-lá-lá, tra-lá-lá-lá, tra-lá-lá-lá, comece trabalhar que a crise passará».

Como se vê, é um tenor que dá ao vento a expansão do seu espirito, espairecendo, talvez, o pensamento porque tambem está tocando «violino», mas diz a verdade. Trabalhando é que vence a crise e não esperando que tudo venha a custo de decretos.

As cousas seguem automaticamente um curso natural, cujas modificações se succedem com vagar e demoradamente.

Em vista disso, enquanto se perde tempo em lamentações, é melhor fazer o pouco que se pode, tra-lá-lá-lá, tra-lá-lá-lá, tra-lá-lá-lá, comece trabalhar que a crise passará.

Editorial do semanário O Eco de 22/12/1940



Consequencias da Guerra

Alexandre CHITTO

E' certo que um dia a guerra acabará. Arrebente a corda do lado allemão ou do lado inglez, o actual estado de cousas terá um fim diffinitivo, para o socego e satisfação da humanidade. Luctando a vida inteira é que os paizes em litigio não poderão permanecer.

E emquanto, agora, o conflicto se desenvolve no velho continente, alastrando-se por novos sectores, no mundo, onde ha só guerra de «manchettes» e noticias, faz-se conjecturas em torno da nova ordem politica, social e economica que sobrevirá á conflagração, nos paizes sobre os quaes o implacavel Marte calcou os tacões de suas botas.

— Sim ! Depois da hecatombe, é pensamento de muitos, as mudanças idealogicas proceder-se-ão radicalmente, tendo como ponto final o communismo. Após a guerra o communismo será o unico credo politico que permanecerá incolume, será a tocha encendiaria devorando nazismo, fascismo, democracias, semi-democracias etc., pondo tudo em pé de egualdade !

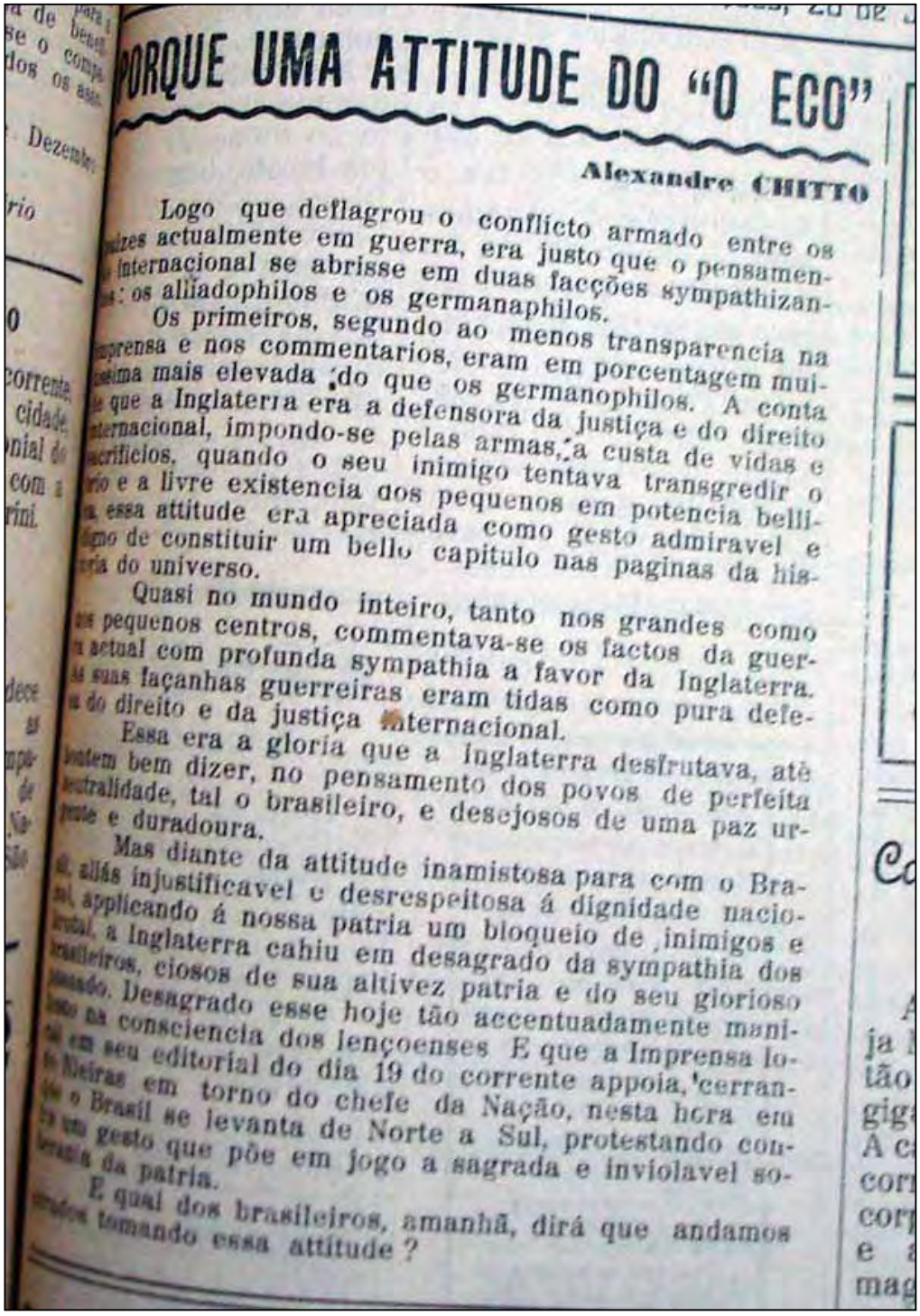
Esta naturalmente é a prophecia dos adeptos de Moscou, os quaes crêm piamente que o enfraquecimento das nações belligerantes trará certo, mas certissimo o successo vermelho.

Mas, pensemos ! Se um dia a Russia fôr obrigada a participar da guerra, não é difficil, enfraquecendo-se como se espera da Inglaterra, da Allemanha, da Italia etc., o que resultaria da sua exhaustividade ? Um novo communismo ? Uma democracia moldada nos soffrimentos e nas miserias da guerra ? Ou um nazismo, fascismo disfarçado ludibriando o povo russo que a ordem politica vigente fôra a causa da desgraça e que agora carece de profunda remodelação ?

Se é que logicamente a guerra canaliza os paizes de regimens differentes para o communismo, a Russia que já é communista que destino terá ? Talvez recomece por onde veio até chegar novamente ao paraizo Lenine-Stalin.

A guerra traz graves consequencias, como se sabe, todavia não tão profundas e susceptiveis de arrastar o mundo inteiro á sombra da bandeira de Moscou. Puros sonhos pura phantasia dos vermelhos. Enquanto este vae, aquelle está de volta.

Editorial do semanário O Eco de 26/1/1941



PORQUE UMA ATTITUDE DO "O ECO"

Alexandre CHITTO

Logo que deflagrou o conflicto armado entre os ...izes actualmente em guerra, era justo que o pensamen... internacional se abrisse em duas facções sympathizan...: os alliadophilos e os germanaphilos.

Os primeiros, segundo ao menos transparencia na ...prensa e nos commentarios, eram em porcentagem mui... ...ma mais elevada do que os germanophilos. A conta ... que a Inglaterra era a defensora da justiça e do direito ...ternacional, impondo-se pelas armas, a custa de vidas e ...crificios, quando o seu inimigo tentava transgredir o ...io e a livre existencia dos pequenos em potencia belli... ... essa attitude era apreciada como gesto admiravel e ...mo de constituir um bello capitulo nas paginas da his... ...ria do universo.

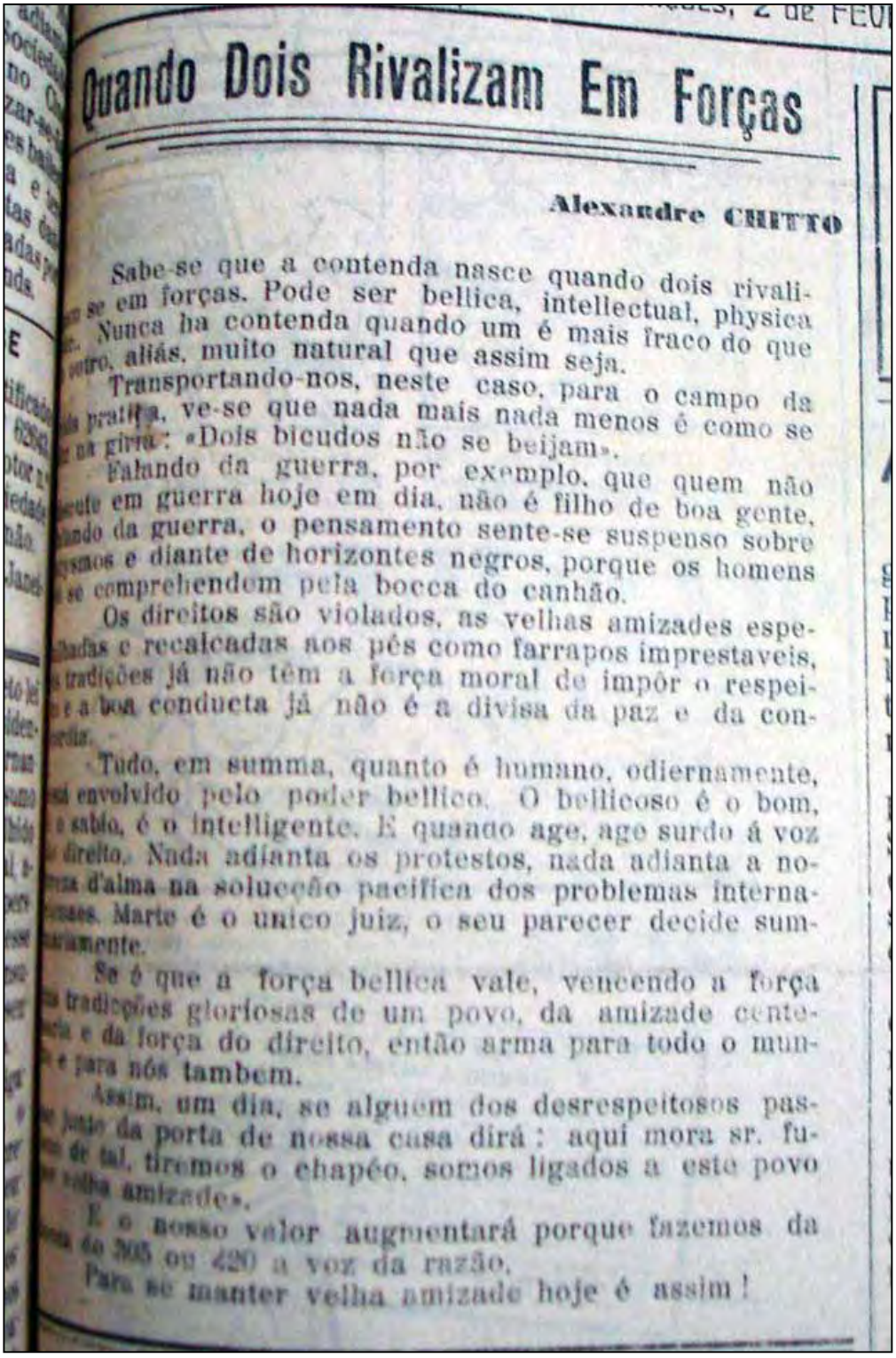
Quasi no mundo inteiro, tanto nos grandes como ...s pequenos centros, commentava-se os factos da guer... ... actual com profunda sympathia a favor da Inglaterra. ...s suas façanhas guerreiras eram tidas como pura defe... ... do direito e da justiça internacional.

Essa era a gloria que a Inglaterra desfrutava, até ...ntem bem dizer, no pensamento dos povos de perfeita ...utralidade, tal o brasileiro, e desejosos de uma paz ur... ...nte e duradoura.

Mas diante da attitude inamistosa para com o Bra... ..., aliás injustificavel e desrespeitosa á dignidade nacio... ..., applicando á nossa patria um bloqueio de inimigos e ...rutal, a Inglaterra cahiu em desagrado da sympathia dos ...rasileiros, ciosos de sua altivez patria e do seu glorioso ...assado. Desagrado esse hoje tão accentuadamente mani... ... na consciencia dos lençoenses E que a Imprensa lo... ... em seu editorial do dia 19 do corrente appoia, cerran... ... Fileiras em torno do chefe da Nação, nesta hora em ...e o Brasil se levanta de Norte a Sul, protestando con... ... um gesto que põe em jogo a sagrada e inviolavel so... ...berania da patria.

E, qual dos brasileiros, amanhã, dirá que andamos ...rados tomando essa attitude?

Editorial do semanário O Eco de 2/2/1941



Quando Dois Rivalizam Em Forças

Alexandre CHITTO

Sabe-se que a contenda nasce quando dois rivalizam se em forças. Pode ser bellica, intellectual, physica ou outra. Nunca ha contenda quando um é mais fraco do que outro, aliás, muito natural que assim seja.

Transportando-nos, neste caso, para o campo da pratica, ve-se que nada mais nada menos é como se diz na giria: «Dois bicudos não se beijam».

Falando da guerra, por exemplo, que quem não acredite em guerra hoje em dia, não é filho de boa gente, falando da guerra, o pensamento sente-se suspenso sobre abismos e diante de horizontes negros, porque os homens já não se comprehendem pela bocca do canhão.

Os direitos são violados, as velhas amizades espesinhadas e recalcadas aos pés como farrapos imprestaveis, as tradições já não têm a força moral de impôr o respeito e a boa conducta já não é a divisa da paz e da concordia.

Tudo, em summa, quanto é humano, odiernamente, está envolvido pelo poder bellico. O bellicoso é o bom, o sabio, é o intelligente. E quando age, age surdo á voz do direito. Nada adianta os protestos, nada adianta a nobreza d'alma na solucção pacifica dos problemas internacionaes. Marte é o unico juiz, o seu parecer decide sumariamente.

Se é que a força bellica vale, vencendo a força das tradicções gloriosas de um povo, da amizade centenaria e da força do direito, então arma para todo o mundo e para nós tambem.

Assim, um dia, se alguem dos desrespeitosos passar junto da porta de nossa casa dirá: aqui mora sr. fulano de tal, tiremos o chapéo, somos ligados a este povo por velha amizade».

E o nosso valor augmentará porque fazemos da arma do 305 ou 420 a voz da razão.

Para se manter velha amizade hoje é assim!

Editorial do semanário O Eco de 30/3/1941

A Russia Em Face da Guerra Actual

Alexandre CHITTO

Nesta hora em que o conflicto armado resvala todos os horizontes dos paizes europeus e em parte da America, faz-se conjecturas o que será o enigma russa na sua politica de neutralidade.

Uns vêm Moscou virado sympathicamente pelo lado da Grã-Bretanha, porque o regime moscovita não se coaduna com os principios fundamentaes do credo nazista e fascista.

Hitler e Mussolini foram sempre a aza negra do espansionismo politico communista. Na Hespanha, onde as doutrinas vermelhas já haviam creado raizes, as hostes italo-teutonicas travaram-lhe lucta aberta, prestando ajuda militar ao general Franco, que, depois de tres annos de batalha, conseguiu desalojar o governo central com todo o prestigio franco-russo-britanico da peninsula iberica.

Os maiores inimigos da Russia são, portanto, a Allemanha e a Italia. E como pretender que Stalin esteja cahidinho pelo «eixo», não sendo mesmo impossivel a sua intervenção no conflicto armado contra o império britanico?

E depois, victorioso o «eixo» a Allemanha e a Italia implantarão a nova ordem politica europea compreendendo-se mutuamente com a de Moscou?

Não! A Russia é contra o «eixo». Nunca o communismo poderá irmanar-se com o nazismo e fascismo, ainda mais nesta hora propicia para os russos. Quando menos se cré, o tufão moscovita cahirá sobre a dupla Roma-Berlim, favorecendo assim a victoria da Inglaterra, depois de tirar tambem o seu quinhão, visto que o tratado triplice para o Japão não vae alem da assignatura

Agora, o reverso da medalha.

E os E. Unidos tomarão parte decisiva da lucta? Tomando e vencendo a guerra, a Russia sentir-se á mais feliz ao lado dos E. Unidos e da Inglaterra do que da Allemanha e Italia? Os E. Unidos far-lhe-ão uma guerra economica implacavel, até exilal-a dos mercados internacionaes, posto que ambos já tentaram essa partida.

A Inglaterra uma vez victoriosa indubitavelmente, penderá para os E. Unidos. E neste caso, estes terão melhor posição.

Como se vê, de um lado ha agua, de outro ha fogo. Assim o enigma russo permanecerá de pé enquando que Stalin não estiver certo do successo presente e de que o prestigio communista, no fucturo, não seja destruido.

Editorial do semanário O Eco de 6/4/1941

DIPLOMACIA BRASILEIRA

Alexandre CHITTO

Irrompendo a guerra na Europa, o mundo havia de abrir-se em duas partes extremamente oppostas, disputando pelo desfecho final da lucta com a victoria da nação sympathica. E com isso entrou em jogo a diplomacia.

Conhece-se o papel preponderante que está desempenhando a artimanha e argucia diplomatica no desenvolvimento da actual guerra. Ultimamente, nos Balcans, a arma de conquista foi mais a diplomacia do que as proprias armas.

E dispostas nos quatro quadrantes do orbe, as forças diplomaticas vão agregando sympathizantes cada qual ao seu redor. Não só como attrahem cooperação bellica e alimentar. Tornam-se, em fim, as favoritas dos paizes que não nos resistem às batidellas nas costas.

F' bem reduzido o numero de nações dos differentes continentes que actualmente ainda não hajam manifestado a sua opinião pelo lado do qual nutrem o desejo da victoria.

Na europa, excepto o enigma russo, que estudando-o bem, a sua neutralidade tambem não é de todo absoluta, os paizes do velho mundo já se manifestaram. E agora não só sympathizam como trabalham para que o curso dos acontecimentos não se altere desfavoravelmente ao seu favorito.

Na America, os Estados Unidos já escolheram o seu partido e já tomam parte activa com o envio de viveres e munições á Inglaterra.

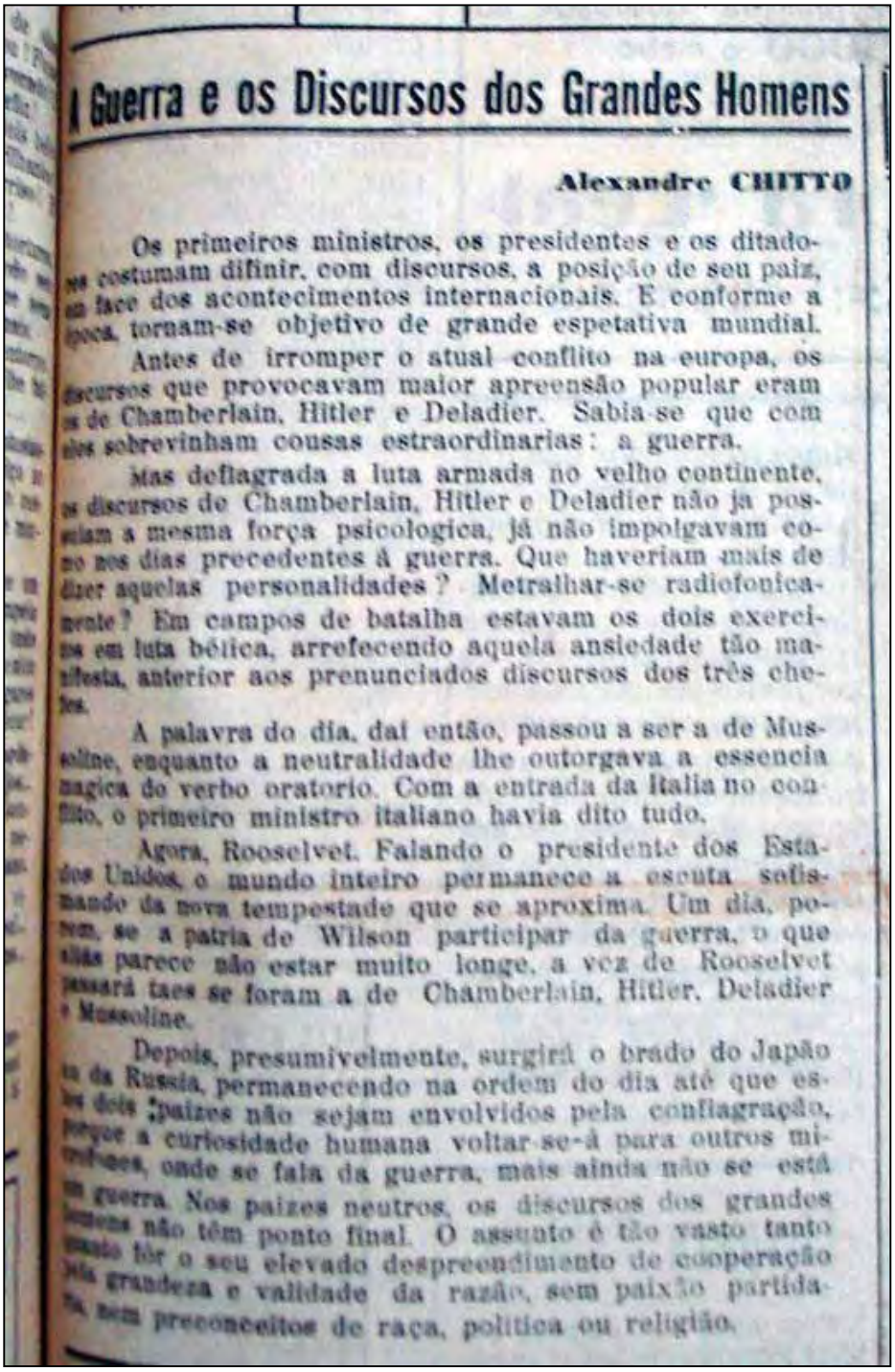
Na America do Sul. si bem que atraz dos bastidores das altas espheras governamentaes de muitos paizes se manifeste o regosijo pela victoria de um ou de outro, manifestações abertas denunciando a pendencia official ainda não houve. A America do Sul portanto, não está integrada activamente na lucta. Ao menos esforça-se para uma politica de absoluta neutralidade.

Mas a diplomacia mais fina, mais leal, verdadeiramente imparcial e digna de todos os encomios, por ser baseada na pura e manifesta neutralidade, é a exercida pelo Brasil.

Pondo de lado o nosso fervoroso patriotismo, precisamos confessar, sem rodeios nem subterfugios que o Brasil, integrado na politica da personalidade do sr. Getulio Vargas soube, até agora, manter-se numa linha de conducta de grande envergadura, de molde a não desagradar ambos os litigantes, uma vez respeitada a dignidade nacional.

E seguindo essa rota de absoluta neutralidade, amanhã, terminada a guerra, vencido e vencedor não terão que lamentar o procedimento do Brasil e do seu governo com relação a um conflicto completamente extranho á sua existencia externa e interna.

Editorial do semanário O Eco de 8/6/1941



A Guerra e os Discursos dos Grandes Homens

Alexandre CHITTO

Os primeiros ministros, os presidentes e os ditadores costumam difinir, com discursos, a posição de seu paiz, em face dos acontecimentos internacionais. E conforme a época, tornam-se objetivo de grande espetativa mundial.

Antes de irromper o atual conflito na europa, os discursos que provocavam maior apreensão popular eram os de Chamberlain, Hitler e Deladier. Sabia-se que com elles sobrevinham cousas estraordinarias: a guerra.

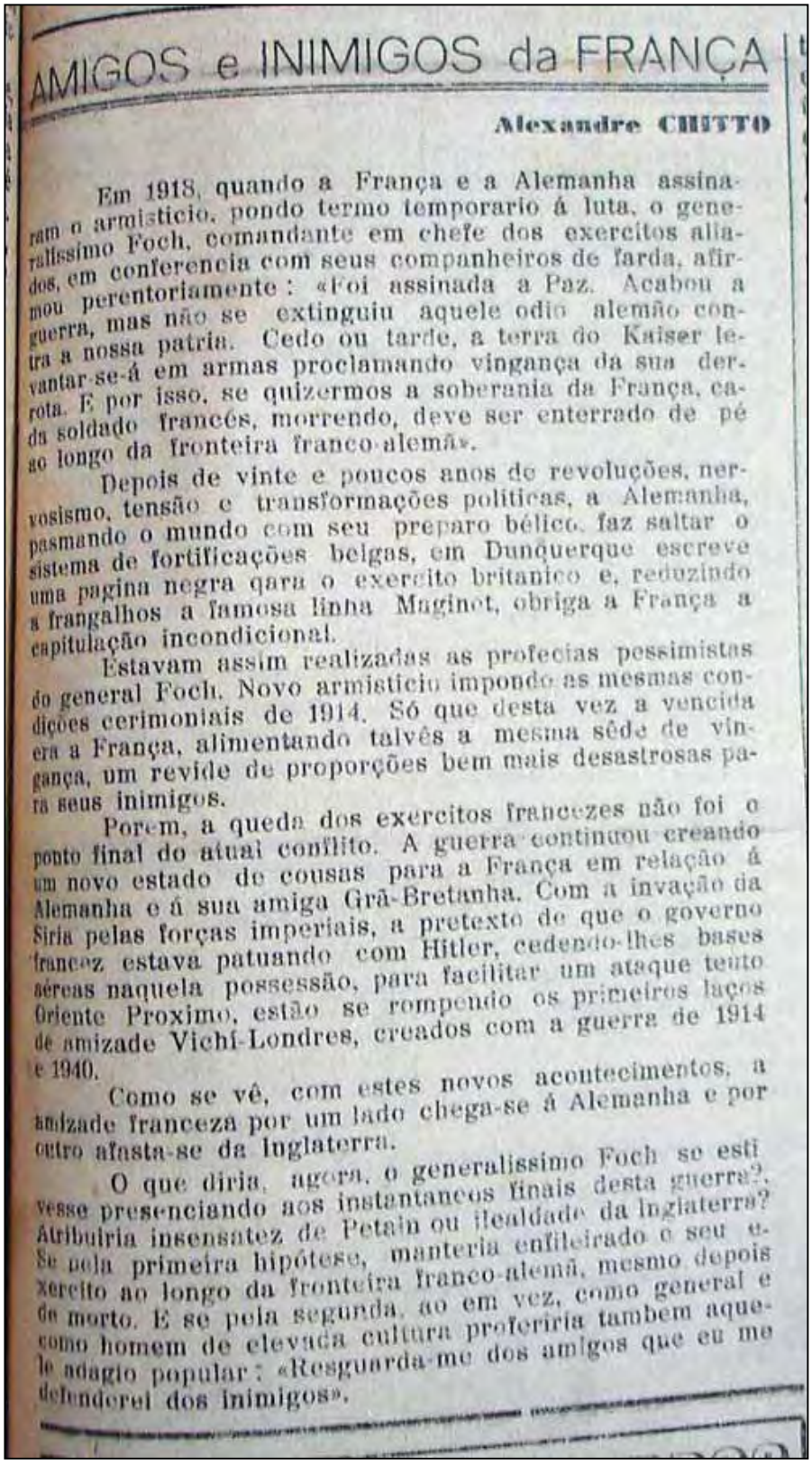
Mas deflagrada a luta armada no velho continente, os discursos de Chamberlain, Hitler e Deladier não ja possuiam a mesma força psicologica, já não impolgavam como nos dias precedentes á guerra. Que haveriam mais de dizer aquelas personalidades? Metralhar-se radiofonicamente? Em campos de batalha estavam os dois exercitos em luta bélica, arrefecendo aquela ansiedade tão manifesta, anterior aos prenunciados discursos dos três chefes.

A palavra do dia, dai então, passou a ser a de Mussolini, enquanto a neutralidade lhe outorgava a essencia magica do verbo oratorio. Com a entrada da Italia no conflito, o primeiro ministro italiano havia dito tudo.

Agora, Rooselvet. Falando o presidente dos Estados Unidos, o mundo inteiro permanece a escuta sofismando da nova tempestade que se aproxima. Um dia, porem, se a patria de Wilson participar da guerra, o que aliás parece não estar muito longe, a vez de Rooselvet passará taes se foram a de Chamberlain, Hitler, Deladier e Mussolini.

Depois, presumivelmente, surgirá o brado do Japão ou da Russia, permanecendo na ordem do dia até que estes dois paizes não sejam envolvidos pela conflagração, porque a curiosidade humana voltar-se-á para outros microfones, onde se fala da guerra, mais ainda não se está em guerra. Nos paizes neutros, os discursos dos grandes homens não têm ponto final. O assunto é tão vasto tanto quanto fôr o seu elevado despreendimento de cooperação pela grandeza e validade da razão, sem paixão partidaria, nem preconceitos de raça, politica ou religião.

Editorial do semanário O Eco de 22/6/1941



AMIGOS e INIMIGOS da FRANÇA

Alexandre CHITTO

Em 1918, quando a França e a Alemanha assinaram o armisticio, pondo termo temporario á luta, o generalissimo Foch, comandante em chefe dos exercitos aliados, em conferencia com seus companheiros de farda, afirmou perentoriamente: «Foi assinada a Paz. Acabou a guerra, mas não se extinguiu aquele odio alemão contra a nossa patria. Cedo ou tarde, a terra do Kaiser levantar-se-á em armas proclamando vingança da sua derrota. E por isso, se quizermos a soberania da França, cada soldado francês, morrendo, deve ser enterrado de pé ao longo da fronteira franco-alemã».

Depois de vinte e poucos anos de revoluções, nervosismo, tensão e transformações politicas, a Alemanha, pasmando o mundo com seu preparo bélico, faz saltar o sistema de fortificações belgas, em Dunquerque escreve uma pagina negra para o exercito britanico e, reduzindo a frangalhos a famosa linha Maginot, obriga a França a capitulação incondicional.

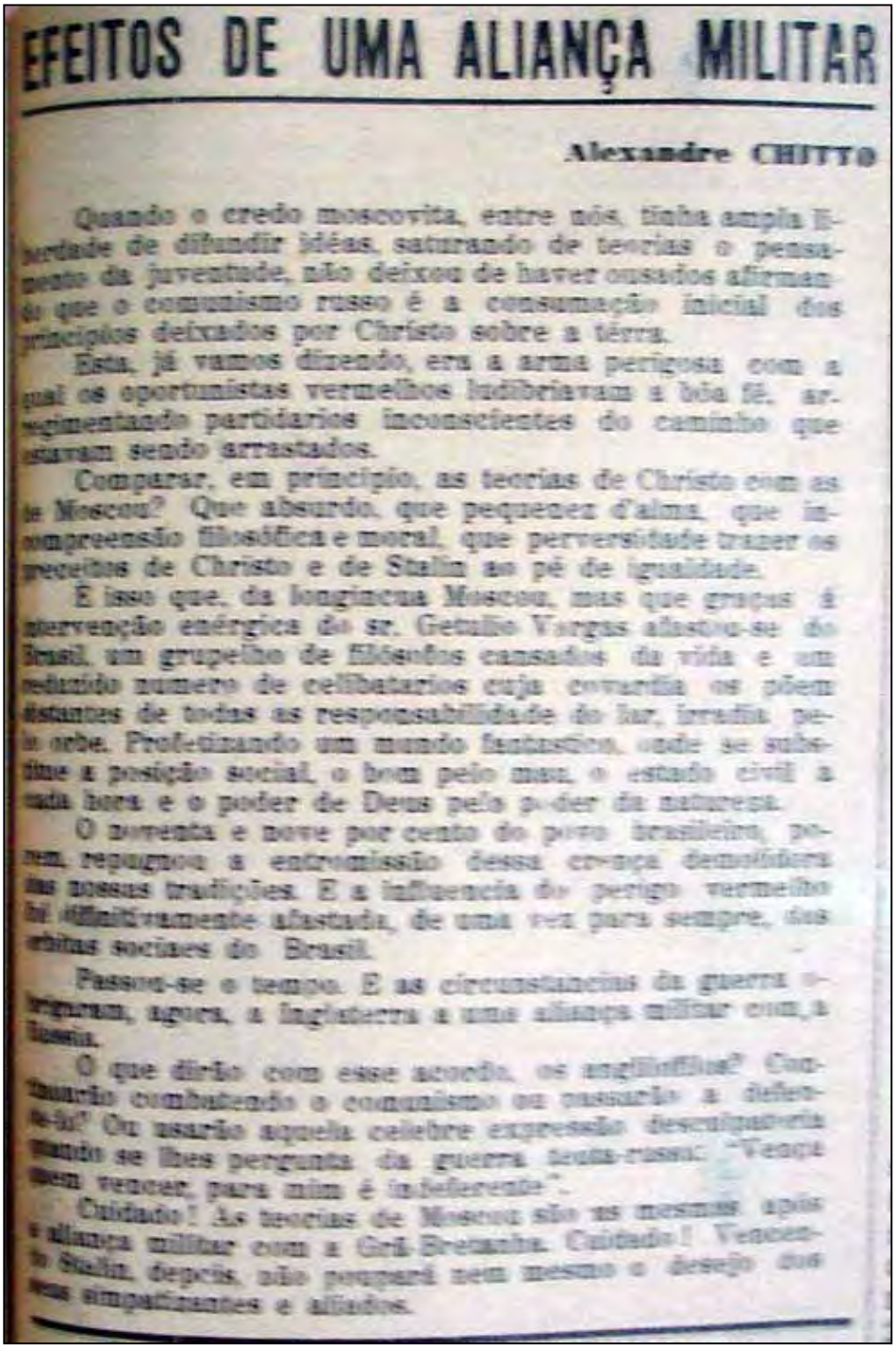
Estavam assim realizadas as profecias pessimistas do general Foch. Novo armisticio impondo as mesmas condições cerimoniais de 1914. Só que desta vez a vencida era a França, alimentando talvês a mesma sêde de vingança, um revide de proporções bem mais desastrosas para seus inimigos.

Porem, a queda dos exercitos francezes não foi o ponto final do atual conflito. A guerra continuou creando um novo estado de cousas para a França em relação á Alemanha e á sua amiga Grã-Bretanha. Com a invação da Siria pelas forças imperiais, a pretexto de que o governo francez estava patuando com Hitler, cedendo-lhes bases aéreas naquela possessão, para facilitar um ataque teuto Oriente Proximo, estão se rompendo os primeiros laços de amizade Vichí-Londres, creados com a guerra de 1914 e 1940.

Como se vê, com estes novos acontecimentos, a amizade franceza por um lado chega-se á Alemanha e por outro afasta-se da Inglaterra.

O que diria, agora, o generalissimo Foch se estivesse presenciando aos instantaneos finais desta guerra?. Atribuiria insensatez de Petain ou lealdade da Inglaterra? Se pela primeira hipótese, manteria enfileirado o seu exercito ao longo da fronteira franco-alemã, mesmo depois de morto. E se pela segunda, ao em vez, como general e como homem de elevada cultura proferiria tambem aquele adagio popular: «Resguarda-me dos amigos que eu me defenderei dos inimigos».

Editorial do semanário O Eco de 20/7/1941



EFEITOS DE UMA ALIANÇA MILITAR

Alexandre CHITTO

Quando o credo moscovita, entre nós, tinha ampla liberdade de difundir idéas, saturando de teorias o pensamento da juventude, não deixou de haver ousados afirmando que o communismo russo é a consumação inicial dos principios deixados por Christo sobre a têrra.

Esta, já vamos dizendo, era a arma perigosa com a qual os oportunistas vermelhos ludibriavam a bôa fé, arregimentando partidarios inconscientes do caminho que estavam sendo arrastados.

Comparar, em principio, as teorias de Christo com as de Moscou? Que absurdo, que pequenez d'alma, que incompreensão filosófica e moral, que perversidade trazer os preceitos de Christo e de Stalin ao pé de igualdade.

E isso que, da longinqua Moscou, mas que graças á intervenção enérgica do sr. Getulio Vargas afastou-se do Brasil, um grupelho de fidalgos cansados da vida e um reduzido numero de celibatarios cuja covardia os põem distantes de todas as responsabilidade do lar, irradia pelo orbe. Profetizando um mundo fantastico, onde se substitue a posição social, o bem pelo mau, o estado civil a cada hora e o poder de Deus pelo poder da natureza.

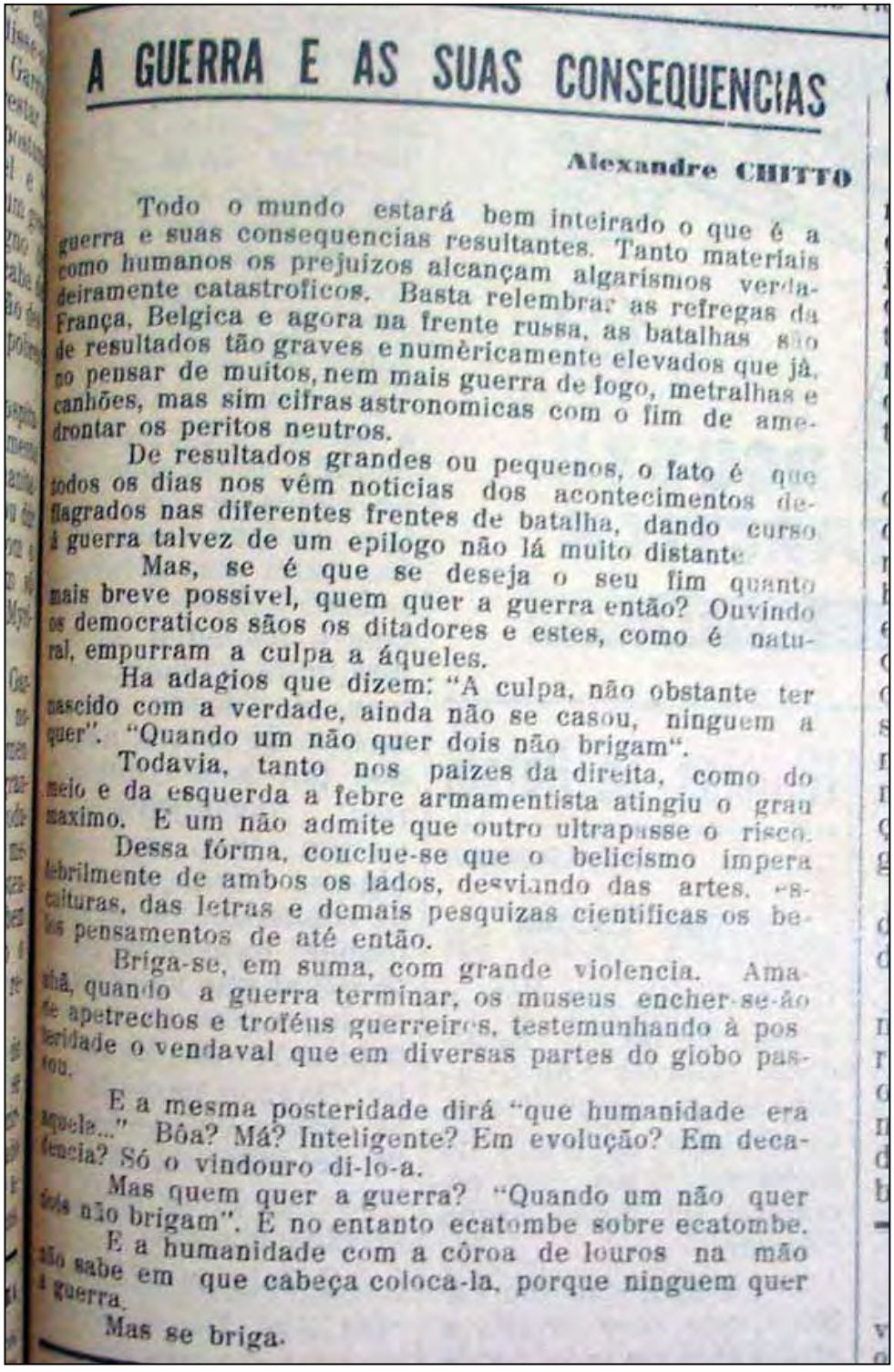
O noventa e nove por cento do povo brasileiro, porem, repugnou a entromissão dessa crença demolidora nas nossas tradições. E a influencia do perigo vermelho foi definitivamente afastada, de uma vez para sempre, das ordens sociaes do Brasil.

Passou-se o tempo. E as circunstancias da guerra integraram, agora, a Inglaterra a uma alliança militar com a Russia.

O que dirão com esse acordo, os anglofilos? Continuarão combatendo o communismo ou passarão a defendê-lo? Ou usarão aquela celebre expressão desculpatoria quando se lhes pergunta da guerra anglo-russa: "Vença quem vencer, para mim é indiferente".

Cuidado! As teorias de Moscou são as mesmas após a alliança militar com a Grã-Bretanha. Cuidado! Vencendo Stalin, depois, não poupará nem mesmo o desejo dos seus simpatizantes e aliados.

Editorial do semanário O Eco de 17/8/1941



A GUERRA E AS SUAS CONSEQUENCIAS

Alexandre CHITTO

Todo o mundo estará bem inteirado o que é a guerra e suas consequencias resultantes. Tanto materiais como humanos os prejuizos alcançam algarismos verdadeiramente catastroficos. Basta relembrar as refregas da França, Belgica e agora na frente russa, as batalhas são de resultados tão graves e numèricamente elevados que já, no pensar de muitos, nem mais guerra de fogo, metralhas e canhões, mas sim cifras astronomicas com o fim de amedrontar os peritos neutros.

De resultados grandes ou pequenos, o fato é que todos os dias nos vêm noticias dos acontecimentos deflagrados nas diferentes frentes de batalha, dando curso á guerra talvez de um epilogo não lá muito distante.

Mas, se é que se deseja o seu fim quanto mais breve possivel, quem quer a guerra então? Ouvindo os democraticos sãos os ditadores e estes, como é natural, empurram a culpa a áqueles.

Ha adagios que dizem: "A culpa, não obstante ter nascido com a verdade, ainda não se casou, ninguem a quer". "Quando um não quer dois não brigam".

Todavia, tanto nos paizes da direita, como do meio e da esquerda a febre armamentista atingiu o grau maximo. E um não admite que outro ultrapasse o risco.

Dessa fórma, conclue-se que o belicismo impera febrilmente de ambos os lados, desviando das artes, esculturas, das letras e demais pesquizas cientificas os belos pensamentos de até então.

Briga-se, em suma, com grande violencia. Amanhã, quando a guerra terminar, os museus encher-se-ão de apetrechos e troféus guerreiros, testemunhando á posteridade o vendaval que em diversas partes do globo passou.

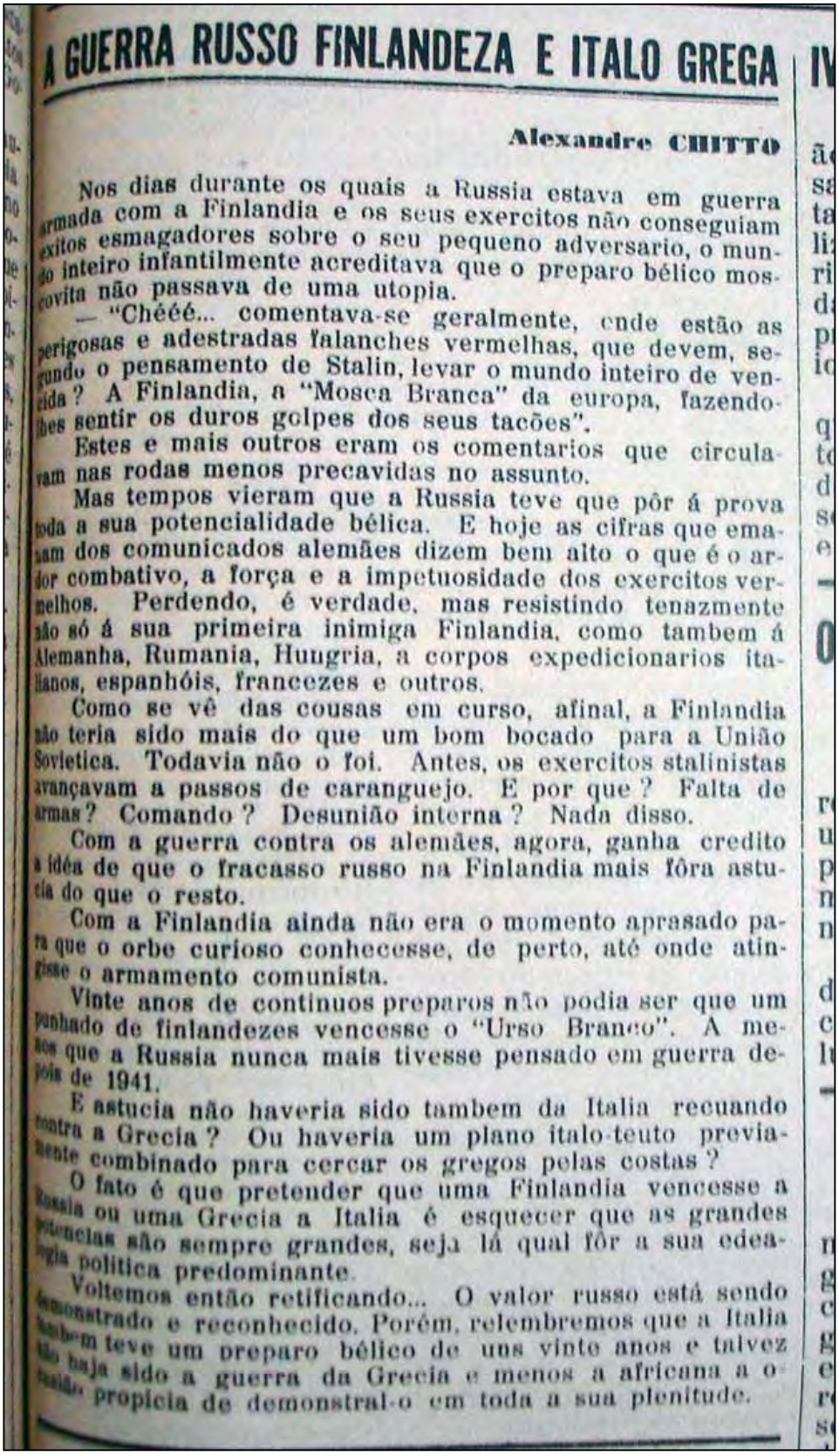
E a mesma posteridade dirá "que humanidade era aquela..." Bôa? Má? Inteligente? Em evolução? Em decadencia? Só o vindouro di-lo-a.

Mas quem quer a guerra? "Quando um não quer dois não brigam". E no entanto ecatombe sobre ecatombe.

E a humanidade com a côroa de louros na mão não sabe em que cabeça coloca-la, porque ninguem quer a guerra.

Mas se briga.

Editorial do semanário O Eco de 31/8/1941



A GUERRA RUSSO FINLANDEZA E ITALO GREGA

Alexandre CHITTO

Nos dias durante os quais a Russia estava em guerra armada com a Finlandia e os seus exercitos não conseguiam exitos esmagadores sobre o seu pequeno adversario, o mundo inteiro infantilmente acreditava que o preparo bélico moscovita não passava de uma utopia.

— "Chéé... comentava-se geralmente, onde estão as perigosas e adestradas falanches vermelhas, que devem, segundo o pensamento de Stalin, levar o mundo inteiro de vencida? A Finlandia, a "Mosca Branca" da europa, fazendo-lhes sentir os duros golpes dos seus tacões".

Estes e mais outros eram os comentarios que circulavam nas rodas menos precavidas no assunto.

Mas tempos vieram que a Russia teve que pôr á prova toda a sua potencialidade bélica. E hoje as cifras que emanam dos comunicados alemães dizem bem alto o que é o ardor combativo, a força e a impetuosidade dos exercitos vermelhos. Perdendo, é verdade, mas resistindo tenazmente não só á sua primeira inimiga Finlandia, como tambem á Alemanha, Rumania, Hungria, a corpos expedicionarios italianos, espanhóis, francezes e outros.

Como se vê das cousas em curso, afinal, a Finlandia não teria sido mais do que um bom bocado para a União Sovietica. Todavia não o foi. Antes, os exercitos stalinistas avançavam a passos de caranguejo. E por que? Falta de armas? Comando? Desunião interna? Nada disso.

Com a guerra contra os alemães, agora, ganha credito a idéa de que o fracasso russo na Finlandia mais fôra astucia do que o resto.

Com a Finlandia ainda não era o momento aprasado para que o orbe curioso conhecesse, de perto, até onde atingisse o armamento comunista.

Vinte anos de continuos preparos não podia ser que um punhado de finlandezes vencesse o "Urso Branco". A menos que a Russia nunca mais tivesse pensado em guerra depois de 1941.

E astucia não haveria sido tambem da Italia recuando contra a Grecia? Ou haveria um plano italo-teuto previamente combinado para cercar os gregos pelas costas?

O fato é que pretender que uma Finlandia vencesse a Russia ou uma Grecia a Italia é esquecer que as grandes potencias são sempre grandes, seja lá qual fôr a sua ideologia politica predominante.

Voltemos então retificando... O valor russo está sendo demonstrado e reconhecido. Porém, relembremos que a Italia tambem teve um preparo bélico de uns vinte anos e talvez não haja sido a guerra da Grecia o menos a africana a ocasião propicia de demonstral-o em toda a sua plenitude.

Editorial do semanário O Eco de 28/9/1941

PSICÓLOGIA COMUNISTA QUE MORRE

Alexandre CHITTO

Quando, no Brasil, as idealogias de todas as côres tinham livre curso, os partidarios da doutrina marxista visavam não só os seus adversários politicos, mas de preferencia o capitalismo.

Capitalismo que, no verdadeiro sentido lato da palavra, não passava, ás vezes, de uma sociedade apenas economicamente independente, constituida por pessôas que, hoje, não se retraem em confessar que aportaram ao Brasil como imigrantes ou malamente só possuiam o bastante para a viagem.

De tal categoria, em grande parte, 'eram os capitalistas contra os quais os vermelhos alimentavam ódio mortal, a sêde de substitui-los no seu logar de fortuna, para não dizer habilidade, olvidando-se de que aquela superioridade economica lhes sobreviéra do esforço, audacia, persistencia e trabalho. Aliás, ao alcance de muitos comunistas se estes quizessem empregar bem o seu tempo ao em vez de viverem sofismando com um mundo Utópico, sem normas religiosas, nem católicas e onde a natureza pròdiga se encarrega de manter o lar comum e depravado.

Mas, felizmente, aquela chama que parecia estar prêstes a devorar o mundo, o sôpro da humanidade vae, aos poucos, atirando-a para o alto da inóspita Sibéria, jazigo no qual hoje descansam eternamente os idealogistas russos avessos ao atual credo moscovita.

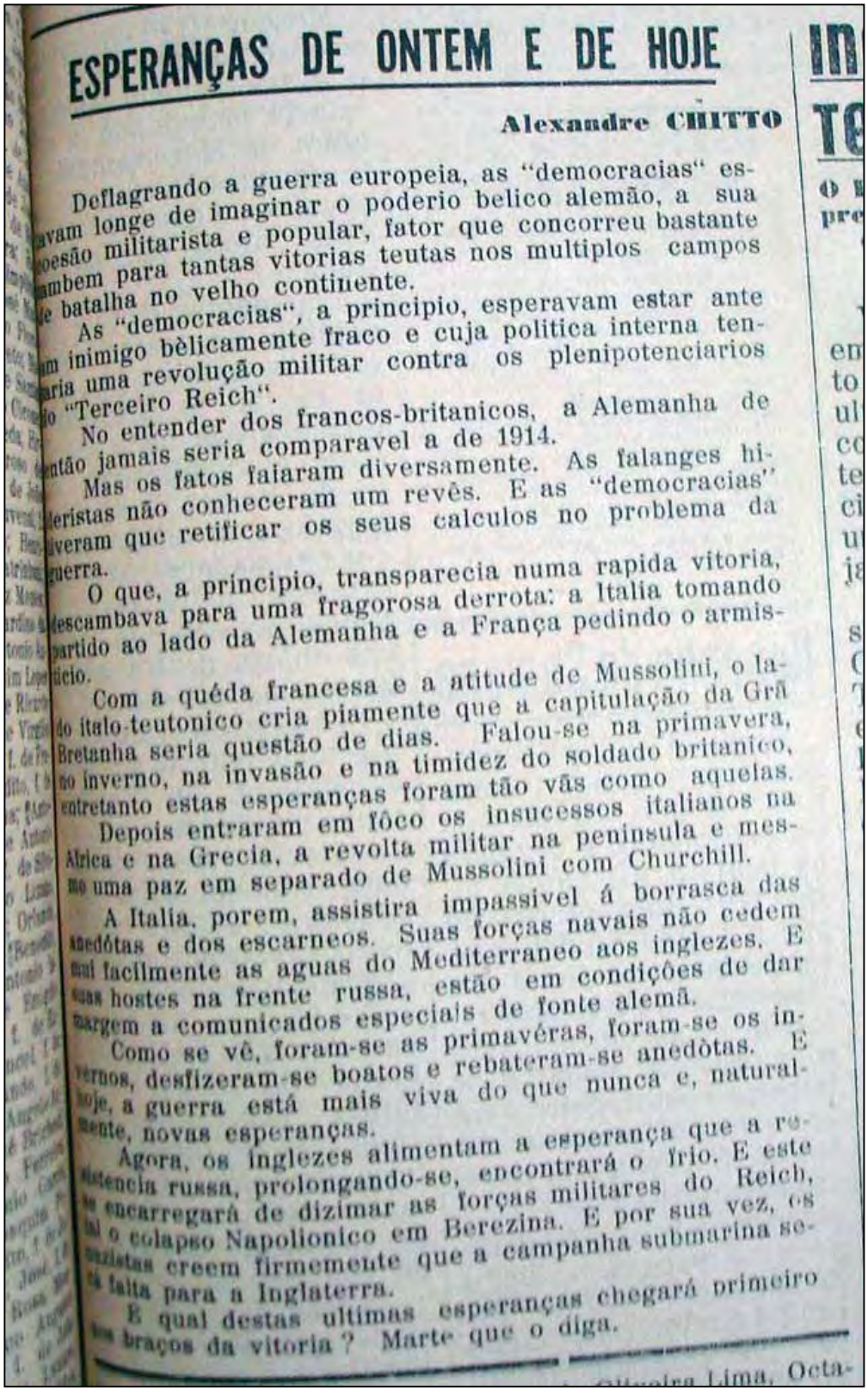
Um pouco a repressão, outro tanto a decepção, porque o comunismo na Russia não é mais do que a capa disfarçando a mão judaica, que, armada, pretende vencer o mundo, inumeros vermelhos abandonaram o pensamento da doutrina stalinista, passando a trabalhar e progredindo economicamente.

Agora, falando-lhes daquelas cousas «bonitas», daquele sonhado nivelamento social, respondem que aquilo não era mais do que uma farsa da «Terceira Internacional», desmascarada pela força que intransigentemente se opõe ás disparatadas pretenções de Moscou. Envergonham-se rememorando que subiram á escadaria de uma cadeia publica para revelar ás autoridades que faziam parte á seita vermelha.

E mesmo dizem: "Quem professa a usurpação do suor de outrem é inferior a um mendigo, porque este trabalha, pedindo".

É a psicologia comunista que morre.

Editorial do semanário O Eco de 5/10/1941



ESPERANÇAS DE ONTEM E DE HOJE

Alexandre CHITTO

Deflagrando a guerra europeia, as "democracias" estavam longe de imaginar o poderio belico alemão, a sua coesão militarista e popular, fator que concorreu bastante tambem para tantas vitorias teutas nos multiplos campos de batalha no velho continente.

As "democracias", a principio, esperavam estar ante um inimigo bèlicamente fraco e cuja politica interna teria uma revolução militar contra os plenipotenciarios do "Terceiro Reich".

No entender dos francos-britanicos, a Alemanha de então jamais seria comparavel a de 1914.

Mas os fatos faiaram diversamente. As falanges hitleristas não conheceram um revês. E as "democracias" viveram que retificar os seus calculos no problema da guerra.

O que, a principio, transparecia numa rapida vitoria, descambava para uma fragorosa derrota: a Italia tomando partido ao lado da Alemanha e a França pedindo o armisticio.

Com a quéda francesa e a atitude de Mussolini, o lado italo-teutonico cria piamente que a capitulação da Grã Bretanha seria questão de dias. Falou-se na primavera, no inverno, na invasão e na timidez do soldado britanico, entretanto estas esperanças foram tão vãs como aquelas.

Depois entraram em fôco os insucessos italianos na Africa e na Grecia, a revolta militar na peninsula e mesmo uma paz em separado de Mussolini com Churchill.

A Italia, porem, assistira impassivel á borrasca das anedótas e dos escarneos. Suas forças navais não cedem mui facilmente as aguas do Mediterraneo aos inglezes. E suas hostes na frente russa, estão em condições de dar margem a comunicados especiais de fonte alemã.

Como se vê, foram-se as primavéras, foram-se os invernos, desfizeram-se boatos e rebateram-se anedòtas. E hoje, a guerra está mais viva do que nunca e, naturalmente, novas esperanças.

Agora, os inglezes alimentam a esperança que a resistencia russa, prolongando-se, encontrará o frio. E este se encarregará de dizimar as forças militares do Reich, tal o colapso Napolionico em Berezina. E por sua vez, os nazistas creem firmemente que a campanha submarina será falta para a Inglaterra.

E qual destas ultimas esperanças chegará primeiro nos braços da vitoria? Marte que o diga.

Editorial do semanário O Eco de 19/10/1941

OS CATÓLICOS E O COMUNISMO

Alexandre CHITTO

A Imprensa de Madrid noticia que 35 milhões de católicos norte americanos são contrarios, sob todas as fórmas, a uma aliança com os soviéticos. Nos mesmos ambientes, informa-se na capital espanhola, a politica de Roosevelt, a favor da Russia, tem encontrado profunda repulsa.

De fato, ainda que o sr. Roosevelt tenha razões de sóbra prestando socorros ao bolchevismo, a pretesto de que o seu gesto só seria auxilio á Russia para salvaguardar as democracias e não defesa do comunismo, os católicos norte americanos sentir-se-iam espiritualmente derrotados cooperando com o governo do seu país, levando armas e munições aos vermelhos russos.

Os episódios historicos do bolchevismo estão repletos de passagens o que foi a luta dos comunistas contra a Igreja e contra todos os preceitos religiosos e espirituais.

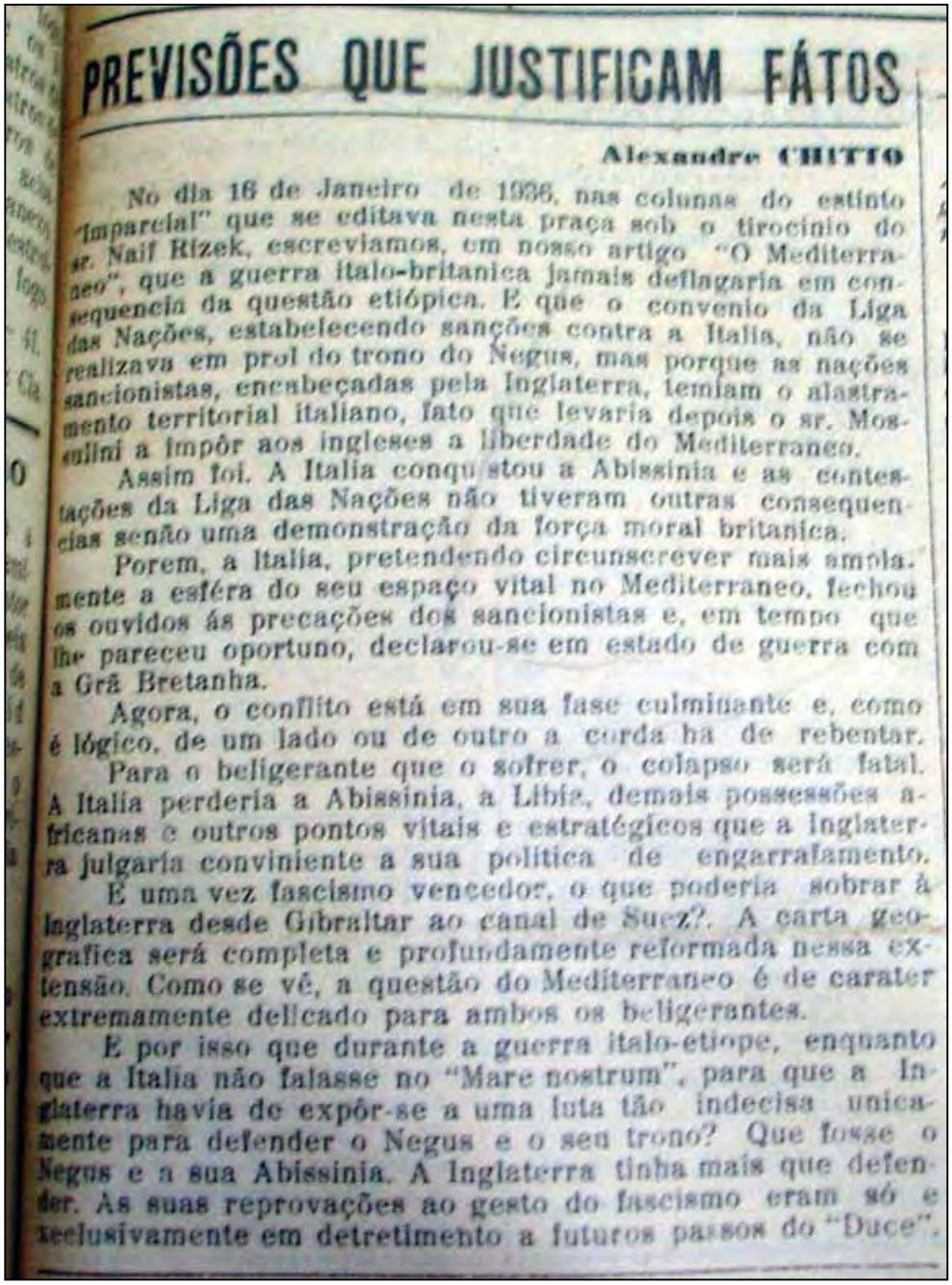
A bolchevisação da Russia foi um verdadeiro desastre para o catòlicismo. Foram os comunistas que destruiram e incendiaram 22.000 Igrejas, transformando outras 8.000 em fabricas de "Wodka", estribarias, casas de profanações e armazens. Foram os comunistas que, na Russia e na Espanha vermelha, profanaram conventos, depredaram imagens, assassinaram freiras e padres, submetendo-os antes a tristes e repugnantes torturas. Foram eles que desmantelaram os alicérces do lár, destruindo o sentimento santo e nobre entre progenitores e filhos.

Sim, foram os comunistas. Basta, então, historiar um desses capitulos para que um católico: simples ou ignorante, rico ou pobre, preto ou branco sinta correr pela medula um arrepio de repulsa ouvindo profecias de um sucesso moscovita nesta guerra.

E por esta razão, 35 milhões de católicos norte-americanos, segundo se noticia, estão preparando uma campanha monstro contra a politica do governo do seu país, o qual se dispõe a amparar, com auxilios bélicos, a quéda total do maior inimigo do católicismo, da religião e outros pensamentos livres que tanto as democracias espalham aos quatro ventos.

Sentir-se-ão felizes os católicos norte-americanos pensando em contrariar o chefe da Nação em sua politica de auxilio á Russia? Por certo que sim, se forem verdadeiramente católicos. Agora se forem meio cá meio lá, naturalmente a idealogia politica terminará por convence-los de que o maior e melhor paraiso é o creado por Stalin.

Editorial do semanário O Eco de 26/10/1941



PREVISÕES QUE JUSTIFICAM FÁTOS

Alexandre CHITTO

No dia 16 de Janeiro de 1936, nas colunas do estinto "Imparcial" que se editava nesta praça sob o tirocinio do sr. Naif Rizek, escreviamos, em nosso artigo "O Mediterraneo", que a guerra italo-britanica jamais deflagaria em consequencia da questão etiópica. E que o convenio da Liga das Nações, estabelecendo sanções contra a Italia, não se realizava em prol do trono do Negus, mas porque as nações sancionistas, encabeçadas pela Inglaterra, temiam o alastramento territorial italiano, fato que levaria depois o sr. Mussolini a impôr aos ingleses a liberdade do Mediterraneo.

Assim foi. A Italia conquistou a Abissinia e as contestações da Liga das Nações não tiveram outras consequencias senão uma demonstração da força moral britanica.

Porem, a Italia, pretendendo circunscrever mais amplamente a esféra do seu espaço vital no Mediterraneo, fechou os ouvidos ás precações dos sancionistas e, em tempo que lhe pareceu oportuno, declarou-se em estado de guerra com a Grã Bretanha.

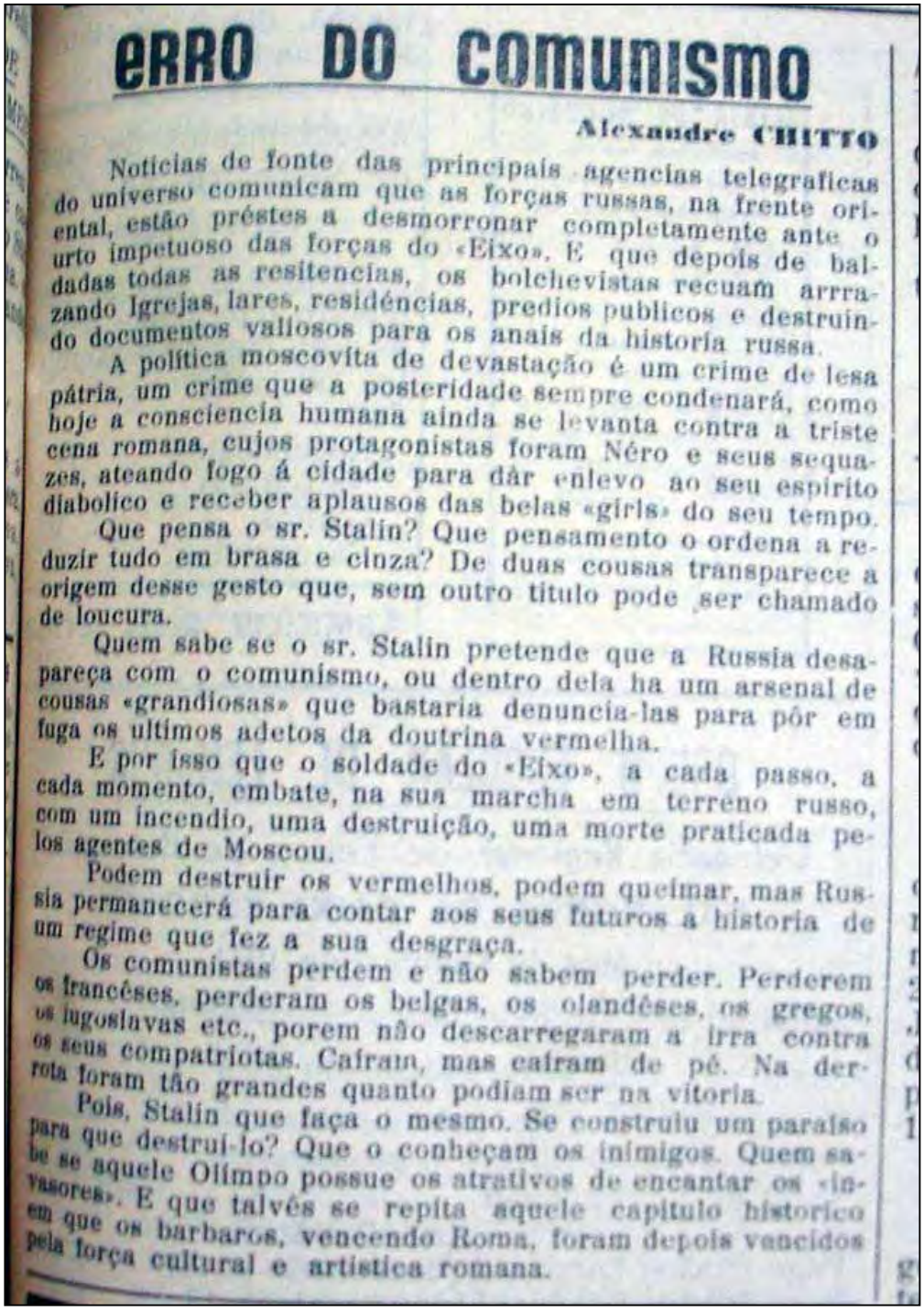
Agora, o conflito está em sua fase culminante e, como é lógico, de um lado ou de outro a corda ha de rebentar.

Para o beligerante que o sofrer, o colapso será fatal. A Italia perderia a Abissinia, a Libia, demais possessões africanas e outros pontos vitais e estratégicos que a Inglaterra julgaria conviniente a sua politica de engarrafamento.

E uma vez fascismo vencedor, o que poderia sobrar á Inglaterra desde Gibraltar ao canal de Suez?. A carta geografica será completa e profundamente reformada nessa extensão. Como se vê, a questão do Mediterraneo é de carater extremamente delicado para ambos os beligerantes.

E por isso que durante a guerra italo-etiope, enquanto que a Italia não falasse no "Mare nostrum", para que a Inglaterra havia de expôr-se a uma luta tão indecisa unicamente para defender o Negus e o seu trono? Que fosse o Negus e a sua Abissinia. A Inglaterra tinha mais que defender. As suas reprovações ao gesto do fascismo eram só e exclusivamente em detretimento a futuros passos do "Duce".

Editorial do semanário O Eco de 2/11/1941



ERRO DO COMUNISMO

Alexandre CHITTO

Noticias de fonte das principais agencias telegraficas do universo comunicam que as forças russas, na frente oriental, estão préstes a desmorronar completamente ante o urto impetuoso das forças do «Eixo». E que depois de baldadas todas as resitencias, os bolchevistas recuam arrrazando Igrejas, lares, residéncias, predios publicos e destruindo documentos valiosos para os anais da historia russa.

A política moscovita de devastação é um crime de lesa pátria, um crime que a posteridade sempre condenará, como hoje a consciencia humana ainda se levanta contra a triste cena romana, cujos protagonistas foram Néro e seus sequazes, ateando fogo á cidade para dár enlevo ao seu espirito diabolico e receber aplausos das belas «girls» do seu tempo.

Que pensa o sr. Stalin? Que pensamento o ordena a reduzir tudo em brasa e cinza? De duas cousas transparece a origem desse gesto que, sem outro titulo pode ser chamado de loucura.

Quem sabe se o sr. Stalin pretende que a Russia desapareça com o comunismo, ou dentro dela ha um arsenal de cousas «grandiosas» que bastaria denuncia-las para pôr em fuga os ultimos adetos da doutrina vermelha.

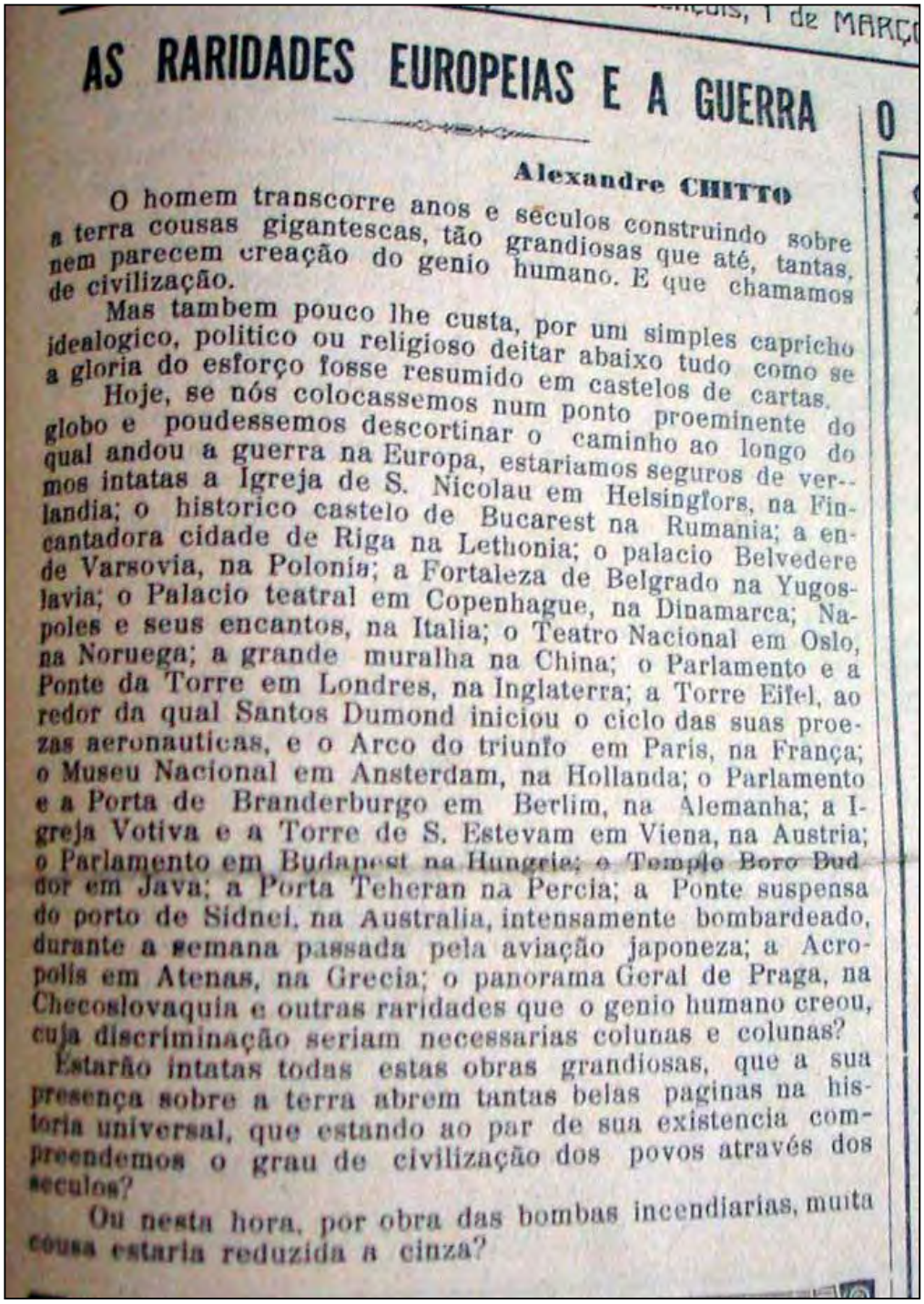
E por isso que o soldade do «Eixo», a cada passo, a cada momento, embate, na sua marcha em terreno russo, com um incendio, uma destruição, uma morte praticada pelos agentes de Moscou.

Podem destruir os vermelhos, podem queimar, mas Russia permanecerá para contar aos seus futuros a historia de um regime que fez a sua desgraça.

Os comunistas perdem e não sabem perder. Perderem os francêses, perderam os belgas, os olandêses, os gregos, os iugoslavas etc., porem não descarregaram a irra contra os seus compatriotas. Caíram, mas caíram de pé. Na derrota foram tão grandes quanto podiam ser na vitoria.

Pois, Stalin que faça o mesmo. Se construiu um paraiso para que destrui-lo? Que o conheçam os inimigos. Quem sabe se aquele Olimpo possue os atrativos de encantar os «invasores». E que talvés se repita aquele capitulo historico em que os barbaros, vencendo Roma, foram depois vencidos pela força cultural e artistica romana.

Editorial do semanário O Eco de 1/3/1942



AS RARIDADES EUROPEIAS E A GUERRA

Alexandre CHITTO

O homem transcorre anos e seculos construindo sobre a terra cousas gigantescas, tão grandiosas que até, tantas, nem parecem creação do genio humano. E que chamamos de civilização.

Mas tambem pouco lhe custa, por um simples capricho idealogico, politico ou religioso deitar abaixo tudo como se a gloria do esforço fosse resumido em castelos de cartas.

Hoje, se nós colocassemos num ponto proeminente do globo e poudessemos descortinar o caminho ao longo do qual andou a guerra na Europa, estariamos seguros de ver-mos intatas a Igreja de S. Nicolau em Helsingfors, na Finlandia; o historico castelo de Bucarest na Rumania; a encantadora cidade de Riga na Lethonia; o palacio Belvedere de Varsovia, na Polonia; a Fortaleza de Belgrado na Yugoslavia; o Palacio teatral em Copenhague, na Dinamarca; Napoles e seus encantos, na Italia; o Teatro Nacional em Oslo, na Noruega; a grande muralha na China; o Parlamento e a Ponte da Torre em Londres, na Inglaterra; a Torre Eifel, ao redor da qual Santos Dumond iniciou o ciclo das suas proezas aeronauticas, e o Arco do triunfo em Paris, na França; o Museu Nacional em Ansterdam, na Hollanda; o Parlamento e a Porta de Branderburgo em Berlim, na Alemanha; a Igreja Votiva e a Torre de S. Estevam em Viena, na Austria; o Parlamento em Budapest na Hungria; o Templo Boro Budor em Java; a Porta Teheran na Persia; a Ponte suspensa do porto de Sidnei, na Australia, intensamente bombardeado, durante a semana passada pela aviação japoneza; a Acropolis em Atenas, na Grecia; o panorama Geral de Praga, na Checoslovaquia e outras raridades que o genio humano creou, cuja discriminação seriam necessarias colunas e colunas?

Estarão intatas todas estas obras grandiosas, que a sua presença sobre a terra abrem tantas belas paginas na historia universal, que estando ao par de sua existencia compreendemos o grau de civilização dos povos através dos seculos?

Ou nesta hora, por obra das bombas incendiarias, muita cousa estaria reduzida a cinza?

Editorial do semanário O Eco de 22/3/1942



Cooperação e Patriotismo

Alexandre CHITTO

A guerra nos colocou diante de um estado de coisas que não poudemos adiar por mais tempo a atitude dicisiva e inabalavel que tomamos. As diretrizes do Brasil foram delineadas pelo sr. presidente da Republica e dentro delas devemos seguir o caminho da nossa conduta.

Nesta hora em que o Brasil atravessa, cada brasileiro deve ter plena consciencia das responsabilidades sociais, politicas e individuais assumidas ante o altar da patria, com a obrigação de decicar-lhe profundo despreendimento moral e fisico, cooperando na manutenção da ordem, confiança e ritmo da vida nacional.

Cada brasileiro deve representar uma sentinela, escolher um posto avançado no territorio do país, para que nada se desvirtue, nada sofra empedimento tentado pelos pretensos destruidores das nossas fronteiras.

E' preciso que nos coloquemos bem alto, num ponto bem proeminente da patria onde a reunião dos fatos não escape á nossa observação, porque todas as vias são caminhos abertos para infiltrações venenosas, ora introduzidas por elementos dos países com os quais estamos de relações cortadas, ora por oportunistas disfarçados em patriotas, que, entretanto, implantam verdadeiramente o confusionismo, dando assim expansão á sua ideologia exotica e sem fronteiras.

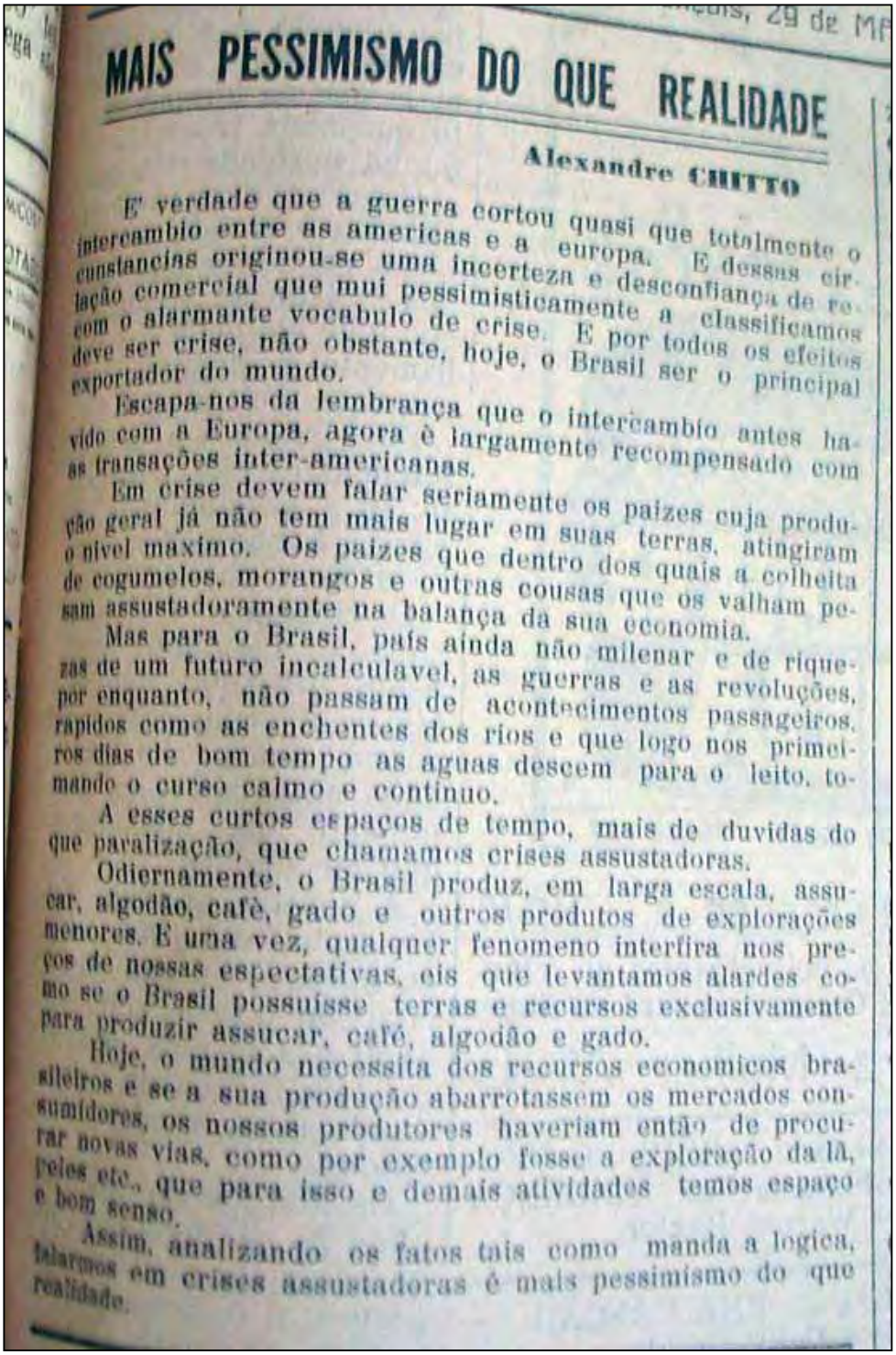
Para que, então, os inveterados protagonistas de ambas as correntes sejam distintamente visados descobertos e, de pronto, punidos nos seus malsinados gestos de desagregação nacional, é mais do que mistèr que extrangeiros e brasileiros, mas verdadeiramente brasileiros, acatem com presteza e solicitude as determinações governamentais.

Assim, os primeiros terão correspondido, um tanto, á franca e honesta hospitalidade franqueada-lhes sempre nesta grandiosa terra hospitaleira. E os segundos haverão levado o justo tributo á patria precisamente na hora em que ela mais necessita e mais exige dos seus filhos.

Representante Local

Antiga Companhia, com matriz em S. Paulo, tem urgencia em nomear um representante para esta praça e podendo ter raio de ação nas praças visinhas. Negocio facil, de alta finalidade patriotica e para ótima remuneração. Trata-se de ramo interessante e facil difusão, dado a sua modicidade, permitindo a entrada em todos os lares. Exigimos do candidato apenas atividade, idoneidade moral e vontade de enriquecer. Cartas de proprio punho, pedindo mais informes á CAIXA N.º 1,69 — SÃO PAULO.

Editorial do semanário O Eco de 29/3/1942



MAIS PESSIMISMO DO QUE REALIDADE

Alexandre CHITTO

E' verdade que a guerra cortou quasi que totalmente o intercambio entre as americas e a europa. E dessas circunstancias originou-se uma incerteza e desconfiança de relação comercial que mui pessimisticamente a classificamos com o alarmante vocabulo de crise. E por todos os efeitos deve ser crise, não obstante, hoje, o Brasil ser o principal exportador do mundo.

Escapa-nos da lembrança que o intercambio antes havido com a Europa, agora è largamente recompensado com as transações inter-americanas.

Em crise devem falar seriamente os paizes cuja produção geral já não tem mais lugar em suas terras, atingiram o nivel maximo. Os paizes que dentro dos quais a colheita de cogumelos, morangos e outras cousas que os valham pesam assustadoramente na balança da sua economia.

Mas para o Brasil, país ainda não milenar e de riquezas de um futuro incalculavel, as guerras e as revoluções, por enquanto, não passam de acontecimentos passageiros, rapidos como as enchentes dos rios e que logo nos primeiros dias de bom tempo as aguas descem para o leito, tomando o curso calmo e continuo.

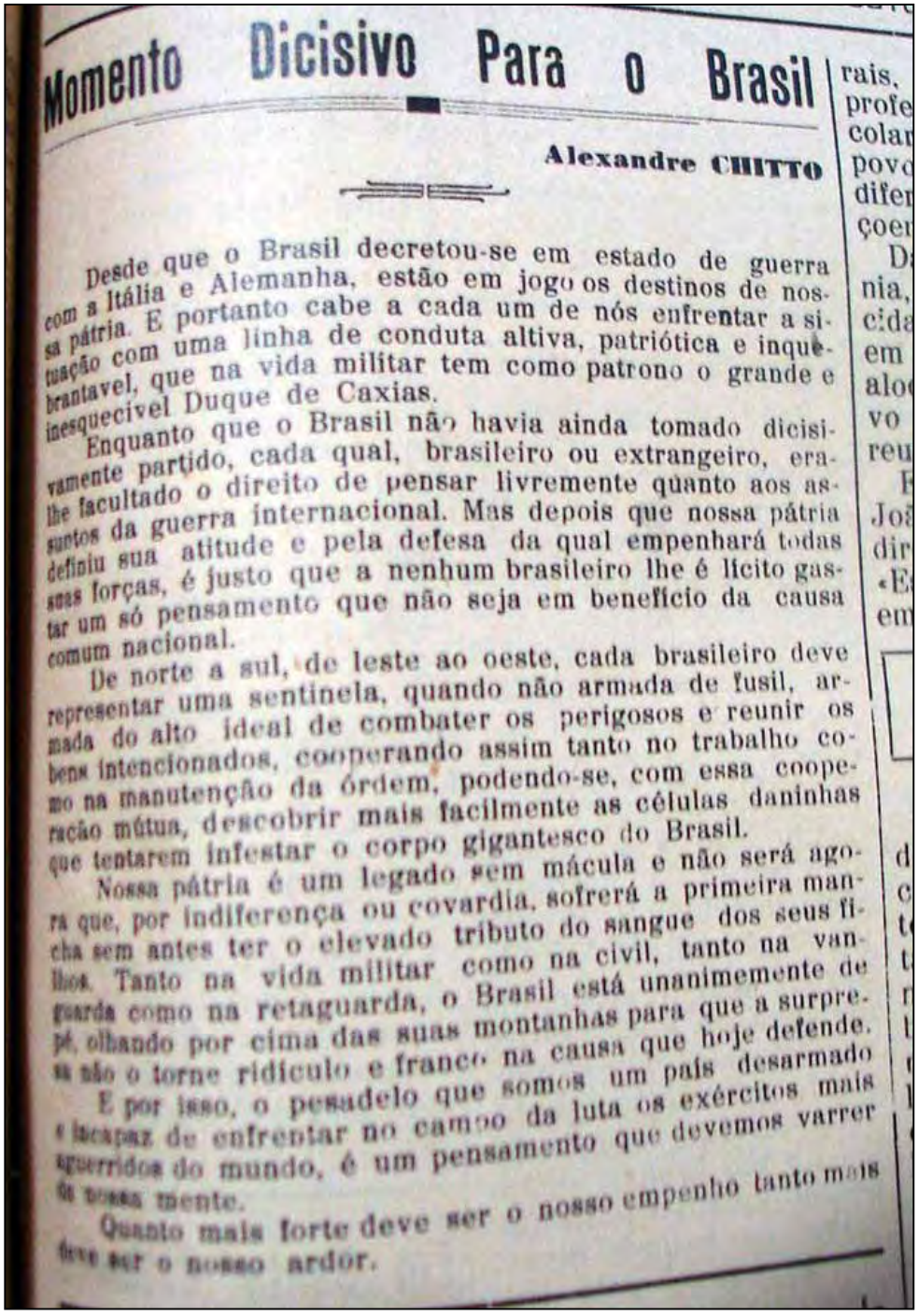
A esses curtos espaços de tempo, mais de duvidas do que paralização, que chamamos crises assustadoras.

Odiernamente, o Brasil produz, em larga escala, assucar, algodão, cafè, gado e outros produtos de explorações menores. E uma vez, qualquer fenomeno interfira nos preços de nossas espectativas, eis que levantamos alardes como se o Brasil possuisse terras e recursos exclusivamente para produzir assucar, café, algodão e gado.

Hoje, o mundo necessita dos recursos economicos brasileiros e se a sua produção abarrotassem os mercados consumidores, os nossos produtores haveriam então de procurar novas vias, como por exemplo fosse a exploração da lã, peles etc., que para isso e demais atividades temos espaço e bom senso.

Assim, analizando os fatos tais como manda a logica, falarmos em crises assustadoras é mais pessimismo do que realidade.

Editorial do semanário O Eco de 30/8/1942



Momento Dicisivo Para o Brasil

Alexandre CHITTO

Desde que o Brasil decretou-se em estado de guerra com a Itália e Alemanha, estão em jogo os destinos de nossa pátria. E portanto cabe a cada um de nós enfrentar a situação com uma linha de conduta altiva, patriótica e inquebrantavel, que na vida militar tem como patrono o grande e inesquecivel Duque de Caxias.

Enquanto que o Brasil não havia ainda tomado dicisivamente partido, cada qual, brasileiro ou extrangeiro, era-lhe facultado o direito de pensar livremente quanto aos assuntos da guerra internacional. Mas depois que nossa pátria definiu sua atitude e pela defesa da qual empenhará todas suas forças, é justo que a nenhum brasileiro lhe é licito gastar um só pensamento que não seja em beneficio da causa comum nacional.

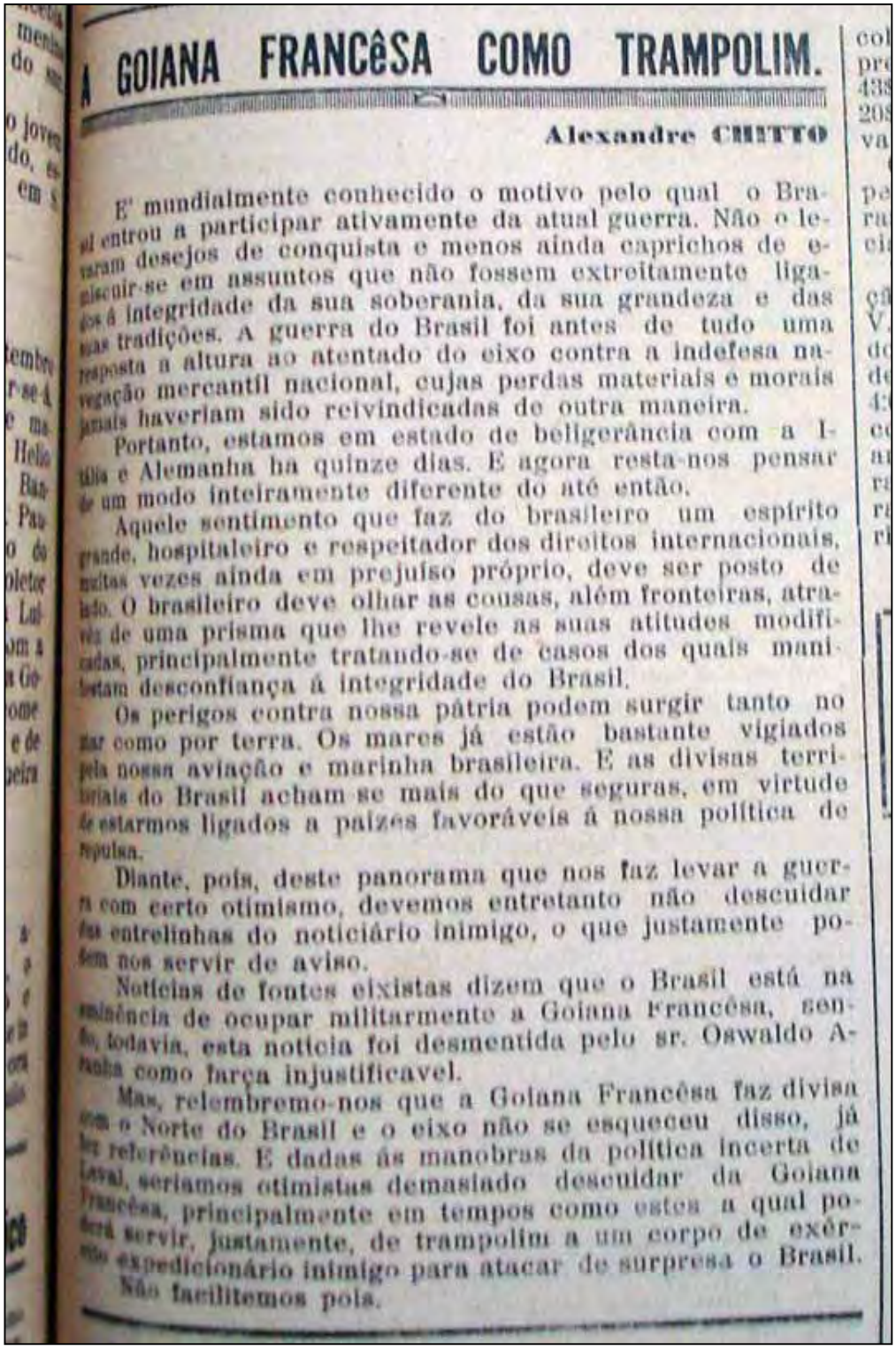
De norte a sul, de leste ao oeste, cada brasileiro deve representar uma sentinela, quando não armada de fusil, armada do alto ideal de combater os perigosos e reunir os bens intencionados, cooperando assim tanto no trabalho como na manutenção da órdem, podendo-se, com essa cooperação mútua, descobrir mais facilmente as células daninhas que tentarem infestar o corpo gigantesco do Brasil.

Nossa pátria é um legado sem mácula e não será agora que, por indiferença ou covardia, sofrerá a primeira mancha sem antes ter o elevado tributo do sangue dos seus filhos. Tanto na vida militar como na civil, tanto na vanguarda como na retaguarda, o Brasil está unanimemente de pé, olhando por cima das suas montanhas para que a surpresa não o torne ridiculo e franco na causa que hoje defende.

E por isso, o pesadelo que somos um pais desarmado e incapaz de enfrentar no campo da luta os exércitos mais aguerridos do mundo, é um pensamento que devemos varrer da nossa mente.

Quanto mais forte deve ser o nosso empenho tanto mais deve ser o nosso ardor.

Editorial do semanário O Eco de 5/9/1942



A GOIANA FRANCêSA COMO TRAMPOLIM.

Alexandre CHITTO

E' mundialmente conhecido o motivo pelo qual o Brasil entrou a participar ativamente da atual guerra. Não o levaram desejos de conquista e menos ainda caprichos de ingerir-se em assuntos que não fossem extreitamente ligados á integridade da sua soberania, da sua grandeza e das suas tradições. A guerra do Brasil foi antes de tudo uma resposta a altura ao atentado do eixo contra a indefesa navegação mercantil nacional, cujas perdas materiais e morais jamais haveriam sido reivindicadas de outra maneira.

Portanto, estamos em estado de beligerância com a Italia e Alemanha ha quinze dias. E agora resta-nos pensar de um modo inteiramente diferente do até então.

Aquele sentimento que faz do brasileiro um espirito grande, hospitaleiro e respeitador dos direitos internacionais, muitas vezes ainda em prejuiso próprio, deve ser posto de lado. O brasileiro deve olhar as cousas, além fronteiras, através de uma prisma que lhe revele as suas atitudes modificadas, principalmente tratando-se de casos dos quais manifestam desconfiança á integridade do Brasil.

Os perigos contra nossa pátria podem surgir tanto no mar como por terra. Os mares já estão bastante vigiados pela nossa aviação e marinha brasileira. E as divisas territoriais do Brasil acham-se mais do que seguras, em virtude de estarmos ligados a paizes favoráveis á nossa politica de repulsa.

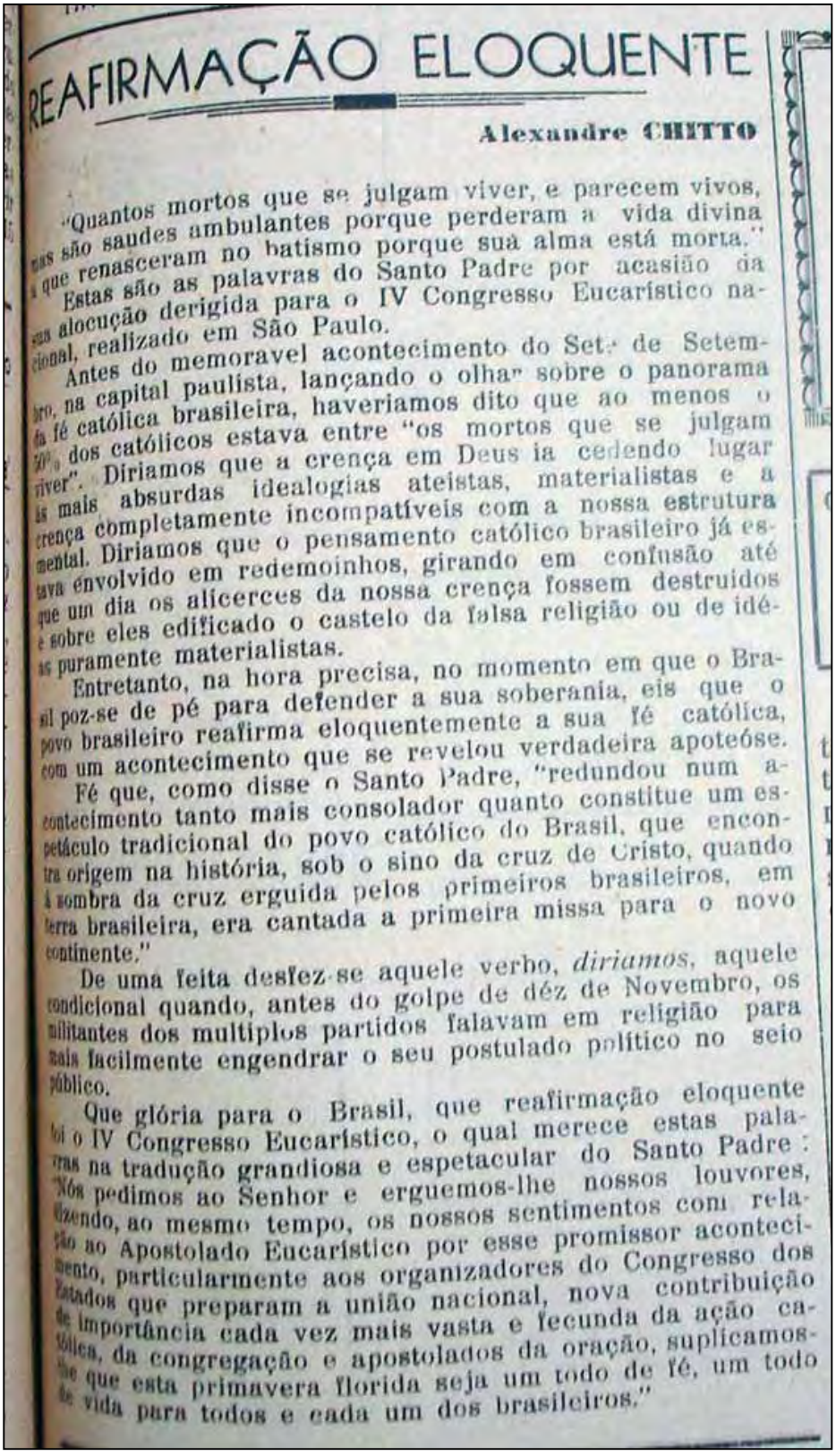
Diante, pois, deste panorama que nos faz levar a guerra com certo otimismo, devemos entretanto não descuidar das entrelinhas do noticiário inimigo, o que justamente podem nos servir de aviso.

Noticias de fontes eixistas dizem que o Brasil está na eminência de ocupar militarmente a Goiana Francêsa, sendo, todavia, esta noticia foi desmentida pelo sr. Oswaldo Aranha como farça injustificavel.

Mas, relembremo-nos que a Goiana Francêsa faz divisa com o Norte do Brasil e o eixo não se esqueceu disso, já fez referências. E dadas ás manobras da politica incerta de Laval, seriamos otimistas demasiado descuidar da Goiana Francêsa, principalmente em tempos como estes a qual poderá servir, justamente, de trampolim a um corpo de exército expedicionário inimigo para atacar de surpresa o Brasil.

Não facilitemos pois.

Editorial do semanário O Eco de 12/9/1942



REAFIRMAÇÃO ELOQUENTE

Alexandre CHITTO

"Quantos mortos que se julgam viver, e parecem vivos, mas são saudes ambulantes porque perderam a vida divina a que renasceram no batismo porque sua alma está morta."

Estas são as palavras do Santo Padre por acasião da sua alocução derigida para o IV Congresso Eucarístico nacional, realizado em São Paulo.

Antes do memoravel acontecimento do Set.- de Setembro, na capital paulista, lançando o olhar sobre o panorama da fé católica brasileira, haveriamos dito que ao menos o 30% dos católicos estava entre "os mortos que se julgam viver". Diriamos que a crença em Deus ia cedendo lugar às mais absurdas idealogias ateistas, materialistas e a crença completamente incompatíveis com a nossa estrutura mental. Diriamos que o pensamento católico brasileiro já estava envolvido em redemoinhos, girando em confusão até que um dia os alicerces da nossa crença fossem destruidos e sobre eles edificado o castelo da falsa religião ou de idéas puramente materialistas.

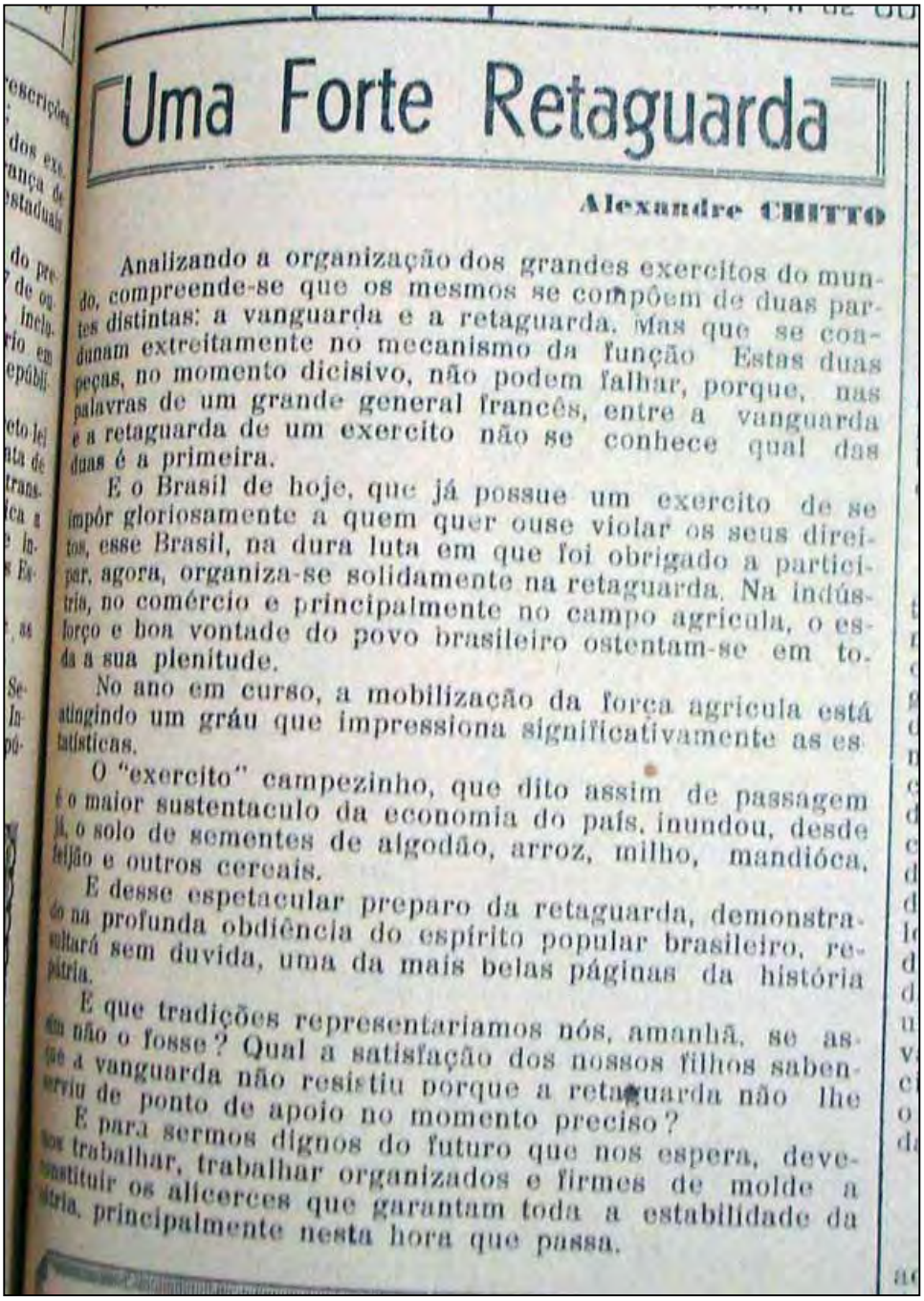
Entretanto, na hora precisa, no momento em que o Brasil poz-se de pé para defender a sua soberania, eis que o povo brasileiro reafirma eloquentemente a sua fé católica, com um acontecimento que se revelou verdadeira apoteóse.

Fé que, como disse o Santo Padre, "redundou num acontecimento tanto mais consolador quanto constitue um espetáculo tradicional do povo católico do Brasil, que encontra origem na história, sob o sino da cruz de Cristo, quando à sombra da cruz erguida pelos primeiros brasileiros, em terra brasileira, era cantada a primeira missa para o novo continente."

De uma feita desfez-se aquele verbo, *diriamos*, aquele condicional quando, antes do golpe de déz de Novembro, os militantes dos multiplos partidos falavam em religião para mais facilmente engendrar o seu postulado político no seio público.

Que glória para o Brasil, que reafirmação eloquente foi o IV Congresso Eucarístico, o qual merece estas palavras na tradução grandiosa e espetacular do Santo Padre: "Nós pedimos ao Senhor e erguemos-lhe nossos louvores, dizendo, ao mesmo tempo, os nossos sentimentos com relação ao Apostolado Eucarístico por esse promissor acontecimento, particularmente aos organizadores do Congresso dos Estados que preparam a união nacional, nova contribuição de importância cada vez mais vasta e fecunda da ação católica, da congregação e apostolados da oração, suplicamos-lhe que esta primavera florida seja um todo de fé, um todo de vida para todos e cada um dos brasileiros."

Editorial do semanário O Eco de 11/10/1942



Uma Forte Retaguarda

Alexandre CHITTO

Analizando a organização dos grandes exercitos do mundo, compreende-se que os mesmos se compõem de duas partes distintas: a vanguarda e a retaguarda. Mas que se coadunam extreitamente no mecanismo da função Estas duas peças, no momento dicisivo, não podem falhar, porque, nas palavras de um grande general francês, entre a vanguarda e a retaguarda de um exercito não se conhece qual das duas é a primeira.

E o Brasil de hoje, que já possue um exercito de se impôr gloriosamente a quem quer ouse violar os seus direitos, esse Brasil, na dura luta em que foi obrigado a participar, agora, organiza-se solidamente na retaguarda. Na indústria, no comércio e principalmente no campo agricula, o esforço e boa vontade do povo brasileiro ostentam-se em toda a sua plenitude.

No ano em curso, a mobilização da força agricula está atingindo um gráu que impressiona significativamente as estatisticas.

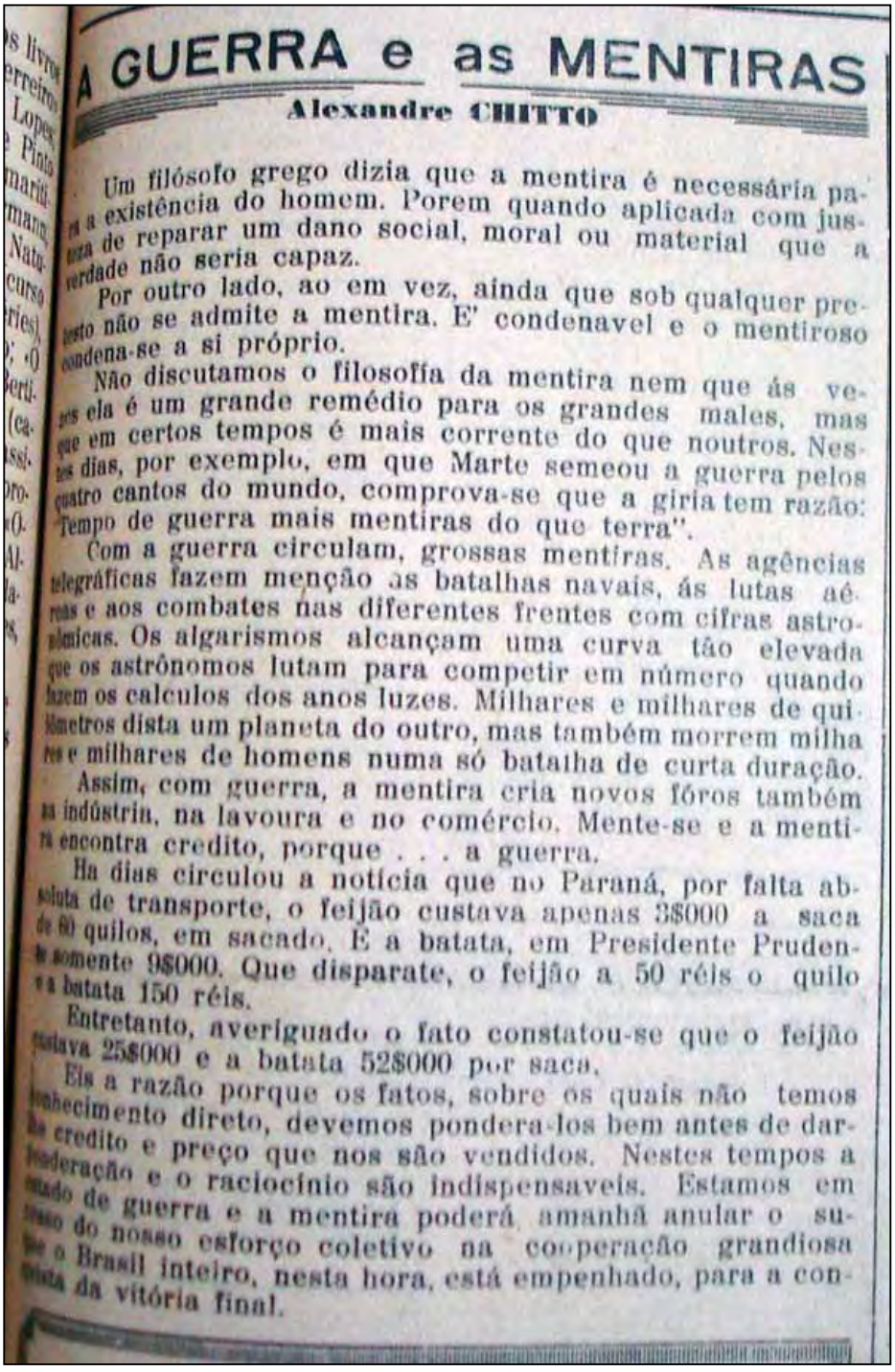
O "exercito" campezinho, que dito assim de passagem é o maior sustentaculo da economia do país, inundou, desde já, o solo de sementes de algodão, arroz, milho, mandióca, feijão e outros cereais.

E desse espetacular preparo da retaguarda, demonstrado na profunda obdiência do espirito popular brasileiro, resultará sem duvida, uma da mais belas páginas da história pátria.

E que tradições representariamos nós, amanhã, se assim não o fosse? Qual a satisfação dos nossos filhos sabendo que a vanguarda não resistiu porque a retaguarda não lhe serviu de ponto de apoio no momento preciso?

E para sermos dignos do futuro que nos espera, devemos trabalhar, trabalhar organizados e firmes de molde a constituir os alicerces que garantam toda a estabilidade da pátria, principalmente nesta hora que passa.

Editorial do semanário O Eco de 18/10/1942



A GUERRA e as MENTIRAS

Alexandre CHITTO

Um filósofo grego dizia que a mentira é necessária para a existência do homem. Porem quando aplicada com justeza de reparar um dano social, moral ou material que a verdade não seria capaz.

Por outro lado, ao em vez, ainda que sob qualquer pretesto não se admite a mentira. E' condenavel e o mentiroso condena-se a si próprio.

Não discutamos o filosofia da mentira nem que ás vezes ela é um grande remédio para os grandes males, mas que em certos tempos é mais corrente do que noutros. Nestes dias, por exemplo, em que Marte semeou a guerra pelos quatro cantos do mundo, comprova-se que a giria tem razão: "Tempo de guerra mais mentiras do que terra".

Com a guerra circulam, grossas mentiras. As agências telegráficas fazem menção as batalhas navais, ás lutas aéreas e aos combates nas diferentes frentes com cifras astronomicas. Os algarismos alcançam uma curva tão elevada que os astrônomos lutam para competir em número quando fazem os calculos dos anos luzes. Milhares e milhares de quilometros dista um planeta do outro, mas também morrem milhares e milhares de homens numa só batalha de curta duração.

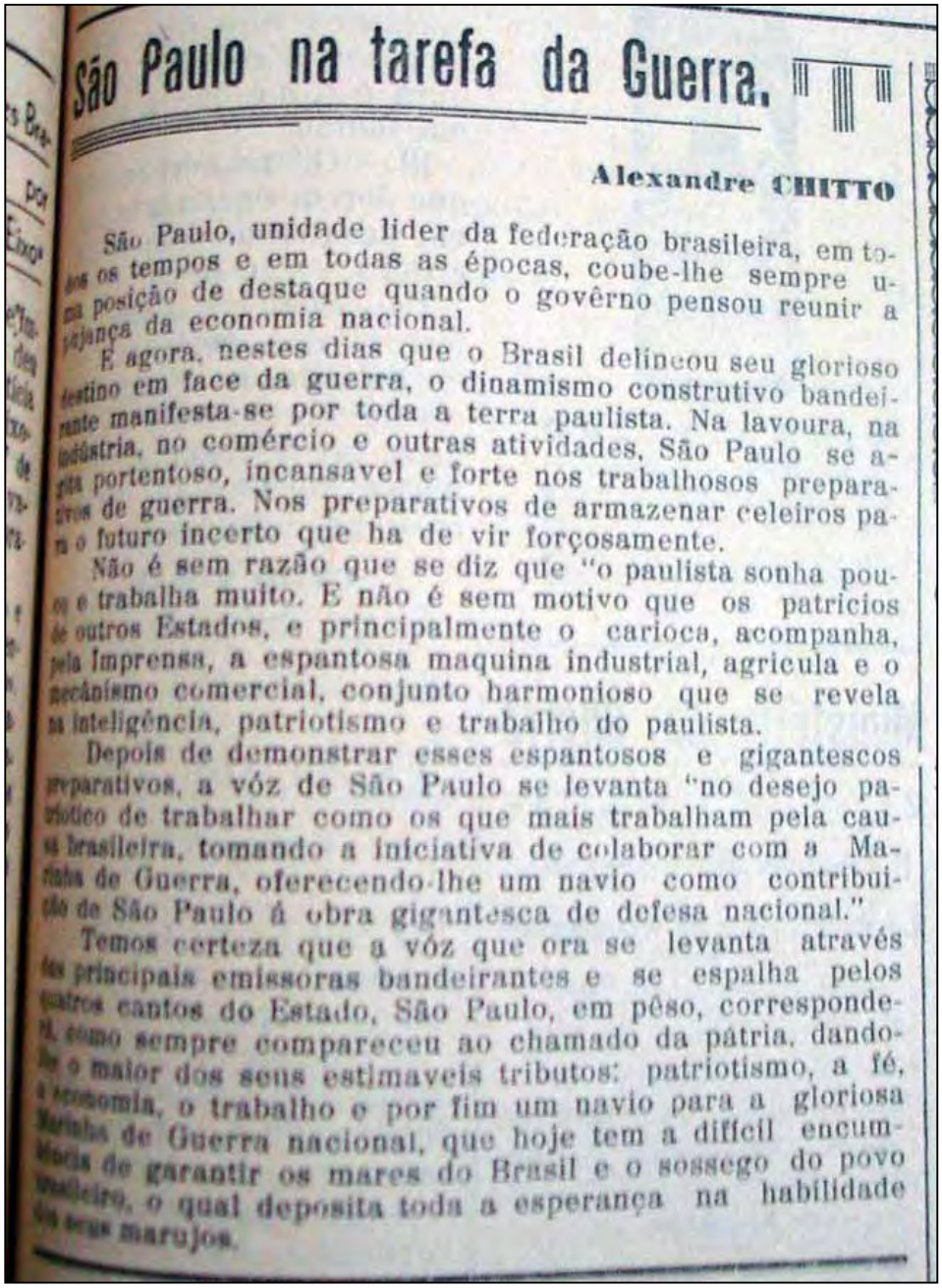
Assim, com guerra, a mentira cria novos fóros também na indústria, na lavoura e no comércio. Mente-se e a mentira encontra credito, porque . . . a guerra.

Ha dias circulou a noticia que no Paraná, por falta absoluta de transporte, o feijão custava apenas 3$000 a saca de 60 quilos, em sacado. E a batata, em Presidente Prudente somente 9$000. Que disparate, o feijão a 50 réis o quilo e a batata 150 réis.

Entretanto, averiguado o fato constatou-se que o feijão custava 25$000 e a batata 52$000 por saca.

Eis a razão porque os fatos, sobre os quais não temos conhecimento direto, devemos pondera-los bem antes de dar-lhe credito e preço que nos são vendidos. Nestes tempos a ponderação e o raciocinio são indispensaveis. Estamos em estado de guerra e a mentira poderá amanhã anular o sucesso do nosso esforço coletivo na cooperação grandiosa que o Brasil inteiro, nesta hora, está empenhado, para a conquista da vitória final.

Editorial do semanário O Eco de 18/10/1942



São Paulo na tarefa da Guerra.

Alexandre CHITTO

São Paulo, unidade lider da federação brasileira, em todos os tempos e em todas as épocas, coube-lhe sempre uma posição de destaque quando o govêrno pensou reunir a fôrça da economia nacional.

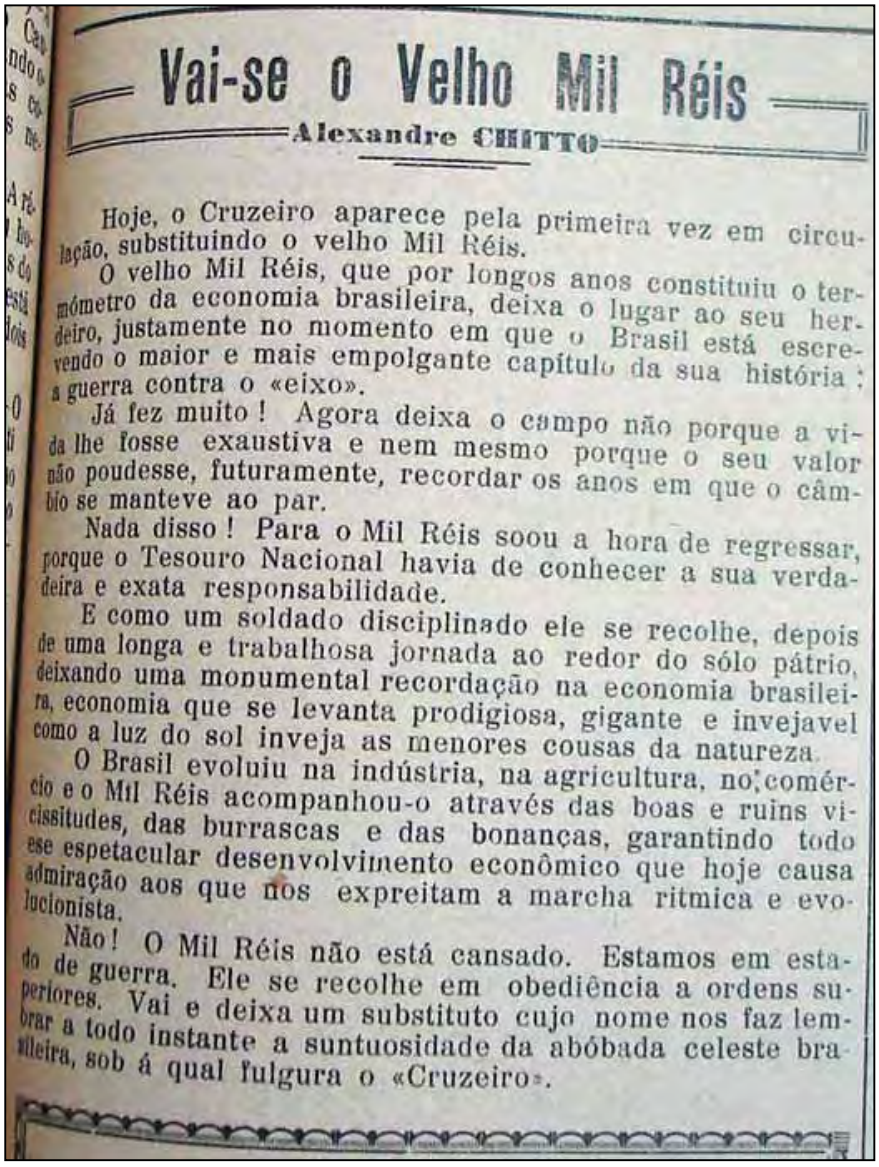
E agora, nestes dias que o Brasil delineou seu glorioso destino em face da guerra, o dinamismo construtivo bandeirante manifesta-se por toda a terra paulista. Na lavoura, na indústria, no comércio e outras atividades, São Paulo se agita portentoso, incansavel e forte nos trabalhosos preparativos de guerra. Nos preparativos de armazenar celeiros para o futuro incerto que ha de vir forçosamente.

Não é sem razão que se diz que "o paulista sonha pouco e trabalha muito. E não é sem motivo que os patricios de outros Estados, e principalmente o carioca, acompanha, pela Imprensa, a espantosa maquina industrial, agricula e o mecânismo comercial, conjunto harmonioso que se revela na inteligência, patriotismo e trabalho do paulista.

Depois de demonstrar esses espantosos e gigantescos preparativos, a vóz de São Paulo se levanta "no desejo patriotico de trabalhar como os que mais trabalham pela causa brasileira, tomando a iniciativa de colaborar com a Marinha de Guerra, oferecendo-lhe um navio como contribuição de São Paulo á obra gigantesca de defesa nacional."

Temos certeza que a vóz que ora se levanta através das principais emissoras bandeirantes e se espalha pelos quatros cantos do Estado, São Paulo, em pêso, corresponderá, como sempre compareceu ao chamado da pátria, dando-lhe o maior dos seus estimaveis tributos: patriotismo, a fé, a economia, o trabalho e por fim um navio para a gloriosa Marinha de Guerra nacional, que hoje tem a difícil encumbência de garantir os mares do Brasil e o sossego do povo brasileiro, o qual deposita toda a esperança na habilidade dos seus marujos.

Editorial do semanário O Eco de 1/11/1942



Vai-se o Velho Mil Réis

Alexandre CHITTO

Hoje, o Cruzeiro aparece pela primeira vez em circulação, substituindo o velho Mil Réis.

O velho Mil Réis, que por longos anos constituiu o termómetro da economia brasileira, deixa o lugar ao seu herdeiro, justamente no momento em que o Brasil está escrevendo o maior e mais empolgante capítulo da sua história: a guerra contra o «eixo».

Já fez muito! Agora deixa o campo não porque a vida lhe fosse exaustiva e nem mesmo porque o seu valor não poudesse, futuramente, recordar os anos em que o câmbio se manteve ao par.

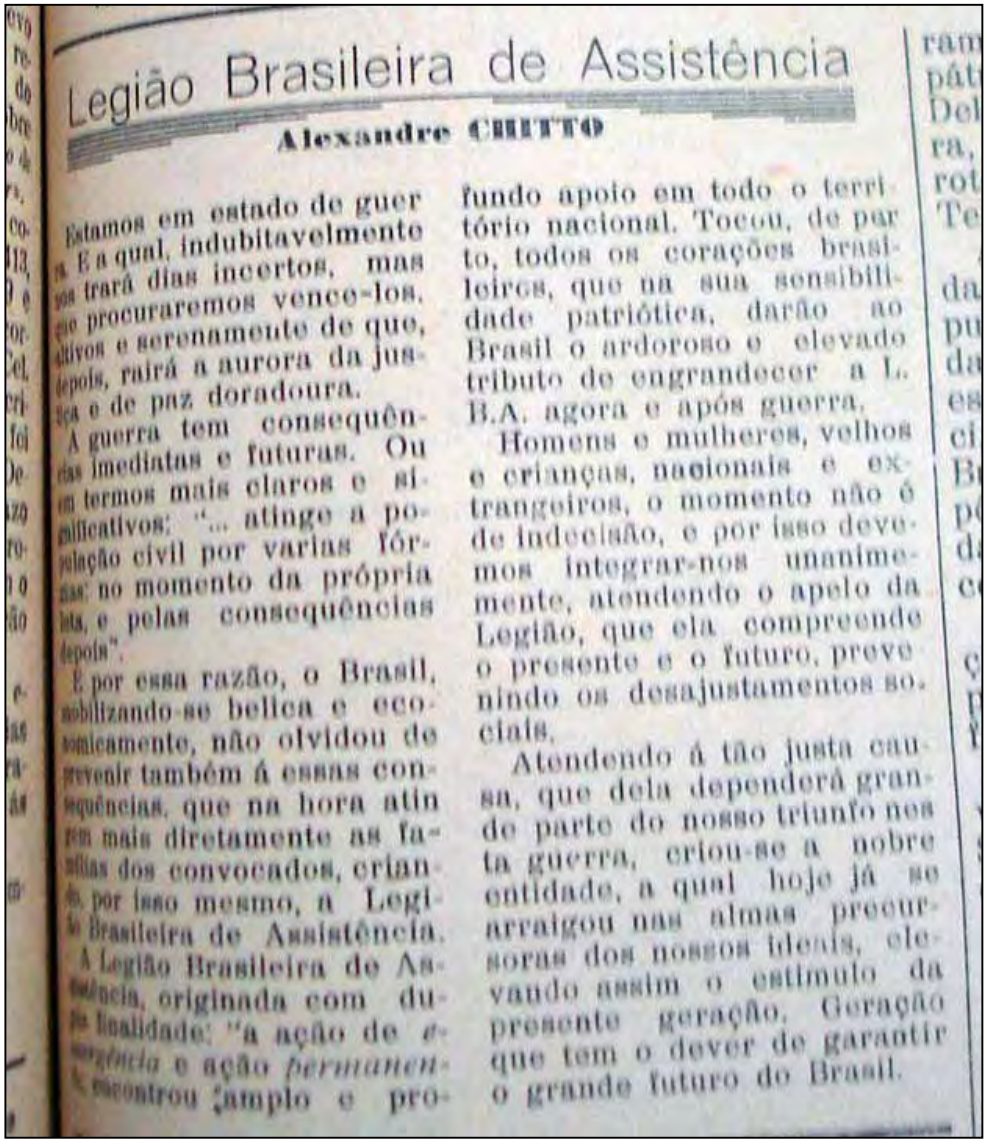
Nada disso! Para o Mil Réis soou a hora de regressar, porque o Tesouro Nacional havia de conhecer a sua verdadeira e exata responsabilidade.

E como um soldado disciplinado ele se recolhe, depois de uma longa e trabalhosa jornada ao redor do sólo pátrio, deixando uma monumental recordação na economia brasileira, economia que se levanta prodigiosa, gigante e invejavel como a luz do sol inveja as menores cousas da natureza.

O Brasil evoluiu na indústria, na agricultura, no comércio e o Mil Réis acompanhou-o através das boas e ruins vicissitudes, das burrascas e das bonanças, garantindo todo ese espetacular desenvolvimento econômico que hoje causa admiração aos que nos expreitam a marcha ritmica e evolucionista.

Não! O Mil Réis não está cansado. Estamos em estado de guerra. Ele se recolhe em obediência a ordens superiores. Vai e deixa um substituto cujo nome nos faz lembrar a todo instante a suntuosidade da abóbada celeste brasileira, sob á qual fulgura o «Cruzeiro».

Editorial do semanário O Eco de 15/11/1942



Legião Brasileira de Assistência

Alexandre CHITTÓ

Estamos em estado de guer
ra. E a qual, indubitavelmente
nos trará dias incertos, mas
que procuraremos vence-los.
altivos e serenamente de que,
depois, rairá a aurora da jus-
tiça e de paz doradoura.

A guerra tem consequên-
cias imediatas e futuras. Ou
em termos mais claros e si-
gnificativos: "... atinge a po-
pulação civil por varias fór-
mas: no momento da própria
luta, e pelas consequências
depois".

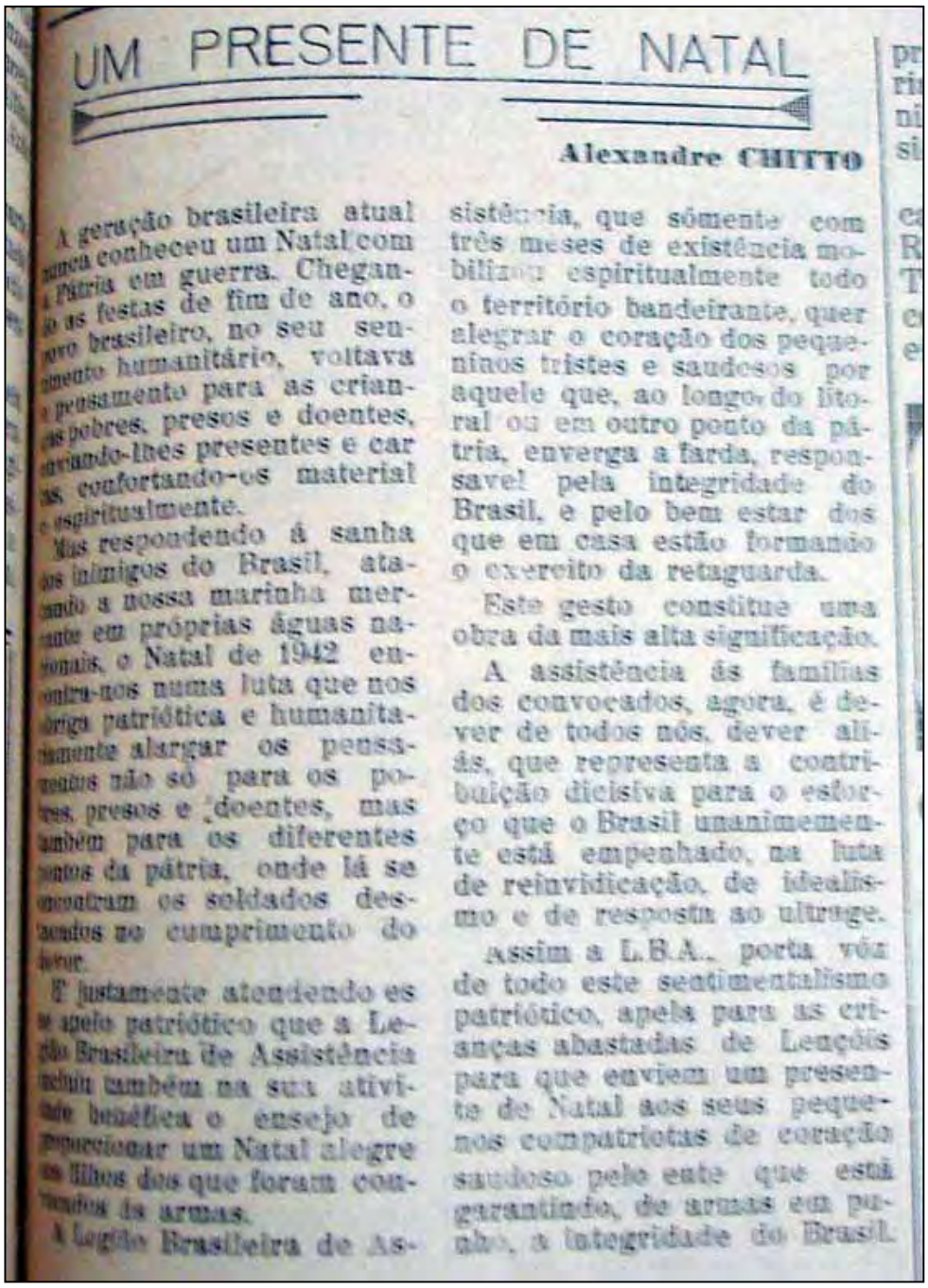
E por essa razão, o Brasil,
mobilizando-se belica e eco-
nomicamente, não olvidou de
prevenir também á essas con-
sequências, que na hora atin
gem mais diretamente as fa-
mílias dos convocados, crian-
do, por isso mesmo, a Legi-
ão Brasileira de Assistência.

A Legião Brasileira de As-
sistência, originada com du-
pla finalidade: "a ação de *e-*
mergência e ação *permanen-*
te, encontrou amplo e pro-
fundo apoio em todo o terri-
tório nacional. Tocou, de par
to, todos os corações brasi-
leiros, que na sua sensibili-
dade patriótica, darão ao
Brasil o ardoroso e elevado
tributo de engrandecer a L.
B.A. agora e após guerra.

Homens e mulheres, velhos
e crianças, nacionais e ex-
trangeiros, o momento não é
de indecisão, e por isso deve-
mos integrar-nos unanime-
mente, atendendo o apelo da
Legião, que ela compreende
o presente e o futuro, preve
nindo os desajustamentos so.
ciais.

Atendendo á tão justa cau-
sa, que dela dependerá gran-
de parte do nosso triunfo nes
ta guerra, criou-se a nobre
entidade, a qual hoje já se
arraigou nas almas precur-
soras dos nossos ideais, ele-
vando assim o estimulo da
presente geração. Geração
que tem o dever de garantir
o grande futuro do Brasil.

Editorial do semanário O Eco de 13/12/1942



UM PRESENTE DE NATAL

Alexandre CHITTO

A geração brasileira atual nunca conheceu um Natal com a Pátria em guerra. Chegando as festas de fim de ano, o povo brasileiro, no seu sentimento humanitário, voltava o pensamento para as crianças pobres, presos e doentes, enviando-lhes presentes e cartas, confortando-os material e espiritualmente.

Mas respondendo á sanha dos inimigos do Brasil, atacando a nossa marinha mercante em próprias águas nacionais, o Natal de 1942 encontra-nos numa luta que nos obriga patriótica e humanitariamente alargar os pensamentos não só para os pobres, presos e doentes, mas também para os diferentes pontos da pátria, onde lá se encontram os soldados desligados no cumprimento do dever.

E justamente atendendo ao apelo patriótico que a Legião Brasileira de Assistência lançou também na sua atividade benéfica o ensejo de proporcionar um Natal alegre aos filhos dos que foram convocados às armas.

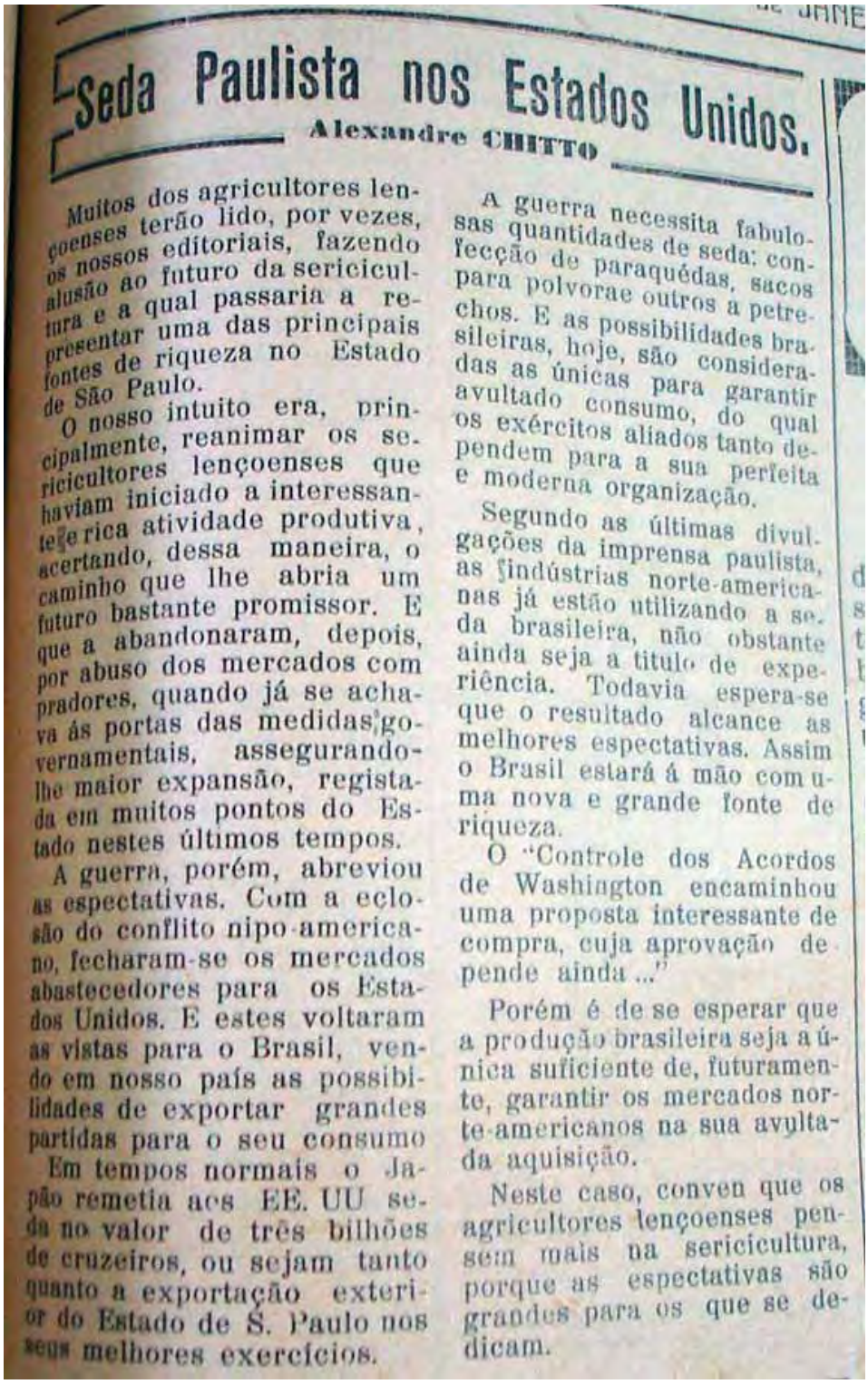
A Legião Brasileira de Assistência, que sómente com três meses de existência mobilizou espiritualmente todo o território bandeirante, quer alegrar o coração dos pequeninos tristes e saudosos por aquele que, ao longo do litoral ou em outro ponto da pátria, enverga a farda, responsavel pela integridade do Brasil, e pelo bem estar dos que em casa estão formando o exercito da retaguarda.

Este gesto constitue uma obra da mais alta significação.

A assistência ás familias dos convocados, agora, é dever de todos nós, dever aliás, que representa a contribuição decisiva para o esforço que o Brasil unanimemente está empenhado, na luta de reinvidicação, de idealismo e de resposta ao ultrage.

Assim a L.B.A., porta vóz de todo este sentimentalismo patriótico, apela para as crianças abastadas de Leopóldis para que enviem um presente de Natal aos seus pequenos compatriotas de coração saudoso pelo ente que está garantindo, de armas em punho, a integridade do Brasil.

Editorial do semanário O Eco de 10/1/1943



Seda Paulista nos Estados Unidos.

Alexandre CHITTO

Muitos dos agricultores lençoenses terão lido, por vezes, os nossos editoriais, fazendo alusão ao futuro da sericicultura e a qual passaria a representar uma das principais fontes de riqueza no Estado de São Paulo.

O nosso intuito era, principalmente, reanimar os sericicultores lençoenses que haviam iniciado a interessante rica atividade produtiva, acertando, dessa maneira, o caminho que lhe abria um futuro bastante promissor. E que a abandonaram, depois, por abuso dos mercados compradores, quando já se achava ás portas das medidas governamentais, assegurando-lhe maior expansão, registada em muitos pontos do Estado nestes últimos tempos.

A guerra, porém, abreviou as espectativas. Com a eclosão do conflito nipo-americano, fecharam-se os mercados abastecedores para os Estados Unidos. E estes voltaram as vistas para o Brasil, vendo em nosso país as possibilidades de exportar grandes partidas para o seu consumo

Em tempos normais o Japão remetia aos EE. UU seda no valor de três bilhões de cruzeiros, ou sejam tanto quanto a exportação exterior do Estado de S. Paulo nos seus melhores exercícios.

A guerra necessita fabulosas quantidades de seda: confecção de paraquédas, sacos para polvorae outros a petrechos. E as possibilidades brasileiras, hoje, são consideradas as únicas para garantir avultado consumo, do qual os exércitos aliados tanto dependem para a sua perfeita e moderna organização.

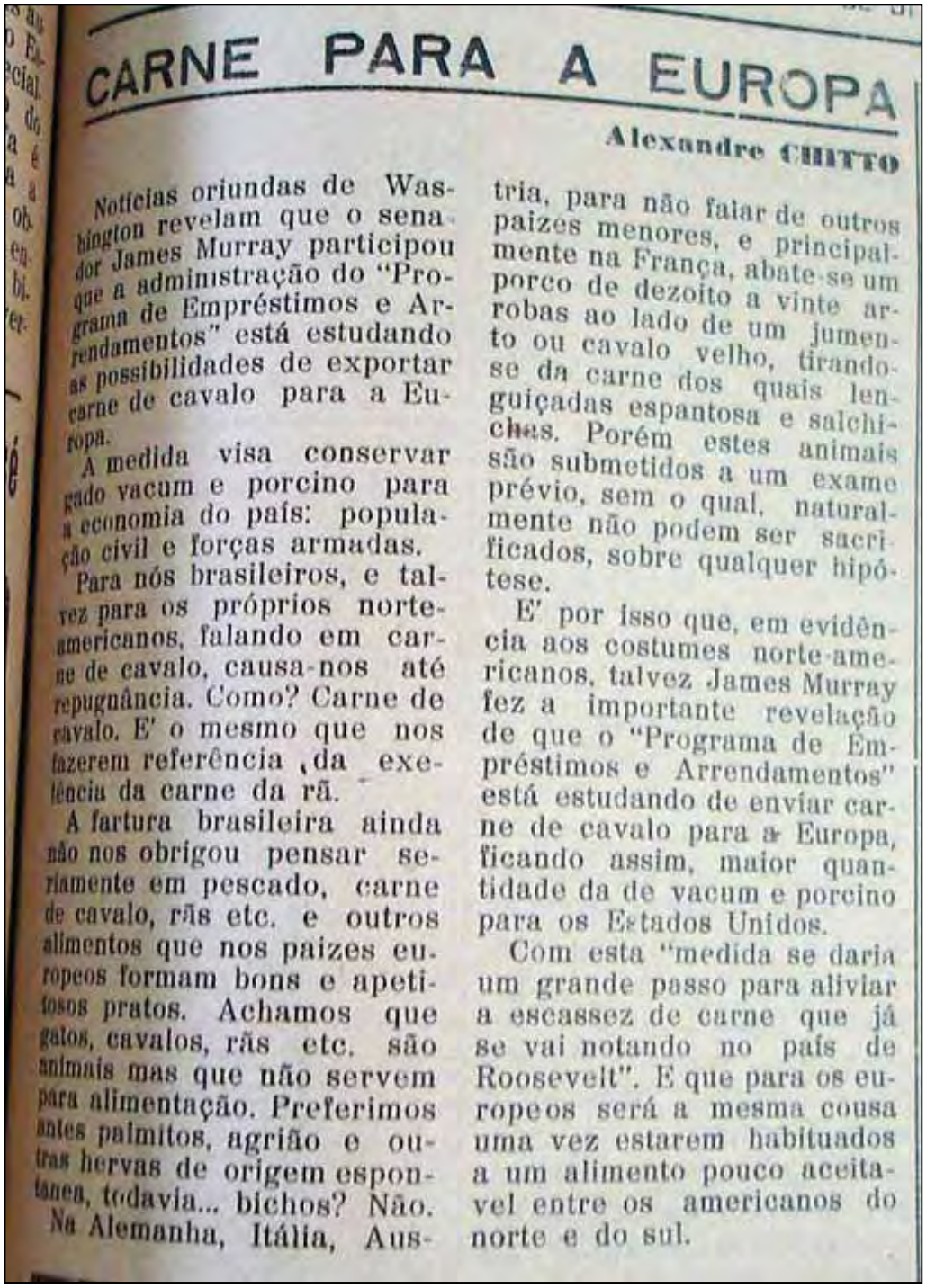
Segundo as últimas divulgações da imprensa paulista, as indústrias norte-americanas já estão utilizando a seda brasileira, não obstante ainda seja a titulo de experiência. Todavia espera-se que o resultado alcance as melhores espectativas. Assim o Brasil estará á mão com uma nova e grande fonte de riqueza.

O "Controle dos Acordos de Washington encaminhou uma proposta interessante de compra, cuja aprovação depende ainda ..."

Porém é de se esperar que a produção brasileira seja a única suficiente de, futuramente, garantir os mercados norte-americanos na sua avultada aquisição.

Neste caso, convem que os agricultores lençoenses pensem mais na sericicultura, porque as espectativas são grandes para os que se dedicam.

Editorial do semanário O Eco de 17/1/1943



CARNE PARA A EUROPA

Alexandre CHITTO

Notícias oriundas de Washington revelam que o senador James Murray participou que a administração do "Programa de Empréstimos e Arrendamentos" está estudando as possibilidades de exportar carne de cavalo para a Europa.

A medida visa conservar gado vacum e porcino para a economia do país: população civil e forças armadas.

Para nós brasileiros, e talvez para os próprios norte-americanos, falando em carne de cavalo, causa-nos até repugnância. Como? Carne de cavalo. E' o mesmo que nos fazerem referência ,da excelência da carne da rã.

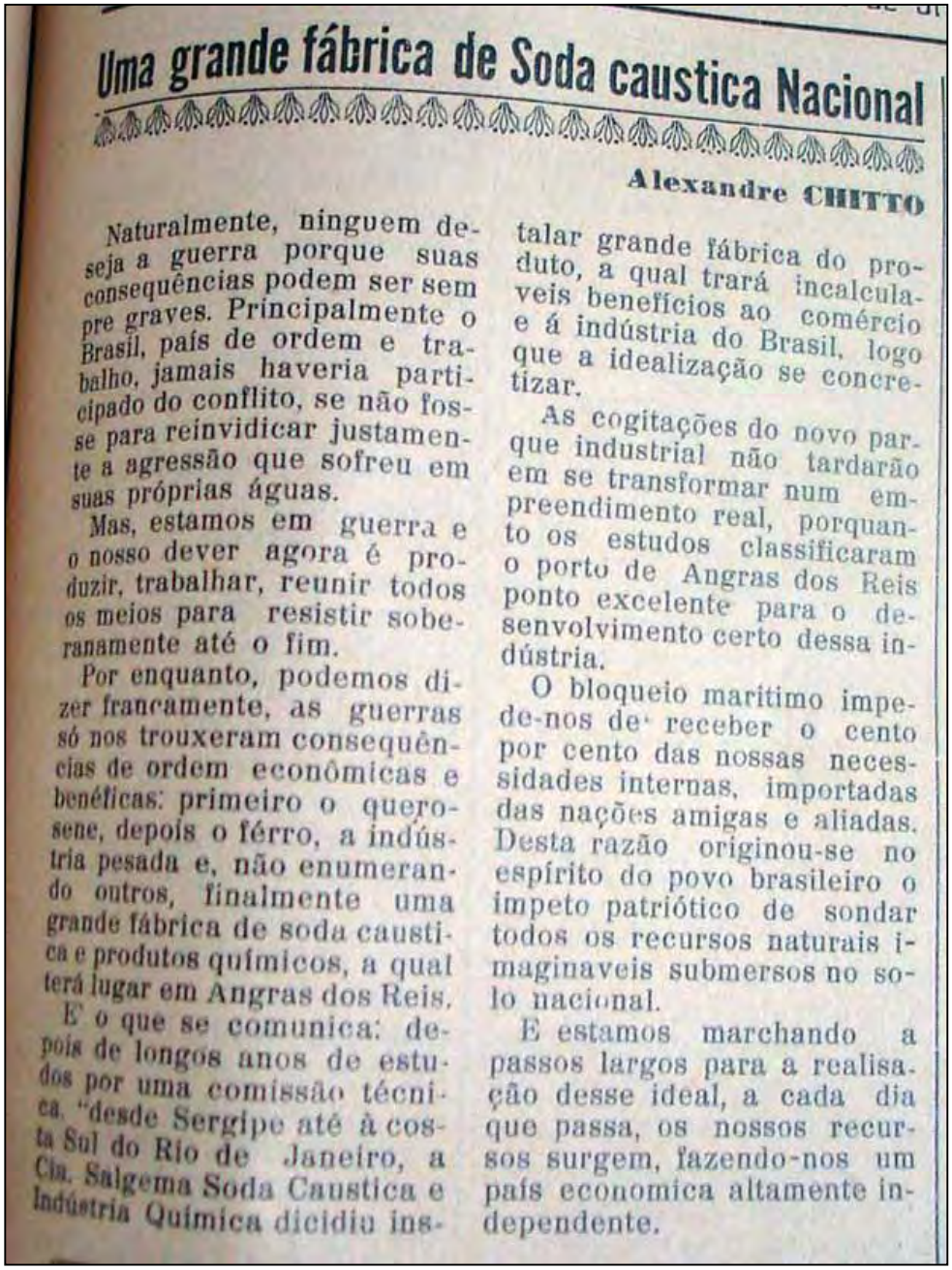
A fartura brasileira ainda não nos obrigou pensar seriamente em pescado, carne de cavalo, rãs etc. e outros alimentos que nos paizes europeos formam bons e apetitosos pratos. Achamos que gatos, cavalos, rãs etc. são animais mas que não servem para alimentação. Preferimos antes palmitos, agrião e outras hervas de origem espontanea, todavia... bichos? Não.

Na Alemanha, Itália, Austria, para não falar de outros paizes menores, e principalmente na França, abate-se um porco de dezoito a vinte arrobas ao lado de um jumense da carne dos quais lenguiçadas espantosa e salchichas. Porém estes animais são submetidos a um exame prévio, sem o qual, naturalmente não podem ser sacrificados, sobre qualquer hipótese.

E' por isso que, em evidência aos costumes norte-americanos, talvez James Murray fez a importante revelação de que o "Programa de Empréstimos e Arrendamentos" está estudando de enviar carne de cavalo para a Europa, ficando assim, maior quantidade da de vacum e porcino para os Estados Unidos.

Com esta "medida se daria um grande passo para aliviar a escassez de carne que já se vai notando no país de Roosevelt". E que para os europeos será a mesma cousa uma vez estarem habituados a um alimento pouco aceitavel entre os americanos do norte e do sul.

Editorial do semanário O Eco de 31/1/1943



Uma grande fábrica de Soda caustica Nacional

Alexandre CHITTO

Naturalmente, ninguem deseja a guerra porque suas consequências podem ser sempre graves. Principalmente o Brasil, país de ordem e trabalho, jamais haveria participado do conflito, se não fosse para reinvidicar justamente a agressão que sofreu em suas próprias águas.

Mas, estamos em guerra e o nosso dever agora é produzir, trabalhar, reunir todos os meios para resistir soberanamente até o fim.

Por enquanto, podemos dizer francamente, as guerras só nos trouxeram consequências de ordem econômicas e benéficas: primeiro o querosene, depois o férro, a indústria pesada e, não enumerando outros, finalmente uma grande fábrica de soda caustica e produtos químicos, a qual terá lugar em Angras dos Reis.

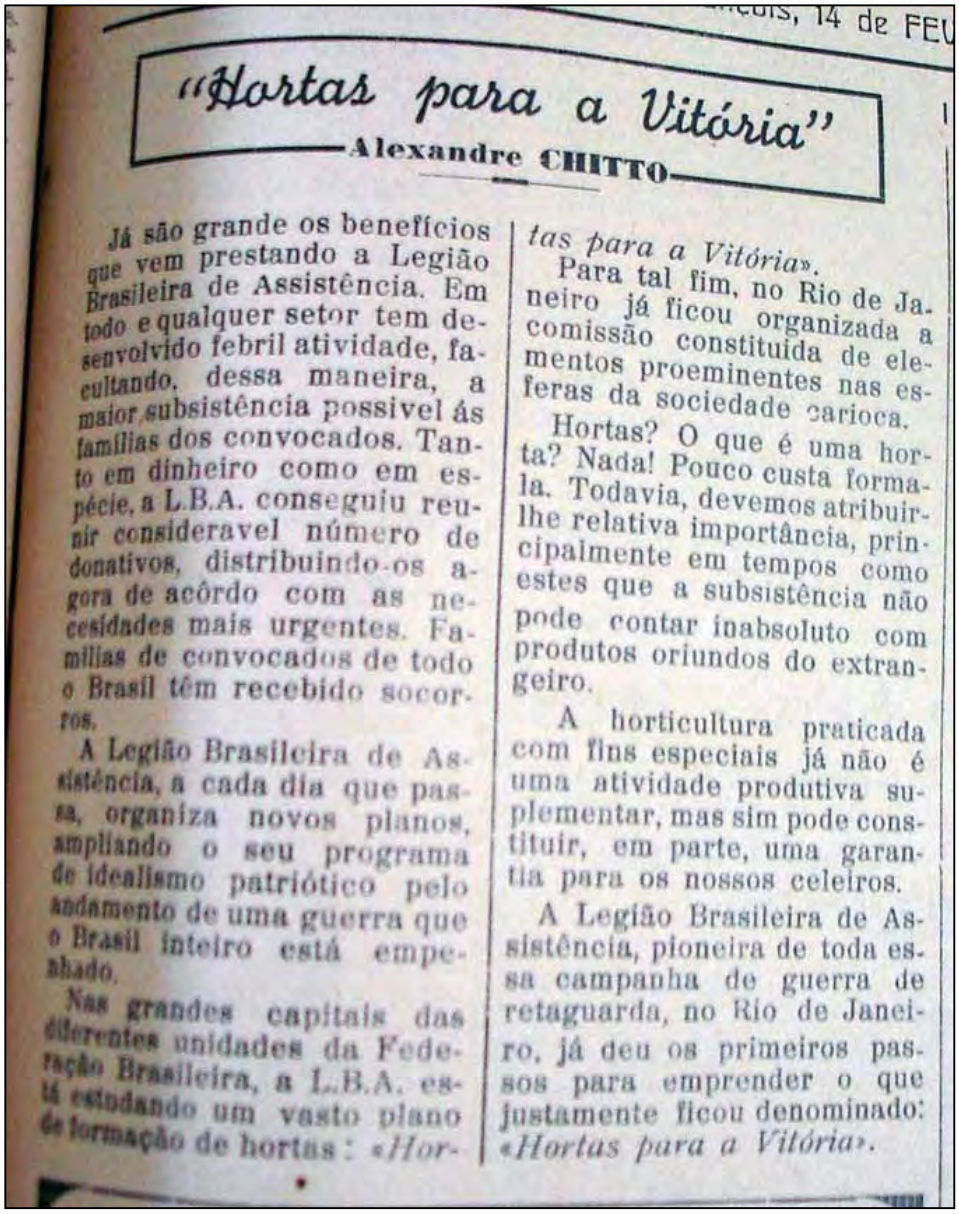
E' o que se comunica: depois de longos anos de estudos por uma comissão técnica, "desde Sergipe até à costa Sul do Rio de Janeiro, a Cia. Salgema Soda Caustica e Indústria Quimica dicidiu instalar grande fábrica do produto, a qual trará incalculaveis benefícios ao comércio e á indústria do Brasil, logo que a idealização se concretizar.

As cogitações do novo parque industrial não tardarão em se transformar num empreendimento real, porquanto os estudos classificaram o porto de Angras dos Reis ponto excelente para o desenvolvimento certo dessa indústria.

O bloqueio maritimo impede-nos de receber o cento por cento das nossas necessidades internas, importadas das nações amigas e aliadas. Desta razão originou-se no espírito do povo brasileiro o impeto patriótico de sondar todos os recursos naturais imaginaveis submersos no solo nacional.

E estamos marchando a passos largos para a realisação desse ideal, a cada dia que passa, os nossos recursos surgem, fazendo-nos um país economica altamente independente.

Editorial do semanário O Eco de 14/2/1943



...ceus, 14 de FEV

"Hortas para a Vitória"

Alexandre CHITTO

Já são grande os benefícios que vem prestando a Legião Brasileira de Assistência. Em todo e qualquer setor tem desenvolvido febril atividade, facultando, dessa maneira, a maior subsistência possivel ás familias dos convocados. Tanto em dinheiro como em espécie, a L.B.A. conseguiu reunir consideravel número de donativos, distribuindo-os agora de acôrdo com as necesidades mais urgentes. Familias de convocados de todo o Brasil têm recebido socorros.

A Legião Brasileira de Assistência, a cada dia que passa, organiza novos planos, ampliando o seu programa de idealismo patriótico pelo andamento de uma guerra que o Brasil inteiro está empenhado.

Nas grandes capitais das diferentes unidades da Federação Brasileira, a L.B.A. está estudando um vasto plano de formação de hortas: «*Hortas para a Vitória*».

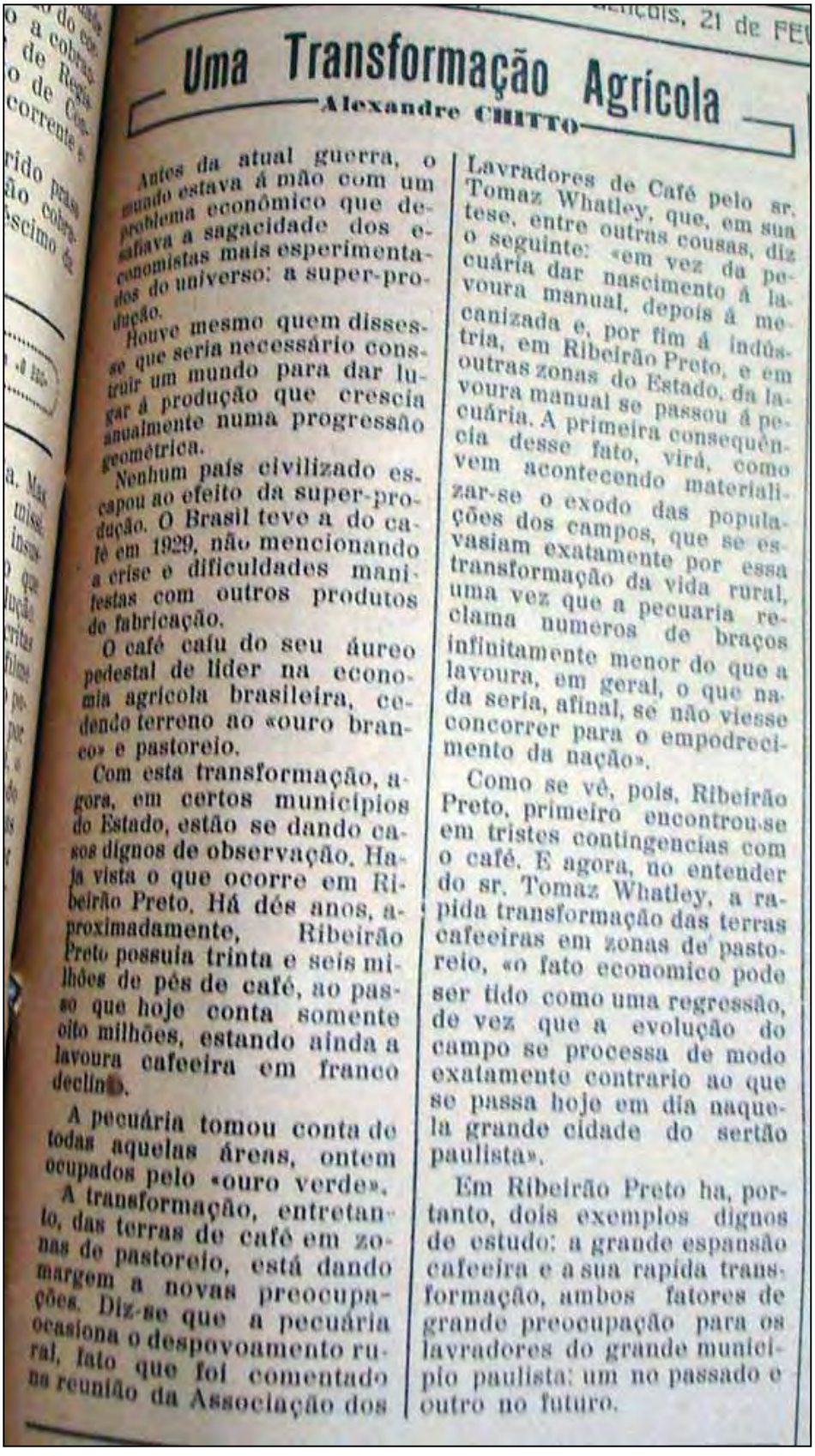
Para tal fim, no Rio de Janeiro já ficou organizada a comissão constituida de elementos proeminentes nas esferas da sociedade carioca.

Hortas? O que é uma horta? Nada! Pouco custa formala. Todavia, devemos atribuirlhe relativa importância, principalmente em tempos como estes que a subsistência não pode contar inabsoluto com produtos oriundos do extrangeiro.

A horticultura praticada com fins especiais já não é uma atividade produtiva suplementar, mas sim pode constituir, em parte, uma garantia para os nossos celeiros.

A Legião Brasileira de Assistência, pioneira de toda essa campanha de guerra de retaguarda, no Rio de Janeiro, já deu os primeiros passos para emprender o que justamente ficou denominado: «*Hortas para a Vitória*».

Editorial do semanário O Eco de 21/2/1943



Uma Transformação Agrícola

Alexandre CHITTO

Antes da atual guerra, o mundo estava á mão com um problema econômico que desafiava a sagacidade dos economistas mais esperimentados do universo: a super-produção.

Houve mesmo quem dissesse que seria necessário construir um mundo para dar lugar á produção que crescia anualmente numa progressão geométrica.

Nenhum país civilizado escapou ao efeito da super-produção. O Brasil teve a do café em 1929, não mencionando a crise e dificuldades manifestas com outros produtos de fabricação.

O café caiu do seu áureo pedestal de líder na economia agrícola brasileira, cedendo terreno ao «ouro branco» e pastoreio.

Com esta transformação, agora, em certos municípios do Estado, estão se dando casos dignos de observação. Haja vista o que ocorre em Ribeirão Preto. Há dés anos, aproximadamente, Ribeirão Preto possuia trinta e seis milhões de pés de café, ao passo que hoje conta somente oito milhões, estando ainda a lavoura cafeeira em franco declinio.

A pecuária tomou conta de todas aquelas áreas, ontem ocupados pelo «ouro verde».

A transformação, entretanto, das terras de café em zonas de pastoreio, está dando margem a novas preocupações. Diz-se que a pecuária ocasiona o despovoamento rural, fato que foi comentado na reunião da Associação dos Lavradores de Café pelo sr. Tomaz Whatley, que, em sua tese, entre outras cousas, diz o seguinte: «em vez da pecuária dar nascimento á lavoura manual, depois á mecanizada e, por fim á indústria, em Ribeirão Preto, e em outras zonas do Estado, da lavoura manual se passou á pecuária. A primeira consequência desse fato, virá, como vem acontecendo materializar-se o exodo das populações dos campos, que se esvasiam exatamente por essa transformação da vida rural, uma vez que a pecuaria reclama numeros de braços infinitamente menor do que a lavoura, em geral, o que nada seria, afinal, se não viesse concorrer para o empodrecimento da nação».

Como se vê, pois, Ribeirão Preto, primeiro encontrou-se em tristes contingencias com o café. E agora, no entender do sr. Tomaz Whatley, a rapida transformação das terras cafeeiras em zonas de pastoreio, «o fato economico pode ser tido como uma regressão, de vez que a evolução do campo se processa de modo exatamente contrario ao que se passa hoje em dia naquela grande cidade do sertão paulista».

Em Ribeirão Preto ha, portanto, dois exemplos dignos de estudo: a grande espansão cafeeira e a sua rapida transformação, ambos fatores de grande preocupação para os lavradores do grande município paulista: um no passado e outro no futuro.

Editorial do semanário O Eco de 20/6/1943



Cousas de Após Guerra

Alexandre CHITTO

Hoje, um município como o de Lençóis, possuindo ricas culturas de cana e algodão, os agricultores não haveriam mais nada que pensar, se não fossem tomadas pelo ardor e entusiasmo progressistas. Pois, as duas produções podem garantir grandes riquesas e sólida estabilidade economica. Odiernamente sobrepujam a lavoura cafeeira, não obstante ser inagavel a pesada concorrência do Ouro Verde na balança da economia brasileira.

Ainda que assim seja, que o município de Lençóis esteja preparado para um surpreendente desenvolvimento na indústria da cana e cultivo algodoeiro, os agricultolençoenses não devem depositar cega esperança numa única monocultura. Porque, nesta terra, num país em posição como o Brasil, as oscilações de preços são sempre ascendentes.

Terminado o conflito, entretanto, o qual não tardará, segundo autorizados prognosticos, a dúvido de baixa pode ocasionar um fenômeno de órdem econômica como o após guerra de 1914. Depois da guerra de 1914, as compras e vendas passaram por estágio de seis meses de paralização total, desiquilibrando completamente a vida comercial. E os desastres foram tão irreparaveis tanto quanto eram invaraveis e grandes os estoques e produções. Os municípios policultores, como tivemos exemplo próprio, e o comércio miudo foram os que mais sobreviveram ao colapso econômico

A estabilidade só veio quando se reiniciou o intercâmbio internacional, originado novas altas e confiança. Isto é, depois de seis meses.

A opinião de abalizados economistas, em ocasiões como esta, véspera de pás, comerciantes e agricultores devem estar preparados com variados estoques e policulturas, respetivamente.

Em casos de falências, naquela época, temos a rua 25 de Março, em S. Paulo, que ficou célebre. Havia mesmo um certo preconceito, entre os novos comerciantes de não se estabelecerem naquela via pública, porque vulgarmente já não era rua 25 de março, mas sim 2% E o título naturalmente não recomendava muito.

Por isso convem estarmos precavidos com as monoculturas e os estoques. A pás vem aí.

Editorial do semanário O Eco de 11/7/1943



Fabricação Açucareira

Alexandre CHITTO

Hoje, a produção do açucar constitue assunto dos mais palpitantes.

As consequências da guerra nos obrigam, em plena safra canavieira, ao racionamento do produto. Não é que o mesmo falte para o consumo doméstico e industrial, mas a medida visa sobretudo uma distribuição regular, perfeita e relativa. Evitando-se, dessa maneira, o acúmulo dos grandes estoques que originam espantosas elevações de preços, baseados na aparente falta de mercadorias.

Todavia, ainda que a medida seja aplicada com o máximo rigor e nos faculte o consumo até o início da safra de 1944, ainda assim é dever de todo canavieiro fabricar açucar, ao menos para atender o gasto anual. As consequências atuais nos obrigam prevenir, prevenir porque o curso das cousas pode entrar numa anormalidade bem mais acentuada e lógica, em tempo de guerra.

Como é notório, o Estado de S. Paulo não está suficientemente abastecido do açucar de sua própria produção. 50% do açucar do seu consumo é importado de outros Estados produtores.

E por isso, o Coordenador da Mobilisação Econômica, Ministro João Alberto, em oito de abril do ano em curso, assinou uma portaria suspendendo todas as medidas restritivas da produção do açucar e rapadura, enquanto durar os efeitos da guerra. Assim, as pequenas fábricas que se instalarem, com a produção anual de 2.400 quilos, ficarão isentas das formalidades exigidas do Instituto do Açucar e do Alcool.

Assim sendo, pois, convem que os pequenos e grandes proprietários da cana produzam açucar mesmo que seja preto e rapadura, porque no limiar da safra de 1944 a falta do produto é facil que se manifeste tanto acentuada quanto fôra meses atraz.

Neste caso convem prevenir, fabricando açucar e mais açucar.



Três Hipóteses

Alexandre CHITTO

Sem dúvida, com o afastamento do sr. Benito Mussolini do govêrno da Itália, tudo indica que aquele país está atravessando uma grave crise política, da qual resultará numa solicitação de paz por parte do Marechal Badoglio. E o armistício será tão breve quanto forem atenuadas as condições impostas pelos aliados.

Agora, o ponto de partida para as devidas negociações está nas potências unidas a desvendarem a causa principal que obrigou Mussolini a obdicar assim tão inesperadamente.

As agências telegráficas do mundo inteiro encheram os quatro cantos da terra de notícias, porem poucas podem justificar as fontes fedidígnas dos fatos.

Umas afirmam que, no último encontro Mussolini solicitára de Hitler a força suficiente para defender o território italiano da invasão aliada. E esta não podendo ser cumprida por parte alemã, houve a renúncia do ex-Duce, constatando-se dessa hipótese o enfraquecimento total do «eixo». Outras fontes, ao em vês, dizem que já havia profundas e intoleraveis incopatibilidades entre o fascismo de um lado e o exército e a coroa de outro. E, finalmente, outras agências telegráficas ainda sustentam que a obdicação de Mussolini não passa de um «bluf», de uma farsa para salvar o próprio partido, uma vez que a guerra dos aliados é feita exclusivamente contra o fascismo.

Assim sendo, baseados nestas hipóteses principais, refletem as solicitações de paz da Italia aos aliados. No primeiro caso é uma guerra totalmente ganha, tão próxima quanto menos se imagina. E na segunda e terceira hipótese, as potências unidas terão que descubrir claramente o pensamento do velho Marechal italiano. As veses, essa confusão na Italia é unicamente aparente, um meio para o «eixo» reorganizar-se no sul da Sicilia e depois vibrar golpes inesperados, como opinam as agências telegráficas russas.

Na Russia, encara-se a queda de Mussolini com desconfiança. Diz-se que na Italia já houve outras demonstrações idênticas que preconizavam o desmorronamento do fascismo. Entretanto não passava de um «bluf».

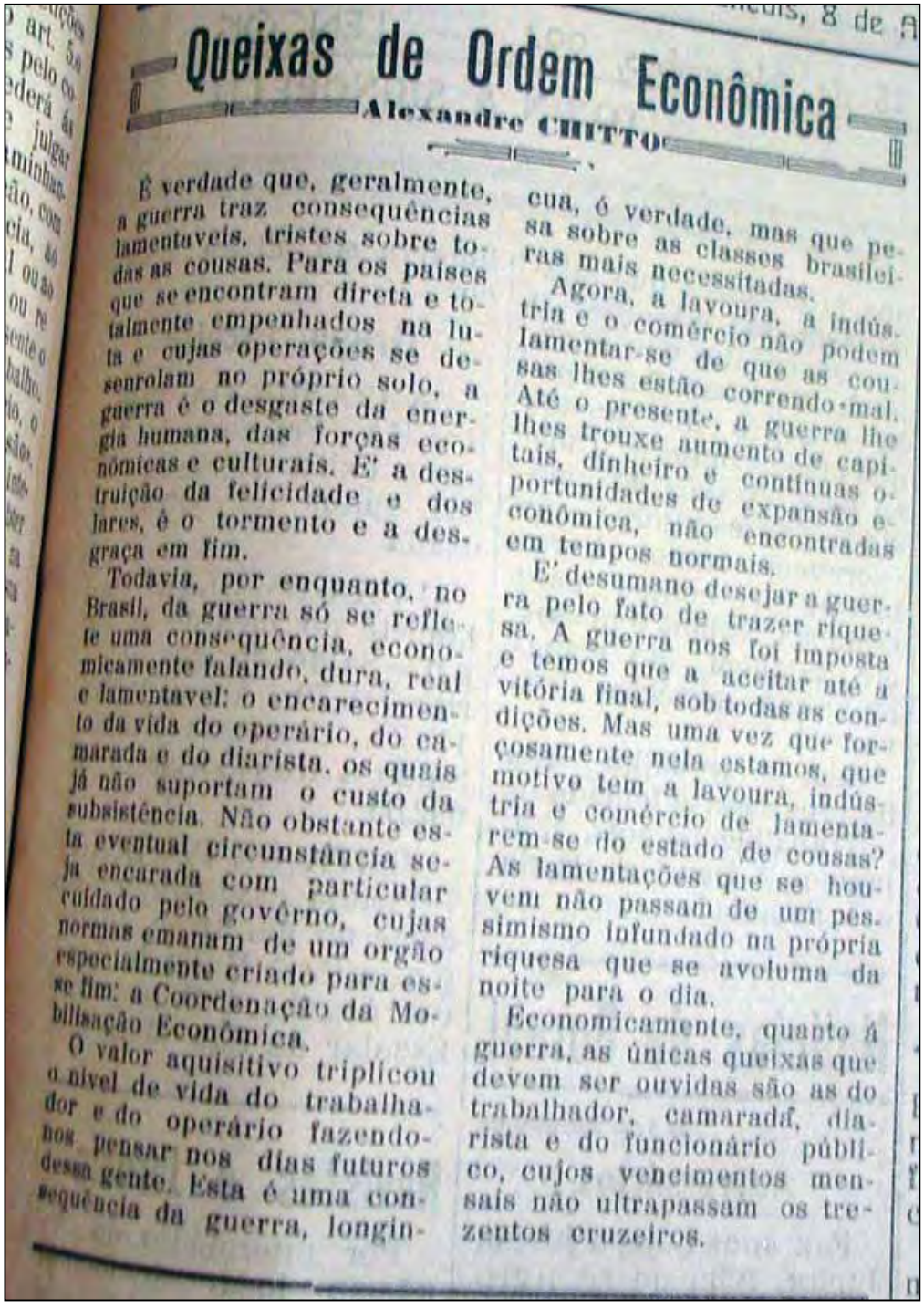
Porém os aliados estarão atentos e prontos para toda e qualquer emergência, tanto para a paz como a continuação da guerra.

Dr. Antônio Tedesco
MÉDICO
CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS
Floriano Peixoto, 345 — LENÇÓIS — Fône, 3

das Finanças, a | libras na guerra contra o | nivel de vida do povo britânico é mais alto do que

Editorial do semanário O Eco de 1/8/1943

Editorial do semanário O Eco de 8/8/1943



Queixas de Ordem Econômica

Alexandre CHITTO

É verdade que, geralmente, a guerra traz consequências lamentaveis, tristes sobre todas as cousas. Para os paises que se encontram direta e totalmente empenhados na luta e cujas operações se desenrolam no próprio solo, a guerra é o desgaste da energia humana, das forças econômicas e culturais. E' a destruição da felicidade e dos lares, é o tormento e a desgraça em fim.

Todavia, por enquanto, no Brasil, da guerra só se reflete uma consequência, economicamente falando, dura, real e lamentavel: o encarecimento da vida do operário, do camarada e do diarista, os quais já não suportam o custo da subsistência. Não obstante esta eventual circunstância seja encarada com particular cuidado pelo govêrno, cujas normas emanam de um orgão especialmente criado para esse fim: a Coordenação da Mobilisação Econômica.

O valor aquisitivo triplicou o nivel de vida do trabalhador e do operário fazendo-nos pensar nos dias futuros dessa gente. Esta é uma consequência da guerra, longinqua, é verdade, mas que pesa sobre as classes brasileiras mais necessitadas.

Agora, a lavoura, a indústria e o comércio não podem lamentar-se de que as cousas lhes estão correndo mal. Até o presente, a guerra lhes trouxe aumento de capitais, dinheiro e continuas oportunidades de expansão econômica, não encontradas em tempos normais.

E' desumano desejar a guerra pelo fato de trazer riquesa. A guerra nos foi imposta e temos que a aceitar até a vitória final, sob todas as condições. Mas uma vez que forçosamente nela estamos, que motivo tem a lavoura, indústria e comércio de lamentarem-se do estado de cousas? As lamentações que se houvem não passam de um pessimismo infundado na própria riquesa que se avoluma da noite para o dia.

Economicamente, quanto á guerra, as únicas queixas que devem ser ouvidas são as do trabalhador, camarada, diarista e do funcionário público, cujos vencimentos mensais não ultrapassam os trezentos cruzeiros.

Editorial do semanário O Eco de 15/8/1943



Voz do Povo Voz de Deus

Alexandre CHITTO

Seguramente ha um ano e meio, intercaladas nos longos noticiários das agências telegráficas, surgiam, assim.. como atiradas a título de esporte, as primeiras notícias da instabilidade de Mussolini no govêrno italiano.

As notícias iam e tornavam á baila espaçosamente, porem em tons que denunciavam evidentemente qualquer cousa fervendo atraz dos abastidores da politica peninsular. Os fatos eram catados aqui, ali, nas fronteiras, reportagens de viajantes vindos da Italia e postos imediatamente no ar pelas agências telegráficas adversárias do fascismo.

Mentiras e mais mentiras, era a opinião geral, vulgarmente destinada só á compreensão da «grossa psicologia».

Depois de vinte e três anos de govêrno, tudo o que se ventilasse concernente ao enfraquecimento do prestigio de Mussolini, não passava de boatos forjados nas estações de rádios e agências telegráficas, para criar os primeiros sintomas de uma guerra psicológica no seio do povo italiano. Isso é o que se acreditava até mesmo ás últimas horas da éra mossulinesca.

Todavia, os dias transcorreram e a realidade caiu em cheio, denotando que não ha razão da existência de noticias sem um fundo de verdade. A insistência, por si só, revela que notícia baseia-se numa causa justa, ainda que apareça um tanto desvirtuada.

Agora, desde algumas semanas, a imprensa, rádios etc. continuam batendo a tecla que um directorio misto vai assistir Hitler no govêrno. Tem-se já como certo que o povo alemão não quer mais ser governado pelo «fuehrer».

Diante, pois, dessa persistente notícia, que envade o mundo, é de se crer que a política interna da Alemanha está prestes a passar por profundas reformas.

E' certo o ditado: «Voz do Povo voz de Deus».

Dr. Antôni
MÉDIC
CLINICA GERAL — OFER
Floriano Peixoto, 345 — L E

O Brasil tambem terá o seu 8.o Exército

O 8.o Exército britânico que conquistou tantas glórias para o pavilhão da Grã Bretanha é motivo de justo orgulho para as forças armadas de todos os países aliados. A mocidade militar do Brasil admirando a espetacular coragem e decisão das valentes tropas britânicas que constituem o exército do general Montgomery, prepara-se para pisar os campos de batalha. A tradição militar do Brasil é suficiente para que todo o povo brasileiro tenha a certeza de que tambem teremos nós, um 8.o Exército. A valentia e o heroismo do soldado brasileiro já ficou suficientemente demonstrada no curso da nossa história que é cheia de episódios que glorificam a bandeira nacional. Quando nossas tropas forem chamadas ao campo de batalha para cumprirem o papel que lhes foi destinado nossos aliados constatarão que os exércitos brasileiros hombreiam so-

Editorial do semanário O Eco de 22/8/1943

UMA ESTRATEGIA QUE FALHA

Alexandre CHITTO

Após a demissão de Mussolini da chefia do govêrno italiano interpretando o pensamento dos líderes moscovitas, as agências telegráficas russas faziam ver ao mundo que a extinsão do fascio não passava de um simples «bluf». «Bluf», porque não se pode conceber que uma idealogia política arraigada há vinte e três anos no seio de um povo fosse extinta com o mero decreto de Badoglio. E por isso, Moscou é de parecer que a guerra contra a Italia deve ser conduzida com o mesmo ritmo de então.

A queda de Mussolini, afirmam as agências telegráficas russas, foi a última tentativa camuflada do fascio para moralmente equilibrar-se no poder, em face dos sucessivos reveses do «eixo» nos diferentes campos de batalha.

Agora, tendo em vista o desenrolar de uma série de fatos, inclusive a mensagem de Badoglio ao povo siciliano, segundo um comentarista da B.B.C. de Londres, ficou patente o «bluf». Não tirando, todavia, os fascistas proveito algum, dado ao modo com que os aliados encaram a situação.

A Italia, aparentemente livre do fascio, aceitaria a paz, com a condição porem de intercalar um dente de coelho na aliança russo-anglo-norte-americano, transformando assim a derrota em vitória.

A estrategia do ex Duce fracassou redondamente no momento em que as Nações Unidas impuzeram a rendição incondicional das forças de Badoglio.

Destarte, compreende-se que Italia terá que suportar a guerra porque de um lado a rendição incondicional e de Berlim a paz com o proveito de desligar a Russia dos aliados.

Eis o que se comenta em certas rodas militares de Londres. Mas, se Mussolini deixou a chefia do govêrno italiano para alcançar esse objetivo, errou o pulo.

Dr. Antônio Tedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

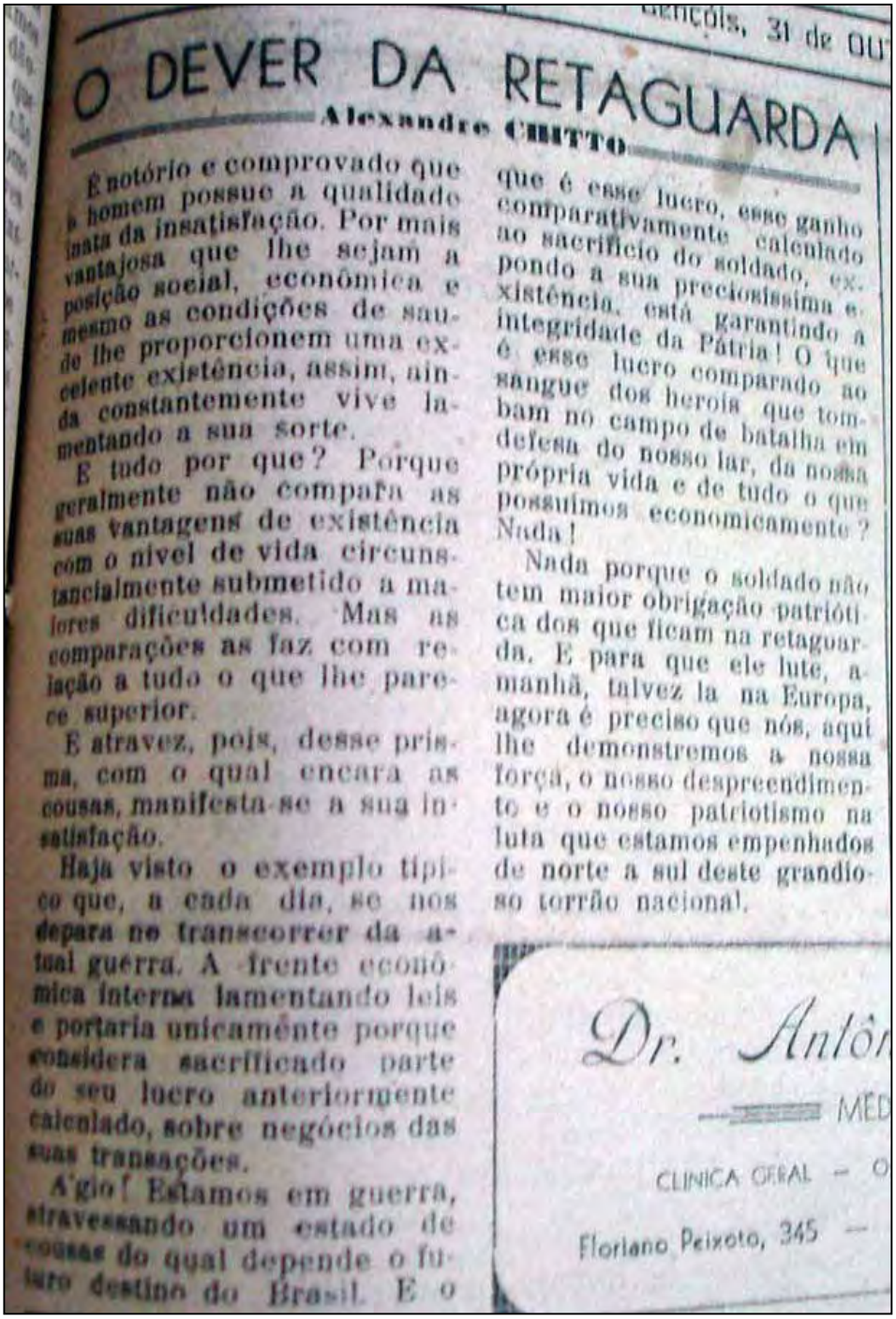
Floriano Peixoto, 345 — LENÇÓIS — Fône, 3

O Dia da Pátria

Como sempre, este ano tambem, serão realizadas grandes festividades no dia 7 de Setembro em todo o pais.

E nós, num grande e elevado gesto de patriotismo, tal o fizemos o ano passado, cada residência, cada família deve hastear a sua bandeira comemorando, assim, festivamente a data magna da nossa independência.

Editorial do semanário O Eco de 31/10/1943



Veranópolis, 31 de OU

O DEVER DA RETAGUARDA

Alexandre CHITTO

É notório e comprovado que o homem possue a qualidade inata da insatisfação. Por mais vantajosa que lhe sejam a posição social, econômica e mesmo as condições de saude lhe proporcionem uma excelente existência, assim, ainda constantemente vive lamentando a sua sorte.

E tudo por que? Porque geralmente não compara as suas vantagens de existência com o nivel de vida circunstancialmente submetido a maiores dificuldades. Mas as comparações as faz com relação a tudo o que lhe parece superior.

E atravez, pois, desse prisma, com o qual encara as cousas, manifesta-se a sua insatisfação.

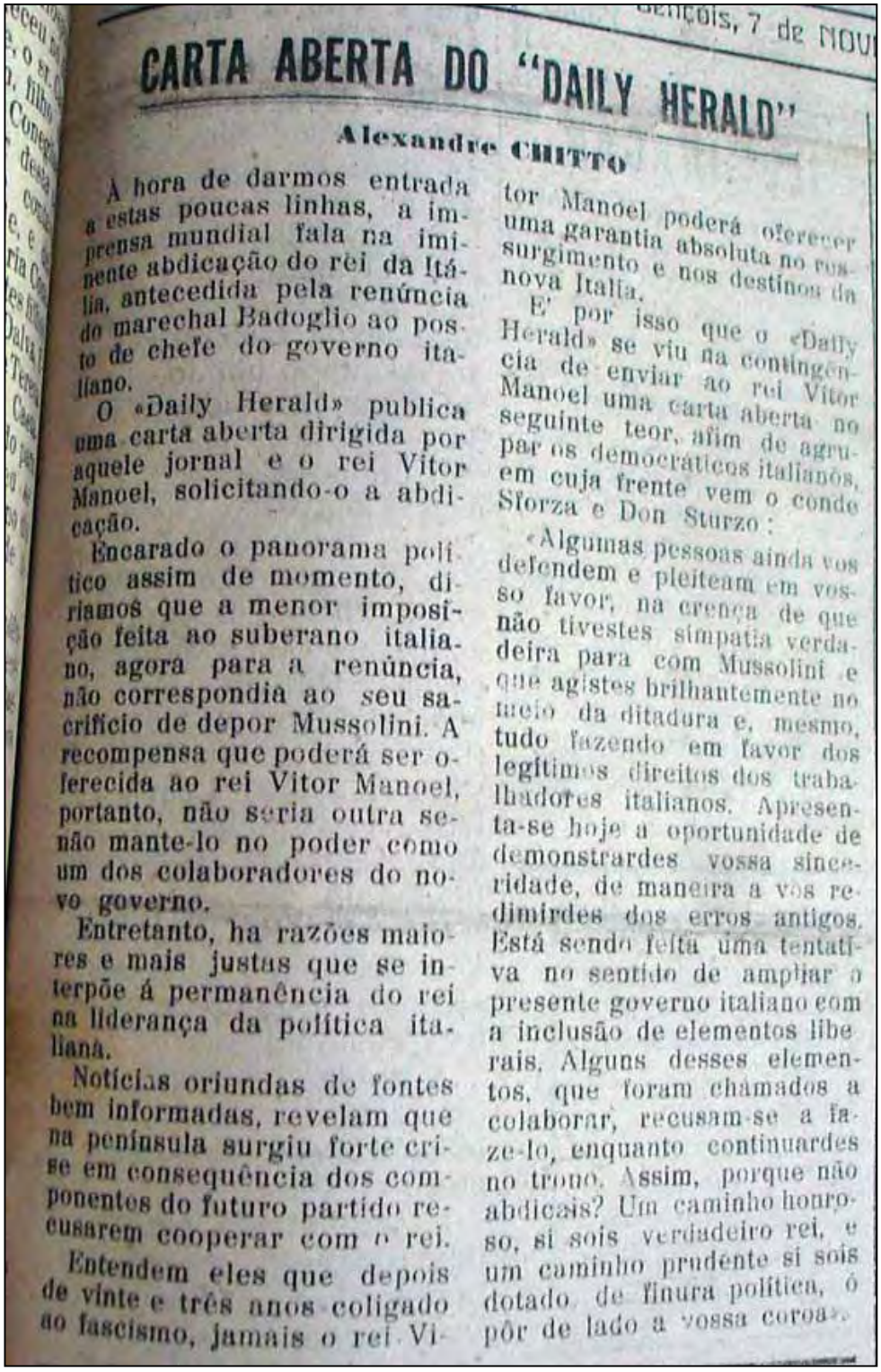
Haja visto o exemplo tipico que, a cada dia, se nos depara no transcorrer da atual guerra. A frente econômica interna lamentando leis e portaria unicamênte porque considera sacrificado parte do seu lucro anteriormente calculado, sobre negócios das suas transações.

A'gio! Estamos em guerra, atravessando um estado de cousas do qual depende o futuro destino do Brasil. E o que é esse lucro, esse ganho comparativamente calculado ao sacrificio do soldado, expondo a sua preciosissima existência, está garantindo a integridade da Pátria! O que é esse lucro comparado ao sangue dos herois que tombam no campo de batalha em defesa do nosso lar, da nossa própria vida e de tudo o que possuimos economicamente? Nada!

Nada porque o soldado não tem maior obrigação patriótica dos que ficam na retaguarda. E para que ele lute, amanhã, talvez la na Europa, agora é preciso que nós, aqui lhe demonstremos a nossa força, o nosso despreendimento e o nosso patriotismo na luta que estamos empenhados de norte a sul deste grandioso torrão nacional.

Dr. Antôn
MÉD
CLINICA GERAL – O
Floriano Peixoto, 345 –

Editorial do semanário O Eco de 7/11/1943



Bençois, 7 de NOV

CARTA ABERTA DO "DAILY HERALD"

Alexandre CHITTO

A hora de darmos entrada a estas poucas linhas, a imprensa mundial fala na iminente abdicação do rei da Itália, antecedida pela renúncia do marechal Badoglio ao posto de chefe do governo italiano.

O «Daily Herald» publica uma carta aberta dirigida por aquele jornal e o rei Vitor Manoel, solicitando-o a abdicação.

Encarado o panorama político assim de momento, diriamos que a menor imposição feita ao suberano italiano, agora para a renúncia, não correspondia ao seu sacrifício de depor Mussolini. A recompensa que poderá ser oferecida ao rei Vitor Manoel, portanto, não seria outra senão mante-lo no poder como um dos colaboradores do novo governo.

Entretanto, ha razões maiores e mais justas que se interpõe á permanência do rei na liderança da política italiana.

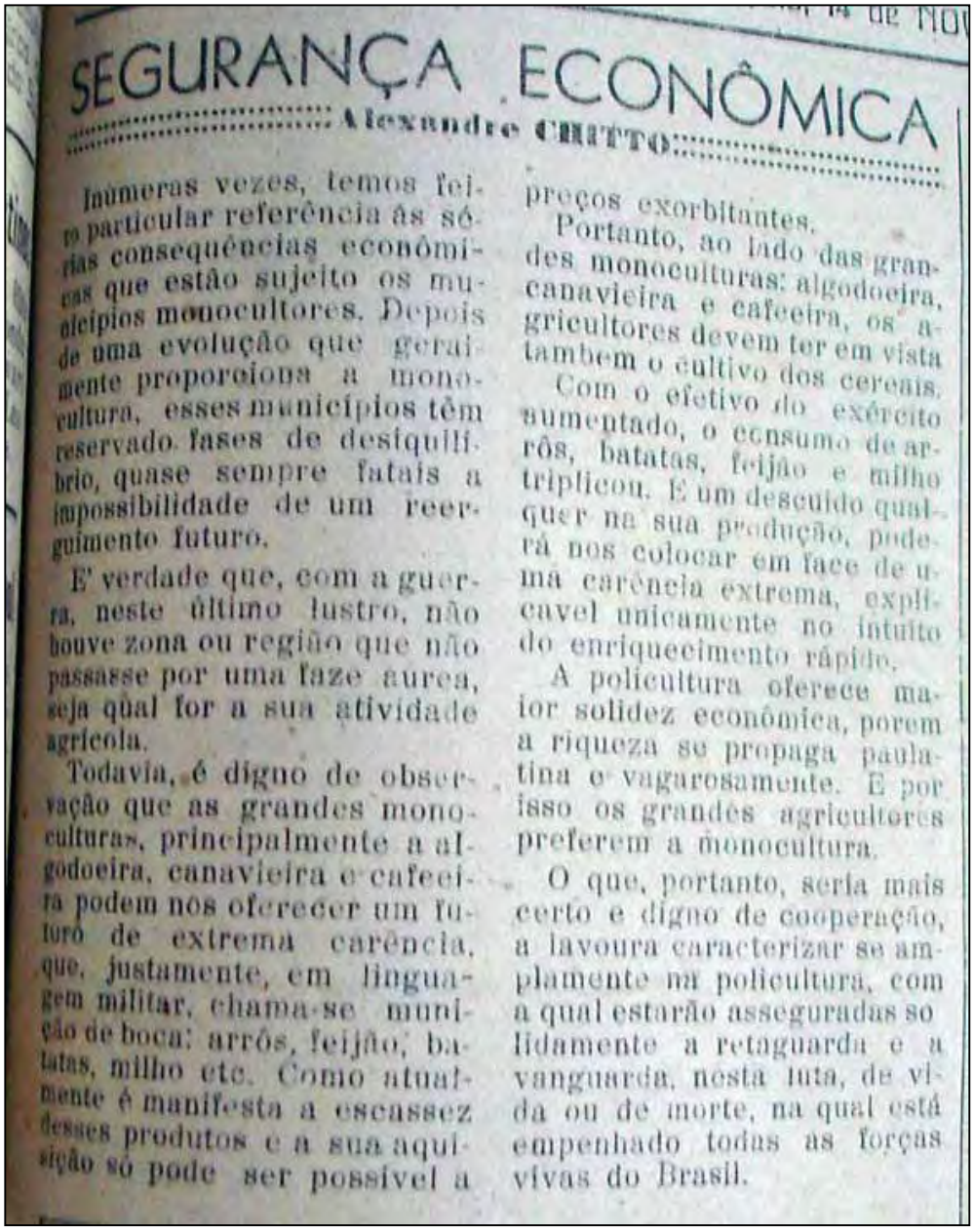
Noticias oriundas de fontes bem informadas, revelam que na peninsula surgiu forte crise em consequência dos componentes do futuro partido recusarem cooperar com o rei.

Entendem eles que depois de vinte e três anos coligado ao fascismo, jamais o rei Vitor Manoel poderá oferecer uma garantia absoluta no ressurgimento e nos destinos da nova Italia.

E' por isso que o «Daily Herald» se viu na contingencia de enviar ao rei Vitor Manoel uma carta aberta no seguinte teor, afim de agrupar os democráticos italianos, em cuja frente vem o conde Sforza e Don Sturzo:

«Algumas pessoas ainda vos defendem e pleiteam em vosso favor, na crença de que não tivestes simpatia verdadeira para com Mussolini e que agistes brilhantemente no meio da ditadura e, mesmo, tudo fazendo em favor dos legitimos direitos dos trabalhadores italianos. Apresenta-se hoje a oportunidade de demonstrardes vossa sinceridade, de maneira a vos redimirdes dos erros antigos. Está sendo feita uma tentativa no sentido de ampliar o presente governo italiano com a inclusão de elementos liberais. Alguns desses elementos, que foram chamados a colaborar, recusam-se a faze-lo, enquanto continuardes no trono. Assim, porque não abdicais? Um caminho honroso, si sois verdadeiro rei, e um caminho prudente si sois dotado de finura politica, ó pôr de lado a vossa coroa».

Editorial do semanário O Eco de 14/11/1943



SEGURANÇA ECONÔMICA

Alexandre CRITTO

Inúmeras vezes, temos feito particular referência às sérias consequências econômicas que estão sujeito os municípios monocultores. Depois de uma evolução que geralmente proporciona a monocultura, esses municípios têm reservado fases de desiquilíbrio, quase sempre fatais a impossibilidade de um reerguimento futuro.

E' verdade que, com a guerra, neste último lustro, não houve zona ou região que não passasse por uma faze aurea, seja qual for a sua atividade agricola.

Todavia, é digno de observação que as grandes monoculturas, principalmente a algodoeira, canavieira e cafeeira podem nos oferecer um futuro de extrema carência, que, justamente, em linguagem militar, chama-se munição de boca: arrôs, feijão, batatas, milho etc. Como atualmente é manifesta a escassez desses produtos e a sua aquisição só pode ser possivel a preços exorbitantes.

Portanto, ao lado das grandes monoculturas: algodoeira, canavieira e cafeeira, os agricultores devem ter em vista tambem o cultivo dos cereais.

Com o efetivo do exército aumentado, o consumo de arrôs, batatas, feijão e milho triplicou. E um descuido qualquer na sua produção, poderá nos colocar em face de uma carência extrema, explicavel unicamente no intuito do enriquecimento rápido.

A policultura oferece maior solidez econômica, porem a riqueza se propaga paulatina e vagarosamente. E por isso os grandes agricultores preferem a monocultura.

O que, portanto, seria mais certo e digno de cooperação, a lavoura caracterizar se amplamente na policultura, com a qual estarão asseguradas solidamente a retaguarda e a vanguarda, nesta luta, de vida ou de morte, na qual está empenhado todas as forças vivas do Brasil.

Editorial do semanário O Eco de 9/1/1944



PREVISÕES PESSIMISTAS

Alexandre CHITTO

No transcorrer do atual estado de cousas, não obstante, no campo econômico, tudo se desenvolve favoravelmente para o progresso brasileiro, assim mesmo, ha quem conjecture com pessimismo, um futuro bastante incerto após guerra. O conceito é de que terminando o conflito, os países beligerantes europeus e asiáticos retomarão o seu lugar primitivo nos mercados internacionais.

O Japão, por exemplo, passará a ser o primeiro fornecedor de seda aos Estados Unidos; a Inglaterra voltará ao seu domínio na fabricação de tecidos; a Suecia, na cutelaria, vencerá novamente os seus concorrentes criados pela guerra. E assim sucessivamente.

Afirma-se em certos meios que os países extremamente forçados a um regionalismo de produção, com as circunstâncias da guerra, depois passarão por um estágio crítico.

Indubitavelmente são apenas conjecturas, porem alarmantes para os bem intencionados a encrementar a lavoura, indústria e comércio.

Como em 1918, o fim da guerra trará momentos de indicisão, todavia sabemos que o governo está alerta e aparelhado para rebater os golpes econômicos que transitoriamente surgirão, não contando com a lição que o povo adquiriu, quando o mundo voltou á paz.

Por isso, quem tiver intenção de plantar cana deve faze-lo sem o menor receio, porque a fabricação de alcool, açucar e aguardente jamais se extinguirá no Brasil. E os entusiasmados em criar o bicho da seda não devem exitar diante do futuro concorrente japonês, pois os mercados estarão abertos para os produtores mais inteligentes, caprichosos e, finalmente, amigos.

E do Brasil quem não deseja comprar? Todo mundo. O Brasil é bem quisto. Portanto o nosso lema deve ser produzir, produzir.

Editorial do semanário O Eco de 13/2/1944



Hortas e Pomares

Alexandre CHITTO

Quando a guerra, entre nós, era mais uma questão de simpatia do que uma luta decisiva para a integridade nacional, já escreviamos encentivando os lavradores do município para que plantassem, ao menos, cinco fruteiras ao redor de cada residência.

Esse nosso pensamento sempre se fundamentou nos alicerces de que uma residência cercada de frutas é uma habitação completa. Completa, porque os pomares, geralmente, nas fazendas e nos sítios surgem depois das hortas. Anexas ás residências rurais, as hortas, não obstante pequenas, integram a diminuta variabilidade alimentar.

—«Sem uma herva, um tempero, ninguem passa, no sítio, agora um pomar é luxo, eu não gosto de fruta».

Esta é a expressão quando se comenta a horta e o pomar com o homem vulgar, apenso estritamento a alimentação invariavel

Todavia, na vida rural, a formação de um pomar é tão simples quanto a de uma horta. Para a sua formação não é necessário um conjunto de árvores plantadas em renques, nem num só pedaço de chão.

O essencial é possui-las ainda que fossem situadas em diversos pontos do sítio ou fazenda.

A propósito, o dr. Fernando Costa, Interventor do Estado, concedeu interessante entrevista a um matutino da capital, da qual destacamos um tópico interessante e que vem ao encontro da nossa aspiração, tambem:

—«O governo do Estado está empenhado numa campanha relativa ao aumento da produção e de gêneros de primeira necessidade não só com o fim de abastecer os nossos mercados, como concorrer tambem para o barateamento da vida.

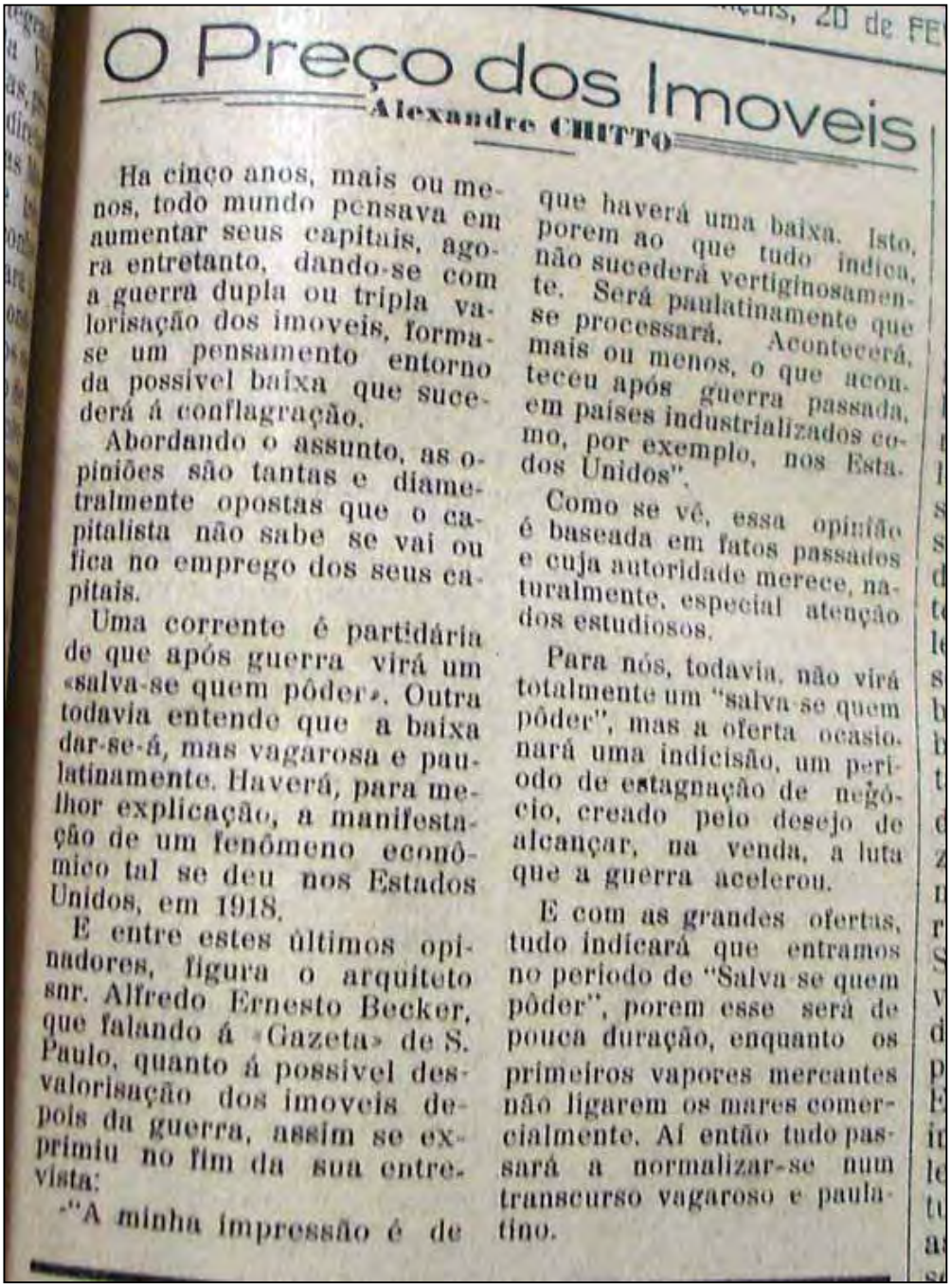
Uma das providências do governo tem sido no sentido da multiplicação de hortas e pomares, pelos particulares, nas cidades do interior e na zona rural.

Se todas as pessoas que dispusessem de terreno e todos os sitiantes se dedicassem em favor desta medida haveria abundância de produtos horticolas e de frutos, a preços rasoaveis.

E' lamentavel que cada agricultor sitiante não tenha ao lado de sua casa uma horta sortida e um pomar. Alem do mais, a riqueza desses alimentos no teor vitamínico seria um excelente elemento para a boa alimentação e, por conseguinte, um bom elemento de saude e de vigôr orgânico».

Os srs. lavradores deveriam fazer todo o possivel de realisar as pretenções do sr. Interventor Estadoal, contribuindo assim para satisfaser tambem maior e variada alimentação popular.

Editorial do semanário O Eco de 20/2/1944



O Preço dos Imoveis

Alexandre CHITTO

Ha cinco anos, mais ou menos, todo mundo pensava em aumentar seus capitais, agora entretanto, dando-se com a guerra dupla ou tripla valorisação dos imoveis, forma-se um pensamento entorno da possivel baixa que sucederá á conflagração.

Abordando o assunto, as opiniões são tantas e diametralmente opostas que o capitalista não sabe se vai ou fica no emprego dos seus capitais.

Uma corrente é partidária de que após guerra virá um «salva-se quem pôder». Outra todavia entende que a baixa dar-se-á, mas vagarosa e paulatinamente. Haverá, para melhor explicação, a manifestação de um fenômeno econômico tal se deu nos Estados Unidos, em 1918.

E entre estes últimos opinadores, figura o arquiteto snr. Alfredo Ernesto Becker, que falando á «Gazeta» de S. Paulo, quanto á possivel desvalorisação dos imoveis depois da guerra, assim se exprimiu no fim da sua entrevista:

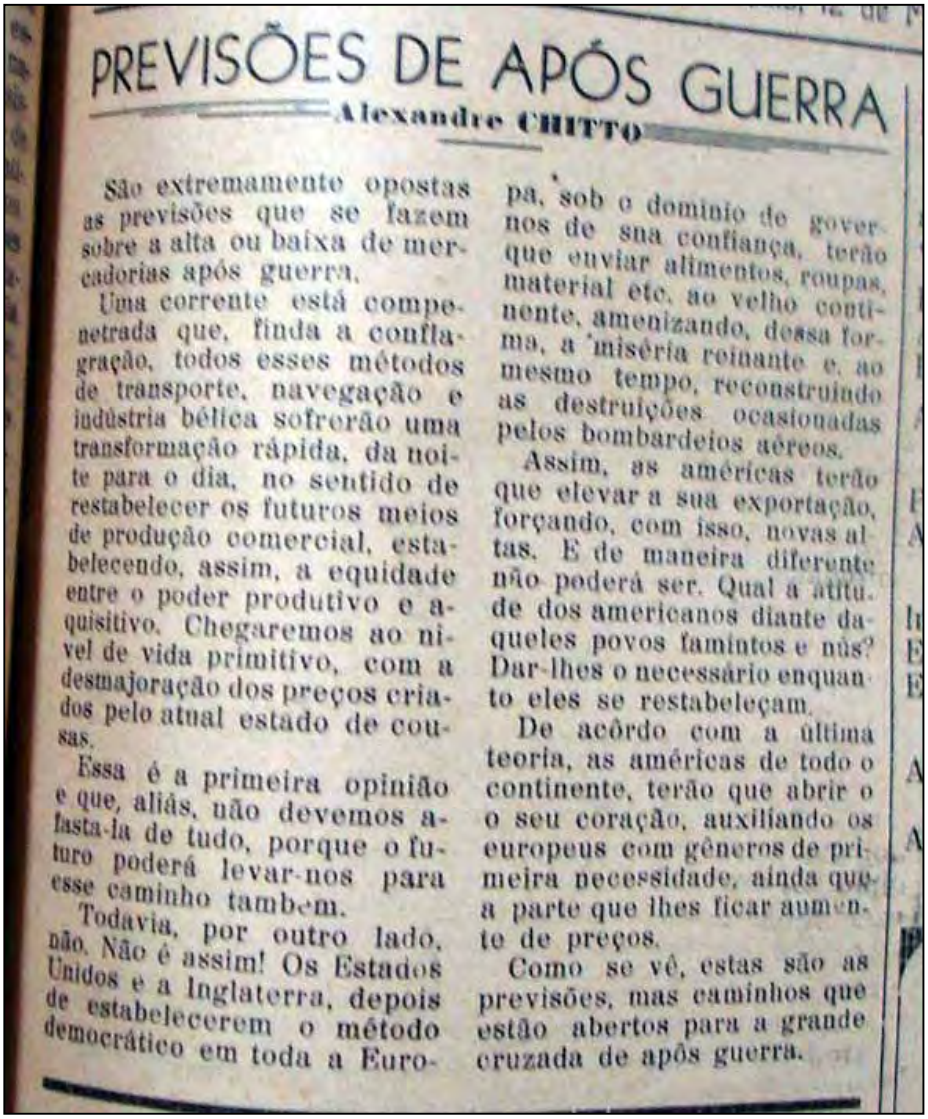
-"A minha impressão é de que haverá uma baixa. Isto, porem ao que tudo indica, não sucederá vertiginosamente. Será paulatinamente que se processará. Acontecerá, mais ou menos, o que aconteceu após guerra passada, em paises industrializados como, por exemplo, nos Estados Unidos".

Como se vê, essa opinião é baseada em fatos passados e cuja autoridade merece, naturalmente, especial atenção dos estudiosos.

Para nós, todavia, não virá totalmente um "salva-se quem pôder", mas a oferta ocasionará uma indicisão, um periodo de estagnação de negócio, creado pelo desejo de alcançar, na venda, a luta que a guerra acelerou.

E com as grandes ofertas, tudo indicará que entramos no periodo de "Salva-se quem pôder", porem esse será de pouca duração, enquanto os primeiros vapores mercantes não ligarem os mares comercialmente. Aí então tudo passará a normalizar-se num transcurso vagaroso e paulatino.

Editorial do semanário O Eco de 12/3/1944



PREVISÕES DE APÓS GUERRA

Alexandre CHITTO

São extremamente opostas as previsões que se fazem sobre a alta ou baixa de mercadorias após guerra.

Uma corrente está compenetrada que, finda a conflagração, todos esses métodos de transporte, navegação e indústria bélica sofrerão uma transformação rápida, da noite para o dia, no sentido de restabelecer os futuros meios de produção comercial, estabelecendo, assim, a equidade entre o poder produtivo e aquisitivo. Chegaremos ao nível de vida primitivo, com a desmajoração dos preços criados pelo atual estado de cousas.

Essa é a primeira opinião e que, aliás, não devemos afasta-la de tudo, porque o futuro poderá levar-nos para esse caminho tambem.

Todavia, por outro lado, não. Não é assim! Os Estados Unidos e a Inglaterra, depois de estabelecerem o método democrático em toda a Europa, sob o dominio de governos de sua confiança, terão que enviar alimentos, roupas, material etc. ao velho continente, amenizando, dessa forma, a miséria reinante e, ao mesmo tempo, reconstruindo as destruições ocasionadas pelos bombardeios aéreos.

Assim, as américas terão que elevar a sua exportação, forçando, com isso, novas altas. E de maneira diferente não poderá ser. Qual a atitude dos americanos diante daqueles povos famintos e nús? Dar-lhes o necessário enquanto eles se restabeleçam.

De acôrdo com a última teoria, as américas de todo o continente, terão que abrir o o seu coração, auxiliando os europeus com gêneros de primeira necessidade, ainda que a parte que lhes ficar aumente de preços.

Como se vê, estas são as previsões, mas caminhos que estão abertos para a grande cruzada de após guerra.

Editorial do semanário O Eco de 2/4/1944

Causas da Guerra

Alexandre CHITTO

Ha poucos dias, tivemos o ensejo de ouvir um conceituado negociante e criador de gado de Ribeirão Preto, um dos principais centros pastoris paulistas.

Depois de feitas inúmeras referências sobre sua terra, o nosso interlocutor disse nos que em Ribeirão Preto o comércio de gado, atualmente, é um fato surpreendente, todavia, os negócios seguem um círculo vicioso. Isto é, compra-se e vende se em alta escala, porem o gado, quasi totalmente, permanece no município.

E a uma pergunta nossa por qual motivo esse comércio de retenção, talvés suscetivel de baixa após guerra, o abastado fazendeiro prognosticou-nos que o fim da conflagração, de forma alguma, poderá afetar o mercado de gado. Haverá, antes, tendências para maiores altas.

Dados os primeiros passos pora o armisticio, a europa importará gado não apenas com o fim de abastecer-se de carne, mas tambem para repovoar da pecuária, as regiões devastadas pelo vai e vem dos exércitos em luta.

E o Brasil, naturalmente, se apresentará como um dos principais fornecedores.

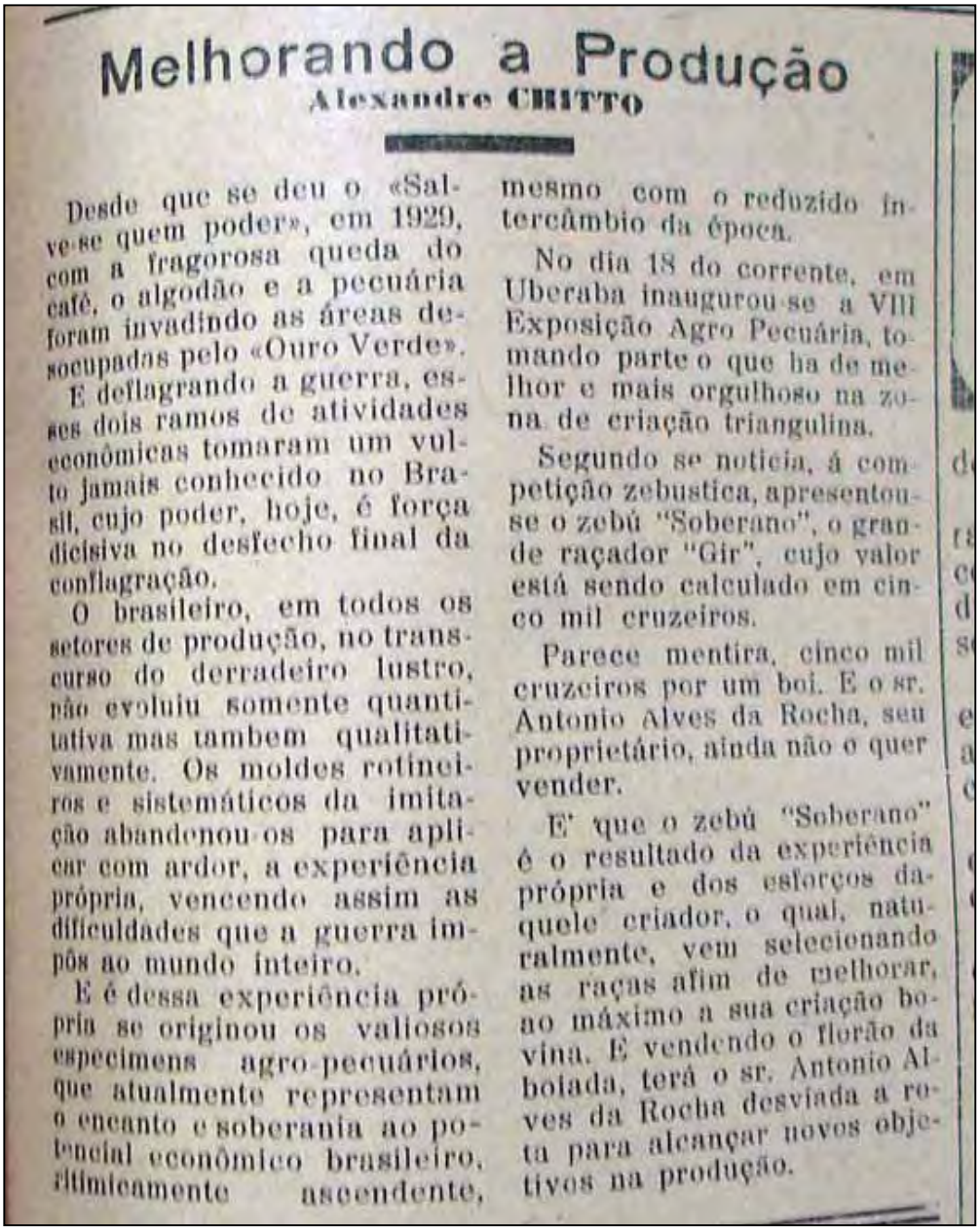
E de fato, conforme pensa o nosso interlocutor, não se pode por em dúvida que, enquanto a indústria bélica norte-americana não for transformada em aparelhamento de produção, nossa Pátria será o **fornecedor número um** dos mercados internacionais.

Um exemplo típico temos quando as tropas do «eixo» abandonaram a Africa, arrazando tudo, deixando aqueles povos em petição de miséria. Entrando os aliados no continente africano, imediatamente procuraram abastecer a população, facultando-lhe meios rápidos para o acesso aos mercados amigos.

Diz-se mesmo que o estado econômico dos africanos era tão deprimente que os aliados se viram na contingência de transportar os compradores por via aérea. E estes vieram ao Brasil, justificando-se assim a alta de certos produtos.

E por isso o fazendeiro de Ribeirão Preto diz que, naquele local, o gado troca de mão, mas não sai do municipio.

Editorial do semanário O Eco de 23/4/1944



Melhorando a Produção

Alexandre CHITTO

Desde que se deu o «Salve-se quem poder», em 1929, com a fragorosa queda do café, o algodão e a pecuária foram invadindo as áreas desocupadas pelo «Ouro Verde».

E deflagrando a guerra, esses dois ramos de atividades econômicas tomaram um vulto jamais conhecido no Brasil, cujo poder, hoje, é força dicisiva no desfecho final da conflagração.

O brasileiro, em todos os setores de produção, no transcurso do derradeiro lustro, não evoluiu somente quantitativa mas tambem qualitativamente. Os moldes rotineiros e sistemáticos da imitação abandonou-os para aplicar com ardor, a experiência própria, vencendo assim as dificuldades que a guerra impôs ao mundo inteiro.

E é dessa experiência própria se originou os valiosos especimens agro-pecuários, que atualmente representam o encanto e soberania ao potencial econômico brasileiro, ritmicamente ascendente, mesmo com o reduzido intercâmbio da época.

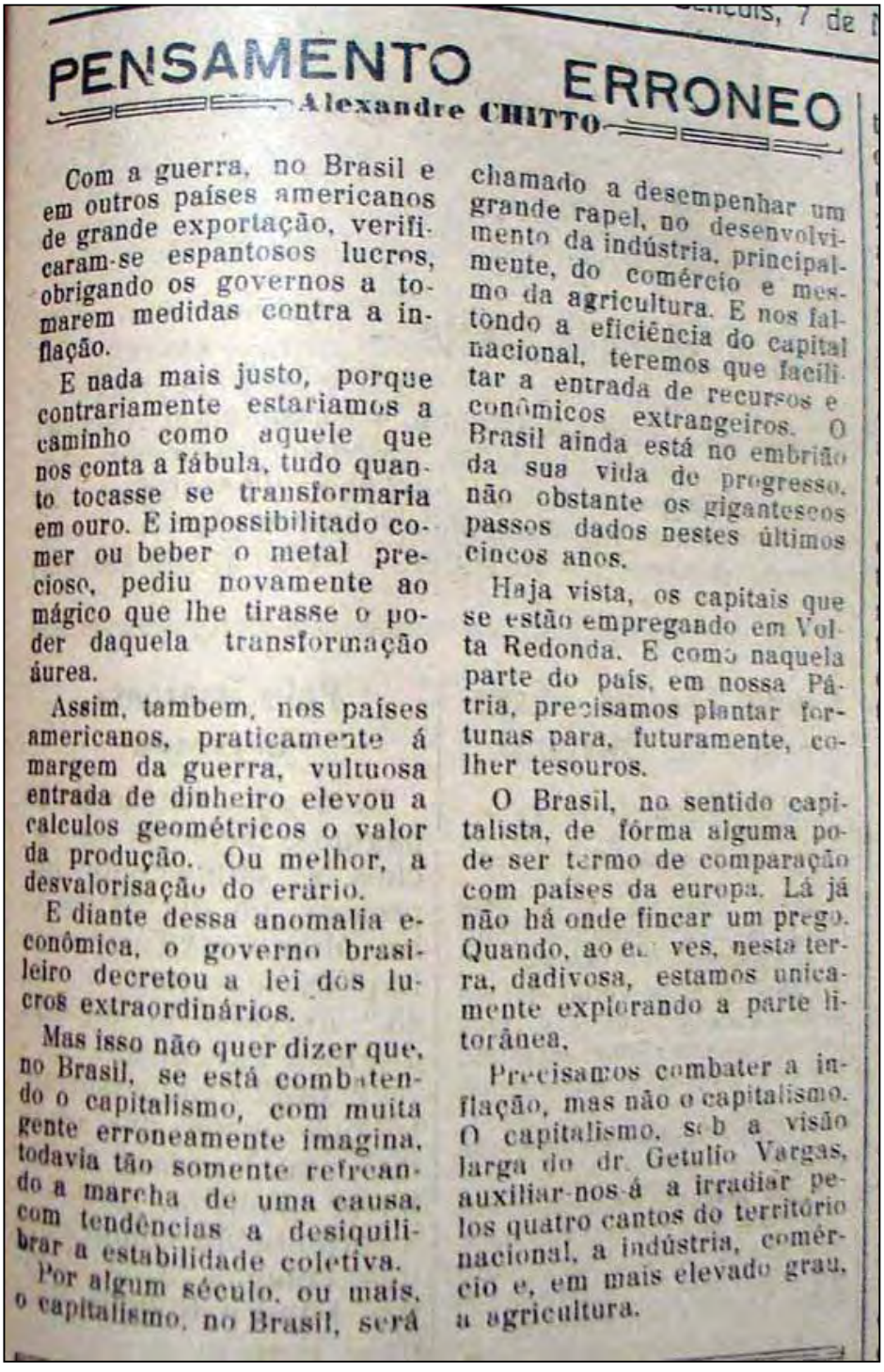
No dia 18 do corrente, em Uberaba inaugurou-se a VIII Exposição Agro Pecuária, tomando parte o que ha de melhor e mais orgulhoso na zona de criação triangulina.

Segundo se noticia, á competição zebustica, apresentou-se o zebú "Soberano", o grande raçador "Gir", cujo valor está sendo calculado em cinco mil cruzeiros.

Parece mentira, cinco mil cruzeiros por um boi. E o sr. Antonio Alves da Rocha, seu proprietário, ainda não o quer vender.

E' que o zebú "Soberano" é o resultado da experiência própria e dos esforços daquele criador, o qual, naturalmente, vem selecionando as raças afim de melhorar, ao máximo a sua criação bovina. E vendendo o florão da boiada, terá o sr. Antonio Alves da Rocha desviada a reta para alcançar novos objetivos na produção.

Editorial do semanário O Eco de 7/5/1944



PENSAMENTO ERRONEO

Alexandre CHITTO

Com a guerra, no Brasil e em outros países americanos de grande exportação, verificaram-se espantosos lucros, obrigando os governos a tomarem medidas contra a inflação.

E nada mais justo, porque contrariamente estariamos a caminho como aquele que nos conta a fábula, tudo quanto tocasse se transformaria em ouro. E impossibilitado comer ou beber o metal precioso, pediu novamente ao mágico que lhe tirasse o poder daquela transformação áurea.

Assim, tambem, nos países americanos, praticamente á margem da guerra, vultuosa entrada de dinheiro elevou a calculos geométricos o valor da produção. Ou melhor, a desvalorisação do erário.

E diante dessa anomalia econômica, o governo brasileiro decretou a lei dos lucros extraordinários.

Mas isso não quer dizer que, no Brasil, se está combatendo o capitalismo, com muita gente erroneamente imagina, todavia tão somente refreando a marcha de uma causa, com tendências a desiquilibrar a estabilidade coletiva.

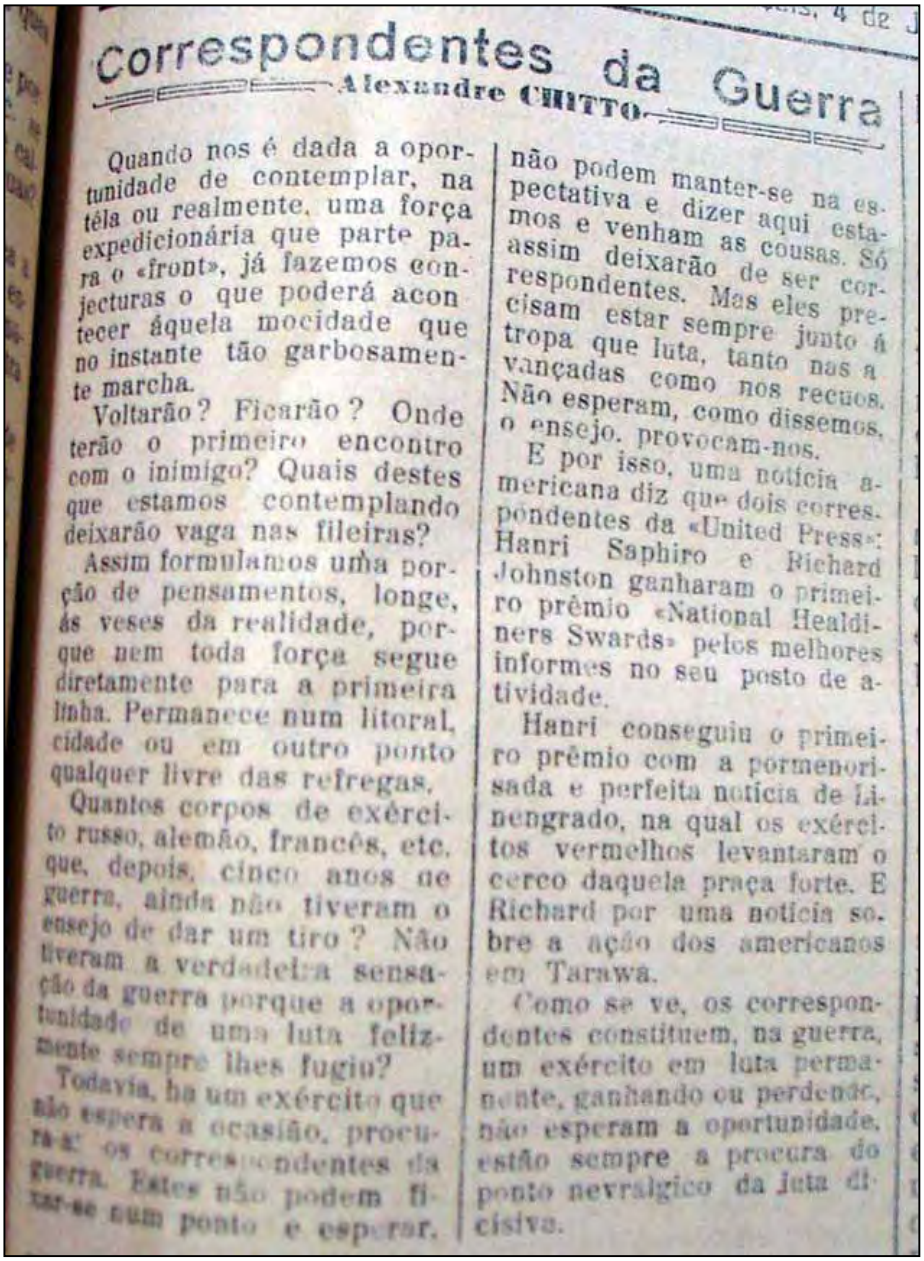
Por algum século, ou mais, o capitalismo, no Brasil, será chamado a desempenhar um grande rapel, no desenvolvimento da indústria, principalmente, do comércio e mesmo da agricultura. E nos faltondo a eficiência do capital nacional, teremos que facilitar a entrada de recursos e conômicos extrangeiros. O Brasil ainda está no embrião da sua vida de progresso, não obstante os gigantescos passos dados nestes últimos cincos anos.

Haja vista, os capitais que se estão empregando em Volta Redonda. E como naquela parte do país, em nossa Pátria, precisamos plantar fortunas para, futuramente, colher tesouros.

O Brasil, no sentido capitalista, de fórma alguma pode ser termo de comparação com países da europa. Lá já não há onde fincar um prego. Quando, ao e[illegible]ves, nesta terra, dadivosa, estamos unicamente explorando a parte litorânea.

Precisamos combater a inflação, mas não o capitalismo. O capitalismo, sob a visão larga do dr. Getulio Vargas, auxiliar-nos-á a irradiar pelos quatro cantos do território nacional, a indústria, comércio e, em mais elevado grau, a agricultura.

Editorial do semanário O Eco de 4/6/1944



Correspondentes da Guerra

Alexandre CHITTO

Quando nos é dada a oportunidade de contemplar, na téla ou realmente, uma força expedicionária que parte para o «front», já fazemos conjecturas o que poderá acontecer áquela mocidade que no instante tão garbosamente marcha.

Voltarão? Ficarão? Onde terão o primeiro encontro com o inimigo? Quais destes que estamos contemplando deixarão vaga nas fileiras?

Assim formulamos uma porção de pensamentos, longe, ás veses da realidade, porque nem toda força segue diretamente para a primeira linha. Permanece num litoral, cidade ou em outro ponto qualquer livre das refregas.

Quantos corpos de exército russo, alemão, francês, etc. que, depois, cinco anos de guerra, ainda não tiveram o ensejo de dar um tiro? Não tiveram a verdadeira sensação da guerra porque a oportunidade de uma luta felizmente sempre lhes fugiu?

Todavia, ha um exército que não espera a ocasião, procura-a: os correspondentes da guerra. Estes não podem fixar-se num ponto e esperar, não podem manter-se na espectativa e dizer aqui estamos e venham as cousas. Só assim deixarão de ser correspondentes. Mas eles precisam estar sempre junto á tropa que luta, tanto nas avançadas como nos recuos. Não esperam, como dissemos, o ensejo, provocam-nos.

E por isso, uma notícia americana diz que dois correspondentes da «United Press»: Hanri Saphiro e Richard Johnston ganharam o primeiro prêmio «National Healdiners Swards» pelos melhores informes no seu posto de atividade.

Hanri conseguiu o primeiro prêmio com a pormenorisada e perfeita notícia de Linengrado, na qual os exércitos vermelhos levantaram o cerco daquela praça forte. E Richard por uma notícia sobre a ação dos americanos em Tarawa.

Como se ve, os correspondentes constituem, na guerra, um exército em luta permanente, ganhando ou perdendo, não esperam a oportunidade, estão sempre a procura do ponto nevrálgico da luta decisiva.